

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

OBERTAL XAVIER RIBEIRO

- AXIOLOGIA -

Valores étnicorraciais, culturais e religiosos

Uma abordagem em práticas educativas

São Leopoldo

2018

OBERTAL XAVIER RIBEIRO

- AXIOLOGIA -
Valores étnicorraciais, culturais e religiosos
Uma abordagem em práticas educativas

Tese de Doutorado
Para obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Universidade EST
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração:
Religião e Educação.

Orientador: Dr. Rodolfo Gaede Neto
Co-orientador: Dr. José Geraldo da Rocha

São Leopoldo

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R484a Ribeiro, Obertal Xavier
Axiologia, valores étnicorraciais, culturais e religiosos : uma abordagem em práticas educativas / Obertal Xavier Ribeiro ; orientador Rodolfo Gaede Neto ; co-orientador José Geraldo da Rocha. – São Leopoldo : EST/PPG, 2018.
299 p. : il. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2018.

1. Valores – Aspectos religiosos. 2. Educação multicultural – Brasil. 3. Religião e cultura. 4. Cultura afro-brasileiro – Estudo e ensino. 5. Brasil – Civilização – Influências africanas. I. Gaede Neto, Rodolfo, orientador. II. Rocha, José Geraldo da, co-orientador. III. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

OBERTAL XAVIER RIBEIRO

- AXIOLOGIA -
Valores étnicorraciais, culturais e religiosos
Uma abordagem em práticas educativas

Tese de Doutorado
Para obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Universidade EST
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração:
Religião e Educação.

Data: 19 de julho de 2018

Prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto
Universidade EST
(Orientador)

Prof. Dr. José Geraldo da Rocha
Universidade do Grande Rio
(Co-orientador)

Prof. Dr. Oneide Bobsin
Universidade EST

Prof. Dr. Roberto Zwetsch
Universidade EST

Prof. Dr. Marcos Rodrigues
Universidade Regional de Blumenau – FURB

À memória de Luzia do Valle
Ribeiro, Marly Andrade Torres e
Jupira Virgínia. Grandes
educadoras, matriarcas e ancestrais
que deixaram seu legado e sua
marca na história, na formação
humana e social de seus filhos e
filhas, netos e netas, que agora estão
no Orun e de lá intercedem pelos
seus e suas.

AGRADECIMENTOS

A Deus presente em toda criação, que no seu ato criador ensina a suas criaturas todas as coisas e nos dá sabedoria e conhecimentos que são transmitidos pelos antepassados, nossos ancestrais, por sua vivência, pela experiência vivida e pela passagem através da oralidade, preservando, conservando e atualizando a tradição.

A minha bem amada esposa Cláudia Andrade Torres Ribeiro, mulher de muitos valores, que sempre esteve ao meu lado, junto (MAT), construindo o Diálogo Interreligioso nos colóquios, vivenciando a experiência da educação libertadora e me colocou no caminho do serviço público educacional na Rede Estadual, de onde surge a fonte de inspiração dessa tese.

Aos nossos filhos “Táta”, Isabela, Adriana e Gabriel, ao descendente neto do coração Benjamim, no tempo que não dispus a eles nas idas e vindas a Porto Alegre e Congressos Nacionais e Internacionais, no estudar, no pensar e no escrever esse conteúdo.

Aos familiares com seu incentivo, em especial minha irmã Solange Xavier Ribeiro Pontes, que revisou dedicadamente todo o conteúdo.

Uma menção diferenciada se faz necessário para a minha filha do coração, a negra vencedora, formada com muito empenho e esforço em Serviço Social na PUC do Rio de Janeiro, citada no texto por sua participação na Primeira Edição do Concurso de Redação Camélia da Liberdade ao cursar o Ensino Médio no Colégio Recanto do Fazer, em que recebeu a premiação de Primeiro Lugar no Ano de 2006.

A todos os professores e todas as professoras, coordenadores e coordenadoras, diretores e diretoras, parceiros e parceiras que apoiam as iniciativas e participam da luta contra o racismo na educação e na sociedade. Aqueles e aquelas que são da rede pública - SEEDUC Metro I, e ao CE Califórnia, representado na direção de Janete Rodrigues de Freitas, onde atuo no Ensino Religioso e também aos da rede privada, representado na direção de Giovanna Aurílio no Recanto do Fazer. Estes companheiros e companheiras bem representados pela professora Maria de Fátima Braz da Rosa Barbosa, professora e orientadora citada na referida redação “JOÃO MEU IRMÃO” da aluna Jurema Santa Barbara Miguel do Colégio Estadual Arruda Negreiros.

Estes espaços, lugar da vida, importantíssimos nos quais desenvolvem as atividades de formação e de luta contra o racismo e promoção da Igualdade Racial e de Respeito pela Liberdade Religiosa, implementando a Lei 10639/03.

A todos os meus amigos e amigas que me apoiam e incentivam, em destaque o nosso Grupo de Casais - apoio em todos os momentos indicando o caminho do “EU + = Solidariedade”.

Um especial reconhecimento e gratidão ao Padre Armino Catellan, irmão no sacerdócio e nas lutas no caminho das CEBs e da Teologia da Libertação e ao Lar Vicentino de Canoas – Boqueirão em Porto Alegre - RS, representado na grande pessoa eficiente e acolhedora de Dona Hilda Paulina Heck e de cada um e cada uma de toda a equipe de trabalho carinhosa no cuidado, desde a administração e enfermagem até os diversos serviços, pela acolhida sempre amorosa, atenciosa e fraternal nesses quatro anos de doutorado, assim como a cada membro idoso da comunidade “As Avós e Os Avôs” como são reconhecidos, o carinho e sorriso sempre presente. Foram momentos em que me senti membro desta comunidade, um irmão mais jovem, um filho e até mesmo um neto querido.

Aos companheiros e companheiras do CEAP que me apoiaram e incentivaram a construir esse saber para ajudar com a nossa causa, representados por Jorge Damião pelas caminhadas na construção do Concurso de Redação Camélia da Liberdade e a edição do livro das redações Luiza Mahin: lições de liberdade.

Aos meus irmãos e irmãs do CEBi parceiros e parceiras na leitura popular da Bíblia e no compromisso social de libertação e na causa dos pobres e pequeninos prediletos do Pai. E ao povo da CEBs neste tempo que se faz a memória dos 30 anos do tema Negro um clamor de justiça na Campanha da Fraternidade de 1988, o comprometimento com a causa da liberdade e da igualdade racial nas comunidades e na sociedade.

Aos companheiros e companheiras doutorandos com os quais vivenciei esta caminhada e partilhei conhecimentos.

À Universidade EST e todos os professores que acolheram e compartilharam seus conhecimentos. Em especial ao Prof. Dr. Rodolfo Gaede que foi Orientador e Prof. Dr. José Geraldo da Rocha Co-orientador, meu irmão e amigo de caminhada, que passo a passo me orientaram e me ajudaram a construir essa elaboração científica “vista de baixo”.

Em memória o agradecimento à Iyalorixá Karol, pelos conhecimentos e experiências religiosas partilhadas e transmitidas e a Vodunice iniciada nação Jêje para o Vodun Bèssén (Òssumarés para os Nagôs) França Helena Elias Pereira, que sabiamente orientou na elaboração dos saberes da Religião Candomblecista.

“Ao escrever este texto, lembrei-me de um dito popular que diz: Passarinho que está em muda não canta. Talvez eu devesse ficar quieta, mas, resolvi compartilhar algumas inquietações acerca do eixo “educação-diversidade-igualdade” num tempo em que me encanto pelas diferenças.”

Azoilda Loretto da Trindade
14 e setembro de 2015.



RESUMO

A Axiologia é compreendida como a construção de valores etnicorraciais, culturais e religiosos na educação. Tem como referência o momento histórico comum dos 500 anos de Lutero e os 500 anos da presença do negro no Brasil. Uma abordagem que reconhece e valoriza as práticas educativas na história do luteranismo e aponta valores afrodescendentes considerando a Lei 10639/03 sobre o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira. João Cândido e Luiza Mahin que evidenciam uma educação libertadora e o protagonismo de alunos e alunas a partir da análise de suas redações. Destaca-se a valorização da religiosidade do candomblé e as expressões culturais preservadas na oralidade e na beleza do samba com os elementos da crença e da cultura do povo negro, com seus fazeres e saberes guardados pela tradição e pela ancestralidade que indicam um modelo diferente de sociedade e de formação social baseada no Ubuntu.

Palavras-chave: Religião, educação, protagonismo, cultura e identidade.

ABSTRACT

Axiology is understood as the construction of ethnic-racial, cultural and religious values in education. It has as reference the common historical moment of the 500 years of Luther and the 500 years of the presence of the Black people in Brazil. An approach that recognizes and values the educational practices in the history of Lutheranism and points to Afro-descendant values considering the law 10639/03 about the teaching of Africa's history and Afro-Brazilian Culture. João Cândido and Luiza Mahin have shown a liberating education and the protagonism of students from the analysis of their essays. It is worth highlighting the valorization of Candomblé religiosity and the cultural expressions preserved in orality and in the beauty of the samba with the elements of the belief and culture of the black people, with their actions and knowledge saved by tradition and ancestry that indicate a different model of society and of social formation based on Ubuntu.

Keywords: Religion, Education, Protagonism, Culture and Identity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 AXIOLOGIA: RELIGIÃO E VALORES AFRODESCENDENTES NA EDUCAÇÃO	29
2.1 Introdução	29
2.2 As redações, os valores educativos africanos e Paulo Freire	30
2.3 As redações, os autores, os temas e seu alcance	42
2.3.1 As redações sobre João Cândido	44
2.3.1.1 João Cândido: as redações do Rio de Janeiro	47
2.3.1.2 As redações	47
2.3.1.3 João Cândido: as redações de São Paulo	50
2.3.1.4 As redações	50
2.3.2 As redações sobre Luiza Mahin	53
2.3.2.1 Luiza Mahin: as redações do Rio de Janeiro	56
2.3.2.2 As redações	57
2.3.2.3 Luiza Mahin: as redações de São Paulo	59
2.3.2.4 As redações	60
2.4 As realidades que se encontram	63
2.5 As redações sobre João Cândido: classificação e análise	65
2.5.1 Classificação das redações do Ensino Médio do Rio de Janeiro – 2010	65
2.5.2 Classificação das redações do Ensino Médio de São Paulo – 2010	66
2.5.3 Análise das redações que têm João Cândido como tema	66
2.5.3.1 João Cândido: as redações do Rio de Janeiro e sua análise	70
2.5.3.2 Os temas abordados	70
2.5.4.1 João Cândido: as redações de São Paulo e sua análise	73
2.5.4.2 Os temas abordados	74
2.5.5 Um encontro: redação e música popular brasileira	77
2.6 As redações sobre Luiza Mahin: classificação e análise	82
2.6.1 Classificação das redações do Ensino Médio do Rio de Janeiro – 2011	82
2.6.2 Classificação das redações do Ensino Médio de São Paulo – 2011	83
2.6.3 Análise das redações que tem Luiza Mahin como tema	83
2.6.3.1 Luiza Mahin: as redações do Rio de Janeiro e sua análise	87
2.6.3.2 Os temas abordados	88
2.6.4.1 Luiza Mahin: as redações de São Paulo e sua análise	92
2.6.4.2 Os temas abordados	93
2.6.5 Outro encontro: redação e samba-enredo	97

2.7 João cândido, Luiza Mahin e o Ubuntu	101
2.7.1 A escola da vida e vida na escola	103
2.7.2 Lugar e pertença como possibilidade da construção de valores	105
2.8 Síntese	109
3 AXIOLOGIA: A CONCEPÇÃO DE VALORES NA RELIGIÃO E NA EDUCAÇÃO	
Uma abordagem a partir de Lutero, Comenius, Makarenko e Hall	111
3.1 Introdução	111
3.2 Os pensadores e concepção de educação	111
3.2.1 Martinho Lutero e a educação para todos	112
3.2.2 Jan Amós Comenius e ensino de tudo a todos	114
3.2.3 Anton Semionovich Makarenko e a educação prática e social	115
3.2.4 Stuart McPhail Hall e a identidade cultural	118
3.3 Os pensadores e a concepção de valores na religião e na educação	121
3.4 Lutero, a educação e os valores	128
3.4.1 Lutero - o educador, a formação ética e étnico-racial	128
3.4.2 Lutero e a educação pública obrigatória	145
3.4.3 O religioso e a educação	148
3.5 Comenius e a arte de ensinar valores	150
3.5.1 Educação, identidade pessoal, social e universal	150
3.5.2 Comenius: a educação como modelo universal de abertura contemporânea	153
3.5.3 Educação para a vida e cultura afro-brasileira	154
3.6 Uma aproximação para a educação	158
3.7 Makarenko, a educação e a relação com a vida	161
3.7.1 Uma abordagem progressista	161
3.7.2 A coletividade educativa	169
3.7.3 Inserir-se na comunidade e atualizar a educação	174
3.8 Hall, a educação e a multiculturalidade	176
3.8.1 Hall e novos pensadores e educadores	177
3.8.2 Hall e o negro como fator axiológico na educação	180
3.9 Os valores educacionais comuns aos pensadores	183
3.9.1 Um possível paralelo	185
3.10 Síntese	192

4 AXIOLOGIA: CONCEPÇÃO DA PRÁXIS EDUCATIVA NA RELIGIÃO E CULTURA	193
4.1 Introdução	193
4.2 A lei, a educação e os valores e religiosos e étnicorraciais	194
4.2.1 O vazio de valores afro-brasileiros educativos	199
4.2.2 A lei 10639/03 na escola e na sociedade	200
4.3 Práxis educativa e desafios étnicorraciais	204
4.3.1 Kayllane, redações da vida e do cotidiano	205
4.3.2 Outra forma de educar com “Kayllanes”	207
4.3.3 O legado da Carta e de Kayllane	209
4.4 Valores educativos na cultura e na escola da vida	213
4.4.1 A família e a formação cultural	214
4.4.2 A centralidade das relações educativas na casa	216
4.4.3 A estratificação social	217
4.4.4 Os saberes de uma Iyalorixá da Baixada	218
4.5 O ensino e os papéis definidos no Candomblé	221
4.5.1 A prática do ensino no Candomblé	223
4.5.2 Valores no interior da religião	225
4.5.3 A iniciação e os valores transmitidos	226
4.5.4 O recolhimento e o caminho	228
4.5.5 A feitura e o compromisso	231
4.5.6 A autoridade e a evolução religiosa	233
4.6 Africanidade e um novo olhar para a educação	237
4.6.1 A base da convivência	238
4.6.2 Os Itãs e a memória	241
4.6.3 As comidas e o encontro	244
4.6.4 O ebó e a qualidade da vida	247
4.6.5 As danças e a centralidade no atabaque	249
4.7 A cosmovisão e integração da vida	253
4.7.1 A Terra-mãe e o espaço da criação	254
4.7.2 A Água e a sustentação da vida	255
4.7.3 O Fogo e a exaltação da vida	255
4.7.4 O Ar e o ciclo da vida	256
4.7.5 A unidade celebrativa e a educação	257
4.8 A religião e a educação, o novo fazer	258
4.8.1 Uma abordagem axiológica a partir de Lutero e Africanidades	259
4.8.2 Uma axiologia humana e social da educação	263
4.8.3 Lutero e novos valores na educação e na sociedade	264
4.8.4 O diálogo inter-religioso educativo e a cultura	265
4.8.5 As crenças e saberes um desafio disciplinar	266
4.9 Os valores culturais na educação e na sociedade	267
4.9.1 Educação e valores cantados na história e na tradição	269

4.9.2 A música e elementos educativos	270
4.9.3 Contribuições das crenças e saberes na educação	272
4.9.4 Rompendo os preconceitos	273
4.9.5 O encontro da religiosidade e da cultura	276
4.9.6 A sobrevivência no sagrado	276
4.9.7 A condição humana e integração com o sagrado	281
4.9.8 A Canção dos Homens	282
4.9.9 Educação, africanidades e Ubuntu	283
4.10 Síntese	284
5 Conclusão	287
REFERÊNCIAS	291
ANEXOS	297
ANEXO 01	297
ANEXO 02	298
ANEXO 03	299

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01 Expressão da cultura africana	17
Imagem 02 Identidade Brasil – África	20
Imagem 03 Ubuntu	28
Imagem 04 João Cândido	46
Imagem 05 Luiza Mahin	53
Imagem 06 Luís Gama	55
Imagem 07 Canção dos homens.....	175
Imagem 08 Mãe Beata de Iemanjá.....	219
Imagem 09 Dendezeiro Árvore Sagrada Africana.....	222

ABREVIATURAS E SIGLAS

AGENAFRO - Página de Divulgação de Eventos Afro-brasileiros (cultural, político, social e ritualísticos). www.agenafro.yoruba.com.br

CEAP - Centro de Articulação de Populações Marginalizadas.

SEEDUC – Secretaria Estadual de Educação.

CEBi – Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos.

CEBs – Comunidades Eclesiais de Base.

CESGRANRIO - Centro de Seleção de Candidatos ao Ensino Superior do Grande Rio.

ONU - Organização das Nações Unidas.

PPG da Faculdades EST – Programa de Pós-graduação.

1 INTRODUÇÃO

A Tese de início resgata um jeito próprio e expressivo das africanidades, ou seja, o canto que recorda a vida e as origens. A tradição, a ancestralidade e as origens perpassam a construção do texto. Com a letra do canto que segue se recorda uma canção da vida do povo negro¹, entoada tantas vezes em encontros populares de reflexão teológica e também nos espaços escolares tendo como tema a Lei 10639/03 que aborda a história da África e dos afrodescendentes.

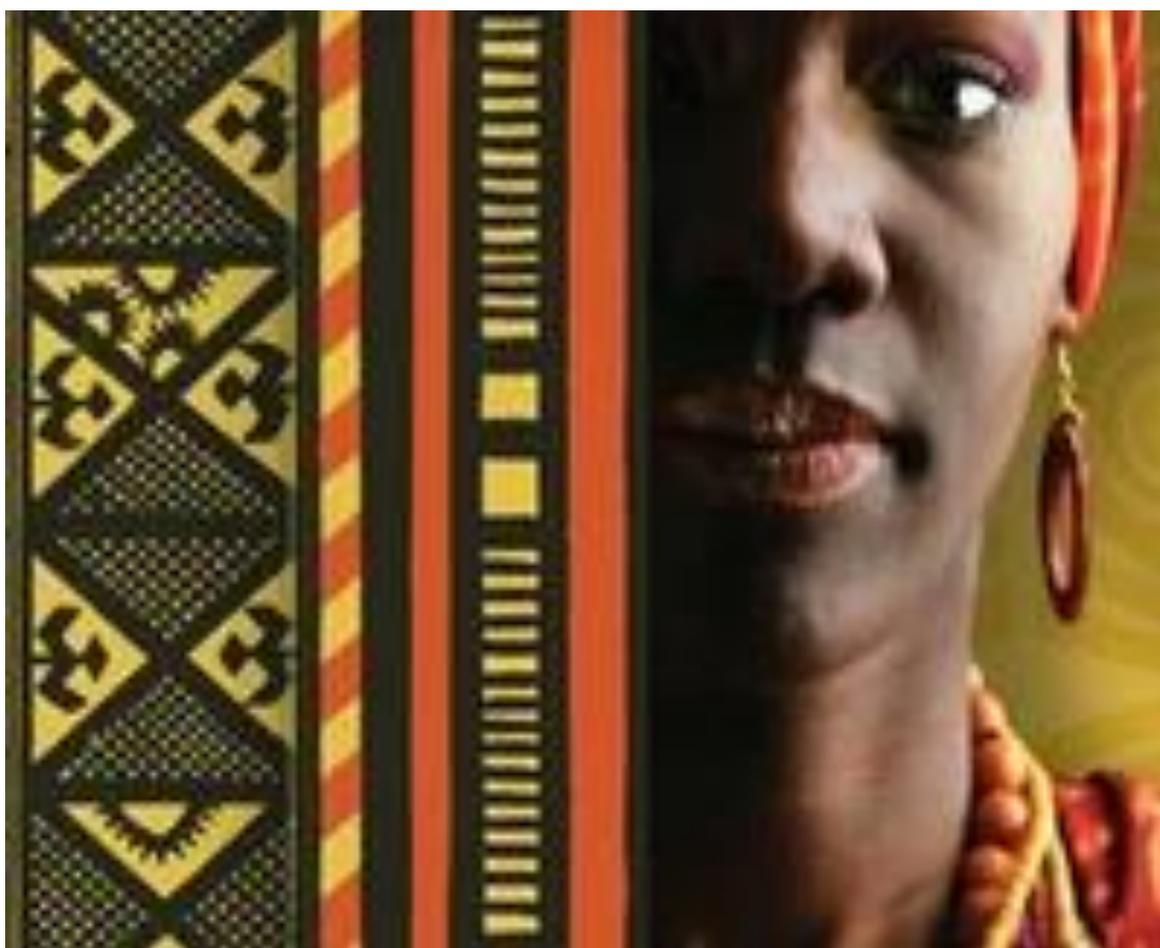


Imagem 01 - Expressão da cultura africana²

¹ Ao utilizarmos neste trabalho a expressão “povo negro” no Brasil estamos nos referindo a pessoas brasileiras, como sinônimo de pessoas “afro-descendentes”, “comunidade afro-brasileira” ou “população de descendência africana no Brasil”. Aqueles e aquelas que têm ancestralidade e traços marcados pela descendência e passaram pela experiência dos ancestrais. A expressão não é apresentada como conceito sociológico ou antropológico. Com a utilização dessas expressões não se quer quantificar nem generalizar, mas pretende-se apenas fazer referência aos brasileiros e às brasileiras de descendência africana, que têm em comum a história da escravidão e resistência à realidade da discriminação racial, cultural e religiosa.

² <https://br.images.search.yahoo.com> Acesso 28/05/2018.

Uma passagem da vida para o canto e do canto para o encanto, do saber e reconhecer as origens, o lugar no mundo e recordar a ancestralidade. Na roda da historicidade embalada pela memória dos antepassados se faz o resgate da identidade. Vale a pena resgatar a letra "Sou de lá da África", simples e significativa que já inicialmente indica o estilo de escrita presente na elaboração deste conteúdo:

“Sou de lá! De África!

Se eu não sou de lá, os meus pais são de lá, de África.

Sou de lá! De África!

Se eu não sou de lá, os meus avós são de lá, de África.

Sou de lá! De África!

Se eu não sou de lá, os meus ancestrais são de lá, de África.

Pela minha cor, pelo meu sorriso! Sou de lá, de África!

Pelo meu andar, pelo meu sambar! Sou de lá, de África!

Sou de lá! De África!

Se eu não sou de lá, os meus pais são de lá, de África.

Sou de lá! De África!

Se eu não sou de lá, os meus avós são de lá, de África.

Sou de lá! De África!

Se eu não sou de lá, os meus ancestrais são de lá, de África.”³

A referência metodológica é a mediação analítica, considerando os três passos que nortearam a trajetória da teologia da libertação na América Latina: o ver, o julgar e o agir. Ao utilizar essa metodologia aponta-se a necessidade de “conhecer os mecanismos e as causas profundas da opressão”⁴ que ocorreu na história do povo negro no Brasil, que num

³ A letra da música é uma composição do ano de 1988, do Professor Doutor José Geraldo da Rocha, por ocasião do tema da Campanha da Fraternidade “Negro um clamor de justiça”. Cantada e celebrada nos Encontros de CEBs pelos Agentes de Pastoral Negros. Esta foi se completando com outras expressões identitárias: Pelo meu cabelo, pela minha reza, pelo meu terreiro, pelos meus ancestrais, pelo sangue guerreiro, pela minha fé, pela minha luta...

⁴ RAMOS REGIDOR, José. Vinte e Cinco Anos de Teologia da Libertação. In: BOFF, Leonardo (Org.). **A Teologia da Libertação: Balanço e Perspectivas**. São Paulo: Ática, 1996, p. 31.

paralelo refere-se ao primeiro momento da tríplice mediação utilizada pela Teologia da Libertação: a mediação analítica⁵.

A metodologia de análise das redações considera a experiência educacional e a vivência da religiosidade e suas expressões significativas apresentadas nas bibliografias consultadas e referidas no texto. A ideia motivadora é a prática e a experiência do ensino religioso com alunos e alunas do Ensino Médio e as atividades de encontro com lideranças religiosas de matriz africana no processo de educação nas escolas de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro.

No primeiro capítulo o momento é o de ver. A análise do contexto da exclusão focalizará o problema específico da educação e dos afrodescendentes no espaço escolar e a educação social. A Tese sobre a Axiologia considera os valores étnicorraciais, culturais e religiosos como uma possível abordagem em práticas educativas. Tem como ponto de partida principal de referência a análise das redações dos alunos de dois estados (Rio de Janeiro e São Paulo) elaboradas nos anos de 2010 e 2011 no processo de implementação da Lei 10.639/03. Trata-se do Concurso de Redação Camélia da Liberdade, realizado pelo CEAP⁶.

O processo de realização do Concurso de Redação, no que se refere à seleção dos textos teve a parceria com a Fundação CESGRANRIO⁷, responsável pela classificação. O horizonte do comprometimento se amplia ao considerar a importância da participação do Instituto do Negro Padre Batista, que articulou a realização do Concurso de Redação em São Paulo, assim como as parcerias com as Secretarias de Educação das Prefeituras Municipais de Cabo Frio, Macaé, Queimados, Belford Roxo, Vassouras e Seropédica. De grande importância foi a representação e participação no Rio de Janeiro da Fundação Cultural Palmares e Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania de São Paulo, que acolheram a realização do “Seminário Caminhos para uma Educação Democrática: Lei 10.639/03”, destinado à formação de professores.

⁵ Quanto à utilização da tríplice mediação (analítica, hermenêutica e prática) na Teologia da Libertação, cf. RAMOS REGIDOR, 1996, p. 31.

⁶ CEAP - Centro de Articulação de Populações Marginalizadas. Rua da Lapa, 200, sala 809, Centro Rio de Janeiro, RJ – CEP 20021-180 Tel.: 2232-7077 / 2224-853 www.portalceap.org

É uma organização não governamental, fundada em 1899, na Cidade do Rio de Janeiro, por ex-internos da Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor (Funabem) membros da Comunidade Negra e do Movimento de Mulheres. Defende o direito à liberdade religiosa como um princípio, assim como a dignidade das religiões de matrizes africanas. A recorre-se violação dos direitos fundamentais da Criança e do Adolescente, das Mulheres e das Populações Negras marginalizadas pela política do racismo serviu de inspiração para sua criação.

⁷ A Fundação Cesgranrio é uma instituição educacional que atua nas áreas de concursos públicos, vestibulares, capacitação, certificação e projetos sociais e culturais no Brasil, fundada em 1973.

O encontro entre o Brasil e a África se torna possível. A busca das fontes se torna uma referência para a educação e para a formação humana e social. As duas realidades se comunicam e dialogam na construção da axiologia e de outra perspectiva de conteúdos e vivência de valores a partir da escola e do movimento social, assim como das práticas de resistência. O Brasil e a África assumem um rosto comum, uma identidade se evidencia, um lugar de pertença na trajetória histórica e cultural elaboradas em textos redacionais.



Imagem 02 - Identidade Brasil - África⁸

Os temas motivadores presentes nas redações são os dois marcos importantes na história de resistência do povo negro no Brasil: João Cândido e Luiza Mahin. Os valores étnicorraciais, religiosos e culturais são refletidos a partir dos conteúdos escritos nas redações fundamentados em teóricos relacionados com o tema da educação e da formação humana. O propósito é o “ver”, lançar um olhar analítico sobre uma experiência

⁸ <https://br.images.search.yahoo.com> Acesso 28/05/2018.

educacional e possíveis dimensões religiosas vivenciadas na prática educativa e na formação de valores.

A pesquisa é documental e se desenvolveu a partir do registro das redações dos alunos e das alunas que participaram do referido concurso e seus textos foram publicados nos livros “O Silêncio da Chibata: redações de uma revolta na história”⁹ e “Luiza Mahin: lições de liberdade”¹⁰.

A Tese tem como objetivo oferecer elementos que possam contribuir para a educação, assim como a vivência de valores étnicorraciais na sociedade e na construção do diálogo na pluralidade e diversidade do povo brasileiro, valorizando as tradições culturais, religiosas e históricas do povo negro.

A partir da análise das redações verifica-se o processo de construção de valores na educação e a axiologia referente à história, cultura e religião do povo negro como a efetiva implementação da Lei 10.639/03. Esta oferece elementos que possibilitam verificar como a religião e a educação podem abrir perspectivas para o avanço do pensar valores para a produção de conteúdos nas universidades, para elaboração diferenciada das concepções socioculturais e científicas, para a questão nacional da educação inclusiva e da diversidade presentes na história e na cultura do povo negro no Brasil.

O primeiro capítulo com o tema: “Axiologia: religião e valores afrodescendentes na educação” olha o processo de educação e construção criativa de conhecimentos na elaboração de redações por estudantes do Ensino Médio da rede pública e da rede privada dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, reconhecendo estas produções textuais como depositárias de valores africanos, que se encontra com princípios da educação nacional.

Inicialmente, ao tratar da educação brasileira é impossível negar a contribuição que Paulo Freire oferece para uma perspectiva libertadora. Assumindo a perspectiva de uma abordagem que considera o processo de libertação diante da situação histórica do povo brasileiro, referente à condição de escravidão a que o povo afrodescendente foi submetido, é objetivamente necessário recorrer a esse teórico e confrontar seu pensamento educacional e assim oferecer elementos de complementariedade naquilo que é específico na questão étnicorracial.

Decorre disso a necessidade de dialogar com esse grande teórico e acrescentar ao seu pensamento a perspectiva libertadora na leitura da educação brasileira, considerando

⁹ SEMOG, Éle (organizador). **O silêncio da Chibata: redações de uma revolta na história**. Rio de Janeiro: CEAP, 2010.

¹⁰ RIBEIRO. Obertal Xavier, COSTA. Jorge Damiano Venâncio da (Orgs.). **Luiza Mahin: lições de liberdade**. Rio de Janeiro: CEAP, 2012.

as contribuições resultantes da trajetória de vida, da história e da cultura afrodescendente compreendida naquilo que tem de identitário, ou seja, assimilando necessariamente valores religiosos, étnicos e raciais, uma vez que estes se integram na realidade. A Tese da axiologia na perspectiva educacional relaciona, questiona, confronta e coloca em paralelo o pensamento educacional de tão grande importância teórica, como o freireano, diante daquilo que se conseguiu produzir com os docentes e discentes, numa experiência étnicorracial com o objetivo do cumprimento da Lei 10.639/03, que determina o ensino da História da África e da cultura afro-brasileira em todo o Sistema Nacional de Ensino, conforme a Resolução CNE/CP 01/2004 e Parecer CNE/CP 003/2004.

O estudo das redações na perspectiva da axiologia compreende e considera os valores afrodescendentes como elementos formativos para a educação na sua relação com a religiosidade que, na compreensão histórica do povo africano, se relaciona diretamente com o contexto da cultura. As expressões atuais da concepção da cultura popular são também determinantes para a formação social e educativa. Nessa formação se apresenta inicialmente João Cândido, o marinheiro líder da Revolta da Chibata, intitulado em uma redação como *“O pássaro que ousou cantar a liberdade”*, figura expressiva que antecipadamente sugere o grande tema da plena liberdade e a cosmovisão ligada à natureza de forma figurativa. A análise de João Cândido é seguida pela de Luiza Mahin, a quituteira que com sua presença e atuação marcante na Revolta dos Malês, a grande mãe do poeta e advogado Luís Gama, mulher criativa e prendada, líder revolucionária do processo de libertação dos negros, participou da conquista da alforria de muitos companheiros.

A utopia da igualdade plena estava presente nas duas figuras históricas e continua nas perspectivas de educação e nas ações dos movimentos sociais. Ela faz parte do processo de construção cultural e religioso do povo negro na busca da democracia que projeta uma sociedade diferente e alternativa. Diferentemente, a ignorância do processo histórico e cultural do povo negro gera o racismo, a intolerância e a xenofobia. Estes não condizem com a educação, não são formativos para uma sociedade liberta e promotora das relações marcadas pelo respeito e pela construção da igualdade racial.

Esta construção educacional, assim como a histórica tem como referencial teórico Paulo Freire (2007) e a Educação Libertadora que se coloca diante de uma historicidade construída e vista de um lugar determinado, ou seja, vista de baixo, considerando a abordagem de Jim Sharpe (1992) como uma forma distinta e nova de fazer a história. Apresenta-se também a compreensão da experiência de negros e de negras, de vidas

construídas a partir da dimensão do compromisso social e religioso, considerando elementos presentes na cultura e na religião cristã e não cristã de matriz africana. Destaca-se a contribuição de Peter Nash (2005), que recorda a grande riqueza da literatura e maior ainda da tradição oral próprias do africano na releitura da cultura e religião.

A literatura e a tradição oral reformulam os conceitos, quebram paradigmas, propõem novas epistemologias que libertam da ignorância e geram outro modelo de relações pessoais e sociais. Essas relações são destacadas pelos autores das redações que, ao escreverem, apresentam o alcance na relação de uma sociedade alternativa partindo do espaço da educação, penetrado pelo conhecimento de João Cândido e de Luiza Mahin nas suas vidas e sentimentos. As duas realidades se encontram o Brasil e a África, assim como autores e personagens. A diversidade se apresenta pela participação tanto da rede pública quanto da rede privada e também de algumas escolas confessionais. A diversidade dos lugares de onde foram elaboradas as redações, assim como a origem dos autores das mesmas evidencia o alcance do tema.

Essas novas produções expõem conteúdos que serão analisados a partir do nosso olhar e recebem palavras-chave que destacam o ver axiológico. Um olhar sobre os valores formativos que se destacam nos temas desenvolvidos nas redações. As que foram publicadas no seu conjunto representam uma reunião de diversidade de saberes que, pela elaboração textual, revelam o encontro de diversos pensamentos e de pessoas que não se conheciam, porém marcadas por algo em comum, ou seja, a beleza e a criatividade de expressões.

A criatividade que também aparece fora da sala de aula, ao associar João Cândido à música popular e Luiza Mahin à escola de samba, são marcos identitários do lugar e do alcance das figuras históricas. O tema da axiologia abre-se na perspectiva do encontro com a filosofia africana, apontando para o princípio vivencial do Ubuntu¹¹, da escola da vida e da vida na escola: o ser e o existir. Estes fazem sentido e se realizam na relação com o outro e no encontro que educa e constrói relações de valor, e conseqüentemente, uma nova história. O Ubuntu é a filosofia africana que nutre o conceito de humanidade em sua essência. Concebe um modelo de sociedade sustentada pelos pilares do respeito e da solidariedade, ressalta o valor das alianças e do relacionamento das pessoas considerando e respeitando as diferenças e a multiplicidade. É a “humanidade de uns com os outros”. Uma pessoa com Ubuntu tem a consciência de que é afetada pelo outro, pelo

¹¹ TUTU, Desmond. **No future forgiveness**. United States of America, First Image Books Edition, october 2000. <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/Ubuntu>.

seu semelhante. A consciência que é determinada pelo fato de que “Eu sou porque nós somos”¹² Esse conceito vai perpassar a concepção da Tese na perspectiva da educação e da formação de valores. Uma axiologia e o Ubuntu.

Se, pela mediação analítica, percebe-se o racismo e a exclusão, suas causas e estruturas, ao mesmo tempo propõe-se, conhecer as respostas dos sujeitos excluídos, pela mediação hermenêutica que interpreta à luz da revelação de Deus nas experiências culturais e religiosas de matriz africana dos praticantes. Esta experiência se revela pela oralidade, pelos itãs e pela ancestralidade. Ora, é tarefa da teologia confrontar a situação atual da nossa sociedade brasileira, e, particularmente, a situação da população de descendência africana no Brasil com a revelação e a ação de Deus na história, tornando-se uma teologia histórica e culturalmente contextualizada.

A partir do contexto afro-brasileiro, essa elaboração teológica realiza uma leitura crítica da relação do cristianismo com a tradição afro-brasileira e seus sinais de resistência com referência aos valores deixados nesses 500 anos. A realidade atual e o que foi coletado nas redações e na musicalidade dão novo sentido à produção desse texto teológico. O conhecimento da realidade é enriquecido por aquilo que a Palavra diz em face dela¹³. Essa Palavra teve suas expressões próprias culturais identitárias na realidade da cultura negra e a vivência característica própria da religiosidade nas expressões significativas das religiões de matriz africana e da expressão dos seus representantes pelo contar os itãs e preservar viva a tradição ancestral pela oralidade. Não só a realidade, mas também a prática levada a efeito a partir dos desafios da realidade fecundam o sentido dos textos e da sua interpretação, pois, a práxis crítica e interpreta a palavra, exemplo claro é o relato dos mitos africanos, aqui destacado o da “Criação na tradição nagô”, que também é cantado pela Escola de Samba. Assim é possível afirmar que a mediação hermenêutica, num contexto de diversidade cultural e religiosa, interpreta a prática a partir de outros referenciais religiosos e culturais diferentes do cristianismo, com uma diversidade de interlocutores. Ou seja, a prática inspirada no “texto sagrado” de determinada expressão religiosa cristã está sujeita também à crítica do “texto sagrado” de outro interlocutor, o de matriz africana. Isso significa que aqueles e aquelas, o outro também do mundo exterior à sua tradição de 500 anos de cristianismo convivem e podem oferecer luz para a prática religiosa e educativa no contexto social e escolar afro-brasileiro.

¹²<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/Ubuntu-filosofia-africana-que-nutre-o-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia> Acesso 31/08/2017.

¹³ RAMOS REGIDOR. 1996, p. 31.

Apresenta-se a necessidade de pensar e considerar a possibilidade de conviver com o diferente e o novo e criar uma teologia e uma hermenêutica que reconhece valores religiosos pessoais e comunitários, o modo de ser e pensar no lugar africano, ou no nosso caso, afro-brasileiro. Isso se resume numa expressão de profunda importância, ou seja, do lugar da vida, seguindo o pensamento de Bruce (2008). Ele considera o mundo-vida que ajuda a compreender não o que a tradição significa em abstrato, mas o que é no pensamento africano como local e situado pela tradição que capacita a entender por si mesmo, a vida africana, a si mesmo e o outro, a realidade e o mundo. Tradição não é objeto de pensamento, mas um modo de pensar, de interpretar. É um marcador de mundo-vida, do lugar.

Entretanto, tão importante quanto a análise da situação de exclusão do povo afro-brasileiro é a apresentação das práticas de libertação, de superação do racismo e de suas experiências de produção de conteúdos formativos, como sujeitos em seu universo cultural e religioso, assumindo uma posição propositiva no campo da produção de conhecimentos e vivência de sabedorias ancestrais. Trata-se do julgar, ou seja, a mediação hermenêutica.

O segundo capítulo com o tema: “Axiologia - a concepção de valores na religião e na educação: uma abordagem a partir de Lutero, Comenius, Makarenko e Hall”, é o segundo passo, a hermenêutica. Os pensadores em educação em tempos e realidades diferentes que oferecem luz para a compreensão e interpretação da diversidade cultural e a dimensão social da formação humana e da formação escolar.

A partir desses teóricos pensa-se a concepção de valores na religião e na educação. O contexto que emerge da transição na Reforma protestante até o momento de mudanças com a modernidade. O tema do protestantismo e também a área da didática conservam aspectos profundamente religiosos, considerando o que se refere à coletividade e à educação para a vida em sociedade chegando até o multiculturalismo.

O texto leva a pensar os 500 anos do Luteranismo, compreendendo a realidade da religião e da educação confrontando com os 500 anos da presença do negro no cenário religioso e educacional brasileiro, destacando alguns elementos na perspectiva da axiologia, considerando valores religiosos e educativos nas duas realidades. Uma possível aproximação de Lutero e o movimento de Reforma protestante afirma a necessidade do poder público e das famílias assumirem seu papel na educação, com a história da resistência afro-brasileira que aponta na atualidade um novo protagonismo, o do movimento social e de educadores, indica a necessidade do cumprimento e da execução

da Lei 10639/03 que torna obrigatório o ensino da História da África e dos afrodescendentes no currículo escolar.

O diálogo entre os referenciais teóricos, considerando a diversidade de tempo e de temáticas, reconhece o que há em comum na elaboração e na construção de valores sociais, culturais e educacionais que se colocam como ferramenta possível para julgar e interpretar a construção de valores. Esses podem ser considerados, ao pensar a dimensão religiosa da educação, o que será desenvolvido no terceiro capítulo.

A partir do ver, ou seja, da análise da realidade de discriminação e de racismo na trajetória histórica do povo negro, seguida do julgar, que contempla a releitura hermenêutica com um referencial interpretativo provindo de uma outra perspectiva religiosa africana, resta ainda a dimensão da ação, isto é, a mediação prática. Esta última tarefa da teologia será pensar a prática educativa que já acontece e como ela deve prosseguir para chegar ao objetivo de romper com o racismo e vivenciar uma axiologia com valores educativos e religiosos. Enfim, sujeitos históricos protagonistas de uma mudança em prol da construção da democracia no Brasil.

Trata-se de propor modelos teóricos que conduzam a uma prática renovada, que reencontre suas raízes nas tradições africanas diante do desafio de ser brasileiro e de beber de uma fonte de originalidade e de resistência adaptada e correspondente ao processo social na atualidade em busca da liberdade, do respeito e da promoção e realização efetiva da igualdade racial.

O terceiro capítulo com o tema: “Axiologia: concepção da práxis educativa na religião e cultura”, retomando o pensamento de Paulo Freire, reaparece com a provocação do capítulo anterior de análise. Surge a elaboração de uma carta educativa e pedagógica a respeito da situação de Kayllane, como referência para pensar a religião candomblecista e seus valores educativos. Aprofunda-se a compreensão da prática que se desenvolve nas religiões de matriz africana, com seus conteúdos marcados por uma perspectiva étnicorracial.

Os valores religiosos são determinantes para a formação cultural e indicadores para a relação de convivência e de respeito. Eles constituem elementos formativos e oferecem subsídios para a elaboração de conteúdos educativos que devem penetrar o espaço escolar. Apresenta-se a possibilidade de dialogar com sabedoria e experiência contribuindo para a formação humana, oferecendo uma compreensão da vida e do universo, assim como a relação que o ser humano estabelece com os mesmos de forma

diferenciada agregando conhecimentos e saberes fundamentais para a cosmovisão e humanização.

Destaca-se nesse sentido a importância da Palavra que os mais velhos carregam consigo, os conhecimentos que são transmitidos e promovem o desenvolvimento de uma cultura religiosa de profundo e fundamental significado que perpassa o tempo e efetivamente alicerça a construção de valores na atualidade. Inegavelmente estes constroem e deixam um legado para o futuro, da educação, da cultura e da dimensão das relações sociais.

Desenvolve-se aqui uma abordagem sobre as africanidades como um olhar possível para a educação, considerando como os fundamentos da relação do humano com o Divino e do ser humano com o outro. Destaca-se que na relação com os seus semelhantes, a formação caracteriza-se por ser muito específica e apropriada para o espaço reservado e religioso, e conseqüentemente, torna-se serviço para o mundo, ou seja, para a construção de valores sociais. Não há um fechamento, mas uma conservação de preceitos e princípios que preservam a identidade e valores guardados pela tradição e pelas lideranças.

A terceira abordagem apresenta para a prática um resgate dos valores culturais e religiosos presentes nas músicas e na dança, acompanhada da valorização significativa da culinária. Com todos esses elementos valoriza-se acima de tudo a memória. Esta que se guarda e que se cultiva dentro desses aspectos.

Destaque importante se dá à concepção da cosmovisão, como o sentido religioso está impregnado de uma visão de mundo. O mundo e o ser humano se integram dentro das religiões de matriz africana, e oferecem elementos fundamentais para a resistência e para a construção dos valores sociais, humanos, antropológicos e ecológicos, promissores de uma educação integrada e libertadora. Apresenta-se a mitologia e a perspectiva teológica com o olhar religioso sobre os valores construídos durante milhares de anos nessa cultura e conservados na atualidade. Nenhuma sociedade sobrevive sem seus mitos e seus ritos e são práticas culturais e religiosas integradoras da humanidade.

A produção de textos pelos alunos e alunas nas redações, o encontro com a música popular brasileira e o samba-enredo que, foram colocados diante das expressões de religiosidade de matriz africana nos três capítulos, chegam ao momento de síntese nas afirmações culturais e religiosas explicitadas e relacionadas com o Ubuntu e canção dos homens e os valores africanos, necessários, importantes e fundamentais para a educação e a formação social.



Imagem 03 - Ubuntu¹⁴

Abre a perspectiva de considerações finais, assim como de continuidade do reconhecimento identitário e da prática, sintetiza e relaciona o que se desenvolveu em todo conteúdo a partir da compreensão cultural do Ubuntu que perpassou toda a elaboração da Tese e possibilita afirmar:

*“Sou de lá! De África!
Se eu não sou de lá, os meus pais são de lá, de África!”.*

O fato de relacionar religião e cultura aproxima a riqueza presente no carnaval com a elaboração da dimensão da religiosidade. O diálogo religioso reaparece no mito da criação com um olhar para a possibilidade de considerar outro modo de transmitir a tradição, este presente na expressão de fé no Deus Criador e sua relação com as criaturas e a natureza.

A articulação dos três elementos colocam em questão o eurocentrismo e a forma excludente de considerar somente a validade das verdades do colonialismo, assim como a postura dogmática e excludente com a qual se vivenciou o encontro com o cristianismo. Outra teologia é possível, outras práticas são consideradas e reconhecidas e podem entrar no espaço inter-religioso e oferecer elementos educacionais acadêmicos e formativos para a sociedade.

¹⁴ <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/Ubuntu-filosofia-africana-que-nutre-o-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia> Acesso 31/08/2017

2 AXIOLOGIA: RELIGIÃO E VALORES AFRODESCENDENTES NA EDUCAÇÃO

2.1 Introdução

O primeiro capítulo apresenta a análise dos temas das redações sobre dois vultos importantes na história de resistência do povo negro no Brasil: João Cândido e Luiza Mahin. É a partir dos conteúdos escritos nas redações fundamentados em teóricos relacionados com o tema da educação e da formação humana que se desenvolve o tema da axiologia. Com um olhar analítico sobre a uma experiência educacional aponta-se as dimensões religiosas e culturais presentes na prática educativa e na formação de valores.

Este capítulo apresenta a construção criativa de conhecimentos na elaboração de redações por estudantes do Ensino Médio da rede pública e da rede privada dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, reconhecendo estas produções textuais como depositárias de valores africanos, que se encontram com princípios da educação nacional.

Um destaque se faz necessário para a primeira edição que não teve registro em livro, mas que se conservou como a primeira de todas as redações reconhecidas no processo de construção de conhecimento do Concurso de Redação do Projeto Camélia da Liberdade.¹⁵ Essa escrita pela aluna Rosilene Virginia Galdino no ano de 2006, três anos realização da Lei 10639/03. Já construindo valores em educação.

É só melanina?!

Acredita-se que, antes de qualquer característica fenotípica, sejam elas cor dos olhos, cabelo ou pele, o ser humano é dotado de inteligência e amor.

No Brasil, o povo da Dita etnia negra foi escravizado por mais de 300 anos, sendo liberto e 1888. Uma vez livre, lhe foi inviabilizado a participação social e a introdução à democracia. O país criou e orientou seus filhos para um caminho ruim, em que a história de depreciação da imagem do negro se reflete, nos dias atuais, numa sociedade discriminadora e preconceituosa. Atitude que foi e é uma construção histórica, a qual não se direciona só ao negro, mas a todas as culturas e etnias que se diferem do padrão estereotipado do europeu. Construiu-se a visão do negro como ser feio, incapaz de progredir e sem perspectiva. Essa ideia tem tal aceitação a ponto de negar uma identidade negra, a qual deseja ser clareada.

Quando se fala em estudar e entender a história da cultura africana e a orientação que foi dada ao negro, encontram-se muros, construídos com argumentos infundáveis como: "Não existe mais esta coisa de racismo... Todo mundo é tratado da mesma maneira". Mentira! Afirmações hipócritas, já que não se fala clara e abertamente sobre o assunto.

¹⁵ Publicada no Jornal GRIOT de Agosto de 2010. www.portalceap.org

Se realmente não existe preconceito racial onde estão os negros? Qual a sua posição na sociedade? Os negros estão nas favelas, nos presídios, nas ruas, fora das escolas e longe das faculdades. Na sociedade ocupa a posição de pobre e miserável, sem recursos humanos e poucas possibilidades de progredir. E no mercado de trabalho são poucos os que conseguem um cargo "importante".

É importante questionar para haver a reflexão e compreensão. Quando há o entendimento do negro com uma identidade como ser humano igual aos outros, inicia-se o processo de promoção da Igualdade racial..

Entende-se por ações afirmativas medidas e atitudes que visam o reconhecimento de uma vida sociocultural com a promoção da igualdade de tratamento, de oportunidades, de direitos, de participação social. Em função disso, estrategicamente são criadas estruturas de "reparação" para compensar os anos de discriminação sofrida pela população negra durante todos esses anos, efetuadas através de políticas de cotas nas universidades públicas, reserva de 20% das vagas para cargos de confiança no Ministério da Justiça e empresas que prestam serviços para órgãos federais.

A política afirmativa está intimamente ligada à democracia, porque ambas estão voltadas para inclusão de todos os indivíduos. Em uma sociedade igualitária. A promoção da igualdade, entretanto, é um trabalho que terá resultado em longo prazo. Neste sentido, o debate, a política de cotas e reservas de vagas, assim como a aplicação da lei 10.639, que confere aos estudos da história da África nas escolas um caráter obrigatório é de fundamental importância.

É importante percebermos que somos diferentes uns dos outros, porém, essas diferenças são para acrescentar e nos unir em uma só raça: A HUMANA.

Pseudônimo: Jupira V.

Aluna: Rosilene Virgínia Galdino

Colégio COEDUCAR - Recanto do Fazer (Nova Iguçu).

Esses valores são confrontados com o teórico Paulo Freire ressaltando os autores e autoras e seu alcance com a análise de seus conteúdos. As redações se encontram com a expressão da Música Popular Brasileira na composição sobre João Cândido e com a Escola de Samba a partir da letra do Carnaval sobre a Luiza Mahin.

A importância das redações se destaca na relação que se estabelece com o Ubuntu, em que João Cândido e Luiza Mahin são apresentados na sua relação com “nós”. A compreensão da filosofia africana se revela na dimensão do ser afro-brasileiro e no reconhecimento da identidade coletiva, do reconhecimento do lugar da vivência e da pertença coletiva.

2.2 As redações, os valores educativos africanos e Paulo Freire

O que fundamentalmente se considera nesta Tese, com essa produção de texto, são os valores educativos afirmados pelos alunos e pelas alunas do Ensino Médio nas redações que são apresentadas e em seguida analisadas. Nesta Tese desenvolve-se a

concepção e o conceito de Axiologia a partir das referidas redações. Os valores educativos e sociais são apontados nos escritos, nas próprias produções textuais dos estudantes e ao olhar da Tese são reconhecidos na perspectiva da axiologia. O que se vê é resultado dos estudos, das pesquisas e também de suas vivências e percepção da realidade e do mundo. Estas redações foram elaboradas por alunos e alunas, acompanhadas e assessoradas por educadores comprometidos com a questão racial na atualidade. A autoria está registrada conservando a identidade do aluno, do professor e da instituição educacional, como seguem abaixo.

Os textos são profundos e revelam a participação engajada e de origens comprometidas, assim como uma pertença, expressão que será desenvolvida, como valor de identidade do povo negro e de formação cultural e social, no processo educacional. A utilização das redações como elemento educacional se evidencia como registro de produção de conhecimentos e comprometimento com a temática; porém, mais que isso, é uma comprovação evidente da possibilidade de um processo de revisão de parte da história e com o foco em duas personalidades. Um homem e uma mulher, com valores que reconhecidamente revelam uma postura assumida como identidade forte e expressiva para a cultura afrodescendente, e como modelo alternativo para a conquista da liberdade na sociedade brasileira.

É fundamental perpassar o eixo principal do conteúdo desse texto, a Axiologia, ou seja, a construção de valores, que se entende como a liberdade e o projeto de sociedade alternativa democrática a partir da escola e da educação. Liberdade essa que, por se tratar de educação libertadora, necessariamente tem que confrontar-se com o pensamento de Paulo Freire, pensador brasileiro que com toda originalidade e propriedade, ao tratar da educação, a considera como “Prática da Liberdade”.

A perspectiva que se apresenta a seguir com as redações é de estimular e resgatar a abertura da consciência a partir da realidade do povo negro, com as duas figuras importantíssimas de João Cândido e Luiza Mahin, confrontando com o grande fechamento e retrocesso que foram as marcas da escravidão no período correspondente. Nestas redações aponta-se a possibilidade de uma educação aberta e progressista, em que os e as docentes conhecem e externalizam a sua visão de mundo, a sua visão de sociedade e a sua própria visão num trabalho coletivo, junto com outros, marca identitária da cultura negra, ou seja, o “nós” - Ubuntu.

O Ubuntu revela um modelo de relações sociais da cultura e filosofia de vida africana que destaca o respeito e a solidariedade como essenciais no relacionamento das pessoas. Isso pode perpassar as relações educativas.

Esse elemento é relevante e perfaz o diferencial, pois produz e revela a identidade do aluno dentro desse contexto social da educação. Trata-se de uma sociedade sustentada pelos pilares do respeito, dos valores coletivos e da solidariedade, filosofia africana que trata da importância das alianças e do relacionamento das pessoas, umas com as outras.

Vale a pena guardar e considerar o questionamento de Freire sobre a compreensão dos passos da democracia, assim como aprofundar a necessidade de uma abertura da sociedade para esses valores apresentados, considerando a experiência democrática que aparece na atividade escolar. Questionamento não acabado, nem respondido definitivamente, mas que acompanha o processo de formação da sociedade brasileira em todos os tempos. Paulo Freire, pensador da educação libertadora afirma a inexistência da democracia em uma sociedade fechada. Segundo Freire,¹⁶ nesse sentido se destaca a falta de condições na formação para construção da democracia, o fazer com as próprias mãos e do sentido protagonista e participante:

De um modo geral, os analistas da nossa formação histórico-cultural tem insistido direta ou indiretamente na nossa "inexistência democrática". Na ausência, no tipo de formação que tivemos, daquelas condições necessárias à criação de um comportamento participante, que nos tivesse levado à feitura de nossa sociedade com, "nossas próprias mãos", o que caracteriza para Tocqueville a essência da própria democracia.¹⁷

Esse fechamento, diferentemente ao ver desta Tese, encontra abertura na experiência da implementação da lei 10639/03, com o protagonismo que se acentua na ação docente e discente. Neste capítulo inicial o conteúdo que se destaca são os textos elaborados nas escolas através do Concurso de Redação Projeto Camélia da Liberdade realizado pelo CEAP. As redações apresentam o estudo do que foi a experiência realizada em sala de aula e a construção de valores relacionais fundamentais para uma nova concepção de conhecimento e de sociedade.

¹⁶ Paulo Freire faz citação da obra "A Democracia na América" de Tocqueville, tratando do tema da inexistência democrática. O pensamento político de Alexis de Tocqueville apresenta a sua constante tentativa de ajustar o seu ideal de Liberdade à realidade sociopolítica de seu tempo. Suas análises da democracia mostram a constante preocupação de como seria possível adequar o que considerava fundamental para a existência de qualquer ser humano, a liberdade de cada um, tanto como indivíduo quanto como cidadão, à realidade sócio-política existente. O que se apresenta como preocupação também de Paulo Freire.

¹⁷ FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 30ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p.74.

Entre tantos outros possíveis, este material de análise parte de um paradigma diferenciado em que o movimento social contribuiu efetivamente para o resgate de elementos construtores de uma nova e outra cultura, cultura essa que valoriza o espaço da educação e o protagonismo daqueles e daquelas que se identificam com a causa e lutam na construção da igualdade racial, tendo como referência maior os valores educacionais. Estes mesmos valores educacionais se apresentam como possibilidade de reconhecimento e projeção, uma vez que publicados e apresentados para a sociedade. É ainda reconhecido como objeto de pesquisa acadêmica, na construção de valores sociais, religiosos, culturais e educacionais, como se pode observar na apresentação do projeto.

O Projeto Camélia da Liberdade é um dos caminhos que o Centro de Articulação de Populações Marginalizadas – CEAP vem construindo, como iniciativa e contribuição, para a plena integração da sociedade brasileira no processo democrático do país. Não tem sentido que uma nação inteira, no século 21, ainda esteja submetida às circunstâncias grotescas decorrentes de uma ignorância que implica racismo, intolerância e xenofobia [...].

O Concurso de Redação Camélia da Liberdade é um dos meios que o CEAP partilha com a sociedade e, em particular, com as escolas de Ensino Médio e Fundamental do estado do Rio de Janeiro e só do Ensino Médio de São Paulo, para a consolidação da Lei 10.639/03, que determina o ensino da História da África e da cultura afro-brasileira em todo o Sistema Nacional de Ensino, conforme a Resolução CNE/CP 01/2004 e Parecer CNE/CP 003/2004. Neste sentido, é preciso considerar um aspecto bastante singular, que vem ocorrendo em parte do ambiente escolar onde a lei deve ser aplicada.¹⁸

Parte da referência do trabalho teórico e pedagógico realizado na construção de Redações no Ensino Fundamental e Médio das Escolas do Rio de Janeiro e de São Paulo foi publicado em dois livros, que destacam as identificações, tanto dos autores e autoras, quanto dos educadores e educadoras que acompanharam e assessoraram o processo de construção dos textos em sala de aula, assim como a escola também é registrada na redação. Identidades de professores e professoras, alunos e alunas que são reveladas a partir da sua compreensão e elaboração das suas redações e do comprometimento com seus temas.

Os temas propostos pelo CEAP, para o Concurso de Redação, buscam atender os reclamos de professores e educadores no que diz respeito às limitações para encontrar materiais didáticos que atendam ao que determina a Lei 10.639/03. De fato: a bibliografia didática brasileira sequestrou, ou reduziu a fatos irrelevantes ou pitorescos, a presença, a história e a cultura de quase cinco séculos dos africanos e seus descendentes no Brasil. Ao mesmo tempo, reduz o

¹⁸ SEMOG. 2010, p.7-8.

continente africano a um celeiro de escravos em relação aos outros cinco continentes.¹⁹

Este trabalho foi organizado pelo CEAP e realizado pelo protagonismo de alunos, alunas, professores e professoras comprometidos com elementos da cultura e história étnicorracial do povo brasileiro. Além disso, mantêm relação com a história da África, de vultos e marcos históricos para uma educação libertadora. Esta educação se revela num processo dialógico, de participação e interação, de relação saudável entre professor/a, e aluno/a e de reconhecimento da realidade, como afirma Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido*. Nesta referida obra, Paulo Freire é crítico, severo e exigente com relação à educação bancária, na qual não se considera a possibilidade de manipulação num processo de formação. Afirma que se trata de postura educacional que ele denomina como teoria antidialógica. Lamentavelmente, apesar de todo seu esforço, este fato ainda está muito presente na concepção de educação brasileira na atualidade. Freire apresenta nesse contexto a ação antidialógica como matriz da ação opressora, com características que servem à repressão como ação cultural. Essas características são destacadas em quatro aspectos: o primeiro, a **conquista** desde as mais duras e repressivas até as mais sutis e adocicadas; em consequência surge a **divisão** que se revela como domínio de minorias sobre maiorias, submetendo-as ao seu poder, mantendo a opressão que em alguns casos se manifesta também no poder intelectual; segue-se a terceira, que é a **manipulação**, expressão dos dominadores que vão conformar as massas populares a seus objetivos de poder e de domínio politicamente manipuladas; a última é a **invasão cultural**, que se destaca na elaboração do contexto educacional e conseqüentemente cultural que impõem uma visão de mundo, tolhendo a criatividade e até mesmo a expansão, a abertura de horizontes.

Essas afirmações dialogam claramente com a perspectiva da construção da democracia, que neste contexto se coloca a partir de uma outra democracia ligada à construção cultural do povo negro. Historicamente, a conquista da democracia não considerou elementos pertinentes ao contexto da construção da igualdade racial. Os grandes marcos históricos e suas realizações não foram considerados e reconhecidos no seu valor e projeto de sociedade que almejaram. Assim também não foram conhecidos e divulgados pela historiografia oficial; ficou desconsiderada a História da África e dos afrodescendentes. Caminho contrário se afirma na perspectiva desse texto, como

¹⁹ RIBEIRO. 2012, p. 9.

construção de valores sociais e educativos para o conjunto da sociedade, seguindo o caminho iniciado pelo protagonismo do movimento negro brasileiro em continuidade com todo o movimento abolicionista. Nesse sentido:

Personagens como Aqualtirene, Maria Felipa, dom Obá, Luiza Mahin, André Rebouças, João Cândido – só pra citar alguns –, seus contemporâneos e descendentes não se beneficiaram de um ensino que contemplasse a História da África e da cultura afro-brasileira. Esse direito foi conquista do movimento negro brasileiro, que empreendeu essa necessidade, explícita desde os poemas do abolicionista Luís Gama, até janeiro de 2003, quando foi assinada a Lei 10.639/03.²⁰

O paralelo histórico valiosíssimo com suas exigências de contextualização é um elemento de encontro com a perspectiva do grande educador Freire. Este aponta aspectos não considerados e que devem ser realizados por quem ocupa esse espaço, vivencia essas condições e conhece os processos de exclusão racial. A realidade de onde surgem as redações corrobora com o questionamento apresentado por Paulo Freire a respeito da pedagogia do oprimido, pois as condições em que os protagonistas apresentados nesse texto vivem, o grupo social a que pertencem, o lugar vivencial em que se encontram, o espaço histórico em que estão situados são indiscutivelmente também os oprimidos:

As condições estruturais da nossa colonização não nos foram, porém, favoráveis. Os analistas, sobretudo os das nossas instituições políticas, insistem na demonstração desta inexperiência. Inexperiência democrática enraizada em verdadeiros complexos culturais.²¹

Freire aponta com clareza para o espaço social e a condição econômica ao afirmar a realidade de exploração do trabalho escravo tanto em relação aos indígenas quanto ao negro africano e faz referência ao aspecto cultural como característica da mentalidade que possibilitou a distorção do sentido cultural do desenvolvimento de experiências democráticas. Nessa abordagem o limite está na característica identitária e única do povo negro que, com seus valores, construiu um modelo alternativo:

Realmente o Brasil nasceu e cresceu dentro de condições negativas às experiências democráticas. O sentido marcante de nossa colonização, fortemente predatória, à base da exploração econômica do grande domínio, em que “o poder do senhor” se alongava “das terras às gentes também” e do trabalho escravo inicialmente do nativo e posteriormente do africano, não teria criado condições necessárias ao desenvolvimento de uma mentalidade

²⁰ RIBEIRO. 2012, p.7.

²¹ FREIRE. 2007, p.74.

permeável, flexível, característica do clima cultural democrático no homem brasileiro.²²

Nesse sentido, destaca-se a importância de retomar o pensamento a respeito da urgência e relevância da construção de valores culturais e pontuar que mesmo diante da invasão cultural histórica a que o povo negro foi submetido, o mesmo resistiu e garantiu sua identidade, sua cultura, suas tradições e seus valores. Este povo vivenciou, conforme está explícito nos textos das redações, a experiência de construção de alternativas de democracia, mas também deixou um legado e a possibilidade de conhecer e optar por um modelo de sociedade alternativa, conforme é afirmado nas redações dos alunos e das alunas.

O último aspecto apresentado anteriormente na perspectiva freireana é o que mais interessa. Freire afirma a invasão cultural, comum a muitos povos e grupos sociais, porém, possivelmente no seu contexto, na realidade em que foi escrito, este desconsidera a construção de valores que historicamente estiveram presentes na cultura brasileira, a partir do elemento afro e são confrontados na leitura das redações. A invasão cultural se defronta com a cosmovisão africana e com o processo de alienação eurocentrista construído pedagogicamente no universo de formação cultural, histórica de construção de valores pessoais e sociais. Isso se destaca com muita evidência no pensamento freireano sobre educação que indica ainda a urgência de uma práxis diferenciada, conforme ele mesmo afirma:

Neste sentido, a invasão cultural, indiscutivelmente alienante, realizada maciamente ou não, é sempre uma violência ao ser da cultura invadida, que perde sua originalidade ou se vê ameaçado de perdê-la.

Por isso é que, na invasão cultural, como de resto em todas as modalidades da ação antidialógica, os invasores são os autores e os atores do processo, seu sujeito; os invadidos são modelados. Os invasores optam; os invadidos seguem sua opção. Pelo menos é esta a expectativa daqueles. Os invasores atuam; os invadidos têm a ilusão de que atuam, na atuação dos invasores.²³

As redações da liberdade revelam a não invasão e ressaltam a autonomia e a criatividade como resistência. Elas apontam para a possibilidade de incentivar a pesquisa e cultivar a originalidade mantida e construída como primeiros passos da construção da igualdade entre diferentes numa cosmovisão e numa perspectiva de educação libertadora. Estas redações possibilitam o reconhecimento e a apresentação da história, da identidade

²² FREIRE.2007, p.74.

²³ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 48ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009, p. 173.

e dos valores de sujeitos autônomos e agentes da sua própria trajetória que garantiram sua originalidade na resistência e deixaram sua marca registrada.

As redações apresentam esses atores que permaneceram de pé no curso da história, se automodelaram e imprimiram seus nomes nas páginas brasileiras: João Cândido e Luísa Mahin, entre tantos outros, são descritos nestas e tantas outras redações, nos seus cantos e encantos, nas suas histórias e suas atuações, no processo de libertação que certamente tem marcas de uma sociedade alternativa democrática.

Autonomia e criatividade, pesquisa e originalidade, entre outros valores, conservados em cada palavra e no conjunto das redações, porém pedagógica e respeitosa lapidadas por aqueles e aquelas que auxiliaram no seu processo de revisão e elaboração final. Beleza e valores não perdidos, não roubados pela ação efetiva dos educadores e educadoras que acompanharam o processo de construção dos textos.

Os estudantes como autores próprios e independentes, sujeitos e modeladores do seu conteúdo, se tornaram desbravadores de páginas antigas e páginas da vida, algumas, resultado da oralidade, elemento próprio da cultura negra, construindo novos escritos.

A construção de valores com a educação libertadora exige a consciência crítica do educador e da educadora, da mesma forma do educando e da educanda, assim como o conhecimento desvela os "porquês" do que se pretende saber, penetrando os espaços das anotações nos cadernos, nos bancos das salas de aula, nos encontros de debates de educadores e educadoras, professores e professoras, as programações e atividades das coordenações, e até mesmo nas bibliotecas.

Assim aconteceu com as redações e no projeto. As redações se apresentam como o novo conteúdo produzido que necessariamente exige a dialogicidade nas relações entre os sujeitos. A realidade reconhecida nos textos apresenta o seu caráter histórico e transformador de pessoas e identidades, assim como da realidade social. Este elemento de dialogicidade que se destaca no momento de construção das referidas redações, também é ainda afirmado como redações da Camélia da Liberdade²⁴. Entendido "Camélia" como

²⁴ O Quilombo do Leblon, um dos mais conhecidos por sua posição dentro do movimento de libertação e as suas famosas festas promovidas pelos abolicionistas. Dentro deste quilombo foi produzido um dos maiores símbolos do movimento abolicionista: a camélia. Essa flor era a ligação mais rápida entre o negro fugido e o quilombo. Servia como uma espécie de código de identificação entre os abolicionistas, principalmente quando empenhados em ações mais perigosas, ou ilegais, como auxiliando fugas ou conseguindo esconderijo para os fugitivos. Quando um negro fugido avistava uma pessoa portando uma camélia, podia identificar imediatamente possíveis aliados abolicionistas ou que simpatizava com a ideia pelo uso de uma dessas flores no peito, do lado do coração.

símbolo importantíssimo no processo de libertação de tantos negros e negras no passado que se atualiza e dialoga com o presente com novos seres, sujeitos da liberdade.

Freire ressalta a necessidade do ser humano entender sua vocação ontológica, como ponto de partida para se obter uma consciência libertadora, isto é, o ser humano só chegará à consciência do seu contexto e do seu tempo na relação dialética com a realidade, pois só desta maneira terá criticidade para aprofundar seus conhecimentos e tomar atitudes frente a situações objetivas. Corroborando com o grande pedagogo, afirma-se no contexto da axiologia afro-brasileira na educação pública a necessidade de uma consciência da história e do tempo de forma crítica e de combate a toda expressão de educação que não dialogue com valores presentes na história e cultura do povo negro, nas suas diversas e diversificadas formas de manifestação, inclusive religiosa e não cristã. O diálogo é um passo revolucionário que se entende como possibilidade de construção social que passa necessariamente pela construção de valores culturais. Como escreve Freire:

Neste sentido é que a “revolução cultural” é a continuação necessária da ação cultural dialógica que deve ser realizada no processo anterior à chegada ao poder.

A “revolução cultural” toma a sociedade em reconstrução em sua totalidade, nos múltiplos quefazer dos homens, como campo de sua ação formadora.

A reconstrução da sociedade, que não se pode fazer mecanicamente, tem, na cultura que culturalmente se refaz, por meio desta revolução, o seu instrumento fundamental.²⁵

Essa revolução cultural oferece elementos que apuram e possibilitam o olhar de reconstrução histórica dialógica. Fundamentados num paralelo histórico, é possível afirmar a construção de uma sociedade diferente e alternativa. O ver a que nos referimos requer um olhar atencioso ao passado, tendo a história vista de baixo e as verdadeiras raízes, como referência colhendo os frutos promissores e esperançosos de uma educação revolucionária com uma axiologia contemporânea e de novos fazeres. Trata-se de propor uma revolução e uma educação que parte da escola e de relações sociais dialógicas.

Ao fazer a leitura das redações considerando os referenciais bibliográficos da história de um negro e de uma negra que construíram processos de libertação, apresentando biografias como elementos significativos para a ação dos docentes e

A Camélia era o símbolo por excelência do movimento abolicionista e da Confederação Abolicionista. As flores subversivas viraram símbolo da causa. Quem colocava uma **camélia** na lapela ou a cultivava no jardim da casa confessava sua fé abolicionista.

<http://www.primaveragarden.com.br/a-flor-subversiva/aceso10/10/2017>.

²⁵ FREIRE. 2009, p. 182.

discentes para o espaço acadêmico, na realidade se faz uma relação entre a teoria e a prática. E com isso se refaz uma práxis efetiva de recontar e reinterpretar a própria história.

Essa ação didática decorre do estudo aprofundado e refere-se à formulação de redações da vida vistas de baixo. Elas são entendidas na Tese como expressões que nesses sujeitos muitas vezes foram ditas no silêncio, muitas delas foram caladas. Lançamos nessa Tese um olhar diferenciado em que essas vidas agora são reconhecidas e conhecidas, lidas e valorizadas.

Esses conteúdos expressos em redações, essas práticas docentes e discentes e essas evidências educativas contribuem efetivamente para redefinir e consolidar a totalidade da visão de mundo apresentando indicadores significativos para aqueles que querem construir a igualdade racial e um modelo de sociedade diferenciada. A ação começa na escola, entendida de forma diferenciada, não como algo isolado e singular, mas sob um novo ponto de vista plural, sob a ótica das ciências humanas, das ciências sociais e da elaboração do discurso na corrente da história que se constrói com novos protagonismos. Esta vista de baixo, a partir dos pequenos e dos pobres, na construção e valorização de identidades, oferece uma nova visão de sujeitos e práticas que se defrontam com tantas outras construções que a contemporaneidade apresenta.

Ao tratar da “Escrita da História” como questão fundamental, Jim Sharpe (1992) a aponta como vista de baixo e constitui uma abordagem nova da história ou um tipo distinto de fazer a história. Esta abordagem será retomada ao tratar do lugar e da pertença como possibilidade de construção de valores em que se percebe o “auxílio ao estabelecimento da identidade das classes inferiores” e a possibilidade de reconhecimento que “a história vista de baixo mantém sua aura subversiva”.²⁶

Neste sentido se entende a análise dos escritos nas redações, a afirmação da Tese do estabelecimento das identidades e a contribuição subversiva que oferece para a educação, para a construção de valores educativos e sociais. Ou seja, para um novo paradigma axiológico e uma outra epistemologia, do reconhecimento de conhecimentos que surgem desta fonte dos pequeninos.

Os escritos dos estudantes vistos de baixo ocupam lugar de destaque no processo de conseguir ressignificar sua própria existência e sua própria identidade e dos seus. Agrega valor ao seu trabalho, à sua construção e de seus companheiros na compreensão

²⁶ SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In. BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 61-62.

coletiva de sua publicação no conjunto da obra sobre os personagens estudados. Uma escrita com uma visão própria que evidencia o lugar de um grupo, de uma categoria social, da sua pertença e participação subjetiva e coletiva. Escrita esta que apresenta a construção de sentidos para a vida e a educação.

Algumas dentre tantas redações de considerável qualidade são aqui apresentadas e analisadas como possibilidade de pensar uma educação diferenciada e contextualizada com o momento histórico de mais de uma década da elaboração da lei 10639/03. São escritos que demarcaram para a educação no Rio de Janeiro e São Paulo a evidência da possibilidade da experiência da educação libertadora e de apresentação da construção de conteúdos com a elaboração de redações sobre a trajetória de personalidades significativas que viveram e marcaram seu tempo e deixaram um legado para história do Brasil.

O primeiro é o relato de resistência e de liderança do marinheiro negro João Cândido que assumiu lugar de destaque na cultura brasileira. Foi cantado na música popular brasileira e conhecido em muitas Rodas de Samba do Rio de Janeiro, como Dragão do Mar. O segundo, da insubmissa africana que viveu no Brasil, lutou e conquistou com estratégias próprias e autênticas a liberdade, a quituteira Luiza Mahin. Outras produções também tão importantes estão presentes nos livros de Redação Camélia da Liberdade, expressando conhecimentos e valores vivenciais importantíssimos para a educação e a construção da cidadania no processo educativo. Assim se manifestaram Ribeiro e Costa sobre o tema:

Nos dois concursos anteriores, o CEAP trouxe temas e personagens marcantes da História e da cultura brasileira. “Solano Trindade, o poeta do povo”, “João Cândido: 100 anos da Revolta da Chibata” e, no ano de 2011, “Luiza Mahin, uma rainha africana no Brasil”. A resposta de alunos e professores aos temas propostos vem sendo excepcional. Não pela forma instigante com que as histórias dos “vencidos” são explanadas no material didático produzido pelo CEAP para o Concurso de Redação, mas, sobretudo, por essas histórias se confrontarem com as versões da história oficial, geralmente marcada pela omissão de fatos e deturpação das causas daquele acontecimento histórico.²⁷

Estes conteúdos passaram os cadernos dos alunos nas salas de aula, entraram nos debates de educadores e educadoras, professores e professoras, ocuparam as coordenações, entraram nas bibliotecas como conteúdos de aprofundamento e pesquisa e foram conhecidos nos pátios e auditórios das escolas, assim como no espaço público, de

²⁷ RIBEIRO. 2012, p. 9.

modo que pais e tantos outros representantes da sociedade leram e conheceram, comentaram e se encantaram com conhecimentos tão profundos e relevantes.

Conteúdos pesquisados, revisitados, revistos e reconstruídos sob uma nova ótica, sob uma nova perspectiva e um novo e outro protagonismo, revelam a construção e reconstrução de valores em educação e na sociedade. Os textos são simples e ao mesmo tempo de profundidade, e efetivamente apontam a possibilidade de construção de valores étnicorraciais nas práticas educativas e de considerações religiosas que vão ao encontro dos aspectos afrodescendentes. Os mesmos foram elaborados com uma originalidade única que se pode conquistar a partir do reconhecimento da pertença, da identificação participativa no universo do conhecimento e da inserção na história e sorte dos seus antepassados.

Ainda se destaca uma linguagem religiosa e na perspectiva teológica em que se pode fazer referência aos termos “Pais e Mães”, na dimensão de patriarcas e matriarcas e também de ancestralidade. São genealogias de tradições e valores fundamentais da construção da identidade do Povo de Deus, considerando uma Teologia e Eclesiologia Judaíco-Cristã ou com os significados de Ancestralidades Africanas, ou Afro-brasileiras que apontam para uma Teologia Africana Negra, compreendendo o sentido religioso na perspectiva cultural.

Apoiando-se no pensamento de Peter T. Nash, no seu texto sobre “Raça e a Bíblia”, em que ele aponta para novas possibilidades de que o povo negro habitou o Antigo Testamento, recorre-se ao olhar a genealogia, a geografia, a antropologia e a teologia bíblica na sua diversidade de textos. Aparece uma compreensão da vasta experiência de negros e de negras, de suas histórias e vidas construídas a partir da dimensão do compromisso social e religioso, considerando elementos presentes na cultura e religião cristã e não cristã de matriz africana.

No que segue, vou delinear quatro formas para se pensar sobre as raízes africanas dos povos do Antigo Testamento. Pode-se pensar nas três primeiras formas de aplicação do conceito moderno racializado de povos e suas cores - que continua sendo desenvolvido nos Estados Unidos - como tentativas de entender pessoas de descendência africana como agentes de sua própria história. Isto inclui, é claro, suas histórias religiosas.²⁸

Assim como pode-se encontrar entre tantos outros a grande riqueza da literatura e mais ainda da tradição oral, em que o elemento africano se faz presente como

²⁸ NASH, Peter. **Relendo Raça, Bíblia e Religião**. São Leopoldo: CEBI, 2005, p. 44-45.

possibilidade de releitura dessa cultura e religião, e que a tradição africana os conserva, estes são os itens que serão retomados em outro capítulo.

Nesses conteúdos são resgatados através das redações um processo de construção de conhecimento a partir da vivência do belo no espaço escolar com as produções dos alunos do Rio de Janeiro e de São Paulo registradas nas publicações “O silêncio da Chibata: redações de uma revolta na história” – CEAP, 2010²⁹ e “Luiza Mahin: lições de liberdade” - CEAP, 2012³⁰. Docentes e discentes, vivenciando a educação e pensando novos protagonismos, em que novas vozes se fazem ouvir e suas produções publicadas, conhecidas e lidas, evidenciam a elaboração de conhecimentos de base. Essas histórias que comumente não são ouvidas e nem lidas, consideram-se a partir desse movimento no conjunto da universalidade do conhecimento.

Seguem as abordagens das redações que foram analisadas e ocupam um lugar de destaque no conjunto das referidas publicações e reproduzidas na íntegra neste texto de doutorado. Elas serão devidamente comentadas evidenciando elementos significativos para uma axiologia contemporânea, ou seja, para a construção de valores em educação elaborados a partir da base, uma educação vista de baixo com seus autores e o alcance dos seus temas.

2.3 As redações, os autores, os temas e seu alcance

O tema das redações indica a importância das relações entre os sujeitos, educadores e educandos. Com os seus nomes, a identidade se destaca na perspectiva desta análise. Destaca-se na perspectiva a projeção social da educação com a apresentação do resultado final na publicação em livros. Os estudantes cidadãos que a partir do conteúdo das suas redações podem pelo conteúdo das suas redações, chegar a diversos leitores, mas protagonizados inicialmente na escola, no processo educativo. A atividade de construção textual aponta para uma nova forma de se estabelecer o encontro com a presença de uma tradição antiga – Ubuntu, que será desenvolvido na compreensão da dimensão do ser juntos.

²⁹ SEMOG, 2010.

³⁰ RIBEIRO. 2012.

Alunos e alunas do Rio de Janeiro e de São Paulo escrevem sobre o resultado de suas conversas em sala de aula, de estudos com os educadores e educadoras que resgataram a vida e a história de trajetórias do Rio Grande do Sul, terra onde nasceu João Cândido. Idas e vindas entre a África e o Brasil em que espaços e vivências de figuras históricas se entrelaçaram com situações e pensamentos atualizados no cotidiano escolar.

No texto, os escritores e as escritoras através da leitura de seus conteúdos viajam em espaços antes desconhecidos. O texto que chega onde o autor não esteve ocupa espaços novos que são reconhecidos e identificados com os autores na compreensão da pertença. O resgate das figuras históricas se completa na práxis vivencial. Ele, o líder de uma revolta, o profissional marinha, que foi cantado com o título de o "Almirante Negro", o "Mestre Sala dos Mares", um militar brasileiro da Marinha de Guerra do Brasil, líder da Revolta da Chibata - João Cândido. Ela, uma liderança feminina, que foi reconhecida com a profissão de "Quituteira", em que de seu tabuleiro distribuía as mensagens em árabe, através dos meninos que pretensamente com ela adquiriam quitutes - Luiza Mahin.

A lei foi sendo implementada numa perspectiva de construção da democracia pelas bases da educação, com o protagonismo de professores/as e alunos/as construindo uma nova história e cultura que se desenvolve a partir de um novo referencial que produz a beleza das redações. Isso leva a pensar que os conhecimentos e as reflexões se tornam universais e podem ser referenciais na luta pela sobrevivência no planeta, na busca de alternativas e de mais qualidade nas relações entre sujeitos, grupos e sociedade, construção de valores a partir da História e Cultura do Povo Negro.

Seguem as transcrições de parte do que se construiu nos anos de 2010 e 2011 com o Concurso de Redação Camélia da Liberdade. São algumas das tantas elaborações, aqui selecionadas pedagogicamente, publicadas junto com tantas outras de grande valor, o que totaliza 12 (doze) redações. Elas contam e descrevem uma diversidade de riqueza e de valores de um trabalho histórico, pedagógico, cultural, maravilhoso e de excelência, realizado no espaço escolar e na escuta de vozes criativas.

A escolha dessas redações não desqualifica outras tantas, pelo fato que as duas publicações são compostas de 55 (cinquenta e cinco) redações com o tema de João Cândido e 60 (sessenta) redações sobre Luiza Mahin. Além dessas, há outras que estão no arquivo do CEAP, que narram de forma direta a visão da história desses personagens e outros de realizações anteriores.

A diversidade se apresenta pela participação de estudantes tanto da rede pública quanto da rede privada, assim como algumas escolas confessionais. Evidencia-se o confronto da cultura negra com a cultura vigente, o enfrentamento dos valores sociais e de convivência no espaço religioso e educacional.

Apresentadas como resultado reconhecidamente positivo, essas redações revelam uma educação que promove a autoestima da criança negra, assim como registra seus nomes na história de forma pública e divulgada, conforme se poderão constatar a seguir.

No processo de construção da História do Brasil, assim como da educação na atualidade em cumprimento da lei 10639/03, destacam-se entre tantas outras as seguintes produções: “As redações sobre João Cândido” e “As redações sobre Luiza Mahin”.

2.3.1 As redações sobre João Cândido

Sobre o João Cândido as redações selecionadas do Rio de Janeiro foram as de Geisa Pires, Jurema Santa Bárbara e Alexandre de Lima Silva que apresentam no seu conteúdo a diversidade de maneira muito intensificada tanto no assunto, quanto na sua origem escolar. Um estudante do Instituto Federal no Rio de Janeiro e os outros dois estudantes de escola do Estado, eles apresentam sua visão, ganhos e conquistas que vêm do passado, assim como o posicionamento no universo e na natureza considerando laços de familiaridade e heroísmo, destacando-se a resposta dada à imposição do silêncio com um posicionamento de valentia.

Ao falar sobre João Cândido na primeira redação a aluna é capaz de afirmar que ele deixou um “legado” que faz a diferença. Para ela é como uma herança de um ancestral que lutou verdadeiramente pela liberdade. Destaca-se a cosmovisão que vem do mar, a força do ser humano de lutar no contexto desse elemento tão forte da natureza.

Na segunda redação a aluna é capaz de reconhecer em João Cândido um irmão, elemento de fundamental importância, pois destaca a ideia da pertença e o valor que é dado à família, assim como à ancestralidade. A autora reconhece na figura de João Cândido a necessidade da promoção ao título de Almirante e o chama de feiticeiro, afirmado como herói. Significados atribuídos ao nome João Cândido Resistência.

O tema do silêncio perpassa a terceira redação de Alexandre de Lima que é capaz de descrever a situação do silêncio e o sentimento de revolta que provoca. Destaca-se a capacidade de passar por cima e ser valente. A valentia se apresenta como contraste à

passividade. O “Silêncio” é que provoca a revolta, sentimento esse cultivado por tantos homens e mulheres negros na história do Brasil.

Uma outra releitura é possível a partir da sensibilidade e do lugar que se ocupa na história. Trata-se da pertença que contrasta diante do sistema e que questiona a postura dos poderosos. Revela um outro olhar sobre a história e seus sujeitos.

Na versão oficial, João Cândido não passa de um marinheiro insubordinado que violou o código de disciplina militar, mas a realidade histórica comprova que João Cândido pôs em xeque a legitimidade da autoridade republicana que, de fato, não demonstrava nenhum conhecimento no que ocorria em uma das principais instituições da República.³¹

A seguir as redações sobre a realidade de outro estado, o de São Paulo. Com o olhar apresentado nas redações ao trabalhar essa perspectiva de lugares diferentes torna-se possível vislumbrar a universalidade e abrangência do tema, e como os sujeitos distintos têm visão complementar, assim acrescentando mais e diferenciados pontos de vista.

As redações de São Paulo que seguem, ainda sobre João Cândido apresentam o protagonismo de uma menina, a Ana Carolina Gonçalves Elói e de dois meninos, o Vitor Hugo Santana Duarte e o Guilherme Lourenço da Silva. Deste lugar os alunos apresentam no seu conteúdo a diversidade de maneira muito intensificada tanto no assunto, quanto na sua origem escolar. Nestas a diversidade se acentua a partir do lugar social que ocupam, pois entre os três alunos, os dois primeiros de Escola do Estado e a terceira redação da aluna de uma Unidade de Internação Provisória, o que destaca a sua origem, como parte de um grupo social que se encontra em uma condição de marginalização. Deve-se destacar essa peculiaridade singular, o fato de que se inclui além das Escolas Estaduais, a presença de um adolescente de uma Unidade de Medida Socioeducativa para Menores em conflito com a Lei, da Fundação Casa - São Paulo (Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente) na qual cumpria ordem judicial. É relevante entender como dessa realidade marcada pela presença de sujeitos marginalizados se produz conteúdos tão importantes e significativos.

A aluna apresenta criativamente na primeira redação a ideia de utopia marcada pela busca da “Igualdade”, em contraste com o jeito como os negros marinheiros eram tratados durante o período da escravidão. Esta que se constrói com a guerra e a vitória

³¹ RIBEIRO. 2012, p. 9.

sobre os que levaram à escravidão os filhos arrancados de suas mães e que tiveram seus sonhos perdidos. Ana Carolina Gonçalves Elói apresenta a verdade de como João Cândido foi traído, porém, mesmo traído é o vencedor da Revolta da Chibata.

Identidade, negritude e igualdade pela descendência são afirmadas pelo aluno na segunda redação do Estado de São Paulo. A compreensão do poder do negro que pode vencer tanto as chibatas, quanto, o racismo. O autor reivindica no seu texto o respeito tanto para si quanto para os seus, trabalha a ideia de temporalidade, no sentido que os valores são válidos tanto para agora quanto para a memória dos ancestrais.

Guilherme, o aluno que conhece o que é a retenção, apresenta com sabedoria a condição dos Marinheiros Escravos, apontando o que foi a manifestação destes e ao que eram submetidos. Consegue unir a luta de João Cândido à luta dos de hoje, faz a memória e mostra as raízes da desigualdade, propondo sair da superficialidade e entender a necessidade de acender a chama forte da liberdade; ele aponta para a importância de recordar também as datas e suas memórias.



Imagem 04 - João Cândido³²

³² <https://br.images.search.yahoo.com> Acesso 28/05/2018.

2.3.1.1 João Cândido: as redações do Rio de Janeiro

As produções textuais que seguem apresentam o resultado de um trabalho intenso de pesquisa e elaboração de saberes. Estas, comprometidas com a fidelidade histórica a respeito do personagem, apresentam a forma de assumir o tema para a própria vivência e compreensão da realidade social e da educação, assim como o desafio cultural que os temas apresentam.

Os temas são sugestivos e ajudam a pensar na herança como um legado, nos laços familiares criados como irmandade e construção de valores familiares e na transformação possível diante da realidade da revolta e na condição de silêncio.

A leitura das redações remete ao encontro entre o passado histórico de João Cândido e a realidade vivencial atual dos alunos e alunas, sobre a qual não se pode silenciar. Vindas do espaço escolar as redações podem naturalmente ser consideradas como parte do conteúdo formador.

2.3.1.2 As redações

O LEGADO

Aluna: Geisa Pires

O que sabemos e temos hoje? De onde vem o poder imperioso de gritar e sair pelas ruas reclamando os nossos direitos? De quem herdamos essa liberdade pressuposta? A resposta é simples: dos deserdados da nossa República, de pessoas que finalmente entenderam que não é hora de ficar calado, mas sim de fazer a diferença na sociedade hipócrita que vivemos. Quem pensa que uma pessoa só não pode mudar a forma de ver das pessoas, ainda não conhece a história de quem verdadeiramente não se importou com situações contrárias e fez ouvir a sua voz.

É só abrirmos nossos extensos livros de História do Brasil e procurarmos em um pequenino espaço que relata o início da nossa República, que encontraremos alguém que por sua história, de luta e de conquista, não se deixou levar pelo medo e dor que podiam lhe afligir. Esse é João Cândido. Ele levou muitos homens, que, como ele, sofriram humilhações e maus tratos físicos, a pensarem sobre o que é a verdadeira liberdade, declarando que ninguém tem direito sobre nossa vida ou corpo. Em uma empreitada difícil conseguiu direitos que ele mesmo não viveu. Livrou-se das chibatadas e da má alimentação, mas acima de tudo, deu aos seus irmãos o orgulho de poder dizer: “Eu sou negro! Levo em meu sangue a herança de luta, mas também de vitória!”. Navios e história. Tentativas, erros e acertos. A descrença e desesperança foram substituídas por força e coragem. Tudo começou com João Cândido. E continua agora com a luta dos negros, por aquilo que lhes é mais do

que de direito - e não é só dos negros, como também de qualquer pessoa, independente da etnia -, a igualdade. Por que então a história desse herói não é contada às crianças e nem tida como motivo de orgulho para o nosso país?

Nós somos a mistura, temos várias culturas em nosso sangue, não há motivos para discriminação. Não podemos deixar que apaguem o nosso passado como bem entendem, é a nossa história e nossa vida, temos que falar disso, lutar por isso, viver disso, assim como aqueles homens que, mesmo na prisão, honraram sua missão até o fim.

Quem somos hoje vem também desse episódio quase esquecido e do “Almirante” a quem não foram atribuídas as honrarias devidas. Por isso, não apenas devemos lembrar, mas sim levantar a voz contra o preconceito, seja ele qual for. Devemos fazer valer a igualdade descrita na Constituição, e que um papel se transforme em um conjunto de ações, só assim poderemos dar “Glória às lutas inglórias”, fazendo com que os brasileiros carreguem, falem e se orgulhem do seu legado negro.

IFRJ - Duque de Caxias
Professora orientadora: Jaime Lucio F. Ribeiro

JOÃO MEU IRMÃO

Jurema Santa Barbara Miguel

Quero contar a história de um irmão, daqueles que lutaram para tentar escrever uma história diferente para nossa terra. Mas essa é mais uma das histórias que foram escritas a sangue, sangue tão rubro que marcou uma das páginas do nosso país que jamais será esquecida. O sangue com que foi escrita faz contraste com o Cândido, o Cândido do nome, e apenas do nome de um certo Feiticeiro ou Almirante, que cruzou os mares da nossa história. Filho desta terra como eu, nascido em 1880, na então província do Rio Grande do Sul. Filho legítimo daqueles que um dia foram arrancados de seus reinos para servirem a senhores que não tinham honra nem hombridade. Nada sabiam de compaixão e humanidade, crescido no solo da servís e alistado no Mar das humilhações com 13 anos de idade.

Servindo ao mar e partindo para a terra na qual ele jamais se esquecerá, e onde também não mais seria esquecido, o Almirante toma para si um novo sobrenome: Resistência. Um irmão. Um descuido. A maldade. O prazer da humilhação. Chibatas que cantam no lombo e fazem ressoar outra vez toda uma sintonia de gritos e estalos de chicotes, já muito conhecidos pelas peles que carregavam a cor que pareciam ser sempre o destino preferido da dor, por onde o sangue já sabia como descer e como cair em silêncio para ser esquecido sobre a terra, aos pés daqueles que impunham o horror.

Mas o barulho das chibatas e os gritos de dor não foram mais altos que o grito que vinha da alma daqueles que mais pareciam Palmares ressurgidos, com o que seria o próprio Zumbi revivido na pele de João Cândido.

E o grito se deu e clamava pelo fim do castigo físico. Um bombardeio ameaçava, e o governo, que havia perdido, aceitou o ocorrido e concordou com as exigências. Deu a palavra e a promessa, mas após o trato feito revelou-se o desrespeito. Mas a resistência é palavra que nasce nas horas certas, que renasce quando é preciso, mesmo tentando calar, o grito outra vez ouvido, mas como toda a história, o fraco foi preterido. Sendo assim reprimidos, foram lançados às celas, que em condições desumanas, escondiam as faces dos seus irmãos sofridos; alguns outros embarcaram numa última viagem à Amazônia. Foram castigos mortais, pois a morte os separaria de seus ideais.

Nosso Herói Almirante foi expulso de seus mares e foi internado no hospício, como manda o “figurino” de um país onde heróis que não são mortos são considerados loucos. Se loucura ou não, não sei... Mas 100 anos se passaram e hoje, eu também, filha dessa terra há tantos anos, ainda ouço o som que ecoa em meus ouvidos. Som das chibatadas e do grito, que pensaram que seriam esquecidos com a morte de um herói. Um herói tão comum como eu ou como qualquer cidadão e trabalhador, que lutam todos os dias por uma vida melhor e justa para si e para os seus. Esse som que conta a história do passado desse povo, não ficou calado, é grito em repouso.

A loucura eu acredito, foi pensar que esqueceriam a figura de João, meu irmão pelos mares dessa terra. E refiro-me ao João Cândido aquele que de Cândido tinha apenas o nome e que em 22 de novembro tomou por Resistência seu sobrenome. O tempo nos fez distante, mas com tanto em comum: a luta, e a garra para lutar por sobrevivência mais digna. João Cândido Resistência, um herói que eu apresento: aquele que faz seu grito chegar até nosso tempo.

Colégio Estadual Arruda Negreiros
Professora orientadora: Maria de Fátima Braz da Rosa Barbosa

A REVOLTA E O SILÊNCIO

Alexandre de Lima Silva

Sentimento terrível este de revolta, mas todos sem exceção passaram pela experiência da revolta e podemos analisar que é um sentimento com voz, força, ação, destemido, rompedor, vibrante e contagiante. Em vista disso, dissemos então que quando algo nos aflige e nos causa este sentimento na alma, transbordamos com força e deixamos transparecer todo ardor deste sentimento. Deveria ser assim, mas tomados pela covardia das conveniências, dos supostos bons modos, pela frieza da indiferença e aniquilado como mais um frígido orgasmo fingido, vemos esse sentimento movedor ser amansado pelo silêncio, fúnebre silêncio, e não me venha com balelas dizendo-me que não agistes assim. Mas graças a Deus há valentes. Homens de brio, que não temem a própria morte. Morte que é a mais poderosa! Há valentes! Há valentes! Hoje, na história, um valente a toma para dançar. Muitas vezes a história esconde ou tenta esconder, mas a ação dos que dão asas a esse sentimento é mais forte. Há homens valentes sim.

Contamos, variando os aspectos da mesma história, e dissemos, é negro, como a negritude tem força e é capaz. Dissemos é pobre, como aquele que carrega o peso nas costas para se sustentar. É analfabeto, como aquele que nas letras se atrapalha. Há valentes.

Relutam os que tentam esconder a história dos bravos valentes, dizendo: amotinados, insubordinados e assassinos. Mas há valentes que erguem da justiça a clava forte e verás que o verdadeiro filho teu não foge à luta, mesmo que a pátria amada ou mate. Há valentes.

Marinheiro Almirante. Negro maluco solitário, mas um valente.

A revolta e o silêncio nunca andem juntas. Por favor não sufoque com cal ou amarrando suas pernas, nem tranquem os valentes.

São valentes e vivemos melhor hoje por causa de valentes.

Não silencie a revolta.

Dissemos muitas vezes, isso é cruel, dos que dão a voz ao sentimento, é rebelde, está indo contra as regras, as leis, mas que, na verdade, lutam para melhorar as regras, as leis, a sociedade, a vida. E para isso dão a sua vida.

Vida castigada já pelas duras regras e leis que, ainda e após, nos contam os livros não recomendados pelos anos da ditadura. Que contam as vidas tiradas, castigadas. Mas ai de nós se os valentes não fossem valentes,

talvez a nossa vida hoje, também, estivesse sendo castigada, sofrendo a ferro em calabouços silenciosos.

Revolta não se enamore do silêncio. Silêncio deixe de ser mordaca na revolta.

Colégio Estadual Bom Pastor
Professora orientadora: Maria Valdiza Rogério da Silva³³

2.3.1.3 João Cândido: as redações de São Paulo

Uma segunda expressão em uma outra realidade, no Estado de São Paulo, traz também a evidência dos valores presentes ainda na figura de João Cândido. São textos que seguem a mesma perspectiva, como o resultado de um trabalho intenso de estudo e elaboração de conhecimentos, porém, estes um pouco mais distanciados do lugar vivencial do personagem, mas com o mesmo esforço de fidelidade histórica a respeito do personagem, assim como na pesquisa da vida e feitos do personagem, relacionando com a realidade vivida na educação.

Os temas são criativos e com sentido figurado como “o pássaro que ousa cantar a igualdade”, o valor da identidade racial juntamente com a afirmação de ser negro é o que enaltece o título de João Cândido como “Mestre-sala dos mares”. A leitura possibilita voar como pássaro e também navegar como um marinheiro em busca do encontro entre a identidade do passado histórico na figura de João Cândido e a identidade que se revela na realidade pessoal e vivencial do aluno, da sociedade, da cultura e da educação na atualidade.

2.3.1.4 As redações

O PÁSSARO QUE OUSOU CANTAR A IGUALDADE

Ana Carolina Gonçalves Elói

A Revolta da Chibata foi um grito que clamava por uma liberdade perdida sobre a penitência de um triste tronco, no açoitar de uma serpente demente, sedenta por derramar sangue negro como o breu da noite, tal grito ecoou do peito de um jovem negro, o menino João.

³³ SEMOG. 2010, p. 13-17.

O Almirante Negro, que revelou ao mundo através de sua utopia, de que todos os homens são iguais; a insatisfação de um povo contra o jeito como eram tratados.

E num lapso de extrema coragem ou loucura, João apontou os canhões de seu navio para o coração de uma pátria injusta. A grande capital, até então, estava agora ameaçada por um de seus filhos bastardos. O Rio de Janeiro tremeu por conta das balas que mais que pólvora estavam carregadas com todas as lágrimas derramadas pelas negras mães que tiveram seus filhos arrancados de seus seios, por todas as gotas de sangue negro que pingam no assoalho dos navios, pelas 250 chibatadas que feriram todo um povo; pelos sonhos perdidos, pela inocência negada e principalmente caminhões carregados com esperança de toda uma raça.

Os dias que seguiram foram de tensão, mas as promessas daqueles que jamais terão a honradez de realmente dar a vida por sua pátria, fizeram o grande João Cândido baixar armas; sua inocência o fez acreditar nas falsas palavras que pronunciaram o seu pedido atendido.

Traíram, prenderam o passarinho que cantou a igualdade. Só que o Almirante não desistiria jamais de sua quimera; e julgaram o guerreiro como louco. Da prisão ao manicômio, e mesmo numa fábrica de loucos, João cantou sua demência de que todos os homens são iguais...

No fundo, os soberanos governantes sabiam que o sonho do negro João jamais seria a realidade. Soltaram o Almirante Negro para que ele, estando livre, pudesse ver seu sonho padecer dia a dia, numa luta, numa causa perdida, uma vez que o coração do homem jamais vê todos da mesma forma.

João Cândido morreu sem ver estampado no rosto de cada irmão de cor a sua vitória.

Mas nós sabemos que João só perdeu uma das primeiras grandes batalhas, pois a guerra pela igualdade é bem maior e a Revolta da Chibata foi apenas o primeiro sinal de que não estamos mais dispostos a conviver com essa desigualdade, que classifica a todos por raça, credo ou cor.

Todos que possuem no peito um coração que bate fortemente são considerados iguais porque estão vivos, e principalmente porque são humanos.

Escola Estadual Doutor Miguel Priante Calderaro
Professor orientador: Valdeci Benedito Fernandes

SOU NEGRO

Victor Hugo Santana Duarte

Sou negro, nasci Negro. Sou descendente de Zumbi, somos todos heróis. Nasci em uma sociedade sofrida, formada por negros e brancos, no dia 24 de junho de 1880. A mistura de meu povo me fez criar o orgulho que sustentei durante anos: lutar contra o racismo sempre me trouxe a vontade de mostrar cada vez mais o meu papel desempenhado no mundo.

A indignação em meu peito brotou quando, ao entrar num navio como grumete percebi o racismo, desgostoso poder dos brancos sobre os negros. Meu povo não nasceu para ser humilhado, deixado de lado. Somos humanos como todos vocês, queremos é o direito de mostrar quem fomos e quem somos.

E como reles lavador de convés, mostrei ao mundo o poder de ser negro, de ser preto como sou.

As chibatadas feriam meus companheiros negros, eles eram humilhados, postos pelados diante de todos. Risos, gargalhadas? Somente dos que não tinham coração, daqueles que causavam o sofrimento no grupo descendente de Zumbi. A revolta subiu-me ao meu peito, precisava fazer algo. Alguém tinha que acabar com toda essa afronta, essa perseguição, esse racismo.

Reuni um grupo de marinheiros negros e alguns brancos que, assim

como eu, não sentiam prazer em apanhar nem ver o sofrimento dos de nossa etnia. Naquele momento, mas era chibatado. Senti a dor apenas de ver as cordas da chibata tocarem na pele negra e brilhosa de suor e sangue. O medo estampado nos rostos de alguns espectadores, outros deixavam escapar o intenso agrado da dor fulgurante.

Precisávamos mesmo fazer algo, e o fizemos. Tomamos aquele navio da Marinha e, em seguida mais outros e outros. O nosso único desejo, puro e verdadeiro? Cessar a pancadaria das chibatas, não mais queríamos ser deferidos a golpes dos chicotes que tanto nos rebaixavam.

Tenho orgulho de dizer que sou negro, pois, sendo desta cor consegui que cessassem o uso das chibatas. Fui preso, apanhei, sofri calúnias. Mas sou herói! E, assim como meus descendentes negros mostraram ao mundo quem eram, com as danças e religiões que trouxeram consigo para apenas esquecerem do duro serviço escravo que lhes era imposto, mostrei para os brancos quem fui.

Os negros querem apenas que cultuem os heróis como eles são, e não apenas os tratem de diferentes modos. Quero respeito para mim e meus ancestrais! Nós, negros, devemos apenas continuar a lutar. Essa grande luta contra o etnocentrismo, essa luta de Zumbi. Não queremos mudar a história, apenas desejamos que ela seja contada da maneira como, de fato, aconteceu, sem esconder o sofrimento e a conquista de nosso povo.

Criamos em nosso sangue, desde o início da escravidão, do racismo, o poder de resistir. Nós opuzemos em revoltas e, revoltados, mostramos a todos que o negro, por mais que seja de uma cor diferenciada e mais escura, não é ponto de discórdia, de sofrimento, de escravidão. Somos capazes, temos um intelecto. Somos afros, todos os filhos de Zumbi.

Escola Estadual Líbero de Almeida Silves
Professora orientadora: Maria Cristina Ribeiro C. Lalo

O MESTRE SALA DOS MARES

Guilherme Lourenço da Silva

Em 1910 aconteceu uma das maiores manifestações sociais da história, que tinha como intuito melhorias na condição de trabalho dos Marinheiros e, como desejo primordial, o fim das chibatadas, um castigo físico comum na época, apesar do fim da escravidão. Essa manifestação ficou conhecida como a Revolta das Chibatas e teve como líder João Cândido Felisberto, um gaúcho, negro, filho de ex-escravos que carregava em suas veias uma enorme sede de igualdade e de dignidade.

No início do século XX os marinheiros eram obrigados a trabalhar nos navios da Marinha brasileira. Não era opção deles; a exceção era João Cândido que desde pequeno tinha o sonho de aprender a profissão. Seu desejo foi realizado e durante 15 anos se empenhou, lutou, foi promovido a cabo, recebeu elogios, críticas e até concluir que deveria reivindicar o fim das torturas.

Para muitos a manifestação não passou de uma tentativa dos marinheiros afrodescendentes que tinham em mente mudar uma dura rotina de trabalho a qual eram submetidos. Apesar de não alcançar seus objetivos, essa manifestação sinalizou um dos primeiros passos da população negra em busca de seu espaço na sociedade. O sentimento do Almirante negro foi de derrota, de angústia, mas, apesar disso, carregou consigo o mesmo pensamento de Zumbi dos Palmares, de Martin Luther King e de Nelson Mandela, ou seja, uma vontade de equiparar uma sociedade que traz em suas raízes a desigualdade.

Suas atitudes trouxeram bons frutos para o presente, e quem sabe trarão frutos melhores para o futuro.

Portanto devemos eliminar a nossa visão superficial e parabenizar a

atitude dos descendentes de Zumbi que, apesar de mortos e frustrados, acender uma chama, a chama da Liberdade que deve permanecer forte com a ajuda e colaboração de todos. A data de 22 de novembro de 1910 teria que ser feriado nacional similar ao Dia da Consciência Negra devido a sua grande importância. Homenagem aos corajosos guerreiros foi feita em uma canção da música popular brasileira escrita por Aldir Blanc e João Bosco, chamada "O Mestre Sala dos Mares". Os marinheiros se foram na Revolta, porém, podemos considerá-los heróis brasileiros devido a sua coragem, persistência, força e principalmente, uma vontade de justiça. Justiça de sermos todos iguais, sem preconceito, sem diferença, sem exploração, mas com muito trabalho, garra e luta.

Ana Carolina Campos B. Feitosa
Luana Morena Carollo Ferreira
UIP (Unidade de Internação Provisória)
Rio Tamisa - Complexo Brás - Fundação CASA³⁴

2.3.2 As redações sobre Luiza Mahin

Sobre o tema da Luiza Mahin as redações selecionadas no trabalho do Rio de Janeiro foram as de Guilherme Estevão de Lima Maciel, Andressa de Paula Souza Arruda e Priscila Gomes da Silva.



Imagem 05 - Luiza Mahin³⁵

³⁴ SEMOG., 2010, p. 59-63.

³⁵ <https://br.images.search.yahoo.com> Acesso 28/05/2018.

Na primeira redação um aluno do Complexo do Alemão, adolescente de uma realidade dura, marcada pela exclusão e pela violência, é capaz de estudar o conteúdo proposto e assumir o tema de Luiza Mahin com o título tão especial, a luz. Ele apresenta uma relação com a cosmovisão que é fundamental para a vida e o posicionamento do ser humano no universo.

Na segunda e na terceira redação, as redações selecionadas apresentam alguns elementos em comum da grandeza de Luiza Mahin. A segunda redação da aluna da rede pública, Colégio Estadual, apresenta no seu tema o heroísmo e a bravura da mulher e mãe em confronto com a literatura e a mídia, assim como as políticas que privilegiam os brancos. Ela valoriza a Lei 10639/03 como aliada dos negros na atualidade. Faz um diálogo entre o passado e o presente.

Na redação seguinte, assim como na anterior, a autora também é oriunda da Rede Estadual de Ensino. Ela questiona a hierarquia cultural e em contraposição enaltece a figura da mulher negra e mãe reconhecendo nela também um grande heroísmo. Esta aponta um novo olhar, que tem sido pensado nesse texto como “um outro olhar” que se refere aos afrodescendentes, conservando a importância da ancestralidade e do passado. Menciona a Lei 10639/03 e o Currículo Escolar como ferramenta para a superação do racismo.

Esta superação é apresentada no propósito do concurso de redação, conforme afirmado no prefácio do livro publicado. Destaca-se nesse sentido a afirmação de que as respostas dos professores e alunos foram excelentes, o que confirma um protagonismo que se constrói na história de educação destes referidos sujeitos, por vezes também ocultados pelo sistema vigente, mas que conquistam visibilidade pela realização destes desafios. Ribeiro e Costa escrevem na apresentação do livro:

Ao definirmos a personagem Luiza Mahin como tema do Concurso de 2011, buscamos uma mulher emblemática e que expressasse a capacidade de superação, a delicadeza no trato com a vida, todo vigor e firmeza de propósito que as mulheres negras brasileiras têm demonstrado no correr da nossa história. As respostas dos alunos e professores foram excelentes e estão neste livro de redações “Luiza Mahin: lições de liberdade”, que ora publicamos.³⁶

A informação exitosa vale tanto para as que foram comentadas até então, do Rio de Janeiro, quanto para as seguintes, resultado da experiência marcada pela realidade do estado de São Paulo em que se destaca renovadamente o valor do trabalho docente tanto

³⁶ RIBEIRO. 2012, p. 10.

quanto dos alunos na composição dos seus textos, com pontos de vista diversificados e uma multiplicidade de conhecimentos. Destaca-se nesse bloco de redações a evidência dos valores familiares na referência que se faz ao filho Luís Gama na relação com a mãe Luiza Mahin.



Imagem 06 - Luís Gama³⁷

Das redações trabalhadas em São Paulo foram recolhidos os textos de Ana de Sousa Neta Bezerra, Lucas Vinicius Alves dos Santos e Matheus Guimarães França. Nestas a diversidade de espaços de educação se torna evidente. Um é o espaço de educação de jovens e adultos, o outro mais uma vez uma Unidade de Medida Socioeducativa para Menores em conflito com a Lei e, diferentemente a terceira redação oriunda de outra classe, uma escola confessional.

A primeira redação escrita por uma aluna participante de um processo de Educação de Jovens e Adultos, mulher madura que retoma sua formação já com mais

³⁷ <https://br.images.search.yahoo.com> Acesso 28/05/2018.

experiências da vida e que consegue reconhecer na figura de Luiza Mahin a herança de uma rainha esquecida, porém, reconhecida por uma outra mulher no processo de educação, destaca-se a ideia de pertença. Ela vive como tantas outras, ainda que tardiamente, mas com possibilidade de expressar seus valores que lembram a figura feminina de Luiza Mahin, na história de mulheres negras.

Na segunda redação a geografia aparece. O espaço é valorizado, destacando-se a importância da memória preservada na beleza da poesia e do canto. O valor da descendência se acentua assim como o da religiosidade e da identidade pessoal como um mistério, como um enigma, que o autor da redação denomina como incógnita.

Na terceira redação “No caminho da liberdade”, aparecem os elogios do filho Luís Gama para a mãe Luiza Mahin, destaca-se o exemplo da resistência e da liberdade atualizada nas palavras do aluno. Ele a apresenta no conjunto da atualidade juntamente com a personagem em estudo, o tema do ano anterior, João Cândido, aqui também estudado. Claramente aparece a visão ampla do estudante sobre os direitos e a justiça.

2.3.2.1 Luiza Mahin: as redações do Rio de Janeiro

Os textos recolhidos que são apresentados a seguir, revelam um trabalho de natureza feminina e belíssimo de pesquisa e elaboração de conhecimentos adquiridos sobre a figura que a trajetória histórica apresenta como liderança e símbolo de luta pela liberdade. A leitura feminina prevalece nos textos a respeito do personagem, apresentam a forma de assumir o tema para própria vivência e compreensão da realidade social de exclusão da mulher e desafios culturais, religiosos e sociais para a educação.

Os temas ajudam a pensar o simbolismo da luz ao ser reconhecida como a “Luz de Dahomé”, assim como a veracidade de uma realidade com o tema sugestivo da Rainha de verdade e ela, a personagem como um novo olhar para a história. A expressão cultural afirmada no simbolismo, o valor da verdade e a exigência de atualização histórica conduzem a leitura das redações que seguem. Elas foram inspiradas e realizadas a partir do lugar que Luiza Mahin não conheceu, nem passou, mas em que deixou sua marca nas redações e na vida das alunas e dos alunos, assim como da realidade cultural e educacional do Rio de Janeiro.

2.3.2.2 As redações

A LUZ DE DAHOMÉ

Guilherme Estevão de Lima Maciel

A insubmissa candace da Nação Mina JeJe, Luiza Mahin é fruto da semente africana plantada em terras brasileiras, que se tornou uma frondosa árvore cuja raiz se expandiu por todo território e de seus galhos brotaram lindas flores, evidenciadas no ébano da pele do povo. A negra guerreira não se limitou a ser, apenas, um símbolo da África no Brasil, mas tornou-se um emblema na luta dos negros por seus direitos, na participação feminina na história do país e na propagação do ideal de igualdade na antiga colônia.

A trajetória de vida de Luiza Mahin é o retrato da luta africana contra as amarras da escravidão no Brasil. Aprisionada no Sudão, brotaram em seus pulsos, nos porões doentios do Negreiro, as algemas da dor. Posteriormente, os grilhões do sofrimento tornaram-se um princípio de luta e conduziram a trajetória dessa guerreira em solo brasileiro. A “mui” bela e formosa pretinha capitaneou a luta de centenas de negros, disseminando doces ideais de igualdade a seus irmãos de cor, através dos quitutes que comercializava pelas ruas de Salvador.

Essa rainha Nagô fincou seu nome na trajetória da participação das mulheres na construção da história do Brasil. Tal fato é resultado do uso de sua aura feminina soberana na condução do movimento dos negros malês, sobretudo em busca de tolerância religiosa e liberdade. Essa mobilização pode não ter conquistado, de imediato, os direitos a que reivindicava, mas borrifou pelos ares uma essência de luta fundamental para as conquistas obtidas à posteriori e consolidou o nome da Antígona africana na história.

Luiza Mahin não adquiriu o papel de protagonista na história apenas pelo rastro de dignidade que demarcou em terras brasileiras, mas também por trazer ao mundo, através de seu bendito ventre, um herói e mártir dos escravos: Luís Gama. O igualmente insubmisso poeta mestiço herdou o sangue indócil de sua mãe e, valendo-se de seus versos românticos e de sua formação em Direito, lutou para que os negros tivessem o direito à voz, mantendo hasteada a bandeira cosida por sua mãe.

Ressalta-se, então, a importância da constante exaltação desse símbolo de valentia, nomeado como Luiza Mahin, a fim de reavivar parte rica da memória do país, que se oculta em favorecimento da glorificação de outros fatos e personagens que não carregam consigo tamanha relevância cultural. Em meio aos espinhos da opressão, Luiza floresceu com uma Camélia da Liberdade. Quando se fazia presente nesse mundo, iluminou o caminho de seus irmãos e ao se tornar luz, a Luz de Dahomé, conclamou, com axé e ao som dos atabaques dos divinos Alabês, os anjos da liberdade.

Pré – Vestibular Social CEDERJ
Polo Complexo do Alemão – Rio de Janeiro
Professora orientadora: Luise Campos da Silva

UMA RAINHA DE VERDADE

Andressa de Paula Souza Arruda

Sabemos que o Brasil tem uma cara diferente do que a mídia nos apresenta todos os dias. Temos grande população negra, a segunda maior do mundo, porém muitos feitos heróicos e muitos heróis negros são camuflados

pela mídia, o que justifica o fato de não conhecermos Luiza Mahin, uma rainha africana que veio para o Brasil com outros milhões de negros, se tornando aqui uma escrava. É de conhecimento de todos que a elite branca não criou políticas públicas para dar alternativas aos afrodescendentes de ter direitos à igualdade, como fizeram com os europeus imigrantes que aqui chegaram. Além disso, os negros nunca desistiram de lutar por liberdade, resistiram bravamente à escravidão desde que colocaram os pés em solo brasileiro. Tendo em vista que nos foram omitidos pela história oficial os feitos heróicos dos representantes do povo negro no Brasil, muitos Heróis foram escondidos e agora só através de uma lei foi possível conhecer a extraordinária história da rainha Luiza Mahin. Hoje é possível conhecer sua história através de projetos que tentam resgatar essa memória por muito tempo camuflada. Luiza Mahin foi roubada cruelmente de sua terra natal, cultura e religião para ser usada como escrava, de seu seio foi arrancado seu filho amado a quem desde os 10 anos nunca mais viu; seu filho, conhecido como Luís Gama, foi um grande escritor e advogado que sozinho libertou mais de 500 escravos; logo após a partida forçada da mãe, foi vendido por seu pai, que era branco, para pagar dívidas de jogos, mas não perdeu sua essência, sua sensibilidade para retratar sua amada mãe em um poema, que chamou de “Minha Mãe”, por isso nossa rainha ficou conhecida. Luiza Mahin, com sua força de vontade, lutou contra a intolerância religiosa e pelo fim da escravidão. Essa guerreira a quem os negros respeitavam nunca os abandonou, enfrentou seu destino e ainda assim não foi bem-vista por alguns historiadores como Pedro Calmon, um historiador branco que retratou Luiza Mahin de um ponto de vista encharcado de preconceito racial. Nem todos têm este tipo de pensamento, como Ana Maria Gonçalves, uma mineira que escreveu um romance intitulado um defeito de cor, onde exaltava a rainha por seus atos heróicos. Luiza Mahin foi deportada para a África, pois de certa forma estremeceu a elite brasileira, que se sentiu ameaçada pelo poder de voz que ela possuía, chegando ao ponto dessa elite branca diminuir os negros, social, cultural e economicamente, porque, até onde se sabe, a pobreza do povo negro não é por falta de inteligência, muito menos por preguiça e sim por um erro histórico, que sempre impediu o negro de ter ascensão social, criando leis para impedi-los de possuir terras, enquanto que para os europeus foram criados caminhos e possibilidades de crescimento econômico. Em virtude de tudo que foi mencionado, nossa rainha omitida pelo esquecimento foi e é uma guerreira que lutou com os escravos, pelos escravos, para os escravos terem o reconhecimento que tanto queriam; com esse movimento, os negros surpreenderam com sua organização e táticas para suas batalhas, que levaram muitos rebeldes como Luiza Mahin a serem deportados para a África, para garantir o enfraquecimento da luta pelo fim da escravidão e da intolerância. Esta luta continua, pelo fim da discriminação e de atitudes preconceituosas que camuflam heróis negros como Luiza Mahin.

CECA – Colégio Estadual Casimiro de Abreu – Casimiro de Abreu
Professora orientadora: Célia Maria Coleta Salvador

LUIZA MAHIN: UM NOVO OLHAR NA NOSSA HISTÓRIA

Priscila Gomes da Silva

Nesta ampla visão de nossa cultura brasileira, onde estuda-se que a figura do branco nos livros didáticos representa uma hierarquia social, conhecer uma personagem assim tão significativa como Luiza Mahin, que, mesmo sendo negra, mulher e mãe, não encontrou limites para lutar contra o escravismo em pleno século XIX, não se intimidando diante das opressões políticas de sua época e lutou com todas as forças, apesar das repressões, para instaurar um

novo governo abolicionista. Conhecê-la nos enriquece e nos motiva a ter um novo olhar para os povos afrodescendentes que tanto contribuíram e contribuem para a formação de nosso país. Se pouco somos informados sobre a Revolta dos Malês nos conteúdos escolares, é com grande respeito a participação ativa de Luiza Mahin como símbolo de resistência, igualdade e liberdade na luta por seus direitos. Uma heroína que também se tornou mãe de um dos grandes precursores do abolicionismo: o poeta Luís Gama, que, com inspiração quase divina e amorosa, escreveu em homenagem a ela revelando uma inquieta saudade: ‘Oh que saudade que eu tenho dos seus mimosos carinhos’ e uma eterna consagração: ‘E à nossa boca juntava um beijo seu, que era a vida.’ E não podemos esquecer que o poeta deu liberdade a muitos africanos escravizados, e que seus textos unicamente comprovam a existência de sua mãe, de sua personalidade forte e marcante em nossa história. A prisão de Luiza despertou em Luís Gama este profundo sentimento abolicionista e se ambos são separados pelo sistema escravista e opressor, tornam-se unidos pelos mesmos ideais de uma sociedade mais justa e igualitária... Somos convidados a voltar ao passado e admirar esta mulher guerreira dos Malês, uma rainha por excelência que, sendo retirada de sua pátria, conquistou os corações dos afro-brasileiros, dos marginalizados de seu tempo. Mesmo diante de sua condição escrava, o exílio não reprimiu seus pensamentos em lutar contra o preconceito racial. A figura de Luiza Mahin reforça a situação de que é necessário introduzir em nosso currículo escolar a história africana como previsto na lei 10.639/03 e eliminar este racismo disfarçado onde negro é visto como papel secundário, como se ele não tivesse nada de bom a oferecer em nossa formação educacional. Despertemos as tantas ‘Luizas Mahin’ de nosso tempo, militantes que se tornam rainhas quando não se submetem a aceitar esta desigualdade e enriquecem nossa vida superando todos os obstáculos.

CIEP 306 – Deputado David Quinderé - São Gonçalo
Professora orientadora: Cristiane Sampaio Meneses³⁸

2.3.2.3 Luiza Mahin: as redações de São Paulo

A segunda expressão redacional sobre Luiza Mahin vem da realidade na qual ela estava inserida. Conhecimentos vindos do Estado de São Paulo trazem também a evidência dos valores presentes na figura expressiva dessa grande mulher. São textos que seguem na mesma perspectiva, com o resultado de um trabalho intenso de estudo e elaboração de conhecimentos, estes bem próximos do lugar vivencial da personagem. As redações apresentam traços de fidelidade histórica a respeito da pesquisa sobre a vida e realizações de Luiza Mahin, assim como do seu filho Luís Gama, relacionando com a realidade vivida na educação maternal e o processo de construção da liberdade das mulheres e homens do seu tempo.

Os temas originais e criativos aparecem como o da herança de uma rainha esquecida, seguida da marca que deixou para a história e finalizando com um caminho de

³⁸ RIBEIRO. 2012, p. 21-25.

liberdade. A leitura das redações provoca a lembrança e sugere rever as marcas que as mulheres deixam com sua vida no caminho e na trajetória histórica de seus filhos e filhas hoje, como na vida de Luís Gama no passado. Marcas na trajetória percorrida em busca da construção da liberdade desde o tempo de Luíza Mahin até o presente.

Os valores educativos continuam evidenciando-se nas redações que seguem de São Paulo, nos outros escritos na vida e na história que devem ser lembrados e marcados também no caminho da educação e da formação cultural do povo brasileiro.

2.3.2.4 As redações

A HERANÇA DE UMA RAINHA ESQUECIDA

Ana de Sousa Neta Bezerra

África, berço da humanidade, gigante que tanto tem chorado seus filhos desde as épocas mais antigas até os dias de hoje. Seu sangue negro, suas raízes se espalharam e deram frutos de inúmeras belezas, qualidades, sabedoria e altivez. Assim como tantos outros filhos seus, Luíza Mahin, nascida na África, na “Costa da Mina” (Nagô de Nação), pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã, guerreira, veio para o estado da Bahia trazendo nas suas veias o sangue e a luta negros. Foi símbolo de resistência, de garra. Deu um fruto que marcou época e deixou o seu nome gravado nas páginas da nossa rica história: Luís Gama, o seu filho, que nos seus escritos relatou a trajetória de sua mãe.

Luíza Mahin recebeu por herança da sua mãe negra, a África, a capacidade de lutar e a intolerância perante a injustiça. Os seus ideais e as suas lutas revolucionaram o mundo e fizeram histórias. Os seus feitos repercutem até os dias de hoje. Luíza Mahin, negra, livre, mas onde está a sua liberdade? Talvez por isso tenha sido deveras vingativa nos seus feitos, buscando demonstrar toda a sua coragem de lutar, de defender o seu sangue negro, a sua causa. Suspeitas de desordem e provocações se levantaram contra ela, que, na sua altivez e coragem, não se deixou abater. Foi acusada de liderar revoltas como a dos Malês e a Sabinada, todavia, a existência ou ausência de documentos que desmintam ou comprovem estes feitos, vêm a transmitir a incerteza ou veracidade de tais fatos.

A sua liberdade lhe fez escrava, pois sendo ela livre, tornou-se rebelde e foi presa, enclausurada em prisões que limitavam seus passos, a ocultavam dos olhos dos brancos, mas jamais puderam lhe tirar o sabor da vingança, da luta, dos sonhos. Se por um lado lhe negaram a vida, a escolha, a liberdade, por outro lado a encorajaram, a fortaleceram e a coroaram a rainha das lutas, dos levantes, dos rebeldes. A sua incansável e incontestável luta pela liberdade, tornou-a um marco na história da escravidão no Brasil, num ciclo de movimentos revolucionários e liberais.

Perdeu o contato com o seu filho, quando esse era ainda um menino e também não teve o prazer de vivenciar e usufruir o sabor dos frutos que este lhe rendera nos seus poemas. Luís Gama, mesmo incerto de sua sobrevivência após tantos anos separados, ainda preservava, em sua memória, a imagem daquela mãe carinhosa que tantas vezes o aconchegara no calor dos seus braços.

Deportada para o seu país de origem, se fez oculta, mas não perdeu o sonho de um dia voltar ao Brasil e quem sabe, reencontrar o seu filho. Sonho que ansiou assim como muitas outras mães negras da sua raça, da sua tribo, com os mesmos desejos roubados, os mesmos sonhos saqueados, os mesmos direitos negados...

Nenhum documento atesta a realeza de Luíza Mahin, no entanto, ela esteve à frente de muitos movimentos revolucionários, lutou com garra por justiça e liberdade, assim como tantas e tantos que, até os dias de hoje, gritam, lutam por seus direitos e merecem o mais alto título da realeza. A lei 10.639, que torna obrigatório o ensino sobre a cultura e a história afro-brasileiras nas escolas, cria a oportunidade de conhecer ou reviver histórias como essa de Luíza Mahin.

EMEJA - Clarice Lispector – Mauá, São Paulo
Professora orientadora: Aparecida Alves Meira Leite

A MARCA DE UMA HISTÓRIA

Lucas Vinicius Alves dos Santos

Sou negra, nascida na Costa Mina, na África, no ano de 1812 e pertencço à etnia Jeje, africana, livre, nação nagô. Entre outros, vim ao Brasil na condição de escrava, tendo desembarcado em Salvador, Bahia.

Faço-me presente na história pela presença de meu filho Luís Gama, poeta, escritor e admirador de uma mãe que pouco conheceu e teve imagem relevante em sua vida, porém ainda tem em sua memória recordações e saudades.

Sou identificada pela memória coletiva afro-brasileira como uma heroína do povo negro, nasci do povo, para o povo, porém continuo sendo uma incógnita quando o assunto é a comprovação de minha existência. Será que realmente existi? Sim ou não?

Através de meu filho, Luís Gama, há informações sobre a minha existência, nas suas poesias e carta, onde procura registrar através de sua lembrança o que ficou impregnado na sua memória, mas a sua descrição é escassa, porém, não há provas documentais, o que desperta a curiosidade sobre a minha existência.

Apenas tem-se a informação de que sou uma negra retinta, de índole ativa e indomesticável, muito geniosa e incapaz de levar desaforo para a casa.

Outro dado é que Mahin do meu sobrenome, na verdade, é referencial a minha descendência da etnia mahi - povo ioruba, também de Maomé. Outra informação não confirmada a meu respeito é que eu pudesse ser uma princesa, por isso o grau de formação política que eu tinha.

Sinto horrores com relação à escravidão, pois meu temperamento é de uma criatura que não aceita a submissão; por isso permaneço pagã e me recuso, terminantemente, em ser ungida com “santos óleos” do batismo e seguir os preceitos da religião católica, me defino religiosamente como muçulmana, e me nego a ser submetida aos ritos católicos sistematicamente. Sou letrada em árabe e conheço o Alcorão e dissemino as palavras do profeta Maomé aos negros não convertidos, pois os escravizados capturados na região de Biad-ts-Sudan em grande maioria praticam o islamismo. Envolve-me até a raiz dos cabelos, em todos os movimentos deflagrados em Salvador, para combater o nefando regime escravo.

Uni-me com um grupo de mais de 600 pessoas e participei de uma organização frustrada, a chamada “Revolta dos Malês”, no ano de 1835; juntamente com o meu grupo a força policial nos surpreendeu, o que nos trouxe a derrota.

Eu e outras lideranças escapamos da perseguição e partimos para o Rio de Janeiro, deixando o meu filho Luís Gama, com apenas 5 anos, aos cuidados do pai, dissipador; a criança, então com 10 anos, foi vendida ilegalmente como escrava, para quitar uma dívida de jogo.

Fui deportada para a África. Sou uma personagem que entrei para a história e continuo lutando pelos meus irmãos africanos, de raça e negros. Sou Luiza Mahin e deixo a minha marca intrinsecamente vinculada à imagem de uma mulher que é, e continua sendo uma incógnita.

Fundação CASA - Três Rios Iaras
Professora orientadora: Raquel Aparecida da Cruz

UM CAMINHO À LIBERDADE

Matheus Guimarães França

Nas palavras de Luís Gama, seu filho, Luiza Mahin era “... ativa, generosa, sofrida e vingativa”. Nos livros de História, ela é uma das lideranças de movimentos negros na Bahia. Na sociedade brasileira, Luiza foi uma das guerreiras da igualdade social, um exemplo de resistência do negro e também da mulher.

Mesmo independente em 1822, o Brasil ainda se projetou como uma colônia agroexportadora, baseada na monocultura e na escravidão. Apenas os ricos proprietários de terras e os senhores do engenho eram os beneficiados pelo sistema, a elite, enquanto, no extrato inferior, os escravos suportavam condições aquém do necessário para uma vida plena. É nesse contexto em que a luta pela justiça, motivada pela insatisfação justificada, cria seus heróis.

Negra, quituteira, princesa africana, Luiza Mahin não foi só uma das principais lideranças da Revolta dos Malês, foi também uma guerreira genuína dos direitos humanos. Na busca pela liberdade, articulou o levante popular contra o regime escravocrata e a favor da liberdade de culto religioso. Nascida em uma tribo islâmica, Luiza Mahin lutou para que suas tradições fossem respeitadas também no Brasil cristão.

Mesmo que não a tenha conhecido, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que só foi promulgada em 1948, o espírito de igualdade e justiça que rege esse documento já fazia parte de seu cotidiano. Entre tantos heróis do movimento negro, como João Cândido e Zumbi, a heroína Luiza Mahin abre espaço para que todos e todas possam ter voz, sem distinção de classe, cor, religião, sexo ou costume.

Refletindo o Brasil atual, o Censo Demográfico de 2010 confirma que os negros e as mulheres são a maioria da população do país, mostrando que a participação desses grupos, que já foram antes marginalizados e oprimidos, agora é de extrema importância para a sociedade. Assim, a força e a determinação de Luiza não foram em vão para a construção do povo brasileiro.

Em meio a uma sociedade ainda patriarcal do século XIX, a presença de Luiza Mahin foi um avanço para a conquista dos direitos, não só dos negros escravizados, mas também da luta das mulheres por seu espaço. Continuar nesse caminho de justiça social será sempre necessário para construir uma sociedade mais igualitária e libertária.

Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida - São José dos Campos
Professora orientadora: Lucilene Aparecida Bonafé Brito Randon³⁹

³⁹ RIBEIRO. 2012, p. 57-62.

2.4 As realidades que se encontram

No resgate destes textos se encontram as diversidades, as duas realidades geográficas distantes e distintas, a África e o Brasil, mas com proximidades reais de construção de valores educacionais da beleza e de esperanças. Os dois gêneros diferentes, mas com marcas profundas e comuns para a história, para a educação e para a construção de valores como o resgate de identidades e pertencças.

De um lado o adolescente com todas as perspectivas de uma entrada numa universidade a partir de um pré-vestibular social; do outro, a mulher madura que ainda é capaz de investir no seu futuro. Os dois têm em comum o reconhecimento de uma grande liderança brasileira que pode colocar a luz no processo de construção de novos conhecimentos e de reconhecimento da história e da sua própria identidade e dignidade.

Um grupo social em pleno gozo de sua liberdade e outro ainda que tão jovem, já comprometido, com internação provisória, que contrasta com suas possibilidades de desabrochar em perspectivas de liberdade.

De um lado temos os sujeitos que ocupam o espaço público em que a grande maioria dos adolescentes é acomodada por força da instituição governamental de ensino; do outro, o espaço religioso que socialmente ocupa um lugar privilegiado, com identidades históricas definidas secularmente.

Essa diversidade com uma multiplicidade de visões olha o passado e produz saberes que são determinantes no modelo de sociedade e de alternativas possíveis de educação e de construção de valores vivenciais individuais e coletivos, de aprendizagens e de produção de conhecimentos simultaneamente. Trata-se de um processo dialético, cuja dinâmica oferece visibilidade e empoderamento à escola, aos professores e professoras, aos alunos e alunas, naquilo que se tem afirmado na dimensão da construção de um processo social educativo participativo e liberador. Mais que cumprir obrigatoriamente uma lei, é dar sentido e aplicabilidade na vida e na história de sujeitos participativos e agentes de mudanças na educação e transformações sociais. Como escrevem Ribeiro e Costa:

O Concurso de Redação Camélia da Liberdade, realizado há seis edições pelo Centro de Articulação de Populações Marginalizadas – CEAP, com o patrocínio da Petrobras, tem proporcionado a professores e estudantes uma singular experiência criativa e de aprendizagem no cotidiano escolar, particularmente no que se refere ao conhecimento e à interação com o que determina a Lei 10.639/03, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional, ao determinar a obrigatoriedade do ensino da História da África e da cultura afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio de todo o país.⁴⁰

Os breves comentários sobre as redações possibilitam e pretendem introduzir a leitura destes textos marcados por experiências vivenciais e de aprofundamentos de conhecimentos elaborados sistematicamente. O trabalho posterior será de análise de determinados elementos de natureza teológica, filosófica, social e educacional que são possíveis de serem reconhecidos na elaboração de conhecimentos e no confronto com outra cultura, que se revela com um profundo encontro e reconhecimento de valores étnicorraciais identitários de uma construção histórica vista de um lugar diferenciado, que valoriza a oralidade, a musicalidade, a troca de experiências e conhecimentos. Ele elucida e evidencia a existência de outros saberes como possibilidade de construção de conhecimentos universais que ofereçam uma qualidade de vida diferenciada a partir da escola.

As redações selecionadas são vozes que ecoam da periferia para o universo cultural amplo e diversificado. Selecionadas entre tantas outras de reconhecido valor e todas publicadas no mesmo espaço, apresentam essa possibilidade, de “escuta” dessas mesmas vozes e expressões de um significado ímpar e que se somam a outras no processo de reconstrução histórica e da libertação. São fios condutores, teias que se entrecruzam, redes que se apresentam como elementos de historicidade a partir de local determinado, dos pequenos e dos pobres excluídos. Afirmados na perspectiva do reconhecimento da necessidade do diálogo sobre as diferenças, no contexto da docência é ressaltada a importância da oralidade e das histórias conservadas no processo da construção da cidadania. Como afirmam Almeida e Ferreira:

Ressaltamos que a tradição oral é elemento preponderante que aproxima as cosmovisões. Devemos lembrar que, em nosso país, aos negros libertados não foram oferecidos nem escolas, nem terras, nem empregos. Após a pseudolibertação, muitos ex-escravos retornaram às fazendas, ou a fazendas vizinhas, nas quais foram escravizados, para voltar ao trabalho e receber baixo vencimento. Muitos anos após abolição os descendentes dos negros que foram escravizados viviam nestas mesmas fazendas, com uma vida pouco melhor que seus antepassados próximos.⁴¹

⁴⁰ RIBEIRO. 2012, p. 9.

⁴¹ ALMEIDA, Viviane da Silva e FERREIRA, Helder Sarmiento. Diálogos possíveis na formação docente: o indígena e o negro no Brasil. In CUNHA. Lilian do Carmo de Oliveira; OLIVEIRA. Luiz Fernandes e LEMOS. Roma Gonçalves (Orgs.). **Diferenças étnico-raciais e formação docente: um diálogo necessário**. Rio de Janeiro, Editora Selo Novo, 2016, p. 296-297.

Ao mesmo tempo entende-se o processo de cidadania em que a Lei 10639/03 está sendo implementada como construção da democracia pelas bases da educação, protagonismos de docentes e discentes construindo uma nova história e cultura, se desenvolvendo a partir de um novo referencial que produz a beleza das redações. Isso leva a pensar que os conhecimentos e reflexões se tornam vozes universais que apresentam anseios de liberdade de tantos outros calados pela história ou contemporâneos ainda sem voz. Esses saberes podem ser referenciais na luta pela sobrevivência do planeta, da recriação do universo e na busca de uma qualidade nas relações entre sujeitos, grupos e sociedades, enfim, a construção de valores a partir da História e Cultura do Povo Negro.

2.5 As redações sobre João Cândido: classificação e análise

A seguir, apresentaremos, num primeiro momento, o quadro de classificação das redações elaboradas em escolas do Rio de Janeiro e de São Paulo, no ano de 2010, tendo como tema o personagem João Cândido, informando os títulos das redações, os nomes dos alunos autores e das alunas autoras, a escola em que as redações foram elaboradas e a localização das escolas. Num segundo momento, apresentaremos a análise dessas redações, usando como critério o seu potencial axiológico.

2.5.1 Classificação das redações do Ensino Médio do Rio de Janeiro - 2010

1º lugar:

O legado

Geisa Pires

Jaime Lucio F. Ribeiro

IFRJ - Duque de Caxias

2º lugar:

João meu irmão

Jurema Santa Bárbara Miguel

Maria de Fátima Braz Barbosa

Colégio Estadual Arruda Negreiros

3º lugar:

A revolta e o silêncio

Alexandre de Lima Silva

Maria Valdiza Rogério da Silva

Colégio Estadual Bom Pastor

2.5.2 Classificação das redações do Ensino Médio de São Paulo - 2010

1º lugar:

O pássaro que ousou cantar a liberdade

Ana Carolina Gonçalves Elói

Valdeci Benedito Fernandes

Escola Estadual Dr. Miguel Priante Calderaro

2º lugar:

Sou negro

Vitor Hugo Santana Duarte

Maria Cristina Ribeiro C. Lalo

Escola Estadual Libero de Almeida Silvares

3º lugar:

O Mestre Sala dos mares

Guilherme Lourenço da Silva

Ana Carolina Campos B. Feitosa

Luana Morena Carollo Ferreira

UIP (Unidade de Internação Provisória)

Rio Tamisa – Complexo Brás - Fundação CASA

2.5.3 Análise das redações que têm João Cândido como tema

Uma educação étnicorracial afro-brasileira encontra seus fundamentos no processo de construção de uma história não oficial, sobrevive, resiste e se mantém, como fizeram também seus protagonistas. À margem e de diversas maneiras e por diferentes razões, com chibatadas foi renegada e passou forçosamente por processos que a levaram ao desconhecimento.

São inegáveis as estratégias de marginalização às quais o povo negro foi submetido. O processo histórico e proposital de ocultamento de figuras importantes, homens e mulheres que construíram com suas vidas e junto com seus companheiros um modelo diferenciado de sociedade, um projeto igualitário e alternativo. Essa atitude por parte dos poderosos e opressores contribuiu fortemente para o resultado lastimável que se produziu na construção social da realidade educacional brasileira, que negou os valores de um povo, da sua cultura e suas tradições.

O resgate da figura de João Cândido representa o movimento de uma força significativa oriunda, entre outras iniciativas, do processo de formação escolar conforme é tratada nas redações. Nesta Tese, os valores são elucidados e propõem uma axiologia a

partir de uma outra perspectiva, que não a dos dominantes e poderosos, mas da força e do poder, da resiliência e da resistência dos que têm projetos de uma sociedade justa e igualitária. Axiologia fundamentada na memória e na dinâmica pedagógica herdada pelos antepassados e conservada na construção cultural e social, que penetra o espaço escolar e lhe oferece conteúdos significativos.

Ao pensar a educação diante de uma figura tão grande e tão importante como João Cândido, é necessário reconhecer e afirmar que foi um verdadeiro líder. Ele deixou um legado para a formação de lideranças que é a resistência, algo que é determinante para a formação humana, educando e preparando seus companheiros para a Revolta da Chibata. Foi um homem que tinha convicções claras de possibilidades de estratégias diante do confronto com os opressores. Ele cuidou pessoalmente com força única e habilidade peculiar dos meios de libertação, diga-se claramente de guerra, junto com os seus companheiros através do seu título de Almirante da Marinha, liderando para o fim das chibatas.

João Cândido lutou com competência e liderou com talento seus companheiros, resistiu e fez história nas escolas e é lembrado e cantado pela cultura popular. Homem de expressão e firmeza de propósito, que não se deixou trair e se confundir com outras propostas e seduções. Soube bem o seu lugar, de onde veio, ou seja, sua pertença e suas origens e onde queria chegar com firmeza. Ele garantiu sua identidade e a sua pertença ao grupo daqueles que buscam a liberdade. O líder da Revolta da Chibata foi uma grande figura da história do Brasil que não foi colocado na historiografia oficial, nem reconhecido entre os grandes heróis. Ele carrega heroísmo na sua identidade e traduz para a História e Cultura Afro-brasileira valores de educação de raízes africanas, vindos do Rio Grande do Sul e plantados no Estado do Rio de Janeiro. Os seus valores são apresentados nas redações, reconhecidos e retomados como fundamento histórico no processo de construção da resistência, de outra história, a história dos escravizados e por isso vista de baixo. Efetivamente, como outros momentos da História do Povo Negro, em repetidas vezes na História do Brasil, não passa pela oficialidade, ao contrário, é negada e desconsiderada, mas mesmo à margem, resiste e se faz conhecer.

Uma educação de raiz afro-brasileira deve ser fundamentada no processo de construção de uma história que muitas vezes não passa pela oficialidade, ao contrário sobrevive, resiste e se mantém mesmo que à margem e de diversas maneiras e por diferentes razões é ocultada. Pensa-se evidentemente na existência de preconceitos e discriminações próprios da referida época, que infelizmente se estendem no processo de

construção social e educacional contemporâneo, em modelos que persistem mesmo diante da força e organização da resistência e das respostas e alternativas que se constroem no cotidiano, a exemplo das referidas redações.

As redações são indicadores de conteúdos que podem ser pensados para oferecer valores educativos e promotores da resistência e da identidade de lideranças nos meninos e nas meninas que são formadas em escolas e que já ocupam e ocuparão espaços de transformação da história pessoal e na trajetória de vida dos seus grupos e da sociedade.

O resgate da figura de João Cândido representa um movimento na “contramão” frente ao caminho determinado em curso pela cultura dominante e opressora vigente. Esta Tese se apresenta no sentido de pensar no processo de formação escolar, inspirado nas redações, como uma elaboração de proposta de uma axiologia a partir de uma outra ótica, que não a de dominados, mas sim da força e do poder da resistência às chibatadas do racismo e da discriminação, da capacidade de resiliência, dos projetos de uma sociedade igualitária e de transformação da realidade e da condição social e cultural dos que são expropriados das suas oportunidades no oceano de possibilidades navegáveis nas diversidades e alternativas.

Esse resgate de João Cândido, entre tantos outros, torna possível o resgate e a construção de valores educativos e sociais, evidenciando o legado deixado para a história dos marinheiros e dos outros profissionais, do seu povo, do Brasil e até mesmo da humanidade. Essa perspectiva humanitária se torna possível, no reconhecimento da relevância da sua identidade e do reconhecimento da importância do movimento que liderou. Seu nome e sua identidade histórica são lembradas como parte integrante do patrimônio e da memória daqueles e daquelas que transformaram a sociedade a partir da sua raça e da sua condição social, possibilitando a construção de alternativas mais humanas e mais justas.

Ao expressar “humanidade” abre-se um horizonte epistemológico de uma concepção filosófica do reconhecimento do valor das lutas de classes específicas a partir do referencial protagonista negro, assim como uma Axiologia, um pensar diferenciado sobre o valor do trabalho e da luta social. As afirmações presentes nos textos das redações demarcam o espaço que João Cândido e sua luta representam e representará para o futuro de gerações, da educação e da história, esta vista de baixo. Uma abordagem em que a temporalidade assume significado e importância. O passado, o presente e o futuro se interligam e constroem sentido na luta por igualdade e liberdade. O tempo-época e

espaço-local de pertença têm um significado para a libertação das chibatas da atualidade, não só de marinheiros, mas de todas as classes sociais oprimidas.

Um caminho foi indicado “Das pedras pisadas no cais”, de onde ele veio e para o devir, em que se reconhece que no futuro sua figura apresentada nas redações, na literatura e na música representam o fim de chibatada e o horizonte para tantos outros afrodescendentes, em potencial, lideranças e possíveis educadores na diversidade de suas escolhas e atividades.

Destaca-se fortemente o sentido coletivo nos escritos das redações que corroboram com o “nós”. NEGROS MARINHEIROS com nomes escritos na história pela Revolta da Chibata e outro, hoje escrevendo em seu tempo as histórias com as redações, as suas conquistas na vida e no cotidiano escolar, que se entrecruzam e se reconhecem no irmão João. Renovadamente se confirma a construção de valores pessoais, uma vez que ele não estava só, fez a libertação com um grupo de marinheiros e continua reconhecido no grupo da escola, que tanto como seu movimento não se realiza só, isolado, mas na ação coletiva. João Cândido um herói, sim! Mas com, integrado a outros. Ele é porque os outros são para ele e com ele: O Ubuntu! Os tantos outros heróis e líderes, os seus irmãos de luta, seus descendentes, e seus companheiros. Criaram laços fortes e bem amarrados como “nó de marinheiro”, estenderam redes de libertação como aqueles que vivem da pesca pelos mares e cantos do Brasil, até no canto que tanto encanta – “Mestre-sala dos mares”. É universal pela abrangência e suas origens africanas, mas também pela música, que atravessa oceanos e mares como o marinheiro.

A oralidade é o elemento de fundamental importância no cantar e no contar a história realizando a sua eternalização. Ele fez história e é da história da escola, cantada por compositores em outras escolas conservando sua identidade com originalidade. As duas maneiras culturais de expressão da memória africana se relacionam e oferecem conteúdos formadores.

Seguem as redações, primeiramente as do Rio de Janeiro com seus comentários, depois as de São Paulo respectivamente.

Complementando e variando a beleza, segue o gênero artístico musical, com a canção a ele dedicada, “Salve o Almirante Negro!”.

Os textos transcritos das redações escolhidas são preciosidades. Seu valor maior que “ouro e prata”. Nestes textos e na música se destaca como os alunos e alunas, assim como os compositores resgataram e evidenciaram as figuras históricas, estas com as quais se desenvolve uma análise de construção de valores para a educação e para a sociedade.

2.5.3.1 João Cândido: as redações do Rio de Janeiro e sua análise

O primeiro bloco de redações recolhido na realidade escolar do Rio de Janeiro apresenta a pluralidade e a diversidade cultural. As redações estão enumeradas segundo as possibilidades de evidências de processos educativos e relação do protagonismo do aluno. Um diferencial por ser um personagem que não nasceu neste estado, veio do Rio Grande do Sul e se estabeleceu na Baixada Fluminense. O fator de identificação dos alunos fica bem evidente, apresentam uma formulação bastante contextualizada em que o lugar da vivência do personagem se identificava com a realidade dos alunos. O estudo e a pesquisa dos estudantes ficam inseridas e comprometidas com o personagem e sua temática.

As produções textuais evidenciam elementos axiológicos, apresentam a possibilidade de uma epistemologia, reconhecendo e identificando o valor social do conteúdo para a construção da igualdade racial e relações de respeito e valorização à diversidade e pluralidade de conhecimentos oriundos de outra realidade diferente do tempo em que João Cândido viveu. O espaço para alguns alunos é o mesmo, mas o que diferencia é o tempo.

2.5.3.2 Os temas abordados

Poder, lutas e identidade

Na primeira redação o tema do poder aparece explícito na maneira com que a aluna usa os verbos gritar e ouvir a voz numa perspectiva de reconhecimento dos direitos dos negros assumido na figura de João Cândido, mas também na própria identidade do aluno. As duas identidades se entrecruzam quando a aluna usa a expressão “nossos direitos” como herança.

A identificação que a aluna faz com João Cândido como aquele que levou homens que sofriam a lutar e conquistar a liberdade, ele que ofereceu um legado de grande significado que é a afirmação da identidade de ser negro e o orgulho de levar no sangue a herança da luta e também da vitória.

A ideia de poder é identificada na figura de João Cândido como força e coragem que foi repassada não só para os negros como para outras pessoas, independente da etnia,

numa perspectiva de construção da igualdade, pois esse herói deve ser reconhecido como um herói nacional.

Levantar a voz contra o preconceito está evidente na fala da aluna como um cumprimento da igualdade que está escrita da Constituição, é um conteúdo marcado por uma compreensão de cidadania e de nacionalismo que das lutas se transforma em glória, recordando o tema da música do “Almirante Negro” e que se orgulha do legado deixado para toda a negritude.

A ancestralidade, o feitiço e a pertença

Na segunda redação percebe-se que a aluna é capaz de reconhecer em João Cândido um irmão, que constrói a sua história e a dos seus. Este elemento é de fundamental importância, pois o enfoque é a ideia da pertença. E nesta, agora o destaque é dado para a família, assim como a ancestralidade. Esta ancestralidade é determinante para concepção do sagrado que se dimensiona na condição humana dentro da cultura africana. A aluna menciona a história construída com sangue, elemento importante para a religiosidade africana no sentido do sacrifício e da vida.

A expressão “Feiticeiro” que aparece na redação deve ser compreendida com o significado e o valor na cultura própria, uma vez que expressa e enaltece a resistência e a importância de João Cândido, que na religião de matriz africana se relaciona com as forças da natureza. Os mares e a vida que se prolongam e continuam nos ancestrais de Palmares ressurgidos, ou o próprio Zumbi figura máxima. Uma concepção que dialoga, no entender da aluna, com a história e com a própria cultura africana. Neste conteúdo elaborado no espaço da sala aula, na simples expressão de uma aluna, aparecem sinais de um diálogo inter-religioso, uma perspectiva de abertura e de encontro. Há no cristianismo um entendimento de ressurgir como ressurreição e continuidade.

Além da situação tão fortemente expressa nesses valores religiosos da cultura e da ancestralidade, algo mais se destaca nessa redação, o grande valor presente na oralidade referenciada no empenho e cumprimento do prometido. A palavra dada deverá ser cumprida. Ao mencionar o confronto que aconteceu com o governo, fica evidente o descumprimento e desrespeito em relação ao que foi tratado com Almirante. As forças e os valores são diferentes, o herói é desrespeitado e considerado como louco. Esta loucura é colocada em contraponto, no sentido de afirmar que, loucura seria esquecer a figura de

João, do Irmão João pelos mares e pela terra. O seu nome adquire um novo significado, um sobrenome “João Resistência”. A resistência que permanece na memória de estudantes que, com ele, se assemelham como heróis da atualidade em que o grito permanece ecoando.

A cultura, a religiosidade e o heroísmo dialogam e são apresentados como herança de família, mesmo que distante da sua terra. A autora reconhece na figura de João Cândido a necessidade da promoção ao título de Almirante, afirmado como herói.

A ideia de temporalidade está presente no seu texto, pois diversas vezes cita datas importantes em que a memória está firmada. Ela ressalta de forma intensa o fato de não esquecer a figura de um herói irmão com tantas coisas em comum, que chega além do tempo, pois seu nome é por ela acrescido de significado, João Cândido Resistência que continua.

A valentia, a força e a ética

Um grande contraste é apresentado na terceira redação e oferece elementos de valores para o povo brasileiro na sua relação com a força do poder político. Os projetos se confrontam.

Com o tema da Revolta que aparece na terceira redação, o aluno Alexandre de Lima analisa este sentimento e aponta expressões que são capazes de revelar valores importantes como a voz, a força e a motivação que leva à ação. Destaca-se como referência na experiência de João Cândido o destemor e o rompimento, afirmado como aquilo que faz vibrar e que contagia. O aluno com sabedoria coloca em oposição a revolta diante do silêncio, aquilo que amedronta e intimida o ser humano.

Em uma leitura com discreta afirmação de um elemento teológico de valor religioso ele expressa “Graças a Deus” à herança herdada, afirmada como capaz de colocar a valentia nos homens. Valentes e João Cândido se incluem nesta lista. E o elemento forte teológico, de expressão social e cultural, o aluno afirma que não temendo a morte que é mais poderosa, o valente a toma para dançar. A dança que faz parte da cultura negra entra no processo da luta da libertação que é social.

Entrelaçando passado e presente como aspectos da mesma história e suas consequências, afirma que a negritude tem força e é capaz, e também é pobre, carrega o peso nas costas e sustenta, assim como o fato do analfabetismo, como aquele que nas

letras se atrapalha, e diante destas circunstâncias existem valentes. As histórias que se misturam e que continuam mesmo quando tentam esconder. Usando sabiamente uma expressão do Hino Nacional, atribui a valentia ao negro: “há valentes que erguem da justiça a clava forte e verás que o verdadeiro filho teu não foge à luta, mesmo que a pátria amada o mate”. Há homens valentes, são negros e têm força. Eles são capazes e a pobreza tem um peso, o analfabetismo atrapalha, mas não retém a valentia. A valentia patriótica que leva a não fugir da luta. Esse valor tão utilizado na cultura brasileira é atribuído a um negro “Guerreiro Valente”, do qual não dá para esconder da história e que a sobrevivência e continuidade para a atualidade é possível por causa deles e da valentia com a qual lidaram em relação àqueles que oprimiram no processo histórico.

O valor ético que se destaca na construção da axiologia está dado pelo aluno, ao afirmar que indo contra as regras e contra as leis, na verdade a resistência do povo negro é uma luta para melhorá-las na sociedade e na vida. Por essa causa é preciso dar a vida. A entrega da vida se torna um valor para a construção de valores. Contextualizada diante da ditadura, a afirmação categórica é que entre o silêncio e a revolta não pode haver negociação.

2.5.4.1 João Cândido: as redações de São Paulo e sua análise

Uma segunda expressão em uma outra realidade, no Estado de São Paulo, traz também a evidência dos valores presentes ainda na figura de João Cândido. São textos que seguem na mesma perspectiva, como o resultado de um trabalho intenso de estudo e elaboração de conhecimentos, porém, estes um pouco mais distanciados do lugar vivencial do personagem, mas com o mesmo esforço de fidelidade histórica a respeito do personagem, assim como na pesquisa da vida e feitos do personagem, relacionando com a realidade vivida na educação.

Os temas são criativos e com sentido figurado como “o pássaro que ousa cantar a igualdade”, o valor da identidade racial juntamente com a afirmação de ser negro é o que enaltece o título de João Cândido como “Mestre-sala dos mares”. A leitura possibilita voar como pássaro e também navegar como um marinheiro em busca do encontro entre a identidade do passado histórico na figura de João Cândido e a identidade que se revela na realidade pessoal e vivencial do aluno, da sociedade, da cultura e da educação na atualidade.

2.5.4.2 Os temas abordados

Segue a análise do segundo bloco de redações na realidade de São Paulo, novamente enumeradas segundo suas possibilidades de evidências de processos educativos e relação do protagonismo do aluno. Um diferencial por ser um personagem que viveu nesta cidade, destaca-se uma busca muito apurada no estudo e na pesquisa de um processo de identificação com o personagem e sua temática, inserida na realidade cultural e educacional paulista, na qual os alunos vivem. Constata-se tal diferencial, sem com isso, desqualificar as outras produções, mas ao contrário evidenciam a diversidade e a pluralidade de releituras, de abordagem e significados para o mesmo tema.

Assim como as anteriores, elas realçam e valorizam a produção textual, evidenciam elementos axiológicos, apresentam a possibilidade de uma epistemologia, reconhecendo e identificando o valor social que o conteúdo apresenta para a construção da igualdade racial e relações de respeito e valorização à diversidade de conhecimentos oriundos de outra realidade e de outra forma de abordagem de diferente formação cultural, ainda que, no mesmo país de origem.

A linguagem, a sensibilidade e a ética

A redação de Ana Carolina é marcada por riquíssimas metáforas e prosopopeias: pássaro que busca a liberdade em contraste com a serpente que castiga; o coração da pátria e caminhões carregados de esperança; a fábrica de loucos ao lado do canto da demência de que todos são iguais. Imagens que revelam uma cosmovisão de natureza e contemporaneidade, de uma sensibilidade literária, poética e esclarecedora da realidade contrastante no passado e na trajetória de João Cândido. Ela usa a expressão “quimera” significando algo difícil de concretizar-se, de ter o objetivo alcançado, algo inatingível.

A realidade é apresentada criativamente, marcada pela guerra e pela vitória dos negros levados à escravidão. A autora menciona os filhos arrancados de suas mães, que tiveram seus sonhos perdidos, representados na esperança de suas crianças, sinônimo de inocência negada, assim como foi também negada ao Grande João Cândido. O tema da ancestralidade reaparece quando a aluna afirma as lágrimas derramadas pelas mães negras que tiveram seus filhos arrancados dos seus seios.

O texto da redação apresenta a verdade de como João Cândido foi traído, “nas falsas palavras que pronunciaram o seu pedido atendido”. O tema da traição abordado na redação com tanta propriedade e originalidade, reforça a construção de valores, a exigência de uma ética nos acordos firmados. Destaca-se a valorização do heroísmo e da bravura dada ao personagem que, mesmo traído, é o vencedor da Revolta da Chibata. O primeiro a soltar tantos outros, apesar da chibata, ainda precisou lutar e buscar a igualdade. O tema aparece fortemente marcado como honra, valor fundamental da figura de João Cândido, o que não acontece com aqueles que não cumpriram a promessa, os que ocupavam o lugar do poder.

A imagem que mais se destaca de liberdade nesta redação é representada na figura do pássaro. Ele é capaz de voar e buscar novos horizontes e canta a liberdade. A liberdade que está associada ao tema da igualdade, colocado no plano da Revolta da Chibata como uma batalha a ser continuada e um sinal que ficou como indicador necessário para a construção da igualdade da raça. De uma forma muito sutil a aluna indica o tema da religiosidade, quando fala do credo, associado à raça e à cor.

Nesse sentido pode-se pensar a importância de acreditar na luta, mas também nos valores que são trazidos por essa história de resistência, que é continuada também nas crenças do povo negro e neles espalhadas em outras religiosidades, em outras expressões de fé.

A consciência, a humanidade e a memória

Na segunda redação o aluno Victor Hugo Santana Duarte expressa brevemente no primeiro parágrafo a descendência e o heroísmo e torna clara a consciência da sociedade em que o grande João Cândido nasceu e na qual ele teve orgulho de desempenhar seu papel.

O aluno evidencia com clareza a consciência da missão que João Cândido tem na luta pela libertação diante do desrespeito ao corpo humano negro. Esta consciência se estende no combate ao racismo, no país marcado pela predominância do preconceito.

A compreensão de humanidade e identidade se relaciona na redação e se remete do passado para a contemporaneidade. A ideia de humanidade fica destacada na escrita, quando afirma a igualdade entre os seres humanos e o direito de dizer e mostrar quem é. A identidade fica evidente ao expressar a grandeza de não ficar rebaixado. Quem foi João

Cândido no passado, o sentido e significado no presente se tornam relevantes para a construção de valores em educação. Passado e presente se entrelaçam no texto e oferecem conteúdos formativos.

Há uma menção clara sobre a resistência e continuidade em elementos de identidade construídos na história. Na atualidade, quando é mostrado que o mundo precisa reconhecer a resistência do negro, com suas danças, suas músicas, sua religiosidade, enfim, sua cultura oriunda da África que possibilitou resistir a todo trabalho exaustivo e desumano no processo de escravidão imposto ao povo negro. Nesse sentido, reaparece a ideia da identidade que permanece.

Uma reivindicação fica explícita como um imperativo, que tratem os heróis e os ancestrais com respeito guardando a memória, sem esquecerem. É uma evidência que escondeu o sofrimento e também as conquistas do povo negro. Africanidades, filiação e participação na história e valor da identidade dos heróis ficaram muito claros na afirmação de que todos são filhos de Zumbi.

A realidade, a sociedade e a atualidade

Na terceira redação o aluno que conhece a retenção apresenta com sabedoria a condição dos Marinheiros. Ele propõe com seu texto sair da superficialidade e entender a necessidade de aprofundar a realidade.

Guilherme Lourenço analisa o que foi a manifestação e importância dos heróis e ao que eram submetidos. O aluno consegue enxergar além do tempo de João Cândido e considera uma perspectiva de movimento social, afirma que a Revolta da Chibata foi uma das maiores manifestações sociais da história, o que garantiu para a atualidade a compreensão da importância do movimento social no processo de educação e no processo de construção da história do povo negro. Ele tem consciência de que a Revolta da Chibata foi uma manifestação que sinalizou os primeiros passos da população negra em busca de espaço na sociedade, essa mesma perspectiva permanece no movimento social na atualidade.

A perspectiva da realização humana aparece clara na escrita do aluno quando contesta a obrigação de trabalhar com o sonho de ser um profissional, isso é relevante para a educação.

A sua forma de pensar expressa a importância da autoestima presente em João Cândido que se estende também para a figura de Zumbi dos Palmares e se atualiza nas figuras de Martin Luther King e Nelson Mandela. Essa vontade de tornar a sociedade mais igualitária tem suas raízes na compreensão do aluno, que faz a memória dos antepassados lhe dando valor, significado e atualidade. Ele consegue unir a luta de João Cândido com a luta dos antepassados e daqueles que estão mais próximos. Aparece nesta redação o diálogo entre presente e passado, porém lança-se na perspectiva do futuro. O aluno afirma que as atitudes feitas no passado terão frutos melhores para o futuro. Aparece claramente a dimensão de uma educação que prepara para as esperanças e para o futuro.

Numa perspectiva de educação o aluno vislumbra que deve necessariamente eliminar a visão de superficialidade e parabeniza atitudes dos seus antepassados como Zumbi que acendeu a chama de liberdade e que essa deve permanecer com a colaboração de todos e certamente se apresenta como uma contribuição para uma educação libertadora que mantém acesa a chama forte da liberdade e aponta a importância de recordar também as datas e suas memórias.

O aluno propõe avançar na perspectiva da musicalidade ao mencionar Aldir Blanc. Destaca-se no seu conteúdo a sutileza com que relaciona e apresenta o valor da composição em homenagem ao “Mestre Sala dos Mares” e os chama também de Heróis Brasileiros, os companheiros, marinheiros que desafiam com coragem, persistência, força e principalmente vontade de justiça, para que todos sejam iguais. Percebe-se neste um dado de heroísmo ao mencionar a vitória sobre o preconceito e a diferença, o que revela de maneira clara do lugar que esta ocupa na educação e a necessidade de liberdade ainda na atualidade. A redação avança numa perspectiva de homenagem cívica e feriado nacional devido a sua coragem, persistência, força e principalmente vontade de justiça. Justiça na busca da igualdade que os torna heróis reconhecidos e a luta valorizada.

2.5.5 Um encontro: redação e música popular brasileira

As duas escolas se encontram. Uma é a da cultura popular que se apresenta pela musicalidade de compositores e cantores reconhecidos e a outra é a escola que ensina e constrói conhecimentos acadêmicos. Um encontro é possível. Encontro em que se acentua a diversidade criativa de expressões. A beleza das expressões de crenças, de tradições e

de valores se evidenciam e se complementam.

As duas escolas dialogam e constroem sentidos para a cultura e para a formação escolar e se entrecruzam na valorização da identidade e da historicidade afro-brasileira.

Segue um registro, entre tantos outros possíveis, que a escola da música popular brasileira sabiamente guardou sobre João Cândido dando-lhe um título de nobreza, jamais esquecido, ou seja, eternizado na memória do povo brasileiro, João Cândido o Mestre Sala cantado e encantado na cultura popular e escolar, sabiamente reconhecido pelos estudantes como um marco da cultura e da resistência afro-brasileira.

O Mestre Sala dos Mares

Compositores: Aldir Blanc e João Bosco

Há muito tempo nas águas da Guanabara
 O dragão do mar reapareceu
 Na figura de um bravo feiticeiro
 A quem a história não esqueceu
 Conhecido como navegante negro
 Tinha dignidade de um mestre sala
 E ao acenar pelo mar na alegria das regatas
 Foi saudado no porto, pelas mocinhas francesas
 Jovens polacas e por batalhões de mulatas
 Rubras cascatas jorravam das costas
 Dos santos entre cantos e chibatas
 Inundando o coração do pessoal do porão
 E a exemplo do feiticeiro gritava então

Glória aos piratas, às mulatas, às sereias
 Glória à farofa, à cachaça, às baleias
 Glória a todas as lutas inglórias
 Que através da nossa história
 Não esquecemos jamais
 Salve o navegante negro
 Que tem por monumento
 As pedras pisadas do cais

A MPB e as redações

Um elemento importante que se confronta neste texto é a relação de proximidade e de identificação que existe entre a composição da redação dos alunos com a MPB (Música Popular Brasileira) assim como, também o samba-enredo. A MPB guardou na composição de Aldir Blanc e João Bosco a figura de João Cândido e a Escola de Samba guardou a figura de Luiza Mahin, tema do carnaval de 1984 da Escola de Samba Unidos da Tijuca, com os compositores Carlinhos Melodia, Jorge Moreira e Nogueirinha. A relação com a figura da Luísa Mahin será comentada mais adiante.

Destacam-se a seguir elementos relevantes na figura de João Cândido que são considerados como indicadores da relação com as das redações, assim como com valores expressos na cultura popular que são úteis também para educação. Ele apresentou no passado valores culturais relevantes para história do povo negro, como também para a história e formação cultural brasileira. O “Mestre-sala” ocupou espaços significativos de expressão popular, assim como de uma estrutura cultural e literária representativa de categorias sociais bem identificadas como o processo de resistência e expressividade.

A relevância do tema de João Cândido se apresenta na cultura pela originalidade com que a Música Popular Brasileira trata sua identidade e suas características. Reconhecido como dragão do mar que reapareceu em que se destaca seu poder e força associados ao poder da natureza, seguido da apresentação na sua dimensão religiosa como um bravo feiticeiro que ficou marcado na história a quem não se esqueceu.

A indagação que se coloca no contexto dessa construção de valores é quem lembra e por que lembra. Essa história deve necessariamente fazer parte da construção de valores na escola, no processo de formação, assim como é para as Escolas de Samba, para a Música Popular Brasileira, e também, principalmente para a composição cultural de determinados compositores e artistas identificados com a história e cultura do povo negro. Isso deve chegar na Escola e compor o conjunto de elementos construtores de valores educacionais e formativos do ser humano. Esta abordagem é apresentada na terceira redação do aluno Guilherme Lourenço. Ele desenvolve o paralelo aluno e compositor.

É importante perceber que o compositor resgata um elemento de mitologia associado à figura de João Cândido. Ele é um Bravo Guerreiro comparado a um Dragão do Mar, na sua representatividade de poder e força. Esta imagem é associada a outros negros guerreiros, como no caso do Ceará, o Chico da Matilde,⁴² a grandeza que

⁴² Francisco José do Nascimento, Dragão do Mar ou Chico da Matilde, como era conhecido, foi o líder dos jangadeiros nas lutas abolicionistas. Ele nasceu no dia 15 de abril de 1839, em Canoa Quebrada, Aracati - Ceará. Juntamente com seus companheiros, impediram o comércio de escravos nas praias do Ceará. Seu avô antecipara seu destino: fora engolido pelo mar em sua jangada. Já o pai de Francisco José do Nascimento o "Dragão do Mar", morrera no oceano dos seringais amazônicos. Sua mãe, Matilde Maria da Conceição, o criará em meio a muitas dificuldades. Assim, "Chico da Matilde", se viu, desde cedo, envolvido no cotidiano do litoral. Foi garoto de recados, em veleiro chamado de Tubarão. Só aos 20 anos de idade que Chico aprendeu a ler. Jangadeiro, considerado o maior herói a favor da libertação dos escravos no Ceará. Em 1859 trabalhou nas obras do Porto de Fortaleza e iniciou o trabalho como marinheiro em um navio que fazia a linha Maranhão - Ceará. O revolucionário de Canoa Quebrada, em 1874 foi nomeado prático da Capitania dos Portos convivendo com o drama do tráfico negreiro, se envolveu na luta pelo abolicionismo, e uma de suas principais atitudes foi o fechamento do Porto de Fortaleza, assim impedindo o embarque de escravos para outras províncias. Em vigília, localizava alguma embarcação que entrasse no Porto do Mucuripe e conduzia sua jangada até ela para comunicar o rompimento do tráfego negreiro no Estado. A história registrou seu brado literário. "Não há força bruta neste mundo que faça reabrir o Porto ao tráfico negreiro."

reaparece. Reaparece indicando a compreensão de que existiu e toma forma e se torna visível a fim de que a história não seja esquecida. No mesmo sentido afirma a sua dignidade frente a um elemento cultural importantíssimo na cultura negra que é o lugar do Mestre-sala que se encontra e se confronta com outra cultura, a europeia. O cargo de Mestre-sala ou mestre de sala designa uma função aristocrática que existiu no Reino de Portugal e nos restantes reinos europeus, vinculada à supervisão de cerimônias da monarquia, que corresponde hoje ao lugar de Chefe do Protocolo, um mestre-de-cerimônias. A figura de João Cândido assume outro sentido, numa outra perspectiva, vista de um outro prisma, com uma nova ótica diferenciada, vista de baixo com outro protagonismo. Pode-se pensar o sentido, a semiótica, que oferece elementos para o estudo dos signos e significados que as figuras históricas assumem dentro de uma compreensão clássica da cultura até então transmitida.

Trata-se evidentemente de se pensar em que consistem os elementos que representam algum significado e sentido para o ser humano, abrangendo as linguagens verbais e não-verbais próprias da cultura. Esta perspectiva semiótica busca entender como o ser humano consegue interpretar as coisas, principalmente o ambiente que o envolve. Desta forma, estudar as figuras históricas da cultura e resistência negra requer uma compreensão do sujeito, como indivíduo único e diferente que é capaz de atribuir significado a tudo o que está ao seu redor, a partir da sua cosmovisão e dos valores que carrega na sua trajetória e dos seus.

No contexto da cultura negra é extremamente ampliado o sentido e a possibilidade de aprendizado, considerando a dimensão social. A assimilação deve considerar o seu âmbito e suas características próprias que se estendem pelas artes e pela beleza visual do carnaval e das Escolas de Samba, da música, da dança, do cinema, da fotografia, dos

Não foi à toa, que ele estava na sessão da Assembleia, em 24 de maio de 1883, quando Fortaleza libertou seus escravos. Em 25 de março de 1884, acontece a libertação de todos os escravos da província. O que não concluiu suas lutas.

Em 3 de março de 1889, reassume o cargo de prático, por ordem do imperador, cargo esse que havia perdido com o envolvimento nas lutas abolicionistas, assim tornando-se Major Ajudante de Ordens do Secretário Geral do Comando Superior da Guarda Nacional do Estado do Ceará.

O que não o impede de casar-se com a sobrinha de João Brígido, Ernesta Brígido, em 1902. Defendia a participação da mulher na sociedade cearense, que insistia em dar mostras de conservar intacto o seu racismo. Dois anos depois, revolta-se contra a indicação, por sorteio, de chefes de família para a prestação de serviços militares, quando apenas os negros haviam sido sorteados.

Seu poder de liderança volta a ser constatado: promove uma greve dos trabalhadores de embarcações, mesmo sob as ameaças do governador Pedro Borges. Um morto e mais de 90 feridos cobram justiça em frente ao Palácio da Luz. O governador manda dispensar os rebeldes, mas a imponência do Dragão do Mar é mais convincente, marcando seu último ato de bravura, antes de falecer, cinco anos depois, em 6 de março de 1914.

<http://www.canoabrasil.com/dragao-do-mar.html> Acesso 17/10/2017.

gestos, da religião e da religiosidade, da moda e das vestimentas, e das expressões culturais que serão possíveis ser assimiladas pelos alunos.

Em suma, quase tudo o que existe pode ser analisado a partir da semiótica, visto que para que algo exista na mente humana, esta coisa precisa ter uma representação mental do objeto real. Esta condição já faz de tal objeto, por exemplo, um signo que pode ser interpretado semioticamente. Segundo registros históricos, a semiótica teve sua origem na Grécia Antiga, mas apenas se desenvolveu no começo do século XX, com o trabalho de alguns pesquisadores, como o mestre da linguística e filósofo Ferdinand de Saussure (1857-1913), e Charles Peirce (1839-1914). Na cultura negra assume esse significado que só pode ser atribuído por seus próprios sujeitos e vivenciado no processo de formação e construção de valores na educação, outro intérprete para uma outra expressão.

O termo Mestre-sala revela na construção cultural das Escolas de Samba um lugar de destaque e de importância dentro do conjunto da organização da Cultura Negra. Junta-se em complementaridade na redação escolar sobre João Cândido os atributos relacionados à sua capacidade profissional, destacando-se a sua identidade étnica. Na afirmação de que é conhecido como navegante negro, exaltado na sua negritude e na dignidade de um mestre sala, acentuando sua liderança, assim como o seu destaque na qualidade cultural das expressões de beleza da linguagem das Escolas de Samba.

Uma figura que tem autoridade e é reconhecido ao acenar pelo mar na alegria das regatas, se torna considerado e saudado tanto na musicalidade quanto nas redações. Os alunos assim como o compositor resgatam a historicidade e o valor deste sujeito na expressão musical que afirma que ele foi saudado no porto pelas mocinhas francesas, jovens polacas e por batalhões de mulatas. A sua identidade se expande e se torna conhecida por outras pessoas e até mesmo outras culturas. Ainda se faz necessário destacar que este sujeito histórico é saudado no porto por pessoas da nobreza, o que revela sua importância para outras culturas, mas também daqueles que representam a cultura e a identidade negra, ou seja, as mulatas.

O elemento da universalidade é de fundamental importância para a cultura negra, está expresso nas redações dos alunos e se confirma na elaboração do compositor. Universalidade para a construção de valores tanto na cultura afro-brasileira quanto na educação e na formação escolar.

A dimensão da resistência reaparece associada também à santidade nos versos “Rubras Cascatas jorravam das costas dos Santos entre cantos e chibatás”. A dor e alegria

que se encontram inundando o coração pelo grito de um feiticeiro que indicava valor da Glória. Glória esta que se mistura a elementos da cultura e tradição, a farofa comida, a cachaça bebida, as baleias na natureza. Glória a todas as lutas que não são reconhecidas, pois ele chama de inglórias, que através da história ficam marcadas, lembradas. A composição traz claramente a afirmação importante de que as lutas que não foram glorificadas são lembradas na história. Esse é o propósito desta Tese, não deixar esquecido, nem pela escrita das redações, nem pela música, pelos sambas enredo das escolas que se encontram a grandeza deste elemento histórico, João Cândido e de tantos outros e outras. Seu monumento está marcado neste chão brasileiro, nas pedras do Cais, lugar como expressão de mundo onde se construiu a história. Ele pisou no Cais. Ele e tantos outros irmãos e irmãs negros. O significado do lugar, espaço vivencial, o Cais vai para a semiótica da escola, construindo sentidos e valores para a educação, a importância da cosmovisão.

Faz-se necessário destacar a sua identificação como feiticeiro, pois aparece expresso na redação e na música ressaltando expressivamente seu valor cultural e religioso, assim como sua relação com as forças da natureza e a própria força de João Cândido.

2.6 As redações sobre Luiza Mahin: classificação e análise

A seguir, apresentaremos, num primeiro momento, o quadro de classificação das redações elaboradas em escolas do Rio de Janeiro e de São Paulo, no ano de 2011, tendo como tema a personagem Luiza Mahin, informando os títulos das redações, os nomes dos alunos autores e das alunas autoras, a escola em que as redações foram elaboradas e a localização das escolas. Num segundo momento, apresentaremos a análise das referidas redações.

2.6.1 Classificação das redações do Ensino Médio do Rio de Janeiro - 2011

1º lugar:

A Luz de Dahomé

Guilherme Estevão de Lima Maciel

Luise Campos da Silva

Pré-Vestibular Social CEDERJ - Pólo Complexo do Alemão

Complexo do Alemão Rio de Janeiro

2º lugar:

Uma rainha de verdade

Andressa de Paula Souza Arruda

Célia Maria Coleta Salvador

C.E.C.A. Colégio Estadual Casimiro de Abreu Casimiro de Abreu

Casimiro de Abreu Casimiro de Abreu

3º lugar:

Luiza Mahin: um novo olhar na nossa história

Priscila Gomes da Silva

Cristiane Sampaio Meneses

CIEP 306 – Deputado David Quinderé - São Gonçalo

2.6.2 Classificação das redações do Ensino Médio de São Paulo - 2011

1º lugar:

A herança de uma rainha esquecida

Ana de Sousa Neta Bezerra

Aparecida Alves Meira Leite

EMEJA – Clarisse Lispector - Mauá

2º lugar:

A marca de uma história

Lucas Vinicius Alves dos Santos

Raquel Aparecida da Cruz

Fundação CASA - Três Rios Iaras

3º lugar:

Um caminho à liberdade

Matheus Guimarães França

Lucilene Aparecida Bonafé Brito Randon

Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida - São José dos Campos⁴³

2.6.3 Análise das redações que tem Luiza Mahin como tema

Ao pensar a educação diante de uma figura tão grande e tão importante como Luíza Mahin é necessário reconhecer e afirmar que foi também ela uma verdadeira Educadora. Luíza Mahin Mãe! Luiza Mahin Liderança! É ela quem educa e prepara seu filho, que vai se tornar um grande advogado, Luís Gama. Tinha convicções religiosas, fez história nas escolas e cantada pela escola de samba. Cuidou pessoalmente com uma habilidade única e peculiar as estratégias de libertação dos seus companheiros através do seu trabalho de comerciante, com os tabuleiros e os quitutes, praticamente artesanal.

⁴³ <http://ceaprtj.org.br/concurso/wp-content/uploads/2013/06/resultado-concurso-redacao-2012.pdf>.

Sabia ler, escrever, fazia os bilhetes com os quais liderava e articulava esse grande movimento de alforria.

Sikiru Salami ao tratar os valores de conduta social entre os yorubá da Nigéria (África do Oeste) aponta aspectos relevantes socioeconômicos desta sociedade e desta cultura em que se destaca a posição da mulher na sociedade africana e sua influência no setor econômico. Este aspecto se evidencia na pessoa de Luiza Mahin ao cuidar da libertação de seus companheiros. É um elemento educativo e é uma alternativa de formação e organização social.⁴⁴

"Outro campo de atividades tipicamente feminina é comércio. Essa atribuição abrange desde a comercialização de excedentes da produção agrícola local até a revenda de produtos. Em geral as mulheres comerciantes se organizam de modo cooperativo segundo o sistema denominado ajo, ao retornar das feiras ou dos mercados reúne-se em grupo e cada qual contribui com certa quantia do dinheiro obtido das vendas, de modo a constituir um fundo comum. Esse fundo é então destinado a uma delas. Tal operação se repetirá no sistema de rodízio até, que todas sejam beneficiadas."

Uma mulher de raízes e tradições marcadas pela culinária e pelas peculiaridades, competência e talento feminino, um dom para usar como instrumento a fim de processar e encaminhar o grande movimento da libertação, além de sua presença marcante na Revolta dos Malês.

Luiza Mahin tinha convicções religiosas profundas que oferecem elementos fundamentais para os praticantes das religiões de matriz africana, assim como reforça a autoestima diante da gravidade que acontece com a realidade de intolerância religiosa presente na atualidade.

Uma mulher de expressão e de tradição que não se deixa confundir com outras. Sabe dizer “não”, para não se negar e nem negar a sua história, as suas crenças, as suas convicções e suas tradições religiosas, suas raízes, sua cultura do passado e sua ancestralidade. Sabe bem o seu lugar, de onde veio, garante sua identidade e a sua pertença. Mais que isso, uma grande figura da história do Brasil que não foi colocada na historiografia oficial, nem reconhecida entre as grandes heroínas. Porém, traz consigo e traduz para a História e Cultura Afro-brasileira valores de educação de raízes africanas. Estes considerados nas redações, reconhecidos e retomados como fundamento histórico no processo de construção de uma outra história. Efetivamente como outros vultos da

⁴⁴ SALAMI, Sikiru. **Poemas de Ifá e valores de conduta social entre os yorubá da Nigéria (África do Oeste)**. 1999. Tese (Doutorado) - Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999, p. 19.

História do Povo Negro, como em repetidas vezes, não passou e nem passa pela oficialidade, ao contrário, é negada e desconsiderada, estrategicamente ocultada e renegada.

Reiteradamente se retoma a afirmação de que uma educação de raiz afro-brasileira deve ser fundamentada no processo de construção de uma história que muitas vezes não passa pela oficialidade, ao contrário sobrevive, resiste e se mantém mesmo que à margem e de diversas maneiras e por diferentes razões é renegada e desconsiderada, como também já afirmada anteriormente a respeito de João Cândido, e que se pode considerar em relação a outros protagonismos ainda não reconhecidos, nem valorizados pela história oficial.

São evidentes as estratégias de marginalização, descaso e desvalorização que os negros passaram e passam, mas agrava-se ainda mais em relação às mulheres negras. Luiza Mahin também foi submetida aos preconceitos e discriminações da sua época. Soube responder com o vigor feminino que lhe era próprio. Estas respostas contribuem efetivamente na construção social da realidade educacional brasileira. Indicam elementos eficazes que devem ser reconhecidos e pensados para oferecer valores educativos e promotores da autoestima nas meninas e nos meninos que são formadas em escolas e que devem já e futuramente atuar na transformação da sua história pessoal e na trajetória de vida dos seus e dos seus grupos.

O resgate da belíssima figura de Luiza Mahin representa o movimento na “contramão” diante do que foi posto pela cultura vigente, com suas limitações em relação ao gênero e em especial às negras na sociedade, na cultura e na religião. Luiza Mahin que esteve envolvida na Revolta dos Malês (1835) e na Sabinada (1837-1838) é indubitavelmente uma expressão significativa do processo de formação de valores na luta e movimento de libertação. Modelo de evidência do heroísmo, pois se o caso do levante dos malês tivesse sido vitorioso, ela teria sido reconhecida como Rainha da Bahia, a mulher dos quitutes. Esse movimento representa uma força expressiva de um processo revolucionário, entre outras iniciativas, de formação escolar, humana e feminina, conforme é tratada nas redações com evidência da mulher genitora e lutadora.

Neste sentido deve-se pensar também no processo de formação escolar conforme é tratado nas redações, assim como no propósito e na elaboração dessa Tese que elucida os valores, que propõe uma axiologia a partir de uma outra perspectiva, que não a de dominadas, mas sim da força e do poder, da capacidade de resiliência, da resistência, da gestação e do parir projetos de uma sociedade igualitária e de transformação da realidade

e da condição social e cultural brasileira. Uma educação democrática que considera o espaço feminino nas relações políticas e até mesmo a resistência na perspectiva religiosa e cultural.

Assim se torna possível perceber a necessidade de retomar essa figura tão forte e expressivamente humana de Luiza Mahin e dar-lhe o destaque possível para a construção de valores educativos. O seu papel é determinante tanto nas suas origens na África, quanto nos seus feitos no Brasil. Dar visibilidade tanto à ação efetiva de libertação sua e dos seus na participação na Revolta dos Malês quanto o resultado na construção da sua história de libertação abolicionista com significados identitários, femininos e para a coletividade. De maneira que se possa ratificar aquilo que realizou e deixou como legado para a história do seu filho, das outras mães, das mulheres, do seu povo, do Brasil e até mesmo da humanidade. A mãe que gesta e gera a partir da ancestralidade feminina um legado de libertação e de construção de valores a partir do direito, no seu filho. Essa perspectiva humanitária abrangente se torna possível na medida que, sua identidade não foi esquecida e faz parte do patrimônio e da memória daquelas e daqueles, a partir da autoestima feminina, construindo alternativas de convivência interpessoal, de gênero e social.

Ao expressar “humanidade” abre-se um horizonte epistemológico de uma concepção filosófica do reconhecimento do valor das lutas e causas da mulher negra, não única e simplesmente do ser humano, mas do ser humano, ser feminino. Trata-se do Valor da Mulher Negra na construção de uma Axiologia. A afirmação expressa e reconhecida nos textos das redações é explícita ao demarcar o espaço que ela ocupou e que ainda representa e representará para o futuro de gerações de mulheres, uma abordagem que considera a temporalidade, em que tempo-época e espaço-local de pertença têm um significado importantíssimo para a luta de libertação das mulheres e homens deste tempo. Da África de onde veio, e do que representa o devir, em que se reconhece que no futuro sua figura é determinante para tantas outras afrodescendentes, lideranças e possíveis educadoras na diversidade de suas atividades. Um movimento que representa uma força expressiva de um processo revolucionário de ir às origens e voltar para a realidade e reconhecer, entre outras iniciativas, de formação escolar, humana e feminina, conforme é tratada nas redações com evidência da mulher genitora, lutadora e acima de tudo libertadora.

Destacam-se nesse sentido os escritos nas redações que comprovam o elemento da autoestima. Nomes ilustres de **NEGRAS** e **NEGROS** escritos na história e escrevendo

em seu tempo as histórias de suas vidas mesmo que na oralidade e também através de textos as suas histórias na vida e no cotidiano escolar. Renovadamente se confirma a construção de valores pessoais, uma vez que ela não estava só, fez a libertação com grupos. Luiza Mahin é uma liderança, sim! Mas com, juntos, integrada a outros. Ela é porque os outros são para ela. O Ubuntu! As tantas outras mulheres e seus irmãos de luta, seus descendentes, e seus companheiros são com ela. Criaram laços e estenderam redes de libertação que se espalharam pelo chão do Brasil por quem lutou e se fez conhecer. É universal pela abrangência e suas origens africanas, mas também pelo samba de enredo. O elemento de fundamental importância é a ação de contar a história e guardar a memória das figuras pela oralidade ou pela escrita que realizam a sua perpetuação.

Neste sentido há o reconhecimento de que as redações oferecem para a elaboração desse texto a evidência dos valores de libertação protagonizados por uma liderança feminina, que propõe para o espaço acadêmico uma outra axiologia a partir de uma outra perspectiva de gênero, que se diferencia profundamente dos dominantes e poderosos em sua essência. Essência essa marcada pela força e poder, pela beleza e o encantamento do ser mulher, pela sua sensibilidade e pelas suas habilidades, na resistência discreta e organizada com estratégias e propósitos, daquelas que têm projetos de uma sociedade justa, participativa e igualitária.

Ela fez história e é da história da escola, cantada por outras escolas. Escolas de Samba que engrandecem e reforçam a autoestima e a identidade. Seguem as redações, conforme o utilizado sobre João Cândido. Primeiramente as do Rio de Janeiro, depois as de São Paulo com suas respectivas análises.

Um estilo musical também complementa as redações sobre a Luiza Mahin. O gênero musical é diferente do que lembrou João Cândido, sinalizador da diversidade e pluralidade cultural brasileira. Para ela a memória vem de um Samba Enredo.

2.6.3.1 Luiza Mahin: as redações do Rio de Janeiro e sua análise

Segue a análise do primeiro bloco de redações sobre Luiza Mahin na realidade escolar do Rio de Janeiro, ressaltando as evidências de processos educativos e do protagonismo do aluno em relação ao tema da mulher na história e em especial na educação do filho. Um personagem que não viveu neste estado representa um diferencial, pois a história se deu na Bahia e em São Paulo. Isso demanda uma exigência maior de

pesquisa tanto por parte dos alunos como dos professores.

As redações se destacam pela busca de identificação com a realidade dos alunos e o comprometimento com a personagem e sua temática de liberdade e filiação. Trata-se de uma construção criativa, identificada e comparada com a realidade atual, assumindo o tema para a própria vivência.

Os comentários realçam e valorizam a produção textual e apontam elementos axiológicos. A análise das redações apresentam a possibilidade de uma outra epistemologia, de reconhecimento e de identificação da importância e da valorização social da questão de gênero que o conteúdo oferece para a construção da igualdade nas relações interpessoais, do respeito e da valorização da condição da mulher que constrói de forma efetiva a liberdade na busca de seu espaço na sociedade.

Segue o esboço dos temas abordados com a referida análise da construção de valores apresentados nos escritos.

2.6.3.2 Os temas abordados

As expressões, as imagens e os significados

Guilherme Estevão de Lima Maciel em sua redação usou duas expressões de um valor, a saber, insubmissão e guerreira. Ele acrescenta uma linguagem própria com elementos de africanidades na qual utiliza de imagens para lhe dar significado e expressão, descrevendo a mulher Luíza Mahin como insubmissa acrescido de uma imagem simbólica que é da semente. Uma semente africana plantada em terras brasileiras se torna uma árvore e com raízes que se expandem, com seus galhos que têm flores e que mais adiante se assemelham à Camélia, flor de tamanha importância pelo significado histórico que esta tem para o processo de libertação negra. Essas flores se tornam belas na pele do povo negro.

O autor tem a capacidade brilhante de usar a expressão emblema. Este assume um significado relevante. Luiza Mahin se torna uma marca na história brasileira de libertação.

A imagem da semente plantada é retomada quando ele é capaz de fazer sua trajetória vindo da África do Sul, ela é capaz de vencer toda a opressão e superar todos os desafios do Navio Negreiro, das algemas, dos grilhões do sofrimento na luta em terras brasileiras.

Uma leitura de gênero fica muito clara ao afirmar que a rainha nagô fincou seu nome na trajetória das mulheres e na construção da história do Brasil em dois aspectos tão diferentes e complementares, um no movimento dos negros Malês e outro na luta contra a intolerância religiosa. Ele afirma com sabedoria que não foi uma conquista imediata, mas consolidou o seu nome na história africana e brasileira.

A cosmovisão se evidencia nesta redação, na afirmação feita do protagonismo que não foi somente dela, mas de trazer ao mundo através do seu ventre um herói dos escravos, Luís Gama. As identidades das lutas se aproximam, pois o aluno afirma o mesmo título ao filho, o igualmente insubmisso poeta mestiço, herdou o sangue doce de sua mãe e utiliza da grandeza da poesia ao dizer versos românticos de sua formação em Direito. Genealogia e ancestralidade estão confirmadas na expressão Bandeira hasteada pela mãe. Ela é chamada como símbolo mais uma vez, porém agora de valentia em memória de um país, em contraponto aos personagens que não carregam uma relevância cultural tão importante para o povo negro.

Marcado por uma riqueza cultural e literária destacam-se as expressões em sentido figurado como “algemas da dor” e “grilhões de sofrimento”; metáfora como “doces ideias” e o neologismo “capitanear”. Uma linguagem com conotação de divindade ao expressar “aura”, que se percebe também na compreensão histórica de Jim Sharpe ao descrever a “A história vista de baixo”, esta que vista de baixo mantém sua aura subversiva.

A originalidade continua expressa ao conjugar o verbo “Borrifar” pelos ares referindo-se a uma essência de luta, elemento fundamental para a conquista da liberdade que consolidou o nome na história, analogamente à “Antígona”⁴⁵, estabelecendo um paralelo comparativo ao nível de grandeza e expressividade com a mitologia grega. Indicador evidente de que se pode encontrar valores na cultura africana e torná-los referência, como foi feito com a cultura grega e são ensinados tradicionalmente nas escolas. Trata-se de encontrar outros referenciais e valorizá-los, tornando-os conhecidos

⁴⁵ Antígona era uma personagem da mitologia grega, uma das filhas incestuosas de Édipo e Jocasta. Era irmã de Ismênia, Polinice e Etéocles. Seu mito é descrito na famosa obra “Antígona”, do dramaturgo grego Sófocles, um dos mais importantes escritores de tragédias e apresentada até nossos dias. Era um exemplo de amor fraternal e foi a única filha que não abandonou Édipo quando este foi expulso do seu reino. Com sua altivez e autoconfiança, Antígona mostrou os acentuados traços de insubmissão ao colocar-se acima das leis terrenas. Representa o respeito pela vida humana, a igualdade e o amor entre todos os seres humanos. Etimologicamente, Antígona significa: aquela que se coloca adiante de sua família ou do meio em que vive (anti = diante de, goné = nascimento ou origem).

<http://eventosmitologiagrega.blogspot.com.br/2011/09/antigona-e-creonte-aprendendo-com.html/aceso10/10/2017>

pela cultura negra e suas tradições.

Ainda se destaca a afirmação do contraste entre “espinhos da opressão e Camélia da Liberdade”, já afirmado na sua beleza, significado e expressividade do processo de organização e de libertação dos negros. A Camélia foi símbolo de liberdade no passado e motivação do Concurso de Redação realizado nas escolas.

A consideração significativa e enaltecida é dada pelo estudante para Luiza Mahin como Luz de Daomé⁴⁶, valorizando a sua dignidade e a altivez real, sua presença no mundo, foi sinal que iluminou o caminho de seus irmãos. Expressões próprias da cultura e religião se destacam ao afirmar “Luz de Dahomé, conclamou, com axé e ao som dos atabaques dos divinos Alabês⁴⁷, os anjos da liberdade”. O Axé é um sentimento mais nobre, puro, forte e de valor acompanhado do som dos divinos Alabês, ou seja, referência à função religiosa, ao cargo de Ogan, aquele que é responsável por tocar os atabaques. Estes aqui referidos com sons divinos, representam a humanidade e a divindade que se encontram e se relacionam na figura de Luiza Mahin, que conclama os anjos da liberdade.

A crítica, a identidade e as contraposições

Na segunda redação a menina Andressa de Paula Souza Arruda de uma forma crítica e sábia aponta dois elementos de extrema importância que precisam ser pensados como efetivamente prejudiciais à cultura e história do povo negro, a mídia e as políticas públicas. A aluna ainda valoriza os projetos que resgatam a memória e a historicidade dos heróis negros. Ela serve-se de duas expressões de uso na vida e na história do povo negro: arrancada e arrancado. Ela, a mãe, da sua terra, da sua cultura e da sua religião. Ele, o filho, do seio da sua mãe. Expressões que compõem e definem o que caracterizou a identidade sofrida de tantos negros e tantas negras na história do Brasil.

A aluna valoriza e resgata a figura de Luís Gama, apontando o grande valor artístico e cultural que lhe é próprio, a poesia com a qual faz conhecer a sua própria mãe.

Seu texto apresenta a contraposição de uma historiografia oficial que conservou um olhar preconceituoso em relação a Luísa Mahin. Destaca-se nesse sentido a

⁴⁶ O Daomé era um Estado da África, situado onde hoje se situa o Benim. O reino foi fundado no século XVII (c. 1600) e durou até o final do século XIX, quando foi conquistado com tropas senegalesas pela França e incorporado às colônias francesas da África Ocidental. <http://www.acad cultural.org/reino-de-daome./acesso10/10/2017>.

⁴⁷ Pessoa responsável pelo toque dos atabaques no culto. Coordenador dos tocadores de atabaque. BERKENBROCK, Volney. 1999, p. 439.

capacidade crítica expressa na redação.

O empoderamento se evidencia na sua expressão "poder da voz", a força da palavra, seguida de uma visão crítica sobre a condição social e o processo de ascensão negado ao povo negro. Escravidão e intolerância são evidenciadas como elementos que possibilitam a discriminação e atitudes preconceituosas que não permitem a visibilidade e a evidência de valores na história, cultura e religião do povo negro.

A identidade, a ancestralidade e o simbolismo

A terceira redação da Priscila Gomes da Silva critica a visão da cultura brasileira que historicamente estabeleceu a superioridade da figura do branco na hierarquia social e em contrapartida apresenta a ascensão do negro a partir da Lei 10639/03 numa perspectiva de construção de valores em sociedade igualitária.

A aluna apresenta claramente a grandeza de Luiza Mahin, na sua identidade diversificada de negra, mulher e mãe, sem limites na luta pela libertação. Aparece de forma evidente na sua posição Luiza Mahin como elemento importante, protagonista e relevante para formação do país, visão ampla e de uma natureza política profunda que se apresenta na concepção da estudante.

Algo de característico se apresenta na forma de descrever Luiza Mahin nesta redação. A palavra que se destaca apresenta Luiza Mahin como símbolo de resistência. Os símbolos resistem ao tempo e permanecem na formação cultural. Para a aluna o simbolismo se apresenta em três perspectivas, ou seja, da resistência, da liberdade e da luta.

Significativo também se apresenta a afirmação da expressão tão clara da inspiração. Ela usa a palavra expressiva e singular, com a qual a denomina como "quase divina". As duas dimensões se aproximam e dialogam com tamanha propriedade. Por um lado, o elemento de significado religioso que é diretamente conjugado com o plenamente humano na expressão amoroso. Ela é inteiramente humana na maternidade de Luís Gama, revelação da vida como uma consagração, que retoma a perspectiva da divindade.

A ligação com Luís Gama no processo de ancestralidade que provoca a libertação dos africanos escravizados aponta para a construção da sociedade igualitária. Retoma-se a ideia inicial, tendo como valor fundamental voltar ao passado e admirar a mulher guerreira dos Malês. Neste aspecto dois valores educacionais se apresentam. De um lado,

a mulher capaz de conquistar corações, perspectiva afetiva da educação para a liberdade; de outro lado, a escrava que não reprimiu seus pensamentos, indicando o valor educacional, ideológico e sapiencial, fundamental para lutar contra o racismo.

A aluna com propriedade associa a figura de Luís Gama ao processo de formação da Lei 10.639/03 para evidenciar o protagonismo do negro filho e a militância feminina no processo de construção social.

A ligação de Luís Gama com sua mãe reforça a compreensão do aspecto da força da ancestralidade, pois como tantos outros, ele também foi um que construiu sua história na realidade dos filhos arrancados brutalmente das mães. A resistência e a ancestralidade se aproximam e se tornam elementos constitutivos da identidade do povo negro, expresso na história da vida e na escrita da redação.

2.6.4.1 Luiza Mahin: as redações de São Paulo e sua análise

A segunda expressão redacional sobre Luiza Mahin vem da realidade na qual ela estava inserida. Conhecimentos vindos do Estado de São Paulo trazem também a evidência dos valores presentes na figura expressiva dessa grande mulher. São textos que seguem na mesma perspectiva, com o resultado de um trabalho intenso de estudo e elaboração de conhecimentos, estes bem próximos do lugar vivencial da personagem.

As redações apresentam traços de fidelidade histórica a respeito da pesquisa sobre a vida e realizações de Luiza Mahin, assim como do seu filho Luís Gama, relacionando com a realidade vivida na educação maternal e o processo de construção da liberdade das mulheres e homens do seu tempo.

Os temas originais e criativos como o da herança de uma rainha esquecida, seguida da marca que deixou para a história e finalizando com um caminho de liberdade. A leitura das redações provoca a lembrança e sugere rever as marcas que as mulheres deixam com sua vida no caminho e na trajetória histórica de seus filhos e filhas hoje, como na vida de Luís Gama no passado. Marcas na trajetória percorrida em busca da construção da liberdade, desde o tempo de Luiza Mahin até o presente.

Os valores educativos continuam evidenciando-se nas redações que seguem de São Paulo, nos outros escritos na vida e na história que devem ser lembrados e marcados também no caminho da educação e da formação cultural do povo brasileiro.

Segue a análise do segundo bloco de redações sobre Luiza Mahin, Estas redações situadas no lugar da vida desta mulher forte e lutadora. Os escritos se estendem ao seu filho Luis Gama que também viveu em São Paulo. O lugar no mundo se evidencia na identificação dos que escrevem identificados com a realidade social local. As redações localizadas na realidade de São Paulo reafirmam as possibilidades de evidências de processos educativos que constroem valores pessoais e culturais apresentando o protagonismo da aluna e do aluno. Um diferencial se apresenta por ser um personagem que viveu nesta cidade, valorizando a experiência do espaço e local vivencial.

Destaca-se uma busca muito apurada no estudo e na pesquisa, ressaltando a pertença da mãe e do filho na realidade social paulista, sem com isso desqualificar o processo de identificação com o personagem e sua temática, realizada anteriormente nas redações do Rio de Janeiro. Trata-se simplesmente de um diferencial que confirma a importância da inserção do estudo na realidade histórica e vivencial dos antepassados e da construção social e cultural.

Os comentários realçam e valorizam a produção textual, assim como evidenciam elementos axiológicos, apresentam a possibilidade de uma epistemologia reconhecendo e identificando o valor social de gênero, a importância que o conteúdo representa para a construção da igualdade racial e relações de respeito e valorização à diversidade e pluralidade de conhecimentos oriundos de outra realidade e de diferente forma de abordagem.

2.6.4.2 Os temas abordados

A pertença, as tradições e os significados

A universalidade e a ancestralidade caracterizam o texto de Ana de Sousa Neta Bezerra. A aluna tem a capacidade de colocar o tema da sua redação numa perspectiva de universalidade ao afirmar que a África é o berço da humanidade. Com muita propriedade também afirma a ancestralidade ao escrever que a África chora seus filhos desde as épocas mais antigas até os dias de hoje, e assim fica claro uma noção de historicidade presente no texto.

O tema da pertença fica tão evidente na primeira redação de São Paulo, quando a aluna afirma que, como tantos outros, Luiza Mahin nasceu na África, na Costa da Mina e

é de uma Nação Nagô. Mais do que simplesmente uma pertença geográfica, trata-se também de uma pertença na dimensão religiosa e nas tradições culturais de seu povo ao recusar o Batismo e a Doutrina Cristã.

O simbolismo aparece também na afirmação de que ela foi “símbolo de resistência e de garra”. Essa garra que passa pela ancestralidade ao deixar seu filho Luís Gama que foi capaz de relatar a trajetória da sua própria mãe. A maternidade se recria em uma riqueza de significados, na expressão da herança da mãe negra África que garantiu à Luísa Mahin a sua identidade ligada à capacidade de lutar e a sua insubmissão perante a injustiça.

A luta e a revolução fizeram com que ela se apresentasse como um símbolo negro e livre diante da história. Mulher de coragem para defender a sua causa e a dos seus com uma profunda altivez imbatível.

Algo de extremamente característico se apresenta neste texto na afirmação da aluna de que uma vez presa e enclausurada cresceu nela um sabor de vingança e de luta e também de sonhos, o que a tornou marco na história da resistência à escravidão no Brasil.

A preservação da memória é apresentada pela aluna ao se referir a Luís Gama que mesmo incerto da sobrevivência da sua mãe com anos de separação, preservava ainda a imagem carinhosa que tantas vezes o aconchegou no colo, nos seus braços. Essa perspectiva da afiliação é muito próprio no processo de resistência do povo negro em que a ligação de mãe e filho na ancestralidade garante a resistência.

A identidade de Luiza Mahin está associada à identidade também de tantas mulheres negras da mesma raça, da mesma tribo, com os mesmos desejos roubados, sonhos e direitos negados. No entanto, a luta a fez chegar ao reconhecimento da realeza, assim como a busca pela revolução. A luta com garra por justiça e liberdade é associada no texto desta aluna a tantos que gritam e lutam por seus direitos e merecem também como Luiza Mahin o título de Realeza. Título este associado à conquista histórica da obrigatoriedade do ensino da história e cultura da África e dos afrodescendentes nas escolas como sendo uma oportunidade de conhecer e de reviver a luta, a identidade e as buscas dos sonhos e anseios, as realizações de Luiza Mahin para história do Brasil que continua.

Essa continuidade da história se torna possível pelo reconhecimento da pertença e da ancestralidade. Se torna possível na educação pelo fato de estudar e preservar a memória nobre atribuída a Luiza Mahin e reconhecimento do valor das mulheres do cotidiano, na formação social que demanda vencer preconceitos e discriminações.

A pertença, a história e a poesia

Na segunda redação Lucas Vinicius Alves dos Santos aprofunda essa concepção de pertença que é determinante da identidade do povo negro: ser parte de, estar com, participar. Com propriedade o aluno localiza Luíza Mahin na sua história, seu local de nascimento, continente, o ano e a etnia Jeje, africana. De maneira muito clara a pertença a uma nação Nagô acrescida da descrição da liberdade e da identidade, apresenta quem é Luiza Mahin, oferece a informação sobre seu sobrenome como pertença à etnia Mahi, e seu povo Yorùbá. Ela afirma que talvez se tratasse de uma “Princesa”, porém diante da ausência de comprovação, ratifica sua suspeita de sua formação política e sua capacidade de articulação. Ela que não aceita a submissão, nem a condição social e a condição religiosa permanecendo assim pagã, não aceitou receber batismo e nem a religião católica, se definindo como muçulmana. Conhecedora da religião muçulmana, letrada em árabe e conhecedora também do Alcorão, disseminou como profetisa as palavras do profeta Maomé aos negros não convertidos, pois os escravizados capturados na região de Biad-ts-Sudan garante a prática do islamismo junto aos negros não convertidos ao cristianismo.

A pertença é acrescida também na sua condição de escravizada, pois ficou marcada em Salvador, Bahia como tantos outros negros. Luíza Mahin entendida, como tantos outros aqui escravizados, pertence a nosso povo brasileiro.

A ancestralidade é apresentada como pertença e presença na história a partir do filho de Luíza Mahin, o grande Luís Gama. E para este aluno, conforme seu texto, há determinados elementos que em educação passam a assumir um valor importantíssimo. Luís Gama, descrito como poeta, escritor e admirador que, mesmo sem conhecer e conviver com a mãe revelou a imagem relevante presente na memória e que aparece de uma forma bela nos seus poemas. A beleza da poesia se destaca como construção de valores para história, a resistência e a liberdade do povo negro.

Pela literatura e pelos escritos de Luís Gama a memória foi garantida e a grandeza das realizações desta mulher continua presente na história. Ela deixa de ser uma incógnita e passar ser uma realidade. Isso expressa também uma forma de resistência que está fora da oficialidade e que se mantém pelas cartas e poemas de alguém que ocupa lugar dos escravizados, e também usa as estratégias de resistência.

A redação apresenta a participação de Luíza Mahin na Revolta dos Malês no ano de 1835. A grandeza desta mulher aparece também em outras situações de perseguição

em que ela esteve presente resistindo e liderando. Mulher que sofreu deportação para a África, ela se torna figura central na história como personagem importante lutando pelos seus irmãos africanos e deixa sua marca vinculada à imagem de Grande Mulher que continua presente nos poemas do seu filho, trazendo valores em educação para outros textos e redações da liberdade.

A filiação, a etnia e a liberdade

A terceira redação de Matheus Guimarães França apresenta um caminho de liberdade que pode ser entendido na educação e no processo de construção de valores sociais. Refere-se inicialmente ao filho, descrevendo o olhar que este tem sobre sua mãe. Trata-se da construção de valores pela ótica da família, elementos de ancestralidade e de descendência. O autor da redação reúne elementos pessoais e sociais, posicionando Luiza Mahin no contexto da resistência do negro e da mulher, etnia e gênero dialogam numa perspectiva de resistência.

Uma análise de sociedade se apresenta, ao mencionar a diferença de classes em 1822 entre a elite e os escravos, focada na questão da terra e no sistema escravocrata, no qual se destaca a luta pela justiça. A ideia de vida plena, elemento teológico e valor para o cristianismo, este que provoca e cria os heróis. O reconhecimento de Luiza Mahin como guerreira genuína pelos direitos humanos amplia a compreensão do heroísmo. Algo que se destaca além da qualificação apresentada, é a que segue como articuladora do levante popular contra a escravidão e a favor da liberdade de culto religioso, protagonizando a luta pelo respeito das suas tradições.

O aluno sabiamente estabelece um paralelo entre o espírito, a motivação de Luiza Mahin em relação à Declaração dos Direitos Humanos anos depois, uma visão de futuro que se apresenta, uma perspectiva de antecipação do que se torna necessário para uma sociedade justa e igualitária.

Aproxima a figura de Luiza Mahin à de João Cândido, o que é também o propósito deste texto. O mesmo oferece elementos de confirmação da Tese da relação na luta de heróis na construção de valores, que o aluno afirma como ter voz sem distinção de classe, cor, religião, sexo ou costume, como construção histórica do povo brasileiro. A conquista de direitos e justiça social são valores fundamentais para a construção da sociedade igualitária e libertária. Destaca-se a construção de valores para a educação por

um aluno que se projeta e conquista seu lugar e espaço na sociedade e vai construindo coletivamente sua história e dos seus.

2.6.5 Outro encontro: redação e samba-enredo

Uma homenagem significativa e expressiva para Luiza Mahin surge no ano de 1984, pela Escola de Samba Unidos da Tijuca, no Rio de Janeiro. O samba-enredo atravessa fronteiras e vai à Bahia, evoca as divindades e recorda a humanidade na luta que vale ouro pela liberdade.

Ressalta-se na perspectiva da educação a afirmação do valer ouro, do valer prata a inteligência e a cultura dessa raça. A figura central feminina ao lado de outros que tanto lutaram, evocam o Ubuntu. Com isso fica evidente que os valores coletivos efetivamente contrastam com a história oficial que ocultou valorosas identidades. Essas identidades são resgatadas com sabedoria e beleza nas diversas expressões culturais e se tornam populares e patrimônio da historicidade e da resistência.

Samba-Enredo 1984 – Escola de Samba Unidos da Tijuca

Compositor: Carlinhos Melodia, Jorge Moreira, Nogueirinha

Levei meu pensamento à Bahia
 Ao berço da poesia
 Em busca de inspiração
 Encontrei personagens realistas
 Tidas como anarquistas
 Pois queriam um Brasil mais irmão
 De Alah receberam ensinamentos
 De Olorum não se afastaram um só momento
 Negros que enxergaram as razões
 E lutaram pela igualdade
 Liberdade e justiça social
 Salamaleikum, elo forte, triunfal
 Se na veia corre sangue
 Do senhor ou do plebeu
 Desejavam dar ao próximo
 O mesmo que queriam aos seus

Valia ouro, oi, valia prata
 A inteligência e a cultura desta raça (bis)

Lá na África distante
 Trouxeram o misticismo da magia
 Nações e mestres alufás
 Usavam estratégia e ousadia
 As revoltas se sucederam

Com Luíza Mahin, Licutam e Nassim⁴⁸
 A cidadania, oi, era o ideal destas nações
 Liberdade ou a morte
 Se lançaram à sorte
 Olhando o mundo
 Como um jogo de xadrez

Hoje eu sei, vovó
 Que não foi em vão
 Apesar da nossa história (bis)
 Não mostrar toda a verdade
 Do tempo da escravidão

O samba-enredo e as redações

Duas escolas diferentes em que a vida e seus valores formulam expressões significativas para a história da formação humana. Os espaços de vivência são diferenciados e ambos apresentam elementos comuns de vivência e construção de elementos de criatividade e concepção construtiva pessoal e social. De um lado, a cultura popular que passa pelo barracão, pela periferia e pela experiência e vivência de um grupo que se expressa pela beleza da musicalidade e da dança, elementos identitários da cultura negra; de outro, o espaço acadêmico com uma construção textual, resultado de pesquisa e de orientação formativa e escolar. A figura histórica feminina de Luiza Mahin ocupa os dois espaços e transita nessa cultura pela representatividade que se revelou pessoalmente, assim como expressão social de um grupo que marcou a história de libertação.

Uma expressão de crenças e valores não cristãos que se expressam na construção de valores de liberdade na história do Brasil e, que oferece elementos fundamentais para a educação e a formação cultural brasileira.

Esta mulher alarga seus horizontes no conjunto de outras figuras históricas mencionadas na composição do samba enredo e que lutaram pela liberdade e construção de um projeto de sociedade diferente. Considera-se nesse sentido a perspectiva da

⁴⁸ Uma revolta de escravos africanos ocorreu em Salvador, na madrugada de 25 de janeiro de 1835. O movimento envolveu cerca de 600 homens. Tratava-se, em sua imensa maioria, de negros muçulmanos, em especial da etnia nagô, de língua de língua iorubá. Vem daí o nome que a rebelião recebeu: Revolta dos Malês. A expressão "malê" provém de "imalê", que no idioma iorubá significa muçulmano. O primeiro alvo dos rebeldes - inicialmente um grupo de 60 homens - foi a Câmara Municipal de Salvador, em cujo subsolo localizava-se uma prisão onde estava preso o velho Pacífico Licutan, um dos mais populares líderes malês. Para se ter uma ideia do rigor do castigo, convém mencionar que a pena de açoites variava de 300 até 2.200 chicotadas, que foram distribuídas ao longo de vários dias. O idoso Pacífico Licutan recebeu 2.200 chibatadas e o outro condenado à mesma sentença morreu em decorrência disso.
<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/revolta-dos-males-rebeliao-de-escravos-muculmanos-em-salvador.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola/Acesso17/10/2017>.

universalidade, do coletivo na medida em que ela participa com outros, o Ubuntu.

É revelada de maneira peculiar sua identidade libertadora, no encontro com outras figuras históricas, expressas na musicalidade temática do carnaval no ano de 1984. Sala de aula e barracão que assumem a mesma temática, em tempos diferentes, indicando a importância, a relevância dessas figuras históricas na construção de identidades e dos valores formativos da educação e da cultura na sociedade.

Destaca-se na composição da Escola de Samba a expressividade da dimensão de tempo e espaço ao afirmar que levou o pensamento para a Bahia, assim como a extensão que assume na perspectiva mística com a África. Do Rio de Janeiro, a ligação histórica que se expressa como uma conexão que vai a um outro espaço, da Bahia para a cultura negra. O compositor a denomina como berço da poesia e a sua intenção é buscar inspiração em personagens realistas que foram considerados como anarquistas. Trata-se de líderes do povo brasileiro, do povo negro, no processo de libertação. Estas lideranças são para o compositor aqueles e aquelas que são capazes de construir laços que passam pela expressividade da vida, o sangue que corre nas veias, a transmissão da vida. Vida concreta e histórica que oferece elementos para a construção de valores de Irmandade. Está afirmado que eles queriam um Brasil mais irmão.

O elemento teológico se evidencia a partir dos Deuses dos quais recebem ensinamentos e de quem não se afastaram. Uma dimensão profunda de aprendizado e de fidelidade se destaca, eles fortes que se constroem com uma profundidade chamada triunfal no sentido da sua resistência, firmeza e continuidade que ultrapassa o espaço e penetra na natureza. São valores que se transmitem, comparados ao ouro e à prata. Trata-se de ensinamentos que se vinculam à vida e às práticas que estão sempre presentes na cultura e na história dos negros. Destaca-se como de suma importância que estes valores existem a partir da divindade e com ela são capazes de enxergar razões para lutar pela igualdade.

A cidadania era o ideal destas nações. Ideal de fundamental importância e relevância, já destacado para a construção de valores para uma sociedade mais igualitária. Porém essa igualdade tem nome, ela se chama liberdade e justiça social. Sem a liberdade naquele contexto histórico e na atualidade não pode existir igualdade. A construção da igualdade passa por um projeto social do senhor e do plebeu, do ativo e do liberto, desejar ao próximo o que queria para os seus e construção de valores de igualdade. Porém vai mais adiante, e aqui a perspectiva do valor se faz muito evidente: “valia ouro”, expresso pelo compositor, “valia prata”. A inteligência e cultura são valores fundamentais que

passam pela Escola e passam também pelo Barracão e constroem a história de resistência e de liberdade desta raça. Trata-se do refrão da Escola de Samba, aquilo que se repete para marcar a memória e que deve ser refrão e que deve marcar também a memória acadêmica formadora de princípios, de conceitos e ensinamentos que devem necessariamente ser construtores de conhecimentos que valem ouro e que valem prata, contribuindo para uma nova formação dos estudantes. Inteligência e cultura que se articulam dentro da letra da Escola de Samba, também devem se articular no espaço escolar construindo valores, uma cultura que deve ser preservada e uma nova inteligência que deve ser desenvolvida a partir da historicidade e cultura do povo negro. Isso atende à exigência do memento histórico e de cumprimento da Lei 10639/03. Inteligência e cultura desta raça são referências para esta Tese e que são de maneira efetiva associadas àquilo que é a transmissão de conhecimentos escolares com a construção histórica do povo negro. Esses valores que se fizeram possíveis através de trajetórias como a de Luiza Mahin e seus companheiros devem ser possíveis também em Escolas de Samba. Vão além da possibilidade do encontro com a historicidade através da construção de valores, seja na perspectiva da África, seja na perspectiva do Brasil, pois o distante se aproxima.

Espaço e tempo assumem um lugar importante dentro da concepção deste Samba-enredo. Lá na África distante está revelada a profundidade do misticismo e da magia numa dimensão e perspectiva de coletividade, do Ubumtú, em que Nações e Mestres Alufás⁴⁹, lideranças religiosas, são apresentadas na sua diversidade e pluralidade. A religiosidade que se encontra com a historicidade e que provoca estratégias de ousadia para a realização da revolta, dos movimentos de liberdade para a construção de uma sociedade diferente e igualitária. Neste sentido, é que se destacam as figuras históricas e mais uma vez se revelam na coletividade de Luiza Mahin, Licutam e Nassim. A cidadania é o ideal de uma nação livre ou então não tem processo de vida, mas sim a morte.

A historicidade que se constrói a partir também da ancestralidade na figura simbólica da vovó, lembrando o valor dos antepassados, dos ancestrais, reconhecendo o que foi realizado na história de libertação. Não foi em vão, apesar da história oficial não revelar a grande verdade da escravidão, que é contrária a um projeto de sociedade igualitária e que passa pelos Barracões e pelas Escolas, construtoras de valores

⁴⁹ O termo Alufá designa líder religioso para sacerdotes dos negros muçulmanos no Rio de Janeiro/Bahia, Câmara Cascudo, ou doutor, teólogo, devoto, marabu. Esse termo também designa, na etnia afro-brasileira igbomina, sacerdote do culto a Ifá. Vestiam-se com túnicas brancas (abadás) e gorros (filás) vermelhos para fazerem as cinco orações diárias. Prestavam exames religiosos e realizavam cerimônias festivas de admissão. Após a Revolta dos Malês, a palavra Alufá passou a ser proibida socialmente por conta de sua representação perigosa. Muitos passaram a ser chamados de babalaôs (CACCIATORE. 1988, p. 48).

educacionais e sociais.

2.7 João Cândido, Luiza Mahin e o Ubuntu

A construção de valores se faz possível no conteúdo de uma história de luta, de vitória e na memória da pessoa de João Cândido. Marcado por uma dinâmica pedagógica herdada pelos antepassados e conservada na construção cultural e social que penetra o espaço escolar e lhe oferece conteúdos significativos, perpassa a musicalidade e se impõe como tema a ser cantado na cultura.

Esta axiologia é fundamentada na lembrança feminina da Luiza Mahin e na valorização dos pequenos gestos de também grande significação, por serem alternativos e únicos na história, originais na sua elaboração, firmes na sua consistência, acrescidos do significado matriarcal e de posteridade. Esta mulher africana personagem da cultura brasileira é um elemento de referência para uma cosmovisão. Ela é chamada de “Luz de Daomé”, que é a luz fundamental para a vida do filho, dos filhos e filhas, de tantos outros e tantas outras. Cantada e coreografada na Avenida da Vida e da Cultura com a Escola de Samba.

O confronto com uma cultura dominante que não valoriza os pequenos se evidencia na construção dos textos e na realidade educacional e social. Assim se torna possível perceber a necessidade de retomar essas figuras tão marcantes de João Cândido e de Luiza Mahin, entrelaçá-los e dar-lhes o destaque possível para a construção de valores educativos. É fundamental evidenciar seu papel preponderante, tanto nas suas origens, quanto na construção da sua história e estabelecer diálogos entre eles, fundamentado em consistentes referenciais teóricos da religião, da cultura e da educação. É essencial afirmar que aquilo que realizaram e deixaram como legado para a história do seu povo, do Brasil e até mesmo da humanidade, não pode ser esquecido e faz parte do patrimônio cultural, histórico e memorial dos que constroem alternativas.

Ao expressar “humanidade” abre-se um horizonte epistemológico de uma concepção filosófica, antropológica, social, racial e de gênero que requer necessariamente o reconhecimento do valor deste ser humano. Trata-se de afirmar, de maneira categórica, a importância do espaço que ocuparam e que ocupam conforme se descreve nas redações e que ainda representará para o futuro de outras gerações.

Uma abordagem mais uma vez considerada como uma unidade na temporalidade, em que tempo-época e espaço-local de pertença têm um significado importantíssimo, que garante a continuidade histórica e a identificação cultural. A África de onde vieram e o que representa o devir, o futuro é determinante para tantos outros afrodescendentes, quanto para a educação e construção social com valores oriundos de uma história ainda não tão bem contada e valorizada nos seus diversos elementos construtores de alternativas.

Destacam-se, nesse sentido, os escritos nas redações que comprovam o elemento da autoestima que relevantemente projeta a realização pessoal. Há possibilidade de modelo social alternativo, que considera o outro, em que a alteridade assume uma concepção mais que teórica, de relações e encontros, e realizações com um significado diferenciado de protagonismos coletivos em que o ser está na relação, os nomes de negros e de negras escritos na história e outros escrevendo as histórias com as redações. São as redações da vida que continuam na escrita e na oralidade, nas canções e expressões variadas dos tantos saberes.

Renovadamente se confirma a construção de valores pessoais, uma vez que estes são do grupo - João Cândido uma liderança. Ele é porque os outros são para ele - O Ubuntu. Os seus irmãos, seus descendentes são para ele no cais, principalmente, onde apanhou com os outros as chibatadas. Eles também têm origens comuns na África, são familiares com quem no Sul conviveu e criou laços desde que nasceu até a chegada ao Rio de Janeiro, na Baixada - São João de Meriti, onde viveu e criou laços na luta pela liberdade, de onde suas raízes-sangue se espalharam pelo chão do Brasil por quem lutou e se fez conhecer. É universal pela abrangência e suas origens africanas, mas também pela música que possibilita sua eternização.

Luiza Mahin uma lutadora. Ela é porque os outros são para ela, seus companheiros, seu filho, as tantas mães de sua época, os que são da sua África e os que encontrou no Brasil - O Ubuntu. Os seus companheiros Licutam e Nassim fizeram a história e são da história da Escola, dos Autores da Música e da Escola de Samba, enfim são dos saberes.

As figuras marcantes de João Cândido e Luiza Mahin lidas por tantas escolas e cantadas por outras, escritas por outros autores e outras autoras são para os de hoje, na contemporaneidade uma possibilidade de Ubuntu. Com os compositores e as Escolas de Samba que ao seu jeito e com sua dinâmica e formação cultural engrandecem e reforçam a autoestima e entram na Escola que ensina e anima.

2.7.1 A escola da vida e vida na escola

As práticas educativas e culturais vividas pelas iniciativas realizadas nas escolas são os espaços em que podem-se apreender e conviver, de forma dialógica, buscando oportunidades de reconhecimento e fortalecimento de valores que contribuam na formação de processos identitários e pedagógicos. Identitários na sua evidência de elaboração de subjetividades e de inserção social, e pedagógicas no sentido de possibilidades de construção de modelos educacionais alternativos frente ao que se tem apresentado. Essas são novas vozes que despertam a possibilidade da construção de uma sociedade diferente pensada a partir da historicidade, de uma compreensão diferenciada do valor da raça, da beleza e da realeza negada a tantos africanos e africanas aqui chegados no tempo da escravidão. É repensar o protagonismo dos que lidam com o direito na sociedade atual, tendo como memória e referência o modelo histórico do filho de Luiza Mahin. É revisitar a construção da poesia e da criatividade afrodescendentes, sabendo da existência de belas e diversas produções, como a Canção dos Homens,⁵⁰ referida no capítulo três, considerando a perspectiva da ancestralidade que vem da criação do ventre da Mulher Negra, da Luiza Mahin que possibilitou a continuidade da história e da cultura, da luta e das conquistas no seu filho, o Luís Gama. Os símbolos devem ser considerados, marcados por uma riqueza de significados, tantas vezes discriminados pelo preconceito, que ressaltam a identidade do povo negro e sua expressividade religiosa e cultural. A memória também deve ser valorizada, pois assegurou a continuidade e a tradição, centrada no texto que evidencia a relação de gênero, que reaviva o eco de vozes marcadas pela oralidade e neste texto assumindo novo jeito de expressar voz, pela escrita de uma redação.

As novas vozes são possíveis quando se considera a história e o potencial de construção no cotidiano escolar, mas também as expressões fora da escola em que crenças e saberes se articulam numa perspectiva científica e cultural oferecendo elementos significativos e construtivos para a educação e a religião, valorizando conteúdos da religiosidade, dos sentimentos e dos conhecimentos da história e da cultura do povo negro, construindo uma teologia articulada com a vida.

A produção teológica africana precisa ser considerada a partir de suas origens, sua concepção e sua mentalidade. Assim como tradicionalmente se afirma a relação da

⁵⁰ <http://saladeleituraencantada.blogspot.com/2012/11/a-cancao-dos-homens-tolba-phanem.html> Acesso em 31/08/2017.

filosofia com a teologia, encontra-se um questionamento relevante ao pensar a mente e a concepção europeia diante da africana. Há uma herança cultural e religiosa na vida e nas expressões do povo negro que precisam ser consideradas teologicamente. A diferença se estabelece na forma como se concebe o objeto na mente africana. Destaca-se o fato da aproximação:

Uma das principais foi o projeto de negritude de Leopoldo Senghor, que buscava revelar a identidade africana pela distinção das características mentais de europeus e africanos. De acordo com Senghor, a mente europeia diferencia-se do seu objeto e o considera desapaixonadamente como um sistema ordenado e determinado, com leis que podem ser tornando-os inteligíveis a um observador indiferente. Por outro lado, Senghor pensa que a mente africana não se diferencia do mundo, mas desenvolve seu conhecimento das coisas tornando-se tanto sujeito enquanto objeto ao mesmo tempo, e sentindo compassivamente as coisas por meio da participação.⁵¹

O sentido do comprometimento e da participação é evidente. A teologia negra tem um outro lugar para pensar e também outra maneira apaixonada, próxima, envolvente e participativa. Isto é evidente na prática da roda e de igualdades de posições. Apoiado nesse argumento pode-se pensar com Bruce Janz que afirma que é importante compreender não o que a tradição significa de abstrato, mas o que é no pensamento africano e como pode um entendimento local e anunciado pela tradição capacitar africanos e afro-brasileiros a entender por si mesmo, a vida africana, a si mesmo e o outro, a realidade e o universo. Tradição não é objeto de pensamento, mas um modo de pensar. É um marcador de mundo-vida. O pensamento de Bruce Janz ao tratar a situação da filosofia africana, entre os temas da obra “Filosofia contemporânea em ação”, contribui para essa compreensão da teologia:

"O que significa fazer filosofia neste lugar (africano)?" [...] Isso não significa que a filosofia africana deva ignorar a tradição, razão, linguagem, cultura e praticidade como conceitos-chave - bem ao contrário. Mas cada um desses conceitos comporta-se como todos os outros conceitos como marcadores de um território viajado de uma paisagem habitada.⁵²

O significado já está contido em um mundo da vida. A tradição aponta para o que importa, e para o modo como importa. A teologia afro-brasileira tem de cuidar disso, do seu potencial conceitual criativo, que tem suas raízes. Isso significa tornar-se parte da

⁵¹ CAREL, H.; GAMES, D. **Filosofia contemporânea em ação**. Porto Alegre: Artmed, 2008, p.102.

⁵² JANS, Bruce. A filosofia como se o lugar importasse: a situação da filosofia africana. In: CAREL, H.; GAMES, D. **Filosofia contemporânea em ação**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 111.

cultura, de suas ideias não como conceitos sobre a tradição, mas a própria tradição e religiosidade. O que está em questão é "O que é a teologia africana e afro-brasileira?". A compreensão é possível quando é "*voltada ao lugar*". Decorre disso a necessidade de se afirmar que a tradição não é objeto de pensamento, mas um modo de pensar, de interpretar. É um marcador de mundo-vida, do lugar.

Este texto apresenta as contribuições das crenças e religiosidades, saberes e conhecimentos, história e cultura dos povos africanos e da diáspora para o pensamento e reflexão científica numa perspectiva exegética e hermenêutica, destacando experiências vivenciadas em espaços diferenciados da atuação do povo negro. Aspectos relevantes na perspectiva de uma releitura bíblico-teológica de encontro com uma cultura e ação pastoral presentes na história dos negros no Brasil, e que se abre para o contato com tradições africanas presentes nas histórias e expressões de outras crenças e religiosidades. O entendimento da pertença resgata e reconstrói valores.

2.7.2 Lugar e pertença como possibilidade da construção de valores

O cuidado deve estar em não naturalizar os preconceitos. O pensar filosófico na perspectiva da negritude aponta para a valorização da cultura, das tradições, da língua, da religião, da visão do mundo e de outros valores do povo negro, da experiência comunitária, da etnia, das nações, para que, a partir dessa valorização, se pense de outro modo e se considerem os valores positivos dessas comunidades de pertencimento.

O lugar e o pertencimento são determinantes. Ao considerar as questões anteriores e relevantes da cultura africana é necessário avançar na compreensão filosófica a partir da construção de valores no Brasil, nesta terra onde a experiência vivencial tem suas raízes negras. Para a cultura africana o entendimento e a consciência do lugar e do pertencimento é um elemento fundamental para compreender a forma de pensar, de sentir e de viver do povo negro.

O lugar e o pertencimento são elementos fundamentais para a compreensão e elaboração da filosofia africana, em especial ao considerar a história afro-brasileira. O que se desenvolve numa perspectiva de leitura educacional e religiosa se faz necessário para uma revisão do significado de lugar e de pertença.

É importante que esse significado seja resgatado como fundamental para a educação como em Paulo Freire, que destaca a leitura da vida e do mundo nos círculos da

cultura. Disso decorre a afirmação de uma perspectiva axiológica, de uma revisão dos valores transmitidos em educação, suas fontes e seus referenciais, em que a leitura do mundo, do lugar existencial e a pertença se revelam como direito subjetivo de projeção social. O domínio dos sentidos e dos significados para a vida humanizada dá significado à história e liberta:

Na medida, porém, em que me fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na “leitura” que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo. [...] A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal da minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro-negro: gravetos o meu giz.⁵³

Ao tratar o pertencimento deve-se considerar que ele torna o elemento de aproximação e de aceitação de si mesmo e do outro, da identidade e de inserção no mundo da vida naturalmente possível. O pertencimento e inserção são condições essenciais e determinantes de uma experiência comunitária e de participação social. São elementos formativos e educacionais, construtores de nova mentalidade, de novas relações, de nova cultura e necessariamente de uma nova educação, e conseqüentemente da construção de outra e nova sociedade.

Deve-se recorrer à compreensão no âmbito da filosofia africana. Do ponto de vista desta filosofia a mente teria que ser descolonizada e o espaço repossuído. De acordo com Bruce Jans, ao tratar a situação da filosofia africana, um horizonte se apresenta significativo para a educação pela necessidade de entender o significado do “lugar” e da “cultura”.

A questão do lugar é diferente. Trata-se de “O que significa fazer filosofia neste lugar (africano)? Essa questão é fenomenológica e hermenêutica, em vez de essencialista. Ela assume que já há um significado contido em um mundo-vida, em vez de supor que ele tem de ser criado ou justificado.”⁵⁴

A questão da pertença e da proximidade está presente. A vida pessoal e a dimensão social estão entranhadas na formulação de conceitos, na vivência e na expressão cultural.

⁵³ FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler – em três artigos que se completam**. São Paulo, Cortez, 2008, p. 15.

⁵⁴ JANS. 2008, p. 111.

A filosofia não mais se torna uma análise “a distância” de conceitos que surgiram separadamente em uma sociedade. Os filósofos tornam-se parte da cultura, e suas ideias não são simplesmente conceitos sobre a tradição, mas a própria tradição, tanto revelando quanto escondendo. Reflexão sobre a tradição significa reflexão sobre a filosofia como tradição, e parte da tradição ao seu entorno.⁵⁵

O lugar comum e o mundo da vida em que o ser humano habita é significativo na busca do saber e na construção de conhecimentos. O lugar e o mundo são determinados pela história, seja ela tradição africana nas suas origens, assim como na trajetória do povo afro-brasileiro que constrói sua cultura e conseqüentemente também sua tradição.

Uma história vista de baixo, que se constrói como uma possibilidade de reconhecimento de uma práxis que se desenvolve entre os pequenos, que aponta para a possibilidade de construção cultural sob outro ponto de vista, ou seja, “vista de baixo” é reveladora de um protagonismo em curso na sociedade contemporânea.

Ao tratar da “Escrita da História” como questão fundamental, Jim Sharpe a aponta como vista de baixo e constitui uma abordagem nova da história ou um tipo distinto de fazer a história. Essas duas possibilidades são reais, corrigem a visão de elite e oferecem uma forma alternativa. Ela ajuda na compreensão do cotidiano, naquilo que é específico e que constrói a história de vida, aberta para a compreensão da humanidade na sua dimensão étnicorracial, do mundo da vida, da produção do significado das relações humanas, da construção do diálogo com os diversos setores sociais, como é afirmado:

A segunda é a que, oferecendo essa abordagem alternativa, a história vista de baixo abre a possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão histórica, de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais de história. Inversamente, poderia ser argumentado que a temática da história vista de baixo, os problemas de sua documentação e, possivelmente, a orientação política de muitos de seus profissionais criam um tipo distinto de história. Em certo sentido, é claro, é difícil estabelecer-se uma divisão precisa entre um tipo de história e uma abordagem à disciplina em geral: a história econômica, a história intelectual, a história política, a história militar etc., têm uma eficácia mínima quando confinadas em caixas hermeticamente fechadas. Qualquer tipo de história se beneficia de uma abertura no pensamento do historiador que a está escrevendo.⁵⁶

Esta história vista de baixo, a partir dos negros, na construção e valorização de identidades oferece uma nova visão de sujeitos e práticas que se defrontam com tantas outras construções que a contemporaneidade apresenta.

⁵⁵ JANS. 2008, p. 115.

⁵⁶ SHARPE. 1992, p. 53-54.

Por conseguinte, nosso ponto final deve ser que, por mais valiosa que a história vista de baixo possa ser no auxílio ao estabelecimento da identidade das classes inferiores, deve ser retirada do gueto (ou da aldeia de camponeses, das ruas da classe trabalhadora, dos bairros miseráveis ou dos altos edifícios) e usada para criticar, redefinir e consolidar a corrente principal da história. Aqueles que escrevem a história vista de baixo não apenas proporcionaram um campo de trabalho que nos permite conhecer mais sobre o passado: também tornaram claro que existe muito mais, que grande parte de seus segredos, que poderiam ser conhecidos, ainda estão encobertos por evidências inexploradas. Desse modo, a história vista de baixo mantém sua aura subversiva.⁵⁷

Neste sentido, novas identidades se constituem relacionadas com o passado e projetadas no futuro, na perspectiva da construção de uma cultura de pertencimento universal e próprio, no sentido da grande contribuição que o povo africano oferece para o mundo, guardando e conservando, atualizando e sociabilizando sua identidade na história. As identidades se entrelaçam e se comunicam, se perpetuam e se atualizam numa dinâmica criativa e formadora de valores na diversidade. Essas identidades são formadoras tanto na dimensão escolar quanto social.

Esse jeito novo de ser, de pertencer e de fazer perpassa a educação e a construção social presentes nas suas expressões e na sua linguagem própria. Este novo pode e deve pedagogicamente ser assumido por uma linguagem de pertencimento africano como, por exemplo, no itã que segue transmitido na oralidade e nas expressões de religiosidade do povo negro, povo de candomblé.

Ossain e Orunmilá e o segredo das folhas

Ossain foi escravo de Orunmilá.

A história revela que Ossain era escravo de Orunmilá.

Ossain era o detentor do poder, axé das folhas.

Orunmilá queria aprender o poder das folhas.

Ossain ensina a Orunmilá a manipulação, o despertar poder das folhas para a medicina, para a liturgia. Assim a partir desse momento Ossain deixa de ser escravo de Orunmilá porque passou as informações.

Em contrapartida assume o papel de despertar o poder das folhas, o compromisso de ensinar. Ossain e Orunmilá nomearam as folhas e determinaram para que sentido deveriam ser usadas. Orunmilá percebeu que ele poderia lhe ser útil e manteve Ossain para sempre a seu lado para as consultas.⁵⁸

Uma lição para a educação:

O escravo ensina para o livre.

O aluno ensina para o mestre.

⁵⁷ SHARPE. 1992, p. 61-62.

⁵⁸ Itã contado em roda de conversa por uma liderança religiosa de Candomblé.

*Uma lição da história para a vida.
Uma lição da pedagogia africana.*

A relação que se estabelece a partir do espaço da pertença se transforma numa dimensão profunda da formação humana e pode penetrar o espaço da educação. É o ver que coloca a identidade da pertença e possibilita olhar o outro. O Ubuntu que se realiza no lugar das relações e dos encontros.

2.8 Síntese

Duas escolas, a de samba e da instituição acadêmica, e uma só tradição, a da cultura negra, que se encontram e se entrelaçam no resgate da história. Duas formações, a literária das redações e a artística da música, que conservam em comum o belo, a beleza da criatividade e a diversidade de expressões. Uma na passarela, nos teatros e nos aparelhos de som, a outra nos bancos e salas de aula, nas bibliotecas. Uma em meio aos instrumentos musicais, a dança e as cores, outra na pesquisa e nos livros, na caneta, lápis e papel. Em comum, o encanto. Cultura popular e redação escolar, as duas são de encantar.

São espaços e situações onde e se aprende e se convive de forma dialógica, na busca do fortalecimento de valores que contribuem na formação de processos identitários e pedagógicos. Esses valores compreendidos como crenças, saberes e culturas que podem ser aplicados como conhecimentos de forma interdisciplinar e transdisciplinar, como diálogo de novas vozes. São os desafios e fios condutores da realização dos direitos humanos na construção histórica, social e cultural do povo brasileiro, que tem seu nascedouro na escola e na prática educativa libertadora. A prática que neste texto ressaltou o que veio construído, visto de baixo, como enfaticamente desenvolvido nas redações como “O legado” deixado por alguém que se tornou íntimo como “João meu irmão”, numa agora conhecida “Revolta do silêncio”. Visto de baixo com a visão daquele que foi comparado com “O pássaro que ousou cantar a igualdade”, afirmando sua condição racial “sou negro” e cantado belissimamente com o título de “O Mestre-sala dos Mares”. Ações Educativas que efetivamente assumem o diálogo de gênero, intitula e enaltece Luiza Mahin como “A luz de Daomé”, enobrece como “Uma rainha de verdade” que possibilita “Um novo olhar na nossa história”. As práticas que deixam para a

educação, para a cultura e para a sociedade “A herança de uma rainha esquecida”, com “A marca de uma história” que é “Um caminho à liberdade”.

3 AXIOLOGIA: A CONCEPÇÃO DE VALORES NA RELIGIÃO E NA EDUCAÇÃO Uma abordagem a partir de Lutero, Comenius, Makarenko e Hall

3.1 Introdução

Alguns elementos referentes à tradição cristã e à educação social introduzem a leitura deste segundo capítulo situando os referenciais teóricos no contexto da sua época, assim como, o enfoque que caracteriza sua concepção de religião e educação, cultura e sociedade. Os pensadores Martinho Lutero, pastor da Reforma protestante; Jan Amós Comenius, pai da Didática Moderna; Anton Semionovich Makarenko, o grande educador professor do coletivo e Stuart Hall, o pioneiro dos Estudos Culturais e Identidades são referenciais atuais para pensar a construção de valores na educação e na sociedade.

A descrição inicial destes pensadores em educação é relevante no sentido de contextualizar seus enfoques e contribuições em tempos distintos, oferecendo elementos para a dimensão do julgar. Suas abordagens no campo da religião, da didática, da educação coletiva e da identidade cultural contribuem efetivamente para a construção de valores em educação na contemporaneidade. Eles são referências para pensar a axiologia, assim como uma epistemologia considerando a contemporaneidade e os desafios que a educação e a religião apontam no contexto da implementação da Lei 10.639 que torna obrigatório o ensino da história e cultura da África e dos Afrodescendentes.

A exigência do entendimento da construção de valores na educação brasileira demanda uma argumentação no campo da religião e da cultura. Consequentemente, pensa-se na construção dos valores que se estabeleceram historicamente em tempos diferentes e continuam sendo pertinentes na diversidade da construção social. Desenvolve-se um breve histórico dos referidos pensadores, seguido dos seus pensamentos e suas relações com o tema da concepção de valores na religião e na educação.

3.2 Os pensadores e concepção de educação

A abordagem a partir de Lutero, Comenius, Makarenko e Hall apresenta elementos diferenciados e complementares sobre a educação e a formação social em

épocas distintas e contribuem efetivamente com a análise da axiologia na perspectiva da construção de valores culturais e religiosos

3.2.1 Martinho Lutero e a educação para todos

Martinho Lutero nasceu em 1483 em Eisleben, na Alemanha. Estudou direito e entrou para a Ordem dos Agostinianos, formando-se em teologia em Wittenberg. Em uma visita a Roma em 1510 ficou chocado com a corrupção na sede da Igreja. A partir daí começou a defender a necessidade de uma reforma; sua posição vai se radicalizando pouco a pouco, e ele passa de um pregador da necessidade de reformas na Igreja para líder da Reforma.

Condenado por Roma recebe a proteção do imperador Frederico da Alemanha. Em 1520 publica seu *Manifesto à nobreza da nação alemã e A Igreja no cativo da Babilônia*, e em 1522 sua tradução da Bíblia para o alemão (concluída em 1534), visando torná-la mais acessível ao povo, o que indica elementos significativos em termos religiosos para a educação de seu povo e de sua época. Quanto à educação, Claudino e Nelson Piletti escrevem:

Lutero considerava a educação universal de fundamental importância para a Reforma. Por isso, insistia, em suas pregações, que o ensino deveria chegar a todo o povo, nobre e plebeu, rico e pobre. E contrariando o que se pensava e fazia na época, ele deveria beneficiar tanto os meninos quanto as meninas. Caberia ao Estado, finalmente, decretar a frequência obrigatória à escola.⁵⁹ (PILETTI. 2012, 63).

Tão importante quanto Lutero para a educação foi Felipe Melanchthon (1497-1560). Durante o período que Lutero passou impedido de se manifestar publicamente, Melanchthon foi o porta-voz da causa reformista e se encarregou de reorganizar as igrejas dos principados que aderiram ao luteranismo. Esse trabalho resultou no projeto de criação de um sistema de escolas públicas, depois copiado em quase toda a Alemanha. A reforma da instrução era uma das principais reivindicações das camadas mais pobres da população, insatisfeitas com as más condições de vida e com o ensino escasso e ineficaz

⁵⁹ PILETTI, Claudino e PILETTI, Nelson. **História da educação**: de Confúcio a Paulo Freire. São Paulo: Contexto, 2012, p. 63.

oferecido pela Igreja. Esses foram alguns dos motivos da revolta armada dos camponeses, sangrentamente reprimida em 1525, e que foi apoiada, lamentavelmente, por Lutero.

Tanto Melanchthon quanto Lutero viam na educação um assunto do interesse dos governantes. Eles pensavam que “A maior força de uma cidade é ter muitos cidadãos instruídos”⁶⁰, escreveu Lutero. Para isso, foi criado um sistema que atendia à finalidade de preparar para o trabalho e à possibilidade de prosseguir os estudos para elevação cultural. O currículo era baseado nas ciências humanas, com ênfase na história.

A criação de uma rede de ensino público foi planejada pelos reformadores luteranos a pedido de governantes que perceberam a urgência de oferecer instrução ao povo. O interesse dos príncipes era fortalecer seus domínios num tempo de constantes hostilidades entre os Estados.

Lutero argumentou que o dinheiro investido em educação seria menor que o gasto com armas e traria mais benefícios. Sua afirmação é clara e direta, em que implora em favor da juventude, solicitando aos governantes que façam investimentos na educação.

Por isso imploro, meus caros senhores e amigos, por amor de Deus vida pobre Juventude, que não considere essa causa de somenos importância [...] trata-se de uma causa séria importante [...]. Caros senhores, anualmente é preciso levantar grandes somas para armas, estradas, pontes, diques e inúmeras outras obras semelhantes, para que uma cidade possa viver em paz e segurança temporal. Porque não levantar igual soma para que a pobre Juventude, sustentando um ou dois homens competentes como professores?.⁶¹

Lutero já pensava na sua época sobre a necessidade da educação da juventude como razão principal da existência. Fica claro para esse grande pensador a importância da educação como algo dramático e nesse sentido ressalta-se a importância da contextualização da história do povo negro. É evidente que se colocou de forma clara e consciente frente ao poder político e se revelou com uma consciência social para além de sua época. A mesma exigência se faz necessário no contexto brasileiro, para uma educação étnicorracial.

Morreu em 1546 e deixou um legado de fundamental importância para a educação. No contexto da religião, apresenta elementos relevantes para a formação de cidadãos que serão aprofundados como referencial teórico para a perspectiva da educação brasileira atual na sua relação com a formação e religião afro-brasileira.

⁶⁰ LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas – Ética: fundamentos, oração, sexualidade, educação e economia**. v.5. São Leopoldo: Sinodal, 1995, p. 309.

⁶¹ LUTERO. 1995, p. 305.

3.2.2 Jan Amós Comenius e ensino de tudo a todos

Jan Amós Comenius nasceu em 1592, foi educado por família protestante, no município de Nivnitz, na Morávia, região localizada na Europa central, atualmente território da República Checa. Mestre, pastor protestante, cientista, escritor e integrante da classe eclesiástica, destaca-se na sua vida os anos trágicos de exílio, de 1622 até 1627 em Berlim, por enfrentar a intolerância religiosa. O exílio transtornou bastante sua carreira tanto de teólogo quanto de educador. É o ponto de partida para sua reflexão pedagógica.

Comenius foi o primeiro educador ocidental a privilegiar a interação entre os polos instrução/aprendizagem, do ponto de vista das distinções entre estes princípios. Sua teoria era, sem dúvida, inovadora para o século XVII, sua fama cresceu em todo o continente europeu tendo entre seus discípulos Jean-Jacques Rousseau, John Locke e J. H. Pestalozzi, os quais contribuíram com a concepção de educação moderna.

Seu sistema de ensino reafirma a igualdade de direito de todos os indivíduos no que tange ao acesso ao conhecimento. É considerado precursor da didática fundamentada no conhecimento da criança, da educação funcional e da educação internacional. É o primeiro a ter concebido, em toda a sua amplitude, uma ciência da educação. Propôs a educação concreta e a instrução com base na vivência cotidiana de cada um. Construiu um sistema que fornece uma espécie de introdução da filosofia para uso universal, empreendimento único em seu gênero, reconhecida como um tratado completo para ensinar tudo a todos, um sistema universal válido para a instituição de escolas universais.

A educação não é unicamente a formação da criança na escola ou na família, mas é um processo que acompanha toda a vida da pessoa e suas múltiplas adaptações sociais. Ele concebe a sociedade em sua totalidade. A formação continua durante toda a vida social, a sociedade humana é uma sociedade de educação, ideia que só encontrará sua expressão positiva durante o século XIX, mas que Comenius antevê desde a perspectiva de sua filosofia, daí a ambição desconcertante da ideia “pansófica”: “ensinar a todos e com todos os pontos de vista”, assim como a união fundamental do ideal educativo com o ideal de organização internacional.

Em 1634-6 Comenius esboça o projeto em que elabora e justifica a ideia da unidade do universo, quando afirma que a reforma da escola e da aprendizagem em geral é o instrumento imprescindível para a realização dessa utopia. O título

inicial desse ensaio é *Pansophiae Prodromos* (Intimações de uma Ciência Universal), mais tarde modificado para a Reforma das Escolas.[...] [...] Esta concepção, sob o nome de "pan-sofismo", atraiu reformadores e estadistas de toda a Europa.⁶²

Comenius compreendia que a educação é um dos aspectos dos mecanismos formadores da natureza e integrou o processo educativo a um sistema que constituiu o eixo fundamental de todo o processo humano e social. Seus princípios se apresentam tanto no plano social e internacional, quanto no plano escolar, que se revelam como fundamentos teológicos e filosóficos da educação, afirmando que o ser humano tem por natureza as sementes da instrução, das virtudes e da religião. As obras de Comenius tanto as pedagógicas quanto suas obras como reformador social contribuem na atualidade, através de uma releitura a iluminar e confrontar a realidade pedagógica, assim como os questionamentos e perguntas que elas levantam aos educadores. Ajudam a repensar a realidade da educação e a realidade social na sua totalidade.

Sua grandiosa contribuição é preciosa para pensar a utopia de ensinar tudo a todos, numa proposta essencialmente comunitária e participativa, o que se assemelha com a perspectiva de formação para os dias atuais em relação à educação e ao projeto de sociedade, em que a realidade e o processo de construção social e humana passam efetivamente pela educação.

Trata-se de uma ética humanista e inclusiva que respeita as diferenças e reivindica dignidade e justiça para todos os seres humanos. Contribui significativamente para a História da Educação e para uma ressignificação da reflexão atual sobre ética e cidadania, aspectos privilegiados da educação e seus vínculos com a construção de valores.

A atuação principal de Comenius se concentrou em Amsterdã, cidade na qual ele permaneceu até sua morte, em 1670, até o final combatendo a intolerância.

3.2.3 Anton Semionovich Makarenko e a educação prática e social

Anton Semionovich Makarenko nasceu no ano de 1888, em Belopolye, na Ucrânia, país do leste europeu que era parte da Rússia na época. Era filho de um operário ferroviário e de uma dona de casa.

⁶² GILES, Thomas Ransom. **História da Educação**. São Paulo: E.P.U, 1987. 153.

O mestre ucraniano tornou-se o mais conhecido dos pedagogos soviéticos. Concebeu um modelo de escola baseado na vida em grupo, na autogestão, no trabalho e na disciplina que contribuiu para a recuperação de jovens infratores.

Makarenko coordenou a colônia Gorki, uma instituição na zona rural que atendia crianças e jovens órfãos que viviam na marginalidade. Foi um educador que teve a missão de dirigir um colégio interno em que os alunos mal sabiam ler e escrever, numa época em que o modelo de escola e de sociedade apresentava muitas dificuldades. Ajudou a responder questões educacionais e o papel da escola e da família na recém-criada sociedade comunista, no início do século 20, conforme afirma no início do livro dos pais, a obra *Flores de la vida*.⁶³

¿Quizás este libro es demasiado atrevido?

Al moldear a sus hijos, los padres modernos moldean la historia futura de nuestro país y, por consiguiente, también la historia del mundo. ¿Podré suportar el peso de semejante tema? Tengo el derecho, el valor de encarar siquiera sus problemas principales?

Afortunadamente no se exige de mí tanta audacia. Nuestra Revolución tiene sus grandes libros, pero posee hazañas más grandes aún. Los libros y hazafias de la Revolución – éstos son los maestros del hombre nuevo -. Todo pensamiento, todo movimiento, todo aliento de nuestra vida vibran con la gloria del nuevo ciudadano del mundo. ¿Es posible no sentir esa vibración, es posible no saber como debemos educar a nuestros hijos?

Sua pedagogia tornou-se conhecida por transformar centenas de crianças e adolescentes marginalizados em cidadãos, que ele chama de homens novos. Favoreceu ao máximo, em cada criança, o desenvolvimento de uma personalidade criativa e preparada para a vida sob todos os seus aspectos. Racionalidade e vida concreta se juntavam no processo da educação.

A sua noção da unidade da educação e da vida prática das crianças e a pedagogia da ação paralela apresentam um grande interesse para a teoria e para a prática da educação atual. Trata-se, de fato, do pertencimento, do tema aqui desenvolvido, das relações entre o modo de vida e a educação, o lugar que a mesma ocupa na vida concreta. Assim afirmado o aceno se concentra no lugar da vida em que a educação acontece.

Seu método tinha a novidade em que organizava a escola como coletividade e levava em conta os sentimentos dos alunos na busca pela felicidade. Esta que só teria sentido se fosse para todos. O que importava eram os interesses da comunidade e a

⁶³ MAKARENKO, Anton Semionovich. **Flores de la vida** – El libro para los padres. Buenos Aires: Editorial Cartago S.R.L, 1957, p. 7.

criança tinha privilégios impensáveis na época, como opinar e discutir suas necessidades no universo escolar.

Mais que educar, com rigidez e disciplina, ele quis formar personalidades, criar pessoas conscientes de seu papel político, cultas, sadias e que se tornassem trabalhadores preocupados com o bem-estar do grupo, ou seja, solidários. Na sociedade socialista de então, o trabalho era considerado essencial para a formação do ser humano, não apenas um valor econômico. Nisso se percebe a construção de valores em educação, especialmente no aspecto social. Makarenko aprendeu tudo na prática, na base de acertos e erros. Era o educador das experiências vivenciais e cada etapa foi registrada em relatórios, textos e livros.

A coletividade educativa é a identidade deste pensador em educação, e conseqüentemente o método de organização do processo educativo. Ao nome de Makarenko, associa-se imediatamente a ideia de “coletividade educativa” e um projeto de sociedade democrática. Seu método de organização do ensino focado na coletividade e no processo é amplamente reconhecido hoje na pedagogia progressista. Ele incluiu na vida da coletividade educativa todas as relações e tipos de atividade representativos da sociedade democrática. As relações coletividade-indivíduo são fundadas na comunidade de interesses e com a garantia pela coletividade dos direitos de cada um.

Suas ideias marcam uma abertura ao futuro centrado na comunidade, em outra época e em outra cultura, o que é indicativo da possibilidade de pensar a diversidade e a pluralidade na sua época e além dela.

A relação e a articulação entre a teoria e a prática no seu sistema de educação, o socialista, são evidentes e surpreendentemente atuais, de maneira que conforme sua grande intuição o prático corrige sensivelmente os dados das teorias científicas. Essa relação desafia o pensar a educação considerando as práticas emergentes nas elaborações de conteúdos para a educação étnicorracial.

O estudo e a elaboração deste conteúdo dessa Tese desafiam, como tantos outros, o processo educacional na realidade atual e abre um horizonte epistemológico situado. Saber distinguir o que permanece como uma regra geral da teoria e da metodologia pedagógica de Makarenko e o que vale para uma época dada, representam o legado que fica para a história da construção de valores em educação.

A atuação mais intensa foi entre 1920 a 1928, primeiro na escola da Colônia Gorki e, em seguida, na Comuna Dzerjinski. Posteriormente dedicou-se à escrita e faleceu em Moscou em 1939.

3.2.4 Stuart McPhail Hall e a identidade cultural

Hall nasceu em Kingston, Jamaica no de 1932, foi um dos fundadores da escola de pensamento que hoje é conhecida como estudos culturais britânicos ou a Escola Birmingham dos Estudos Culturais.

Seu pensamento oferece elementos para entender a educação na perspectiva da identidade cultural, relevantes na formação escolar, assim como para a análise no campo da teoria social e da política. Não somente as identidades do passado como família, trabalho, igreja entre outras estão evidentes, mas novos grupos culturais se tornam visíveis no cenário social e no contexto da pós-modernidade e questionam as hegemonias. Identidade e subjetividade marcam seu tema e sua teoria.

Um tema que se destaca na sua abordagem é distinção de cultura que é o resultado do entrelaçamento e fusão da sociedade colonial, de diferentes elementos culturais africanos, com tantos outros entre eles o europeu. As identidades culturais são resultado da história, e como tudo o que é histórico se transforma, também as identidades e os sujeitos sofrem transformações constantes. As identidades não fixas eternamente em algum passado essencializado estão sujeitas ao contínuo jogo da história, da cultura, das transformações e certamente das relações de poder.

Para Hall, as identidades não se completam, mas se conflituam. As relações se tornam difíceis e problemáticas, o que exige uma constante revisão. Em seus estudos considera a experiência diaspórica, como elemento de resistência. Trata de maneira relevante hibridização que acontece no contexto da diáspora e no processo de tradução cultural, que os indivíduos vivenciam para se adaptarem às matrizes culturais diferentes da sua de origem. Ele escreveu:

O hibridismo não se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os “tradicionais” e “modernos” como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade.⁶⁴

Nesse sentido entende-se que o hibridismo não é um processo que traz ao sujeito a sensação de completude ao dialogar com outras culturas, pelo contrário, o sujeito se dá conta de que sua identidade está sempre sendo reformulada, ressignificada e reconstruída, num jogo constante de assimilação e diferenciação para com o “outro”. Trata-se de um

⁶⁴ HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2011, p. 71.

processo dinâmico e contínuo, em que se considera também o processo educativo que oferece a possibilidade do encontro e a assimilação de elementos diversos e híbridos das culturas e sua representação na formação humana.

No pensamento de Hall tradução cultural tem muita importância como processo de negociação entre novas e antigas matrizes culturais, vivenciado por pessoas que migraram, que tem histórias diferentes. Elas tem diante de si uma cultura que não as assimila e, ao mesmo tempo, não perdem completamente suas identidades originárias. Mas precisam dialogar constantemente com as duas realidades, o atual e o antigo.

A novidade no pensamento de Hall está na identificação do sujeito em três aspectos, que são as três concepções de identidade:

- A primeira novidade do sujeito do iluminismo é baseada na concepção de que existe um núcleo interior que emerge pela primeira vez ao nascer, se desenvolve e continua “idêntico. O sujeito no iluminismo acredita no eu interior e é individual.
- A segunda é a concepção do sujeito sociológico, que afirma que este núcleo não era mais autônomo, mas era formado na relação de “interação” com a sociedade. Este que mediava valores e sentidos. Nesta o “eu real” é modificado continuamente com mundos culturais e identidades. O sujeito sociológico necessita do outro.
- Na terceira novidade é a concepção do sujeito pós-moderno que assume identidades diferentes e em diferentes momentos, e em muitos casos até mesmo contraditórias. É o sujeito pós-moderno que tem várias identidades. As identidades foram se modificando, se dinamizando e se concentram em gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade.

É significativo pontuar que algumas de suas concepções eram marxistas, com muita clareza no conceito de luta de classes. Destaca-se nas suas afirmações que a mudança da identidade cultural das sociedades acontece desde a modernidade, todas as informações recém-formadas envelhecem antes de se tornarem fixas. O processo de mudanças é muito rápido e dinâmico e, por isso, a necessidade de compreender as principais distinções entre as sociedades “tradicionais” e as “modernas”. Este elemento é importantíssimo no

conteúdo do tema da “concepção de valores na religião e na educação”, pois o mesmo se percebe em relação à escola na sociedade atual.

Ele aponta para o encontro com algumas tradições e o desafio de visitar o passado e as origens da educação está posto. E ao desenvolver o referido tema, encontra-se uma referência importante no conceito desenvolvido por Hall de diáspora. Apresenta a fronteira entre a exclusão de uma identidade por uma outra, ou sua miscigenação e formação sincrética. Assim como na cultura e nos processos de migrações, tendo como referência o povo afro-brasileiro nas origens da escravidão e no processo de libertação há um encontro de tradições. Esse encontro é significativo e que deve compor o conteúdo da implementação da Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da história e cultura da África e dos afrodescendentes que necessariamente considera as tradições e as novas identidades.

O grande tema de Hall é a identidade cultural na pós- modernidade. Neste sentido, ele afirma que as velhas identidades, que por tanto tempo se estabilizaram no mundo social, estão em declínio, quebradas a partir do iluminismo. Daí a importância do desenvolvimento do tema da “crise de identidade” e da “descentração” do sujeito para a Tese no enfoque cultural.

Os seus estudos sobre teorias anti-racistas têm uma influência da sua própria condição de ser negro e sofrer preconceitos. Stuart Hall estudou letras em Oxford, Inglaterra e vinculou-se tanto aos militantes nacionalistas de nações colonizadas como aos meios da esquerda marxista, sem se filiar ao partido comunista. Em 1957, assumiu um posto de professor em uma escola secundária de Brixton, junto aos alunos dos meios populares, onde desenvolveu um projeto pedagógico que buscou levar em consideração a realidade de suas práticas culturais. Foi quando se fixou definitivamente na Grã-Bretanha, falecendo em 2014 em Londres.

Ao fazer a abordagem desses pensadores se destaca em comum e ponto de encontro a centralidade da educação no aluno. O destaque se dá na natureza humana como referência absoluta da educação e este como indicador da construção de valores.

A Tese é afirmativa de que a axiologia se constrói com o reconhecimento de valores numa educação que considera necessariamente o sujeito e sua formação cultural. A partir desse pressuposto da relação entre a religião e a cultura se partirá para a concepção africana de construção de valores. Nesta concepção há uma verdadeira afinidade entre a vida, o mundo, a cultura e a religião. O pensamento integra esses elementos e forma uma unidade vivencial.

3.3 Os pensadores e a concepção de valores na religião e na educação

Antes de aprofundar a contribuição dos teóricos, Martinho Lutero na linha do protestantismo e também Jan Amós Comenius na área da didática, conservando o aspecto religioso da Reforma protestante; Anton Makarenko no que se refere à coletividade e educação social e Stuart Hall no culturalismo faz-se necessário uma breve abordagem de maneira sintética no pensamento destes, do que caracteriza de maneira específica e própria a relação com a concepção de valores na religião e na educação.

A obra de **Martinho Lutero** e a ruptura provocada pela Reforma protestante é um dos fatores propulsores da modernidade, embora, segundo alguns intérpretes de seu pensamento, sob muitos aspectos Lutero se aproxime mais da teologia medieval agostiniana. Assim é afirmado por Danilo Marcondes ao tratar a Reforma protestante.

A ruptura provocada pela Reforma é um dos fatores propulsores da modernidade, embora, segundo alguns intérpretes de seu pensamento, sob muitos aspectos Lutero se aproxime mais da teologia medieval agostiniana. Porém, a defesa da idéia de que a fé é suficiente para que o indivíduo compreenda a mensagem divina nos textos sagrados, a assim chamada "regra da fé" - não necessitando da intermediação da Igreja, dos teólogos, da doutrina dos concílios -, representa na verdade a defesa do individualismo contra a autoridade externa, contra o saber adquirido, contra as instituições tradicionais, todos colocados sob suspeita.⁶⁵

O seu pensamento combate a Escolástica. Ele insiste em educar para conhecer a Bíblia e com isso livrar-se marcadamente da submissão à instituição religiosa católica que predominava na época. Destaca-se o fato de que esta educação está associada a valores modernos da educação escolar, com o esforço e tendência à busca da liberdade e à autonomia do indivíduo. Lutero entendia a importância da democratização e universalização do ensino, por isso é reconhecido como representante significativo do pensamento filosófico de Hegel, conforme afirmado por Defreyn:

A partir desta relação entre escola e leitura da Bíblia, também foi fomentado aquele tipo de representação já apresentada anteriormente, que associa as escolas luteranas com o fenômeno da liberdade do indivíduo. Isso porque, ao possibilitar que os leigos pudessem ler as Sagradas Escrituras, as escolas luteranas estariam libertando as pessoas da tutela da autoridade eclesiástica. Esse tipo de representação teve porta-vozes ilustres como filósofo Hegel. E se afirmou que a

⁶⁵ MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p.147.

tradução da Bíblia para o alemão teria sido um símbolo da liberdade subjetiva da qual a reforma seria portadora.⁶⁶

Evidência-se uma visão de eclesiologia que oferece uma interpretação do legado que deixou para educação não só no sentido religioso, assim como social, pelo fato de insistir na incumbência do Rei e Governadores na tarefa de prover a educação. Um outro destaque social relevante é que nos escritos e discursos, Lutero refere-se enfaticamente ao papel da família:

Lutero produzia textos que alertavam e exortavam os poderes políticos para que criar 100 escolas públicas em cada municipalidade. Além disso, em seus sermões e colóquios, lutava para mudar a mentalidade medieval dos pais a fim de que enviassem seus filhos à escola.⁶⁷

Esses elementos possibilitam pensar a importância da cultura e tradição africana nas quais a família assume lugar privilegiado e de destaque. No mesmo sentido e importância, a relação com a educação comunitária, para vida e universal, como projeto de sociedade a compreensão dos laços de família é determinante.

Este empreendimento que foi levado à concretização com **Jan Amós Comenius**, conforme é afirmado na *Didática Magna*:

Com grande sabedoria falou quem disse que as escolas são as oficinas da humanidade: elas transformam os homens em homens de verdade, ou seja (visando aos fins já estabelecidos): 1) uma criatura racional; 2) uma criatura senhora das criaturas (inclusive de si mesma) 3) uma criatura deleite de seu criador. Isso acontecerá se as escolas se esforçarem para tornar os homens sábios na mente, prudentes nas ações, piedosos no coração.⁶⁸

Comenius é incisivo na afirmação da escola transformar o ser humano, destacando a sabedoria e a prudência nas ações. Isso indica e revela o seu interesse pelos valores intelectuais e atitudinais.

Por volta do ano de 1520, com os tratados escritos por Martinho Lutero e a tradução da Bíblia para o alemão, surgiu com a Reforma protestante uma nova maneira de compreender o cristianismo e de interpretar os escritos bíblicos. Apesar da Reforma, muitos europeus ainda continuavam sem acesso à educação e muitos deles até mesmo analfabetos.

⁶⁶ DEFREYN, Vanderlei. **A tradição escolar Luterana: sobre Lutero, educação e a história das escolas luteranas até a Guerra dos Trinta Anos.** São Leopoldo: Sinodal; Canoas: ULBRA, 2005, p.153.

⁶⁷ JARDILINO, José Rubens L. **Lutero e a educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 45.

⁶⁸ COMENIUS, Jean Amós. **Didática Magna.** 4ª edição - São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 96.

A teoria didática para investigar as ligações entre ensino e aprendizagem e suas leis, é formada a partir do século XVII, quando Comenius escreve a primeira obra clássica sobre didática, a *Didática Magna*. Ele foi o primeiro educador a formular a ideia da difusão dos conhecimentos a todos e criar princípios e regras do ensino.

Comenius desenvolveu ideias avançadas para a prática educativa nas escolas, numa época em que surgiam novidades no campo da filosofia e das ciências e grandes transformações nas técnicas de produção, em contraposição às ideias conservadoras da nobreza e do clero. O sistema de produção capitalista, ainda incipiente, já influenciava a organização da vida social, política e cultural. Para ele, a finalidade da educação era conduzir à felicidade eterna com Deus, pois é uma força poderosa de regeneração da vida humana. Ele dizia que todos os seres humanos merecem a sabedoria, a moralidade e a religião, porque todos, ao realizarem sua própria natureza, realizam os desígnios de Deus, se conhecerem com clareza:

Que as raízes da religião estão no homem por natureza é demonstrado pelo fato de que ele é a imagem de Deus. [...] Portanto, como não existe nada igual ao homem a não ser aquele a cuja imagem foi criado, segue-se que ele não poderá ser levado por seus desejos senão para a fonte da qual brotou, desde que a conheça com suficiente clareza.⁶⁹

Para ele, a educação nada mais era do que um direito natural de todos. Nisso se pode considerar já a construção de valores em educação. Estes que vem de outras religiões que não somente a cristã, como se apresenta nessa Tese.

Com suas ideias inovadoras, Comenius desempenhou uma influência considerável, não somente porque se empenhou em desenvolver métodos de instrução mais rápidos e eficientes, mas também porque desejava que todas as pessoas pudessem usufruir dos benefícios do conhecimento.

O ideal de toda didática é que o ensino produza uma transformação no aprendiz, que este, graças ao conhecimento adquirido, se torne diferente, melhor, mais capaz, mais sábio. A importância revolucionária desse tratado é reconhecida até os dias de hoje. De acordo com a “Didática Magna”, deveriam frequentar a escola homens e mulheres, e mesmo os pobres deveriam receber uma educação voltada principalmente para que os indivíduos compreendessem que deveriam ser virtuosos, racionais e piedosos. A tríade: virtude, conhecimento e religião, compreende toda a sua obra, que tinha como objetivo maior a formação dos verdadeiros educadores. A prática do ensino, para Comenius, era

⁶⁹ COMENIUS. 2011, p. 66-67.

uma técnica que deveria ser adquirida, não bastando apenas o conhecimento das coisas, não somente aquilo que é acadêmico.

Porém, a defesa da ideia de que a fé é suficiente para que o indivíduo compreenda a mensagem divina nos textos sagrados, a assim chamada "regra da fé" - não necessitando da intermediação da Igreja, dos teólogos, da doutrina dos concílios -, representava na verdade um avanço significativo na defesa do individualismo ou mais que isso, da subjetividade, elemento importante no processo de autonomia da educação.

Revela-se nesse sentido uma atitude firme e alicerçada em fundamentos epistemológicos e axiológicos contra a autoridade externa, contra o saber adquirido, contra as instituições tradicionais, todos colocados sob suspeita, demandando uma revisão profunda nos fundamentos da educação na sua relação com a sociedade, assim como do papel da religião na formação do ser humano moderno.

Este elemento, diferentemente, se verifica na elaboração de **Anton Makarenko**. O seu método organizava a escola como coletividade e levava em conta os sentimentos dos alunos na busca pela felicidade em que importavam os interesses da comunidade e a criança tinha direitos impensáveis na época, como opinar e discutir suas necessidades no universo escolar. Como afirma a educadora Cecília da Silveira Luedemann, na sua teoria apresentada no seu livro "*Anton Makarenko, Vida e Obra - A Pedagogia na Revolução*", nesta destaca-se a importância da relação e a abertura da escola para a sociedade e para a história:

A escola, na concepção de Makarenko, deveria ser um espaço amplo, aberto em contato com a sociedade e com a natureza, relacionando-se às necessidades sociais de cada momento histórico, mas dirigida por um objetivo estabelecido coletivamente por professores e alunos. Lugar para criança viver sua realidade concreta como realização no presente, admitida como sujeito, comandante da sociedade, participante das decisões sociais em seu coletivo organizado.⁷⁰

Makarenko talvez tenha sido o educador que levou às consequências mais radicais as questões do espírito de grupo e do trabalho coletivo. Tudo era discutido entre alunos, professores e a direção da Colônia Gorki e da Comuna Dzerjinski. Por essa razão, embora tenha vivido numa época e num contexto totalmente diferentes dos atuais e da realidade brasileira, pode-se tê-lo como referência para o tema da concepção de valores na religião e na educação. Convém considerar de maneira especial as suas afirmações a respeito da

⁷⁰ LUEDEMANN, Cecília da Silveira. **Anton Makarenko. Vida e Obra – a pedagogia na revolução**. São Paulo: Expressão Popular, 2002, p.18.

participação nas decisões do coletivo organizado como modelo de sociedade que se vivencia na prática educativa, que supera todo individualismo e formas de discriminação.

O modelo de educação de Makarenko dirige-se ao futuro e à participação do ser humano na sociedade e nas situações de enfrentamento que encontra no mundo. A autonomia é determinante para encontrar soluções nas situações adversas. O próprio Makarenko afirma na sua obra “*Problemas da educação escolar*” ao descrever a sua experiência que começou em 1920 na Colônia e durou 16 anos, o seguinte:

É preciso que a pedagogia domine os meios de influência tão universais e poderosos que quando o nosso educando enfrentar qualquer influência prejudicial, por muito poderosa que for, esta influência seja neutralizada e liquidada pela nossa. Isso significa que em caso algum se pode imaginar que o trabalho educativo seja levado a cabo só nas aulas. O trabalho educativo orienta toda a vida do aluno.⁷¹

A ideia do coletivo e do universal surge como respeito a cada aluno, oposta à visão de massificação que despersonaliza a criança. O grupo estimula o desenvolvimento individual do ser humano. Como a instituição familiar (e tudo o mais na então União Soviética) estava em crise, essa foi a alternativa encontrada pelo educador para proteger a infância de seu país. O sentimento de grupo não era uma ideia abstrata:

Ao contrário de negar a escola, a pedagogia de Makarenko reconhece a força social revolucionária dessa instituição social, principalmente sobre a influência das organizações revolucionárias da classe trabalhadora. Aqueles que viram na pedagogia de Makarenko a defesa do fim da escola tomaram a maquinaria escolar na sociedade capitalista como único modelo de escola.⁷²

O modelo de educação de Makarenko tinha raízes nos ideais revolucionários. Ele bem soube como transformá-los em algo concreto. A colônia era auto-suficiente e a sobrevivência de cada um dependia do trabalho de todos, caso contrário, não haveria comida nem condições de habitação aceitáveis, modelo e resposta para a crise social da sua época. A educação atual também oferece alternativas numa cultura da diversidade. Não há um só modelo de sociedade e de educação. A partir do que afirma Makarenko, pode-se pensar um modelo educacional revolucionário que advém da cultura e das tradições do povo negro, desde que não negue os construtos históricos e os valores do povo afro-brasileiro na sua pluralidade e diversidade cultural.

⁷¹ MAKARENKO, Anton Semionovich. **Problemas da educação escolar. Experiência do trabalho pedagógico**. Moscovo: Edições Progresso, 1986, p. 30-31.

⁷² LUEDEMANN. 2002, p.19.

Na perspectiva da diversidade e pluralidade segue o próximo referencial. Deve-se considerar o construto que **Stuart Hall** oferece na perspectiva da identidade cultural como elemento relevante em educação para a coletividade na construção cultural que passa necessariamente pela escola. Trata-se de compreender seu pensamento frente à problematização das identidades, sobretudo da identidade nacional. A perspectiva epistemológica para pensar a cultura das diásporas do mundo que emergiu depois do processo de descolonização da África oferece elementos para entender a realidade brasileira e o lugar que ocupam os afrodescendentes. A problematização apontada por Stuart Hall em relação à historicidade das identidades fundamenta-se em uma postura epistemológica própria do pensamento sobre a atualidade das identidades.

As identidades, afirma Hall, longe de estarem alicerçadas numa simples recuperação do passado, que espera para ser descoberto, estão fundadas na percepção de nós mesmos pelo momento que se vive e pela perspectiva de futuro. No texto *Da diáspora*, ao tratar o tema *Que “negro” é esse na cultura negra*. Hall afirma a importância da cultura popular considerando o momento e suas conjunturas, em que existem especificidades que devem ser consideradas, apesar de suas semelhanças e continuidades com outros momentos:

É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades, do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural. Isso vale não somente para a raça, mas também para outras etnicidades marginalizadas, assim como o feminismo e as políticas sexuais no movimento de gays e lésbicas, como resultado de um tipo de política cultural.⁷³

Stuart Hall deu atenção especial ao movimento das identidades, mas não num sentido simples de observador de tais tendências, e sim como um autor que critica – no sentido de pôr em crise – tais identidades. Questiona a historicidade desses sistemas de representação que são as identidades culturais, mesmo que se configurem num plano mais tópico, como as identidades menores, sejam elas de classe, de gênero, de grupo, de instituição, de família ou de etnia. Afinal, tais identidades estão ancoradas na posse em comum de uma memória que os unifica e que os substancializa. Aqui, homogeneização, unidade, substância, identidades e a historicidade caminham em uma mesma direção de fundamentação.

Como sugere Stuart Hall na compreensão da pluralidade, não importa quão diferentes os membros de uma nação possam ser em termos de classe, gênero ou raça. É a

⁷³ HALL. 2011, p. 320.

identidade cultural que unifica. Esse tema será retomado na relação que estabelece com outros pensadores em educação. A cultura que se confronta com a identidade nacional na medida em que unifica ou anula as diferenças, considerando as identidades culturais e religiosas na sua relevância para a educação e formação de valores educativos e sociais.

Junto ao questionamento de Hall é possível localizar o atual: o que se questiona é o jogo de poder. Pensar historicamente a identidade nacional seria apenas diagnosticar o seu surgimento e desenvolvimento através do tempo? Ou haveria algo mais, uma margem da história onde poderíamos escrever outras histórias sobre a nação e sobre a própria história?

A problematização das identidades, tal como proposta por Hall, permite uma leitura dos processos identitários que se fundamenta nessa dimensão histórica radical, na medida em que o autor reconhece a tentativa de uniformização das identidades – a expulsão do sentido histórico via homogeneização – e tenta construir um pensamento alternativo a tal processo de reificação. Ele rejeita a concepção do indivíduo como objeto, uma concepção cultural que faça a coisificação da experiência humana. Nesse sentido, pode-se pensar o tema da concepção de valores na religião e na educação tendo o elemento cultural afro-brasileiro como expressão de identidades diversificadas, plurais e dinâmicas.

Hall propõe que estudemos as identidades não como algo permanente, idêntico-a-si-mesmo através do tempo, mas sim como um processo de identificação.

A identificação é, pois um processo de articulação, uma saturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado” ou “muito pouco” - uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca o ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao “jogo” da *diférence*. Ela obedece à lógica do mais-que-um. E uma vez que como num processo de identificação opera por meio da *diférence*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”. Para consolidar o processo ela requer aquilo que é deixado de fora - o exterior que a constitui.⁷⁴

A sua afirmação demanda uma suturação, uma sobredeterminação no sentido de reconhecimento da dinâmica e do processo. A análise da identidade negra reconhece o quanto foi ignorado tanto no campo dos valores educativos da história dos afro-brasileiros, quanto nas expressões religiosas. Ambas reconhecidas identitariamente como culturais. No diálogo com Makarenko, na dimensão coletiva, grupos diversos e com origens diferentes que se reúnem numa realidade de identidades comuns a partir da realidade de escravidão, em busca da construção coletiva dos valores da libertação.

⁷⁴ HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomás Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p.106.

A ideia de não subsunção assume importância determinante. Compreende-se a impossibilidade de inserir identidades originais num contexto mais amplo e hegemônico, este que se ajusta à maioria, oculta e deixa fora significações representativas. Estas que se apresentam como uma construção, como um processo nunca completado. Aqui estão lançadas as bases de um pensamento radicalmente histórico sobre as identidades culturais, haja vista que Hall desloca a “natureza” da identidade ao chamar a atenção para a diferença, para a alteridade.

Nesse sentido a própria possibilidade de significação que as identidades comportam serão desenvolvidas na perspectiva axiológica na atualidade. A alteridade na construção de sentidos e concepção de valores na educação como expressão de respeito às identidades diversificadas.

A abordagem das redações e sua análise torna-se conhecimento histórico que tem como objetivo fazer resgates do passado e recuperar memórias, que desenvolvidas nos textos escritos pelos alunos e pelas alunas, num processo de subjetivação se eterniza pela repetição, pela oralidade e celebra a diferença e a identidade. Isso possibilita considerar o devir que sustenta sua própria possibilidade de narrativa de novas identidades históricas, como se pode observar na construção cultural nas redações dos alunos.

3.4 Lutero, a educação e os valores

O texto pretende levar a pensar historicamente a partir dos 500 anos do Luteranismo, compreendendo a realidade da religião e da educação, confrontando com os 500 anos da presença do negro no cenário religioso e educacional brasileiro, destacando alguns elementos na perspectiva da axiologia, considerando valores religiosos e educativos nas duas realidades.

É inegável a contribuição que Lutero ofereceu para a educação pública e nesse horizonte aponta elementos significativos para o momento em que se situa a educação, considerando as questões referentes à cultura e à história do povo negro. O fator importantíssimo se situa no fato de que ambos os momentos, seja no contexto da Reforma quanto na formação cultural brasileira, emergem fora da institucionalidade e demandam repensar a formação e seus paradigmas.

Uma possível aproximação se apresenta como possibilidade de interpretação e análise. De um lado, com Lutero e o movimento de Reforma protestante que apresenta a

necessidade de que o poder público e as famílias assumam seu papel, sua participação e reponsabilidade na educação, e de outro, a história de resistência afro-brasileira que aponta na atualidade para um novo protagonismo, uma alternativa, o do movimento social e de educadores que indicam a necessidade de cumprimento e execução da Lei 10639/03 que torna obrigatório o ensino da história da África e dos afrodescendentes no currículo escolar.

Se em 500 anos percebemos a ação do cristianismo na educação numa dimensão social tão relevante, na atualidade confronta-se a ação do movimento social e da formação cultural, que necessariamente dialoga com a construção de outra religiosidade e com elementos afro-brasileiros, apresentando como no passado elementos construtivos para a educação.

No contexto do século XVI, a modernidade e a pós-modernidade se entrelaçam no confronto entre Reforma e Contra reforma indicando elementos para abordagem da expressão de religião e de educação que cresceu independente ou ao lado do que determinou a história das igrejas cristãs e conseqüentemente a sua relação com outras expressões tanto religiosa quanto cultural.

A resistência e a autonomia se apresentam nesse contexto atual na construção social, educacional e cultural do povo negro, que aponta outro referencial religioso. As alternativas são reais e possíveis.

3.4.1 Lutero - o educador, a formação ética e étnicorracial

O pensamento educacional de Lutero se situa no contexto da crise social de sua época. Ser humano além do seu tempo, ele conseguiu entender a urgência da mudança que deveria introduzir na sociedade e que necessariamente passava por transformações profundas no interior da Igreja e da sua prática. Na realidade, a ideia de "reforma" sempre foi comum no desenvolvimento do cristianismo. Podemos quase dizer que o próprio cristianismo em seu surgimento é uma espécie de movimento de reforma do judaísmo, procurando torná-lo mais autêntico, mais fiel à visão dos profetas e menos submisso a Roma.

Assim também em relação à educação, transformar as relações sociais, necessariamente exigiria uma nova forma de conceber a educação. Uma crise de valores instaurada no século XVI demandava a construção de novos valores em relação à religião

e à educação. A crise provocou historicamente Reforma protestante com o sentido de revolução protestante, que mais que um fenômeno puramente religioso, era de natureza social, política, ideológica e educacional, como escreve Marcondes:

O marco do início da Reforma protestante é tradicionalmente o episódio em que Lutero prega nas portas da Igreja de Todos os Santos em Wittenberg suas noventa e cinco Teses contra os teólogos católicos da universidade e contra o papa Leão X em Roma (1517). No entanto, podemos considerar a Reforma de Lutero o ponto culminante de um processo de contestação dos rumos da Igreja católica desde os últimos séculos da Idade Média. A transferência da sede da Igreja para Avignon e a influência dos reis franceses sobre os papas durante esse período em muito contribuiu para a sua perda da autoridade. O envolvimento dos papas nas questões políticas da época foi também um fator gerador de conflitos. Além disso, o envolvimento político, a necessidade de manter exércitos e de sustentar os estados da Igreja — os territórios governados pelos papas na Itália — fizeram com que a Igreja necessitasse de grandes recursos financeiros, procurando obtê-los através da venda de indulgências e de outros favores a quem se dispusesse a pagá-los. As obras grandiosas patrocinadas pelos papas do Renascimento ilustram bem os custos imensos da Igreja nessa época, seu fausto e seu caráter muitas vezes mundano.⁷⁵

Neste contexto de mudanças, revoluções provocaram a formação diferenciada que caracteriza-se por novos valores, provocando o surgimento do ser humano da Reforma protestante. Este demanda uma nova construção de valores, conseqüentemente, uma nova ética que deverá ser questionada historicamente:

A ética protestante, principalmente calvinista, ao considerar os protestantes como predestinados e valorizar a liberdade individual, a livre iniciativa e a austeridade terá grande importância no desenvolvimento econômico da Europa, sobretudo em regiões como os Países Baixos e a Inglaterra, permitindo a acumulação do capital que, reinvestido por sua vez nos grandes empreendimentos comerciais e mercantis, como a Companhia das Índias, levará ao surgimento de uma classe burguesa detentora de riqueza, de poder político.⁷⁶

É necessário pensar diante do contexto anterior marcado pelo catolicismo e pelas relações sociais com profundas desigualdades, demarcadas pela estrutura feudal. Disso se entende a profundidade da importância da religião e da educação no processo de mudanças sociais.

Lutero combate a escolástica, sobretudo a visão aristotélico-tomista, as provas da existência de Deus, o racionalismo. Sua concepção teológica baseia-se em uma interpretação da doutrina de santo Agostinho sobre a luz natural, que todo indivíduo tem em si e que lhe permite entender e aceitar a Revelação. Inspira-se também em São Paulo: "o

⁷⁵ MARCONDES. 2005, p. 146.

⁷⁶ MARCONDES. 2005, p. 148.

justo viverá pela fé" (*Romanos*, 1, 17). O critério de validade da interpretação das Escrituras é portanto a "regra da fé". Afirma Lutero:

"[...] vi que as opiniões tomistas, mesmo que aprovadas pelo papa e pelos concílios, continuam sendo apenas opiniões e não se tornam artigos de fé, mesmo que um anjo dos céus decidisse ao contrário. Porque aquilo que é afirmado sem a autoridade das Escrituras ou da revelação comprovada pode ser mantido como uma opinião, mas não há obrigação de se acreditar nisso".⁷⁷

Sua radicalidade se evidencia ao reafirmar seu novo critério de forma ainda mais dramática. Ele veementemente se recusa a retratar-se diante da Dieta de Worms em 1521, o que historicamente marca sua posição de rompimento:

"Vossa Majestade Imperial e Vossas Excelências exigem uma resposta simples. Aqui está ela simples e sem adornos. A menos que eu seja convencido de estar errado pelo testemunho das Escrituras ou (pois não confio na autoridade sem sustentação do papa e dos concílios, uma vez que é óbvio que em muitas ocasiões eles erraram e se contradisseram) por um raciocínio manifesto eu seja condenado pelas Escrituras a que faço meu apelo, e minha consciência se torne cativa da palavra de Deus, eu não posso retratar-me e não me retratarei acerca de nada, já que agir contra a própria consciência não é seguro para nós, nem depende de nós. Isto é o que sustento. Não posso fazê-lo de outra forma. Que Deus me ajude. Amém".⁷⁸

Dois pontos são fundamentais nesta passagem e podem ser analisados na dimensão que tomou na história para o surgimento de outros valores para o pensamento moderno:

1. A recusa da autoridade institucional da Igreja por Lutero (os papas e os concílios) que não é digna de crédito.
2. A valorização da consciência individual firmada (cativa) na palavra de Deus, como dotada de autonomia e de uma autoridade que toma o lugar da Igreja e da tradição, por ser mais autêntica.

A Reforma aparece como representante da defesa da liberdade individual e da consciência como lugar da certeza. O ser humano não é reconhecido como capaz pela sua luz natural de chegar à verdade, mesmo em questões religiosas e contestar a autoridade institucional e o saber tradicional.

⁷⁷ The Babylonish Captivity of the Church, citado em Documents of the Christian Church apud MARCONDES. 2005, p. 147.

⁷⁸ The Babylonish Captivity of the Church, citado em Documents of the Christian Church apud MARCONDES. 2005, p. 147.

Essas posições avançaram além do campo religioso e se tornaram fundamentais no desenvolvimento do pensamento e do espírito crítico moderno e, conseqüentemente, para a educação. É evidente a contribuição que o fenômeno religioso representa diante da construção de um novo pensamento, assim como a construção de valores. Nesse sentido vale considerar o que se passou com o movimento da Reforma protestante, que determinou um processo de educação diferenciado do que era feito pelo catolicismo.

Dois horizontes de grande importância se apresentam na época e se projetam para a pós-modernidade no campo da ética, da liberdade religiosa e da educação:

1. Se a discussão em torno da "regra da fé" abre caminho para o problema dos critérios do conhecimento, a discussão acerca do livre-arbítrio e da salvação levanta questões de natureza moral. Para Lutero, a salvação só é possível pela graça divina, e a graça é um dom de Deus, que independe do saber adquirido ou da obediência à autoridade eclesiástica.

2. Rejeita assim a doutrina ética - de inspiração aristotélica e adotada pela escolástica tomista - da virtude adquirida. O esforço humano não desempenha nenhum papel na salvação, já que o homem não pode "comprar sua salvação", não pode fazer uma "barganha" com Deus, dependendo exclusivamente da graça, um dom divino e, por definição, gratuito.

Contemporâneo de Lutero, Erasmo apresenta questões relevantes sobre o problema do livre arbítrio que é interessante para a compreensão do tema da liberdade e da ética questionáveis ao pensamento de Lutero. O pensamento de Erasmo considera que a situação criada pelo pecado humano torna necessária a história salvífica, mas não torna impossível uma história positiva da cultura. Nesse sentido se entende a importância da abordagem cultural na atualidade.

Erasmo é o humanista conciliador que rompeu com Lutero e nos seus escritos aponta para as dificuldades que acompanham qualquer estudo sobre o livre arbítrio. Assim é afirmado por Breno Schumann ao tratar o confronto de Lutero e Erasmo:

O esforço empregado no passado e no presente, por filósofos e teólogos não estaria apresentando resultados satisfatórios. Apesar disso, na tentativa de refutar Lutero expõe comparativamente as opiniões das diferentes correntes, sem

pretender julgá-las. Confessa não ter, ele próprio opinião formada, muito embora “creia haver alguma força do livre arbítrio”⁷⁹

A questão apresentada no período se insere no tema atual da liberdade e do princípio ético do respeito e consideração com o outro e sua forma de pensar. A exigência de uma postura crítica se evidencia na centralidade do aspecto religiosos diante do cultural, acentuando a importância e supremacia do cristianismo protestante e suas consequências posteriores. Essa ética tem certamente raízes anti-escolásticas e agostinianas, porém entra em contradição com o espírito crítico do homem de fé como leitor da Bíblia e intérprete da palavra de Deus por suas próprias luzes, bem como com a defesa das liberdades civis contra a autoridade institucional defendidas pelo próprio Lutero em seu documento de 1520 “*Da liberdade do homem cristão*”.

O que possibilita afirmar a mudança de religião como elemento de construção de valores tanto sociais quanto educativo naquele contexto passado, ilumina o presente na possibilidade contextualizada de que outras religiões, assim como as de matriz africana, contribuem no cotidiano da realidade brasileira. Estas oferecem valores sociais e educacionais na construção do processo democrático e do diálogo intercultural e religioso. Contribuem para também construir uma sociedade reformada, transformada pela eficiente contribuição da religião e da educação que podem dialogar. Diálogo este que não desconsidera o conflito, assim como se percebe no que Lutero vivenciou.

A Reforma iniciada por Lutero difundiu-se pela Europa e expressou a busca por autonomia política e liberdade de pensamento. Em 1527 é criada a primeira universidade protestante em Marburg, seguida de outras. Em pouco menos de 50 anos o panorama político e religioso europeu altera-se profundamente, e a discussão de questões filosóficas, teológicas e doutrinárias relacionadas à Reforma assumiram um papel fundamental no cenário intelectual e educacional da época.

Por discordar dos costumes da Igreja de seu tempo, Lutero liderou a Reforma protestante, responsável pela divisão do cristianismo e o surgimento de novas igrejas e de novas concepções. Além de consequências religiosas, a Reforma teve consequências econômicas, políticas, sociais e, conseqüentemente, educacionais e éticas, tornando-se construtora de outros e novos valores. Seu protagonismo é de fundamental importância. Entende-se a educação na concepção protestante, ou seja, Lutero e a educação

⁷⁹ SCHUMANN, Breno Arno. Erasmo e Lutero: a vontade livre. In: WITT, Osmar L. e ZWETSCH, Roberto E. (Orgs.). **Irreverência, compromisso e liberdade. O testemunho ecumênico do pastor Breno Schumann**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2004, p. 59.

protestante, inicialmente a partir da sua afirmação que revela a adequação da educação com a realidade concreta da vida e com suas consequências.

A atuação de Lutero foi bastante abrangente, pois pensou na escola pública, na participação da família e no currículo:

1. Escola pública - Lutero foi um dos responsáveis pela formulação do sistema de ensino público que serviu de modelo para a escola atual. É dele a ideia da escola pública para todos organizada em três ciclos: fundamental, médio e superior. E, coerente com essa ideia, condenou a educação dada pelas escolas monásticas e eclesiásticas de sua época. Para ele, a educação não devia ser dominada pela Igreja.
2. Participação da família – para Lutero a educação não podia ser responsabilidade só da escola. A família também devia participar dessa tarefa. Por isso, ele defendia que as escolas fossem mais amplas e abertas do que eram em sua época.
3. Sobre o currículo – pensava que o Latim e o Grego deveriam constituir a parte mais importante; e o Hebraico também precisaria estar ao alcance de todos. Além do aspecto linguístico, ele incluía a Lógica, a Matemática, a Ciência, a Gramática e a Música. Destaca-se que a Música, por influência de Lutero, tornou-se obrigatória na educação de todos.

Lutero tinha clareza e amplitude sobre a educação. Educação, universalidade e acessibilidade para todos, para as classes sociais distintas e os gêneros. Inovador para época foi a educação feminina. Para isso caracterizava a responsabilidade do estado na educação, o que a caracteriza como tarefa política e demonstra sua articulação com os conselhos municipais, como é afirmado a seguir.

A reforma educacional foi reconhecida como uma tarefa política. A quem deveria ele, concretamente, desafiar instituir escolas? Reside nesse ponto, com toda a certeza, mais uma das notáveis intuições de Lutero. Poder-se-ia pensar que ele fosse conchamar os príncipes, pois a imagem corrente de Reformador coloca-o na proximidade deles. Não obstante, não foi essa a sua opção. Lutero sabia que os príncipes estavam envolvidos em interesses, preocupações e tarefas em outro nível, além de não estarem capacitados para construir escolas por toda parte. Propôs então a tarefa aos conselhos municipais. Ou seja: foi atribuída ao Estado a responsabilidade de construir escolas e organizar o sistema educacional – não ao macroestado, mas às instituições políticas locais, principalmente nas cidades.⁸⁰

Lutero pode ser considerado um dos precursores da defesa da educação universal. Na sua concepção a educação era simultaneamente uma atividade secular e religiosa. A escola proposta por ele tinha uma função espiritual cristã, certamente marcada pela mentalidade da cristandade. Deveria ser gratuita e obrigatória, apoiada pelas autoridades

⁸⁰ ALTMANN, Walter. **Lutero e Liberdade**. São Paulo, Editora Ática: Editora Sinodal, 1994, p.202-203.

municipais e cristãs. Assim se percebe sua abrangência tanto religiosa quanto para a evolução no plano social e histórico.

De outra parte, chegou a afirmar que as autoridades municipais teriam o direito e até mesmo o dever de obrigar os pais a enviar seus filhos à escola. Insistiu, pois na universalização da escola, introduzindo a ideia da obrigatoriedade da educação escolar, muito posteriormente adotada por todos os Estados modernos.⁸¹

As ideias educacionais de Lutero foram postas em prática pelos seus continuadores, principalmente por Felipe Melanchthon entre os anos 1497 até 1560, denominado o Preceptor da Alemanha. Melanchthon foi para a Alemanha na Reforma Educacional o que Lutero foi na Reforma Religiosa.

Um resultado prático da Reforma foi o surgimento de sistemas de escolas controladas e parcialmente mantidas pelo Estado. Tais sistemas são considerados os primeiros de tipo moderno. Em toda cidade e vila havia escolas elementares de latim. Acima dessas, havia as escolas superiores de latim, que, mais tarde, foram incorporadas ao ginásio juntamente com as escolas elementares. E, acima de tudo, estava a universidade, cuja história foi determinada pelo progresso da religião protestante e pelo desenvolvimento da Teologia Protestante.

Nesse sentido se destaca a atuação de Melanchthon na relação que se estabeleceu entre a Educação e o poder público no contexto da Reforma. A educação entendida na sua universalidade, porém ainda atrelada ao poder das autoridades, conforme afirmado por Scheible sobre o tema Reforma acadêmica e reitoria:

Em seguida, Melanchthon apela às autoridade, a quem ele atribui a *cura religionis* [cuidar da religião] como sua competência intrínseca: se o Estado estivesse em ordem, ele não teria necessidade de falar contra esse tipo de gente, e sim os órgãos públicos cuidariam disso pelo uso da força. Merecem ser punidos, porque seu exemplo afasta os jovens das *literae* [letras]. Mas se essas *liiterae*, as humanidades, deixarem de ser aprendidas, acontecerá de novo o que aconteceu em séculos passados com a escolástica, quando a ignorância das letras ameaçou derrubar tudo, tanto as coisas humanas como divinas.⁸²

Fica evidente a atuação das autoridades na relação com a religião de forma intrínseca e com exigências inclusive do uso da força para a educação no sentido da preservação da dimensão humana e da divina.

⁸¹ ALTMANN. 1994, p. 203.

⁸² SCHEIBLE, Heinz. **Melanchthon – uma biografia**. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2013, p. 36.

As abordagens se justificam por entender que Lutero e Melanchthon em seus escritos, sempre apresentaram um posicionamento decidido em resposta a situações cruciais do seu tempo. É importante destacar a expressão “decidido”, pois isso foi determinante na transformação que ocorreu com a educação no seu período, a partir da sua forma de pensar e de agir em relação ao poder público e suas exigências.

A atuação de Lutero e de Melanchthon tiveram efeitos para sua época, assim como nos ajuda a compreender a urgência de tomadas de posição na atualidade. Sua ação representa um papel libertador, revolucionário de caráter teológico, eclesial, social e político nas circunstâncias da época:

O aspecto de transição marca seu tempo, em todos os aspectos: culturais, sociais, políticos, econômicos e religiosos. O milenar sistema medieval estava chegando - fundamentalmente - ao fim. Uma nova época estava em gestação. Tudo se encontrava em crise. O sistema medieval tinha sido marcado por uma grande coesão, com a qual se mantivera por um longo período, muitos séculos. Era ordenado de cima para baixo, de Deus para o mundo, a sociedade e a humanidade. A igreja constituía-se em intermediária e intérprete por direito divino. Eis que as transformações históricas que se estavam operando levaram a uma profunda crise em todo o sistema e em cada um de seus aspectos. Novos valores de uma nova ordenação eram enviados e estavam sendo ansiados. Lutero ocupava lugar, pois, na interconexão do novo e do velho. Vamos detectar essa marca na pessoa, na vida e na obra de Lutero. Encontrava-se ele na aura de uma manhã em que ainda se faziam sentir as sombras da noite, mas já se percebiam os traços da luminosidade do dia que se avizinhava. Extrapolando a imagem, digamos que Lutero, apesar de suas próprias sombras, deu notável contribuição para o surgimento do novo dia.⁸³

Esse significado de Lutero descreve-se a seguir em três tópicos. Os três tópicos desenvolvidos pelo autor destacam:

1. a igreja e a espiritualidade;
2. a relação entre fé e mundo;
3. a relação sociedade, política e economia.

Para o que se pretende no contexto do referencial teórico, assim como de maneira significativa para uma abordagem da educação religiosa na atualidade, é importante e necessário considerar a relação entre fé e mundo e entre sociedade, política e economia. Esses aspectos se destacam observando de maneira organizada:

⁸³ ALTMANN. 1994, p.29.

1. o lugar: o questionamento que Lutero deixa sobre a fé e a tradição a partir da realidade histórico-social;
2. a luz: a contribuição que ele traz para interpretar a realidade histórico-social com perspectivas derivadas da fé na tradição e nos grandes autores de tradições não cristãs.

O encontro do referencial teórico religioso em Martim Lutero com Makarenko aponta dois elementos importantes. A relação educação e sociedade estão presentes no conceito dos dois autores. Utilizam essa referência como elemento transformador da sociedade, mas também do próprio ser humano.

Um aspecto crítico ressalta e possibilita estabelecer um parâmetro e reconhecer o limite do pensamento e do trabalho de Lutero. Conforme Altmann afirma com a expressão “Lutero e a encruzilhada entre o velho e o novo”, isto possibilita pensar também o desafio de ser crítico a respeito da educação e a relação com o cristianismo e as religiões não cristãs.

Finalmente, não podemos nos orgulhar de todos os seus posicionamentos. Ao contrário: uma série deles devemos nos envergonhar. Um ser irascível, chegou a admitir seus excessos nas acusações - muitas vezes caluniosas - a seus adversários. O epíteto de "burro" para o Papa era, evidentemente, um conceito muito manso; "colher de ranho" já é um indicativo melhor de sua criatividade vocabular. Mais trágicos, porém, foram diversos posicionamentos seus em face de grupos determinados de pessoas. Assim, após ter sido um defensor dos judeus nos primeiros anos da Reforma, sua decepção com a não-conversão deles à causa evangélica levou-o, no fim da sua vida, a incitar povo e autoridades à repressão violenta aos judeus. Semelhante repressão pleiteou também para com os anabatistas, ala dissidente da Reforma. E é por demais conhecida - ou, quem sabe, nunca suficientemente conhecida - a conclamação de Lutero a que os príncipes massacrassem os camponeses em rebelião."⁸⁴

Apresenta a necessidade de superar o pensamento de Lutero e colocar em contraste com a possibilidade de uma educação libertadora. Com isso a Tese indica a necessidade de uma superação das circunstâncias históricas e uma contextualização da possibilidade de enfrentar os desafios que permanecem na atualidade:

Podemos e devemos, naturalmente, entender as circunstâncias históricas e as sensações subjetivas de Lutero em todos os seus episódios - o que nos dispensaremos a fazer aqui -, mas jamais podemos sugerir a justificação de tão condenáveis posicionamentos. Celebrar Lutero tem, pois, o risco de exaltar o que não é comemorável, de legitimar seus erros, justamente naqueles aspectos em que devemos criticá-lo e superá-lo.⁸⁵

⁸⁴ ALTMANN. 1994, p.28-29.

⁸⁵ ALTMANN. 1994, p.29.

Essa perspectiva é determinante para se pensar educação religiosa libertadora, reconhecer os limites históricos em relação a determinados grupos, até mesmo raças e etnias. Uma superação que se faz necessária é a compreensão da crítica à sua posição em relação ao outro e o diferente. É necessário reinterpretar criticamente e até mesmo reconstruir o pensamento sobre Lutero em relação à questão ética no tratamento com o outro, este entendido nas suas identidades e representações religiosas, culturais e sociais, como os camponeses, os anabatistas, os judeus e os turcos. Seu pensamento a respeito da política de identidade religiosa rompeu com os fundamentos que aproximam a teologia do próximo e se destaca nesse sentido o afastamento da concepção do outro e para fundamentação dessa Tese a concepção do “nós”, como elemento de releitura presente no Ubuntu.

Os relatos que seguem descrevem e explicitam as posturas de Lutero no que se refere ao aspecto político, social, cultural e religioso.

Inicialmente classificam exageradamente os camponeses como culpados e que merecem a morte por razão de desobediência às autoridades como seus superiores.

Esses camponeses se tornaram triplamente culpados perante Deus e perante os homens, pelo que mereceram a morte múltiplas vezes, tanto do corpo como da alma. Primeiro, porque juravam fidelidade e reverência às suas autoridades, bem como submissão e obediência, como Deus ordena quando diz: "Dai a César o que é de César" (Lc 20,25), e em Rm 13: "Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores", etc.⁸⁶

Sequencialmente Lutero os classifica como pecadores e os acusa de saqueadores, assaltantes e assassinos e que merecem duas vezes a morte e o extermínio.

O segundo pecado é que promovem rebelião, assalto e saqueiam escandalosamente conventos e castelos que não lhes pertencem, pelo que, como notórios assaltantes e assassinos, já merecem a morte duas vezes em corpo e alma. Se houver provas, qualquer rebelde já está prescrito por Deus e pelo imperador, de maneira que quem primeiro pode e quer exterminá-lo, age certo e faz bem.⁸⁷

E conclusivamente Lutero apresenta o terceiro argumento que é o pecado abominável contra o Evangelho e os acusa de blasfemadores e sacrílegos e servidores do

⁸⁶ LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas – Ética: fundamentação da Ética Política Governo – Guerra dos Camponeses, Guerra contra os Turcos – Paz Social.** v. 6 São Leopoldo: Sinodal, 1996, p. 332.

⁸⁷ LUTERO. 1996, p. 332.

diabo e aumenta o merecimento da morte para dez vezes. A intensidade da intolerância se evidencia na afirmação a seguir:

O terceiro pecado é que acobertam esse terrível e horripilante pecado com o Evangelho, dizendo-se irmãos cristãos; eles aceitam juramentos de fidelidade e reverências, e obrigam as pessoas acompanharem essas barbaridades, com o que se tornam os maiores blasfemadores e sacrílegos de seu santo nome, louvando e servindo ao diabo sob as aparências do Evangelho, pelo que merecem dez vezes a morte em corpo e alma, pois nunca ouvi falar do pecado mais abominável.⁸⁸

As atitudes e os discursos de Lutero se estendem aos anabatistas. A acusação efetiva que faz é de que são fanáticos e isso interpretado como rebeldia. Na verdade se revela nesse contexto a sua preocupação com a possibilidade de mudanças a partir das classes populares e seu posicionamento em relação aos príncipes que favoreciam suas reformas teológicas e práticas.

O principal argumento de Lutero contra os anabatistas foi que, como fanáticos (Schwärmer), fomentaram a mesma atitude rebelde de Müntzer. Lutero se preocupava com o aparente êxito do movimento anabatista, sobretudo entre as classes mais populares. Temia distúrbios civis que pusessem em risco a tutela dos príncipes para suas reformas teológicas e práticas.⁸⁹

Os anabatistas eram difamados no seu caráter e acusados de blasfêmia, castigados e até executados. A falta de conhecimento e a recusa de estabelecer relações de proximidade levaram Lutero a posturas intolerantes. É certo que a falta de conhecimento leva a um comportamento excludente e discriminador.

A falta de conhecimento em primeira mão sobre os anabatistas, devido em parte à falta de contato direto com os representantes reais do movimento, levou Lutero a fazer generalizações que conseguiram levar em séria consideração muitas características-chave do pensamento e da prática anabatista.⁹⁰

Essas atitudes intolerantes eram justificadas pela política de identidade religiosa, com a qual Lutero argumentava que eles pertenciam a Satanás, conforme relato seguinte referido aos judeus.

Desde seus primeiros escritos Lutero demonstrou desprezo pelo povo judeu, não só por motivos bíblicos, mas sobretudo pela sua rejeição de Jesus como o Cristo, tanto no Novo Testamento como especialmente no judaísmo rabínico.

⁸⁸ LUTERO. 1996, p. 333.

⁸⁹ NESSAN. Craig L. Ir além da Reforma ética de Lutero: camponeses, anabatistas e judeus. In: HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel C. e MOOENY Ruth. **Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo**. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017, p. 240.

⁹⁰ NESSAN. 2017, p. 239.

Ainda que não se pudesse ter predito que suas declarações contra os judeus contra diziam finalmente a Auschwitz, O Legado de antissemitismo inflamado pela sua pena e perpetrado pelos seus seguidores foi, o mais desastroso dos erros éticos de Lutero.⁹¹

É evidente a recusa de Lutero aos judeus como o povo eleito e a condição para sua aceitação seria somente se os judeus se convertessem ao cristianismo. Na sua fundamentação ética política apresenta uma grande contradição em relação aos judeus. Esta aparece claramente nas *Obras Seleccionadas*, no comentário ao Magnificat. Seu relato apresenta aspereza na forma de tratar os judeus. Seu tratamento se apresenta condicionado à conversão como futuros cristãos. O questionamento que se coloca: E os outros? E aqueles que se mantêm na sua convicção não são considerados?

Quando, porém ela [sc. Maria] diz: ‘a favor de sua descendência em eternidade’ [Lc 1,55], deve-se entender por ‘em eternidade’ que esta graça perdurará com a descendência de Abraão (que são os judeus) desde aquele tempo por todos os tempos, até o dia derradeiro. Pois, embora a grande massa [dos judeus] estivesse endurecida, sempre existem alguns entre eles, por menor que seja o número, que se convertem a Cristo e creem nele; pois essa promessa de Deus não mente: O que foi prometido a Abraão não dura por um ano, nem por mil anos, mas pelos séculos, ou seja, de uma geração para outra sem cessar. Por conseguinte, não devíamos tratar os judeus com tanta aspereza; pois ainda existem futuros cristãos entre eles, e alguns se convertem todos os dias. Além do mais, somente eles, e não nós gentios, têm a promessa de que, em todos os tempos, haverá, entre Os descendentes de Abraão, cristãos que reconhecem a descendência bendita; nossa causa se baseia unicamente na graça, sem promessa de Deus, quem sabe como e quando? Se vivêssemos cristãmente e conseguíssemos converter os israelitas a Cristo com bondade, este seria, sem dúvida, o procedimento correto.⁹²

A graça de Deus se estende a todos e como Ele quer e não condicionada à referida ética de Lutero. Aquilo que Lutero apresenta como o procedimento correto coloca em questão os valores presentes nas outras tradições religiosas e nas outras culturas. Ele chega ao absurdo de ofender os judeus chamando-os de escória e de corpo miserável, destruído e disperso por todo o mundo. A questão religiosa apresenta elementos éticos fundamentais de convivência. Lutero se posiciona tão radicalmente contra os judeus que apresenta uma política de ação contrária e de combate a estas pessoas. Sua prática se refere tanto às autoridades civis, quanto às autoridades religiosas. Craig L. Nessan apresenta o tema sobre a ética de Lutero na Reforma a partir das investidas de Lutero contra os judeus. A contraposição fica clara na afirmação:

⁹¹ NESSAN. 2017, p. 244.

⁹² LUTERO. 1996, p. 75.

Às autoridades civis do teto recomenda as seguintes medidas: destruir seus lares, confiscar livros de orações e escritos talmúdicos, proibir os rabinos de ensinar, abolir salvos-condutos, proibir a usura e impor aos judeus o trabalho manual. Aos pastores e pregadores ele recomenda queimar sinagogas, confiscar livros de orações, escritos talmúdicos e a Bíblia; Proibir a oração e o ensino judaico; e proibiram judeus que pronuncia o nome de Deus em público. Ao final de sua vida, inclusive em sua última publicação, Lutero defendeu o tratamento duro aos judeus.⁹³

Esse relato se aproxima da realidade e do que acontece com os religiosos de matriz africana. A história tem um registro muito positivo segundo Nesson (2017) que somente em 1994 a Igreja Evangélica Luterana na América adotou uma declaração de repúdio aos escritos antissemitas de Lutero e seu legado. Porém, há muito ainda que se fazer para o caminho da liberdade religiosa e do respeito a tantos outros entre eles os afrodescendentes.

O que se coloca em questão é a ética religiosa presente no pensamento e nas atitudes de Lutero, que se apresenta reducionista e excludente. Apresenta uma diferenciação na consideração com o outro, uma política de identidade religiosa que não considera a identidade do outro, do próximo e a inclusão de outros próximos. Não considera os direitos nem a sua expressão cultural e religiosa do outro e do diferente.

O estudo de Lutero na compreensão dos 500 anos e sua relação com a questão afrodescendente apresenta a necessidade de se avançar na exigência do entendimento do outro e do diferente. Esse foi um limite do pensamento de Lutero com os oprimidos camponeses, como grupo social bem definido, também com o estrangeiro judeu na dimensão de etnia e ainda do outro na perspectiva religiosa na forma como tratou os anabatistas. Essas identidades sociais, políticas, culturais e religiosas são de fundamental importância para o entendimento da educação e da ética religiosa.

Ao apresentar o artigo “Ir além da Reforma Ética de Lutero: camponeses, anabatistas e judeus”, Craig L. Nesson trata o tema na perspectiva da hermenêutica que exige uma crítica, uma desconstrução e uma reconstrução. Essa que se apresenta como possível na perspectiva de uma educação etnicoracial.

Em vez de defender os grupos oprimidos segundo a exigência de uma política do próximo, atacou-os como inimigos por meio da hermenêutica de uma política de identidade religiosa violenta. As conclusões éticas de Lutero exigem da crítica a desconstrução e o repúdio visando à reconstrução de uma ética teológica como a política do próximo.⁹⁴

⁹³ NESSAN. 2017, p. 248.

⁹⁴ NESSAN. 2017, p. 231-232.

O legado de perseguição deixado contra os camponeses, anabatistas e judeus no passado histórico assemelha-se à perseguição feita aos negros e às negras, aos educadores e às educadoras, aos praticantes e às praticantes de religiões de matriz africana, aos sambistas, aos pagodeiros, àqueles e àquelas que praticam e vivenciam os valores da cultura negra e afrodescendente.

É necessário questionar a teologia e a ética de Lutero e de forma crítica entender a raiz do preconceito e da intolerância. Esta que se estende até os dias atuais e de forma radical no contexto das religiões cristãs contra os praticantes das religiões de matriz africana.

Nessan, ao tratar a falácia da teologia ética de Lutero ajuda na compreensão do preconceito religioso, cultural e étnico do período da Reforma e do pensamento de Lutero, assim como a cosmovisão medieval.

A teologia ética de Lutero está incrustada na cosmovisão apocalíptica medieval tardia, que situa Deus numa batalha cósmica contra Satanás, da vida contra a morte. Como o fim do mundo se aproximava, o demônio teria intensificado esforços para ganhar o controle do mundo por meio dos que procurariam enganar e separar muitas pessoas do evangelho de Jesus Cristo. Os camponeses, anabatistas e judeus estariam entre eles - embora não fossem os únicos! Por meio deles, Satanás estaria em seu apogeu na véspera do Apocalipse. Por isso Lutero justificava a guerra contra esses inimigos de Deus.⁹⁵

A compreensão crítica sobre ética de Lutero se estende na forma como tratou os turcos considerando-os como uma ameaça a ser combatida. Assim é afirmado sobre Lutero por Altmann:

Ele chegou então a afirmar, por exemplo, serem os príncipes cristãos piores que os turcos, numa alusão à invasão da Europa por forças otomanas, constituindo-se numa ameaça séria para a própria existência da nação alemã. Contudo, em 1520 Lutero não conseguiu verbalizar esse perigo potencial dos príncipes.⁹⁶

A atitude preconceituosa é evidente na expressão “piores”. Essa se torna mais grave na consideração de que os turcos devem ser combatidos, pois Lutero escreve sobre a necessidade de lutar contra eles, considerando-os como instrumento do castigo de Deus contra a cristandade pecaminosa. Charles Amjad-Ali, no seu texto sobre “Preconceito e aplicação histórica: hermenêutica radical do tratamento dado por Lutero aos turcos

⁹⁵ NESSAN. 2017, p. 249.

⁹⁶ ALTMANN. 1994, p. 194.

(muçulmanos) e judeus”, trata da ameaça turca e dos eventos apocalípticos em relação à Europa Medieval” e afirma:

Os sentimentos antissemita e anti-islâmico das cruzadas continuaram no período da Reforma, como evidenciam os escritos de Lutero e também depois de Calvino. Ambos polemizaram contra o islamismo. Entretanto, mais significativo é que ambos consideraram o islã como juízo de Deus sobre o cristianismo sumamente corrupto e venal, especialmente o catolicismo romano. Assim sendo, Lutero podia chamar o islã de “a vara de Deus”. Já em 1518 Lutero escreve que “lutar contra o turco é o mesmo que resistir a Deus, que castiga o nosso pecado com essa vara”. Então Lutero considerava os turcos como instrumento de castigo contra a cristandade pecaminosa.⁹⁷

Essa evidência do preconceito e a visão agressiva se intensificam no que se apresenta no “Sermão contra os turcos (1529)”, considerando-os como ira do diabo, como relata a seguinte afirmação:

Quem, pois, quiser ser cristão neste tempo, anime seu coração em Cristo e doravante já não pense mais em ter paz e dias tranquilos. É chegado o tempo de tal atribulação e profecia. De outra parte, não estão distantes nossa confiança e consolo pelo futuro de Cristo nem está tampouco nossa redenção. Ao contrário, seguir-se-ão de imediato, como ainda ouviremos. Por isso, persevera e sê certo de que o turco seguramente é a última e portentosa ira do diabo contra Cristo, a de que o chão se abra e ele despeje todo o seu rancor contra o reino de Cristo.⁹⁸

Entende-se que na raiz do preconceito esteja o fato de demonizar o outro e suas crenças. Esse elemento perdura na compreensão errada que se tem das religiões de matriz africana. O preconceito e o desconhecimento são determinantes para a compreensão da atualidade e será retomado no capítulo seguinte sobre a práxis. A referência à menina Kayllane situa a atualidade do tema e da mentalidade presente nas ações contrárias à ética religiosa.

O fato que será refletido sobre Kayllane e outras situações que foram apresentadas nas redações se inserem nessa linhagem histórica como os camponeses, os anabatistas e os judeus. A cosmovisão africana também é hoje uma ameaça. A posição de Lutero contra os camponeses, esse grupo excluído socialmente e economicamente, seguido do discurso religioso quanto aos anabatistas e o preconceito e a discriminação contra os judeus privou esses seres humanos de sua condição de próximos. Renegou sua dignidade

⁹⁷ AMJAD-ALI, Charles. Preconceito e aplicação histórica: hermenêutica radical do tratamento dado por Lutero aos turcos (muçulmanos) e judeus. In: HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel C. e MOOENY Ruth. **Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo**. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017, p. 269-270.

⁹⁸ ALTMANN. 1994, p. 231-232.

e o respeito na sua condição social. Abre-se nesse sentido um horizonte de questionamentos para a atualidade da perspectiva cultural e religiosa da educação e da formação social.

A releitura crítica possibilita pensar a relação que a Lei 10.639/03 coloca na perspectiva da construção da democracia e da igualdade racial, do respeito às diferenças, da multiplicidade de expressões culturais e religiosas.

A retórica de Lutero contra os camponeses, anabatistas e judeus privou-os da condição de próximos dignos de proteção sob a lei. É imprescindível proteger a teologia contra a criação de opostos binários que autorizem o mal contra os considerados menos que humanos.⁹⁹

Esses opostos binários continuam e são determinantes enquanto posturas educacionais, culturais e religiosas. As expressões dicotômicas e fundamentalistas da relação entre Deus e Satanás nas compreensões religiosas preconceituosas precisam ser superadas. O conhecimento do outro e o reconhecimento das suas expressões religiosas, o respeito à sua identidade cultural, o respeito das diferenças e a aceitação dos valores dos outros grupos distintos são determinantes para uma educação etnicoracial libertadora.

Ainda mais grave e desafiador para a contemporaneidade é a questão de como foi no passado a participação do poder público. Lutero se serviu do poder público contra o outro como elemento de defesa, o que revela o fanatismo e a intolerância, desafios para a educação e a formação social e a convivência religiosa.

Lutero afirmava que, ao defender o próximo contra qualquer dano, o governo civil contribuía para conservar o bem comum. O *primus usus legis* (primeiro uso da lei) cabe intrinsecamente ao reino/estratégia da mão esquerda de Deus. Entretanto, em seu próprio estilo "fanático" (*Schwärmerei*), Lutero preconizava prejudicar os próximos - camponeses, anabatistas e judeus -, os quais ele rejeitava por razões religiosas. Desse modo Lutero contradisse sua própria lógica teológica sobre a função apropriada do governo e sucumbiu à política de identidade religiosa, convocando as autoridades civis a participar em ações violentas contra certas pessoas, não só por se oporem à sua política, mas devido às suas convicções religiosas.¹⁰⁰

As contradições persistem na atualidade e devem ser corrigidas com a educação libertadora e com uso das leis que promovem o respeito e a dignidade humana. Uso da lei e a ação diante do poder público são temas que serão retomados no capítulo três em que o protagonismo dos professores e das professoras, dos alunos e das alunas, do movimento

⁹⁹ NESSAN. 2017, p. 249-250.

¹⁰⁰ NESSAN. 2017, p. 250.

social e de religiosos de matriz africana se torna evidente. Estes se apresentam como ação efetiva com a Lei 10.639 como alternativa transformadora diante da educação e do combate à intolerância religiosa.

O questionamento apresentado na perspectiva luterana sobre o passado histórico e sobre Lutero no quinto Centenário oferece elementos para a atualidade em relação à dignidade e ao respeito e reconhecimento do outro e de suas expressões culturais e religiosas.

Por parte dos luteranos, esse processo precisa começar lembrando a história documentada nesse capítulo, reconhecendo o dano causado a milhões de seres humanos, porque os escritos de Lutero têm contribuído para uma tendência histórica de difamação, perseguição e atos de dano físico, inclusive assassinato. Como será que dizer a verdade da herança luterana referente aos camponeses, anabatistas e judeus poderá levar à reconciliação com os próximos dessas tradições nos tempos atuais?¹⁰¹

Os danos causados aos seres humanos continuam na história do Brasil. O paralelo com os 500 anos da história do negro, oferece um elemento de reparação comum. A consideração na atualidade se refere ~~em relação~~ às religiões de matriz africana e aos seus praticantes que ainda são difamados. Estes que são perseguidos e violentados com danos físicos e profanados nos seus símbolos e expressões religiosas, muitos até assassinados. A reconciliação se estende ao povo negro e às suas tradições históricas.

O questionamento se coloca na dimensão das políticas de identidade, e corrobora com Nesson e se estende para a compreensão da identidade cultural, da multiculturalidade e da interculturalidade, oferecendo assim um paralelo histórico entre o tema religioso da reforma de Lutero e seus limites éticos e o da religião e educação na construção de valores educacionais e sociais, a axiologia na atualidade.

3.4.2 Lutero e a educação pública obrigatória

A perspectiva de refletir sobre a educação tendo como referência Lutero, um religioso tão importante na história, apresenta a relação entre religião e educação no espaço público. Destaca-se a importância do posicionamento das instituições religiosas diante do poder público, ressaltando sua clareza, assim como de valores que devem ser preservados a partir de uma postura profética.

¹⁰¹ NESSAN. 2017, p. 251.

O que a Reforma protestante com Lutero propôs no que se refere à educação não era somente um lema, mas uma luta no sentido político em que a educação deveria assumir, sendo obrigação do poder público, como o mesmo afirmava com tanta veemência na sua época.

Como afirma Vanderlei Defreyne (2005) no seu texto sobre Lutero e a Educação e a importância das escolas luteranas no contexto social da época, seus escritos contêm manifestações a respeito da necessidade da reforma da educação, que atingia também a sociedade e a própria concepção da teologia:

A partir dos acontecimentos depois da publicação das 95 Teses, Lutero se tornou, involuntariamente, uma figura pública, cujo alcance superava em muito os limites da cidade de Wittenberg e um tipo de porta-voz dos movimentos de reforma que caracterizaram a baixa Idade Média. Ele teve consciência disto e passou a expor suas ideias em escritos que propunham reformas na sociedade bem como novas bases da teologia. Apresentaremos, a seguir alguns destes escritos, os quais contêm suas manifestações sobre as necessidades de reformas na educação.¹⁰²

Lutero nas suas pregações, assim como nos seus escritos, entendia claramente o lugar que o poder público devia ocupar na sua tarefa de ensinar e educar e o quanto a família deveria contribuir nesta tarefa. Também afirmou a função dos políticos e administradores dos municípios em relação ao cuidado com a formação e provimento das escolas, assim como dos pais enviando os filhos para a escola. Ele tinha uma forma muito clara de transmitir o que pensava em relação às atribuições do espaço público. Nos seus textos fica claramente expressa sua compreensão e intenção a respeito da educação. Nestes, com muita firmeza, de uma maneira própria e original, alertava e exortava os poderes públicos para que se criassem escolas públicas em cada municipalidade. Segundo Defreyne, nas suas afirmações, Lutero pretendia chegar a mudar as universidades, como afirma ao comentar o escrito “À nobreza cristã da nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão”:

Em 1520, Lutero publica o escrito “À nobreza cristã da nação alemã acerca da melhoria do estamento cristão”. Este escrito não é específico sobre educação. Lutero escreveu preocupado com uma série de reformas que precisariam ser feitas na sociedade e igreja alemãs. Para a realização destas, segundo Lutero, a reforma na educação seria vital. O foco neste escrito ainda está sentado nas Universidades. Ele as considerava estratégicas para que pudessem ser realizadas melhorias na sociedade alemã, dado que seria, a partir delas, que se deveria formar pessoas aptas para a missão da igreja e para a sociedade. Lutero

¹⁰² DEFREYN. 2005, p.31-32.

queria ampliar para outras universidades as reformas que estavam acontecendo em Wittenberg.¹⁰³

Além disso, em seus sermões e colóquios, lutava para mudar a mentalidade medieval dos pais a fim de que enviassem seus filhos à escola. Aqui se expressa a grandeza da obra de Lutero como um reformador. Sua amplitude se entende não somente naquilo que se refere à Igreja, mas assume um lugar social importantíssimo, atingindo as bases da construção social, ou seja, a educação. Qualquer mudança social tem sua dimensão religiosa, mas necessariamente deve passar pelo processo educativo que refere-se diretamente ao espaço do poder amplo do público, assim como aquilo que se apresenta na proporção tão grandiosa, porém restrita ao núcleo familiar:

A instrução pública e para todos não é somente um lema do reformador, mas também uma das suas principais lutas para implantar o sistema público de ensino na Alemanha protestante, tarefa que outros luteranos e reformadores vão se ocupar mais tarde (Comênio e outros).

[...] Convencido de que a ignorância é um grande mal, Lutero defendia que não se podia pensar no florescimento e na prosperidade da cidade - que surgia fortemente em sua época - sem uma reforma na educação.¹⁰⁴

A Reforma na sua concepção apontava para o progresso, mas evidentemente era contrária à cultura geral de progresso da sua época. O que queria era a construção de valores, que para ele estava na instrução. Acreditava que era necessário investir no progresso, considerando o referencial de pessoas. Preconizava o investimento em pessoas com uma formação coerente, com o juízo e o senso religioso, que tinha como referência a educação e a formação.

O reformador dirigia-se aos poderosos de sua época compreendendo o processo de evolução do seu tempo. Com muita clareza a respeito da construção social e de maneira progressista expressa com seus textos ao escrever aos governantes da sua época sobre a concepção que tinha em relação ao progresso e sua relação com a ética na concepção pessoal da honestidade e da educação e possivelmente indicadores de cidadania:

[...] o progresso de uma cidade não depende apenas do acúmulo de grandes tesouros, da construção de muros de fortificação, dentro de casas bonitas, de muitos canhões e da fabricação de muitas armaduras [...] o melhor e mais rico progresso para uma cidade é quando possui muitos homens bem instruídos, muitos cidadãos ajuizados, homens honestos e bem educados.¹⁰⁵

¹⁰³ DEFREYN. 2005, p. 32-33.

¹⁰⁴ JARDILINO. 2009, p. 45.

¹⁰⁵ LUTERO. 1995, p. 309.

A compreensão da escola para todos tinha uma dimensão pública e obrigatória no pensamento de Lutero. O que se destaca é o posicionamento que ele teve em relação ao poder público. O limite que deve ser observado é o que o fator público estava intimamente ligado ao religioso. Isso abre para a atualidade uma perspectiva de realização de políticas públicas educacionais necessárias para uma educação condizente com a realidade brasileira, porém considerando diferentemente a laicidade da educação e da postura política e educacional. Considera-se a possibilidade na atualidade de um ensino religioso laico e não confessional, preservando-se de atitudes proselitistas e excludentes.

3.4.3 O religioso e a educação

A releitura de Lutero e a educação pública e obrigatória possibilitam pensar a elaboração de propostas que se apresentam no cenário brasileiro da educação como desafio pedagógico frente a políticas públicas.

O protagonismo do educador se destaca como contraposto ao poder público institucionalizado. É necessário entender a educação como cumprimento daquilo que está proposto na lei, mas não se pode separar do que foi conquista do movimento social.

Se de um lado, encontramos na história da educação a proposta de um religioso luterano, não podemos desconsiderar o protagonismo de tantas outras lideranças religiosas das tradições africanas na atualidade.

Afirmado com mais clareza, na história da resistência dos afrodescendentes, agora o protagonismo não é somente do cristianismo, mas das religiões de tradição africana. Assim deve ser considerada como grande contribuição os valores revelados na cultura religiosa dos praticantes do candomblé que vêm da África no processo de colonização, assim como o que nasce no Brasil com a umbanda, religião também de tradição e matriz africana.

Destaca-se necessariamente que a construção histórica dessas religiões conseguiu dialogar com o cristianismo evidenciando-se conflitos, mas também assimilando valores para a formação religiosa do povo brasileiro.

Assim, a história brasileira apresenta a possibilidade de um retrospecto histórico em que as religiões estiveram presentes no processo de educação. No nosso caso, temos

como contraponto a Lei 10639/03 que afirma a necessidade também e a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana.

Atualmente é obrigatório o ensino da história da África e dos afrodescendentes no currículo escolar. A novidade que procura-se evidenciar passa pelo Projeto Político Pedagógico na escola e a aplicação da Lei 10639/03, em que o tema dos valores em educação considera a importância do negro, protagonizando o debate da cultura e história deste povo e a educação escolar que requer como necessário e urgente, inegavelmente, outro protagonismo, o do aluno, do professor, do gestor e da direção, que repensam a formação com outros paradigmas oriundos do contexto brasileiro e que valorizam outras tradições culturais e religiosas.

Diante do avanço da história da educação que desde o início foi influenciada pela atuação das instituições religiosas, a participação do movimento social e das lutas dos afrodescendentes no Brasil estão inseridas no contexto da necessidade da implementação da Lei 10639/03 no currículo escolar. Novos enfoques podem ser pensados na construção de outros e novos paradigmas a partir de uma outra concepção de educação, estes que se encontram presentes nos padrões da educação brasileira e nos elementos da cultura afro-brasileira, que por muitos anos foram negados e escondidos. É necessário que se considere o processo social de construção democrático, reconhecendo seu processo evolutivo e sua diversidade no contexto educacional de transformação da história brasileira:

Nas escolas pesquisadas por esta consulta há um conhecimento da Lei 10639/2003 bastante disseminado entre a equipe pedagógica (professores, diretores e coordenadores pedagógicos) uma vez que 70% dizem conhecer a lei e 22%, já ter ouvido falar sobre ela. Isso significa que, independentemente da existência ou não da cultura afro-brasileira e africana no currículo oficial, a obrigatoriedade que, como já citado, altera o currículo oficial, a obrigatoriedade que, como já citado, altera a LBD impulsionou o debate sobre sua existência. Em compasso com o conhecimento da existência do dispositivo, a maioria dos profissionais da equipe pedagógica (96%) afirma a importância de estudar a história e a cultura afro-brasileira e africana na escola.¹⁰⁶

O que se destaca é o foco na temática dos valores religiosos, da beleza da cultura e da democracia presentes na construção educacional, que perpassam o ambiente escolar e voltam-se para a possibilidade de uma elaboração teórica desses conteúdos tanto na

¹⁰⁶ SOUZA, Ana Lucia Silva e CROSS. Camila. **Igualdade das relações étnico-raciais na escola. Possibilidades e desafios para a implementação da Lei nº 10.639/2003.** São Paulo: Petrópolis. AÇÃO EDUCATIVA, CEAFFRO e CEERT, 2007, p.34.

tradição religiosa quanto na contemporaneidade pela contribuição que ambos oferecem para a sociedade.

3.5 Comenius e a arte de ensinar valores

A obra “Didática Magna” mostra a arte de ensinar tudo a todos, nesse sentido compreende-se a importância de relacionar com a cultura negra e sua universalidade. A questão que se abre em perspectiva do futuro da educação e da construção de valores e se coloca neste conteúdo é: Por que não incluir na atualidade, no todo, também os valores que esta cultura propõe para o ensino, para a religiosidade e para a construção de valores educacionais e sociais?

Em geral, tomando a natureza como exemplo do método de Comenius e baseando-se em três princípios para que tudo seja ensinado com solidez, com segurança e com prazer, pode-se pensar uma outra perspectiva de educação.

3.5.1 Educação, identidade pessoal, social e universal

A afirmação central da obra de Comenius “Didática Magna” é certamente a universalidade do ensino. Essa afirmação abre no horizonte da educação e conseqüentemente da religião, a possibilidade de pensar também os valores e os problemas que trazem no contexto da educação e da historicidade para o cenário nacional. É clara a afirmação de como a educação nas escolas deve ser universal, assim deve-se considerar que os valores que o povo negro traz da África e aqueles que se construíram na história do Brasil devem ser tomados de uma maneira responsável como parte do universo da formação humana.

A afirmação de Comenius confronta poderosamente qualquer tipo de discriminação, de racismo e de preconceito que desautorize, que desclassique e que desqualifique o saber e os valores de qualquer cultura. Isso se torna verdade e fundamento para a construção de valores afro-culturais, ou seja, um outro referencial:

Cumpre-nos agora demonstrar que nas escolas é preciso ensinar tudo a todos. [...] Todos aqueles, porém, que estão no mundo não só como espectadores, mas como atores, devem aprender a conhecer os fundamentos, as razões, os fins de

todas as coisas mais importantes, que existem ou existirão. E é preciso cuidar (aliás, garantir) para que ninguém no mundo jamais depare com alguma coisa que lhe seja tão desconhecida que não consiga sobre ela emitir um juízo moderado ou dela fazer o uso adequado sem erros nocivos.¹⁰⁷

Ao analisar a “Didática Magna” é preciso afirmar que se trata de um trabalho, ou ainda mais que um trabalho, uma arte universal de ensinar tudo a todos, procurando ensinar de modo certo. Como Comenius está para além do seu tempo, está próximo do nosso tempo. Sua afirmação tem uma relevância. Entender a universalidade do assunto, na sua afirmação de que se ensine tudo a todos, propõe para a temática desenvolvida a importância de reconhecer a universalidade dos ensinamentos da cultura do povo negro.

As pontualizações que Comenius sabiamente fez têm um significado e uma importância na contemporaneidade e de uma maneira clara na sua correspondência com a educação e as relações étnicorraciais.

Em primeiro lugar, ao afirmar que todos que estão no mundo são atores e que devem aprender e conhecer os fundamentos, as razões e os fins de todas as coisas mais importantes, pode-se entender por protagonismo a ação e a militância de tantas lideranças negras e do movimento social que tem importância na construção histórica de valores na formação cultural do Brasil. Assim, reconhece-se a necessidade e a importância da temática apontada nesse tempo todo da história do povo negro, que inclui necessariamente valores culturais e religiosos, expressões, toques e traços identitários desse povo.

Em segundo lugar se destaca afirmação tão positiva de Comenius de que ninguém jamais se depare com alguma coisa que lhe seja tão desconhecida. O desconhecido assusta e provoca reações e até agressividade. Assim, se reafirma que se ensine tudo a todos, inclusive aquilo que vem da cultura e expressão do conhecimento do povo negro, que ainda não foi assumido de forma séria e responsável pelo currículo escolar, por razões que precisam ser questionadas.

Ainda conforme Comenius, o fato de que não consiga sobre ela emitir um juízo moderado exige resposta. Compreende-se a necessidade de conhecer para que de uma forma esclarecida e justa possa se posicionar e não simplesmente conceber e formular juízos e atitudes preconceituosas que tão erradamente cultivam, formam e fomentam uma cultura de discriminação, de rejeição e até mesmo xenofóbica. E ainda inspirados nessa afirmação, nessa concepção de educação, pode-se fazer o uso adequado, sem erros

¹⁰⁷ COMENIUS. 2011, p. 95.

nocivos. O que é afirmado nesse período abre-se positivamente como horizonte de toda uma construção cultural renovada e promotora de novos protagonismos que sejam capazes de gerar o novo numa analogia da igualdade e na diversidade dos membros do corpo, e conseqüentemente, de diálogo, da participação, da integridade e do respeito. Comenius escreveu:

Assim como no útero materno se formam os membros igualmente para todos os homens, e em cada um se forma as mãos, os pés, a língua e etc., ainda que nem todos venham a ser artífices, corretores, copistas, oradores, também na escola é preciso ensinar a todos todas as coisas que digam respeito ao homem, ainda que depois uma delas venha a ser mais o útil a um, e outra ao outro.¹⁰⁸

A prática didática deve considerar o ensino do modo certo para se ter resultados adequados à cultura do momento, de modo fácil para que docentes e discentes possam dialogar e construir de uma maneira sólida e não superficialmente, para conduzir a "verdadeira cultura e os bons costumes e uma piedade profunda". Este é o questionamento de Comenius que possibilita pensar os limites da educação nos dias atuais. Ele afirma no seu tempo que faltam escolas que correspondam perfeitamente a seu fim, e por isso a grandeza da sua contribuição em educação. Conhecer essa postura tão revolucionária e condizente com o propósito de educar e assumir o processo libertador que a religião e a cultura assumem no contexto nacional possibilita alargar esse pensamento em relação às religiões de matriz africana. Segue o seu questionamento:

Poderei parecer presunçoso a quem ouça essa minha afirmação. Mas convido a uma discussão sobre o assunto: tu que lês estas páginas serás juiz, e eu me farei de advogado. Digo que corresponde a seus fins a escola que seja uma verdadeira oficina de homens: onde as mentes dos discentes sejam iluminados pelo fulgor do saber para penetrar facilmente todas as coisas secretas e manifestas (como diz o livro da Sabedoria, VII, 17), onde os espíritos e suas paixões sejam encaminhados para a harmonia universal das virtudes, onde os corações andam de amor pela divindade, de tal modo que nisso inebriem e todos os que sejam mandados às escolas cristãs para serem educados na verdadeira sabedoria já se habituem aqui à vida celeste. Numa palavra, onde todos aprendam totalmente tudo.¹⁰⁹

Deste sábio questionamento vêm outros, tão atuais quanto aqueles que ele foi capaz de propor para sua época:

Qual será então a verdadeira escola na atualidade?

Qual cultura está sendo propagada?

¹⁰⁸ COMENIUS. 2011, p. 101.

¹⁰⁹ COMENIUS. 2011, p. 103.

Como considerar a identidade?

Frente à abertura proposta no contexto da Reforma protestante, percebem-se avanços na cultura e nas tantas religiões na atualidade?

Não será o momento de outra reforma em que se deva estender o pensamento sobre outras religiões no ensino e nas escolas na contemporaneidade?

Será válido somente o que vem de Comenius ou somos herdeiros e protagonistas de uma outra didática moderna?

Diante do que foi afirmando até agora destaca-se a necessidade de pensar a importância da raça na construção de valores na educação. Ao considerar um paralelo com o pensador da cultura negra que interpreta a identidade e a grande contribuição de Comenius e também dos resultados da Reforma protestante no contexto da época, encaminha-se o próximo tema. Este tema vai tratar a importância da universalidade e da contemporaneidade da cultura para a educação. Entende-se que ao considerar a educação libertadora na perspectiva de Paulo Freire é necessário pensar a universalidade e transformação da condição social.

3.5.2 Comenius: a educação como modelo universal de abertura contemporânea

É necessário ao pensar em universal e brasileiro considerar o que representa a figura e contribuição de Paulo Freire para uma educação libertadora.

Paulo Freire no seu livro “Pedagogia do Oprimido” trata com muita propriedade o assunto da libertação e educação. Ele afirma que ninguém se liberta sozinho, a libertação é um ato de comunhão. Nesta obra fica claro seu pensamento a respeito dos oprimidos e da ação educativa libertadora, porém sem considerar as identidades etnicorraciais e a cultura brasileira no que se refere à diversidade cultural. Nesse sentido o negro carrega histórica e culturalmente esta marca. O negro é o protagonista libertador, como fica bem evidente na composição das redações descritas no capítulo anterior.

É necessário ir um pouco mais além e compreender, considerar o elemento de identidade. Trata-se de considerar a marca de oprimido, de negro, de negra e de resistência. A resistência e a capacidade de liderança que se reflete nas suas práticas e que se pode compreender como elemento pedagógico para a elaboração da educação na história do povo negro:

É necessário que a liderança revolucionária descubra esta obviedade: que seu convencimento da necessidade de lutar, que constitui uma dimensão indispensável do saber revolucionário, não lhe foi dado por ninguém, se é autêntico. Chegou a esse saber, que não é algo parado ou possível de ser transformado em conteúdo a ser depositado nos outros, por um ato total, de reflexão e de ação. Foi a inserção lúcida na realidade, na situação histórica que a levou à crítica desta mesma situação e ao ímpeto de transformá-la.¹¹⁰

O modelo universal a que se refere o estudo é o modelo de oprimidos negros e oprimidas negras, que historicamente tem transformado sua condição social e sua cultura. Já tendo presente alguns elementos de Makarenko, é possível estabelecer uma correlação introduzindo a possibilidade de pensar os princípios da escola e da pedagogia inseridos no contexto social e certamente nesta Tese se aplica ao contexto cultural. Como explica Luedemann sobre a dimensão da educação:

Os fins da educação são determinados pelas necessidades sociais em constante transformação histórica, mas combinando e desenvolvendo as diferentes personalidades no processo de autogestão. A escola makarenkiana é organizada de acordo com os princípios da instrução geral e do trabalho produtivo, retirando a centralidade da sala de aula. A pedagogia deveria assim, tomar como objeto o processo de constituição dialética da coletividade em seus diferentes aspectos - educação, instrução e trabalho produtivo. Aos professores caberia a tarefa principal de instruir, de educar e ser educado, junto aos alunos, na vida coletiva autogestionária.¹¹¹

Assim, pode-se pensar escola makarenkiana que é organizada de acordo com os princípios da instrução geral e do trabalho produtivo, retirando a centralidade da sala de aula. Isso se aproxima da perspectiva da escola ligada à vida coletiva centrada na ação transformadora.

3.5.3 Educação para a vida e cultura afro-brasileira

Deve-se considerar que existem elementos de uma verdadeira cultura afro presente na história do Brasil e dos afrodescendentes e aceita-los. Pensando bem, por que não considerar os bons costumes da tradição africana, dos ancestrais, dos mais velhos, dos Pais e Mães de Santo, de sambistas e dos compositores? Aqueles e aquelas que guardam e trazem consigo, na oralidade, as grandes construções históricas culturais e de valores do povo afro-brasileiro, que assumem também como na concepção de Comenius uma

¹¹⁰ FREIRE. 2009, p. 61.

¹¹¹ LUEDEMANN. 2002, p.19.

amplitude universal e, assim como aqui propõem a construção de valores por ele entendidos como universais. Há grandes e valorosos elementos constitutivos da história, cultura e tradições do povo afro-brasileiro que pela educação transmitem valores universais que devem ser reconhecidos numa abordagem axiológica.

No entanto, é preciso considerar que a educação e mesmo as escolas precisariam ser reformadas. Comenius compreende isso no seu período e afirma no contexto social próprio da Reforma luterana que também "as escolas podem ser reformadas e melhoradas". Ele faz uma comparação muito interessante afirmando que as doenças devem ser tratadas.

Ele afirma ainda que no seu tempo era necessário se preparar para um insólito propósito dando a conhecer em primeiro lugar o que prometemos e depois com que base. Essa fundamentação de Comenius certamente abriu o caminho e ofereceu um importante indicativo para a educação na contemporaneidade. Acrescenta-se ao que ele afirmou, não somente o verbo "pode", mas o imperativo de que "devem". As escolas hoje podem e devem ser reformadas na perspectiva de uma educação para a vida.

Aqui destaca-se entre tantas outras afirmações tão relevantes, o que é fundamental para a reforma da escola. No capítulo doze da sua obra, ao tratar sobre as reformas das escolas e seu conseqüente melhoramento, no item 5 escreve:

Todos sejam educados para uma cultura não vistosa, mas verdadeira, não superficial, mas sólida, de tal sorte que o homem, como animal racional, seja guiado por sua própria razão e não pela de outrem e se habitue não só a ler e a entender nos livros as opiniões alheias e a guardá-las de cor e a recitá-las, mas a penetrar por si mesmo na raiz das coisas e delas extrair autêntico conhecimento e utilidade. A mesma solidez é necessária para a moral e a piedade.¹¹²

Fica clara a necessidade da identidade da cultura na educação, tanto na sua veracidade quanto na sua solidez. Considera-se que a razão seja autônoma, que possa construir princípios da sua própria originalidade e acima de tudo buscar as raízes profundas da construção do conhecimento na sua utilidade para a vida prática e na construção de valores morais que fundamentam o comportamento e a construção social.

É preciso referir-se à escola da vida. Há um saber enraizado nas tradições e cultura do povo negro, nos saberes dos mais velhos e no que foi possível e útil para a construção da sua história e da sua resistência, que se fundamenta na sua identidade e na autenticidade que se constrói a partir de uma autonomia com raízes profundas nas lutas, nas conquistas, nas vitórias e buscas do povo afro-brasileiro.

¹¹² COMENIUS. 2011, p. 103.

Comenius tinha muita clareza sobre a relação que existia entre educação e a vida prática. Chamou assim de método universal, pois entendia que a educação deveria ser utilizada para outros povos.

Nisso compreendemos a abertura para o contexto das africanidades, considerando a grande contribuição que o povo africano deu para a história da humanidade. Disso pode-se considerar que o seu conhecimento tem também uma natureza universal e possibilita pensar um método e uma didática afro-brasileira para Educação Nacional que reconheça e valorize tanto os saberes quanto a sua prática.

No Capítulo XXXIII da sua “Didática Magna”, Comenius afirma os requisitos necessários para pôr em prática o seu método universal. Alguns deles serão aqui destacados na possibilidade de pensar a prática rica e variada, diversificada e plural de universalidade desses elementos relacionados com um número grande de elementos identitários, de natureza afrodescendente, carregados pela historicidade e hereditariedade dos conhecimentos dos mais velhos.

Assim como também da cultura e tradição africana e afro-brasileira resguardada, preservada e conservada nos espaços sagrados e relacionada com a vida e a prática religiosa, histórica e cultural do povo brasileiro e também universalizando-as por onde o povo negro passou, viveu e vive.

Esses saberes e conhecimentos, essa vida e práticas devem necessariamente penetrar a cultura e o ensinamento escolar. Assim indica Comenius ao afirmar sobre o método universal.

1. Acredito que ninguém, depois de examinar e refletir atentamente sobre esses assuntos deixa de perceber que condição feliz seria a dos reinos cristãos e dos Estados se fossem criadas escolas tais quais as que desejamos. Falta acrescentar o que deve ser feito para que as teorias não continuem sendo apenas teorias, mas que possam ser postas em prática.¹¹³

O desafio que se pensa na dimensão política é que a prática do ensino dos valores étnicorraciais sejam assumidos pelo poder público e inseridos nos programas e currículos educacionais. Que isso conduza as escolas a uma nova maneira de valorizar a cultura e a religiosidade, as expressões próprias e identitárias do povo negro.

É pertinente a afirmação de Comenius a respeito do tempo da história. Assim como é relevante questionar os resultados que se conseguiram na história do negro no Brasil e na sua forma de conceber a educação:

¹¹³ COMENIUS. 2011, p. 371.

2. Durante mais de cem anos lamentou-se muito o método desorganizado utilizado na direção das escolas; nos últimos 30 anos pensou-se frequentemente também nas soluções. Com que resultados? As escolas, em todos os lugares, continuam as mesmas. Se alguém, isoladamente, tentou alguma novidade em determinada escola, pouco progrediu: acolhido com sarcasmo pelos ignorantes ou invejado pelos malévolos, terá sucumbido ao peso dos esforços e à falta de ajuda, motivo pelo qual até agora tudo foi baldado.¹¹⁴

Ao considerar a contribuição do protestantismo e a renovação que ofereceu para a história da educação, pode-se pensar a história, assim como paradigmas para a construção de valores educacionais nos tantos anos de construção histórica do povo negro. Escreveu Comenius:

Exorto-vos: que uma só vontade vos anime, que quem puder aconselhar, advertir, exortar, corrigir e estimular numa empresa tão útil e universal não se recuse a prestar esse serviço a Deus e aos pósteros, e que ninguém pense que ela não lhe diz respeito. Mesmo quem não acreditar se ter nascido para escola ou achasse que não foi chamado a exercer funções eclesiásticas, políticas ou médicas, estaria cometendo um grave erro se pensasse estar exonerado da missão comum de reformar as escolas.¹¹⁵

Comenius retoma aqui com grandeza o tema da reforma da escola e abre essa perspectiva para toda a sociedade. É a educação e a vida que se entrelaçam. Trata-se de um propósito de incluir as autoridades eclesiásticas, os políticos e os médicos e quantos mais deverão ser incluídos na atualidade.

A questão racial, assim como os seus desafios, é algo que afeta profundamente a educação, a escola e a sociedade na sua totalidade. Assim também foi com a Reforma protestante. Afirma-se num breve balanço que reformas devem atingir a sociedade no seu todo, nas suas bases, que serão alicerces para a construção do futuro. Nesse sentido a base inegavelmente é a escola, entendida como algo muito importante:

19 Trata-se de uma coisa séria, muito séria, que diz respeito à glória de Deus e à salvação de todos os povos.[...] Mas aqui se trata de algo muito mais importante. Na verdade, aqui se mostra o caminho certo, verdadeiro e seguro para preparar muitos homens capazes de servir à pátria com estas e semelhantes descobertas, infindavelmente, uns após outros [...]¹¹⁶

Tamanha abertura se faz possível perceber nessas afirmações de Comenius. O futuro passa necessariamente pela educação de cidadãos que vão cuidar da sociedade.

¹¹⁴ COMENIUS. 2011, p. 371.

¹¹⁵ COMENIUS. 2011, p. 375.

¹¹⁶ COMENIUS. 2011, p. 378.

Mas não se pode retirar o elemento religioso em que com propriedade Comenius faz referência a Lutero e sua contribuição com a reforma na compreensão e vivência da Religião e da Educação e sua conseqüente transformação da sociedade e de suas práticas.

Essas considerações apontam elementos necessários para pensar a educação na contemporaneidade, assim como demandam considerar a abertura para a diversidade de expressões de religiosidades, como será apontado no capítulo seguinte, especialmente no que se refere à religião de matriz africana, o candomblé.

3.6 Uma aproximação para a educação

No mesmo sentido se entende hoje a relação da religião com a educação e sua importância no processo de transformação social. É possível encontrar um referencial seguro no passado, pensar o presente com uma fundamentação segura e projetar o futuro educacional. Observa-se nestes dois intelectuais, Lutero e Comenius, pensadores da religião e da educação, uma intuição e visão histórica consideráveis e ousadas como é afirmado a seguir por Comenius sobre o próprio Lutero, considerando a educação e o seu método universal, na sua abrangência e conseqüências, como sendo verdadeiro e seguro para a mudança social:

19 [...] Portanto, se Lutero, de santa memória, exortando as cidades alemãs a construir escolas, escreveu com razão que "Para cada soldo de ouro gasto na construção de cidades, fortalezas, monumentos e armamentos, é preciso gastar cem para instruir com retidão um único jovem, para que este, feito homem, possa guiar os outros nas coisas honestas, pois um homem sábio e bom (prosegue ele) é a mais preciosa relíquia do Estado, porque nele a mais do que nos extremos dos palácios, mais do que em montanhas de ouro prata, que em portas de bronze ou em fechaduras de ferro (e estas palavras são semelhantes às de Salomão, Ecl IX, 13). Se acreditarmos, repito, que essas são palavras sábias, que nada se deve poupar para educar mesmo um só juvenzinho, o que quer dizer quando se trata de abrir a porta para a cultura universal de todos?"¹¹⁷

É inegável a concepção de grandeza, de compreensão da abertura e da universalidade que tanto Comenius, quanto Lutero têm para a religião e a educação na sua época, assim como sua relação com o processo de construção social, política, econômica e ideológica.

¹¹⁷ COMENIUS. 2011, p. 378.

Isso certamente desafia hoje a pensar a universalidade de conteúdos expressos na formação étnicorracial. Até mesmo obriga a considerar a importância do momento histórico na conjuntura atual da educação, passados os 15 anos da lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da história da África e dos afrodescendentes no currículo escolar.

É necessário repensar, reconsiderar e reinterpretar verdadeiramente e reconhecer a importância das religiões de Matriz Africana e da Cultura Africana e Afrodescendente na formação escolar. Relacionar os vínculos humano, social, político, econômico e ideológico que se estabelecem com a vida, a história, a resistência e as construções e concepções do povo afro-brasileiro que oferece valores para a construção de uma outra e nova sociedade igualitária, plural, diversificada e democrática. Resgatar elementos que também tenham como referencial os valores da história e das lutas e resistência do povo negro, do povo afro-brasileiro e de seus conhecimentos, e conseqüentemente seus ensinamentos e cultura para uma outra e nova educação.

Três elementos se destacam na “Didática Magna” de Comenius e são fundamentais na sua relação com o momento histórico da Reforma protestante de Lutero no seu contexto religioso, histórico e cultural, e conseqüentemente, nas mudanças da realidade social.

O que abre para a perspectiva universal da educação tão enfatizada por Comenius se relaciona tanto quanto abrangente no contexto religioso e social em Lutero. Isto coloca-se como balizador para uma educação contemporânea, educação que se pretende no contexto nacional, que considera a cultura e a religião como elementos axiológicos importantíssimos, construtores de novos valores para a história do Brasil.

Estes elementos culturais e educacionais são claros e se caracterizam em três bases sólidas na “Didática Magna”, a saber, em primeiro a analogia com o método natural em que educar se caracteriza como uma arte da vida; seguido pelo seu caráter gradual e cíclico no ensino em que a história e as mudanças assumem seu lugar determinante, e em terceiro se destaca o vínculo entre as palavras e as coisas no seu nexos de coerência com a realidade. Nisso se realiza o que Comenius preconizava e que toda educação deve ter: o propósito de ensinar tudo a todos com solidez e segurança. Esses são elementos que possibilitam uma aproximação de um processo de educação que considere a cultura negra.

É necessário considerar elementos culturais religiosos e fazer uma analogia com a experiência do povo brasileiro e reconhecer valores aí dentro.

É fundamental entender o elemento cíclico na cultura e nas expressões de vida do povo negro. A roda do encontro e também a visão de mundo, pelo fato de que por razões históricas e econômicas este povo que se faz presente em diversos lugares, com experiências diferenciadas, não foi considerado e reconhecido nas suas identidades e características. Esse elemento cíclico é de importância significativa para valorização da cultura, dos elementos construtivos de uma identidade cultural, de uma identidade religiosa e da formação social.

Ainda mais o vínculo entre as palavras e as coisas, a construção de sentidos, a elaboração de uma forma de pensar e de conceber o mundo vai associar a educação ao mundo afro e aos valores identitários da História e da Resistência desse povo. Ao pensar educação nessa perspectiva se torna necessário considerar a figura e a grande contribuição de Paulo Freire. Nesta destaca-se sua forma de pensar o respeito ao outro e à tradição. No livro “Pedagogia da autonomia”, ele trata do risco e da aceitação do novo em educação. O patrono da educação brasileira valoriza a tradição e o novo, que requer uma consideração positiva da história, do passado e do velho como transmissão de valores se tornando novo, assim como a necessidade e exigência da rejeição de qualquer forma de discriminação.

[...] O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo. Faz parte do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a subjetividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.¹¹⁸

Dai a necessidade de pensar um modelo próprio e identitário de educação que considere a subjetividade e a relação social na construção de uma sociedade com base numa educação democrática inserindo os valores identitários e culturais do povo afro-brasileiro.

Trata-se de pensar a grande contribuição de Comenius em paralelo com o pensamento de Freire, referidos ao modelo de vida e educação africana, o Ubuntu. Valores educacionais e vivências na construção cultural africana, desafio para a educação étnicorracial brasileira que será desenvolvido nos próximos capítulos.

A possibilidade de um referencial de novidade passa não somente pelo modelo religioso. A história da educação deixou registro de um pensador além de

¹¹⁸ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 36.

seu tempo que considerava a coletividade e a formação social. Segue a próxima abordagem com Makarenko.

3.7 Makarenko, a educação e a relação com a vida

A implementação da referida Lei 10639/03 e o seu aprofundamento na pesquisa indica a necessidade de um olhar crítico com uma abordagem atualizada do processo educativo e a construção de valores em educação. Essa prática educativa tem como referência a história e a cultura afro-brasileira e possibilita elaborar conhecimentos e conteúdos científicos tendo como indicador a prática docente e a experiência comprovada de iniciativas inovadoras e expressivas de enfrentamento do racismo no espaço escolar. É o que se desenvolve com a apresentação dos conteúdos das redações dos alunos do Ensino Médio nas Escolas do Rio de Janeiro.

Estudar a temática através de pesquisa documental considerando e relacionando com experiências de alunos, professores e gestores, realizar levantamento de dados e bibliografias sobre o tema possibilita rever o processo de construção de conhecimentos e sua atualização a partir de uma referência histórica progressista. É o que se apresenta na abordagem de Makarenko.

3.7.1 Uma abordagem progressista

A abordagem do tema considera necessariamente outros docentes nas áreas de educação, numa perspectiva de interdisciplinaridade, assim como se evidencia a troca de saberes entre os teóricos referidos em campos diversos de educação.

Este referencial teórico se apresenta a partir da abordagem da Educação Progressista, pois oferece elementos para pensar a educação e a construção de valores.

Pensa-se a teoria progressista para responder à necessidade de explicitar os fundamentos axiológicos das posições educacionais atuais e para oferecer um trabalho educativo consistente e coerente com as verdadeiras necessidades que o contexto educacional e social exigem, ou seja, valor-educação como possibilidade e garantia teórico-metodológica para corresponder adequadamente à realidade e à reflexão educacional.

Propõe-se a pensar a axiologia como forma de ser dos valores, como manifestação e desenvolvimento de experiências existenciais e históricas, pessoais e coletivas significativas da experiência humana que é única e intransferível. Como garantia de uma ação coerente, atual e eficaz que revela valores, recorre-se necessariamente à tradição religiosa e cultural. Como argumenta Sonia Aparecida Ignácio Silva ao tratar de valores em educação como a “capacidade humana de operar transformações significativas em si próprio e no mundo circundante”, e como "produtor" ou "encaminhador" de novas valorizações e novos valores a transformar.¹¹⁹

A novidade que procura-se evidenciar passa pelo Projeto Político Pedagógico na escola e a aplicação da Lei 10639/03, em que o tema dos valores em educação considera a importância do negro, protagonizando o debate da cultura e da história deste povo e a educação escolar que requer como necessário e urgente, inegavelmente, outro protagonismo, o do aluno, do professor, do gestor e da direção. Georges Snyders, ao tratar da pedagogia progressista refere-se a atitudes sedutoras e fecundas de participação, de iniciativa e de atividades, considerando a importância de modelos consistentes “que digam respeito ao nosso mundo, que estejam em contacto directo com o mundo da criança”.¹²⁰

Ao tratar o tema de valores em educação, a produção teórica que vem sendo elaborada nos últimos tempos indica o caminho do reconhecimento e da abertura para a abordagem científica de conhecimentos que emergem da prática, da experiência de campo, ou seja, do cotidiano escolar. Os temas protagonizados por Silva e Snyders sobre mudanças e modelos serão retomados no paralelo que se estabelece com o pensamento educacional e religioso de Lutero.

Vale também ressaltar a elaboração teórica, reconhecida pelos que na docência encaram a necessidade de assumir esses conteúdos nos projetos e programas de ensino, tratando valores religiosos na elaboração da individualidade e coletividade, sobre a democracia na vida social, de uma cultura nacional, como apresentado no conteúdo das redações com o evidente protagonismo do professor e do aluno.

É fundamental redimensionar o presente através da educação e construção de valores que são perspectivas para um futuro promissor. A realidade pode e deve

¹¹⁹ SILVA, Sonia Aparecida Ignácio. **Valores em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986, p.14.

¹²⁰ SNYDERS, Georges. **Pedagogia Progressista**. Coimbra: Livraria Almedina, 1974, p.162.

ser transformada, gerando assim uma sociedade feliz que se abra à coletividade numa perspectiva social abrangente.

Ainda considerando Georges Snyders, abordando a perspectiva pedagógica de Makarenko, este destaca o compromisso com a concretização de um projeto educacional centrado na formação coletiva para a vida coletiva, a escola deve estar baseada na vida em grupo.

Esta ideia de modelo representa um referencial pedagógico para situações atuais, nas demandas que a história apresenta e com o momento vivido no espaço escolar aberto para a coletividade.

Georges Snyders defende que valores são comuns e se reconhecem no processo educativo, em que este educa e é objeto de educação como conquista permanente e ininterrupta de adequação ao real, espaço possível de existência de direitos e valores que se afirmam e se confirmam na âmbito cultural. Escreve Snyders:

Mas afirma-se ao mesmo tempo, e é aí que Makarenko vai quebrar o círculo vicioso da educação tradicional, que o modelo pedagógico mantém uma relação directa com o presente da comunidade, portanto da criança. “Este objectivo deriva naturalmente das nossas necessidades sociais, das aspirações do povo [...], dos fins e sentido da nossa luta [...], da nossa história, da nossa vida social”.¹²¹

Nesse sentido do real e da relação com a atualidade, considera-se o Projeto Político Pedagógico na escola e a aplicação da Lei 10639/03. O Projeto Político Pedagógico da/na escola: capilarizando a temática das africanidades brasileiras de Azoilda Loretto da Trindade apresenta as “possibilidades que estão associadas a opções políticas e ideológicas que se colocam como uma encruzilhada”.¹²² Ela oferece para a Tese uma referência de importância que não se coloca simplesmente na lei, mas no como se faz com o ensino e apresentação do conteúdo da história e cultura do povo negro. Nesse, apresenta-se o diálogo que se estabelece com as práticas pedagógicas e apontam para a necessidade de um suporte teórico, o qual fundamente religiosa e culturalmente a evidência de práticas educacionais e formativas requeridas pela aplicação da referida lei. Entre essas práticas ela destaca que o maior mérito não está em obedecer à lei. Insiste na necessidade de ter atenção sobre o ensino da história e culturas constitutivas

¹²¹ SNYDERS. 1974, p.164-165.

¹²² TRINDADE, Azoilda Loretto da. **O projeto político pedagógico na escola e a aplicação da lei 10639/03**. Rio de Janeiro: Cadernos do CEAP, 2010, p.10.

do Brasil. A dimensão da temporalidade se integra numa educação preparadora para uma vida futura, considerando o aqui e o agora. Essas ideias serão retomadas ao fazer o paralelo com os pensadores do passado.

O importante no diálogo com os pensadores é considerar a perspectiva transformadora - crítica, numa dimensão democrática e de aplicabilidade da Lei.

É de suma importância dialogar com outros teóricos da área da religião e da educação, que historicamente oferecem conteúdos importantes para a compreensão do processo libertador que a escola e a prática educacional podem oferecer para o mundo atual, assim como também os valores contidos nas diversas práticas religiosas.

A relação histórica, educacional e religiosa, assim como a evidência da penetração dos valores presentes em ambos, apontam para o conjunto da sociedade, e conseqüentemente, oferecem um referencial de valiosa importância para o que se pretende desenvolver nesse estudo, naquilo que indica ser a linha de pensamento progressista da educação.

Aprofundando a perspectiva progressista, é necessário recordar que Makarenko trata a educação na sua relação com a cultura da sua época. Começou sua obra com outros pedagogos adeptos, tanto na teoria como na prática. A educação pelo trabalho e na escola única, apontando a concepção de unidade dos diversos elementos relacionados à realidade e à vida concreta. Mas em relação a numerosos pontos concernentes à teoria e à metodologia da educação comunista, ele ultrapassava seus contemporâneos porque tinha da escola e da pedagogia socialistas uma visão de futuro.

Pode-se pensar em futuro incluindo nesse referencial o mesmo aspecto da teoria e da prática, porém relacionado com as exigências de transformação das relações sociais e étnicorraciais. Os temas que ele desenvolveu são correlatos com aquilo que envolve a questão social atual e continuam desafiando a postura educacional. A atualidade do pensador se percebe, pois algumas questões do seu tempo são também desta época e ainda pertinentes em educação:

Entre as questões atuais da pedagogia socialista que o ensino teórico de Makarenko particularmente marcou, convém citar, antes de tudo, os problemas de metodologia, como, por exemplo: a pedagogia e a política; a pedagogia e as outras ciências; a lógica pedagógica; a essência da educação; a relação entre a teoria e a prática da educação; o modo de vida e a educação; a ação educativa paralela; a educação e a vida.¹²³

¹²³ FILONOV, G.N. **Anton Makarenko**. Coleção Educadores - MEC. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010, p. 13.

Propõe-se pensar a urgência de relacionar essas questões tão importantes para a educação tanto socialista na perspectiva de Makarenko, quanto na atualidade. Na relação com a realidade brasileira refere-se à questão pedagógica e política na dimensão da construção da democracia.

Ao tratar do tema político, Makarenko destaca com clareza a dimensão política da educação. Põe em evidência nas suas conferências sobre educação infantil, um pungente tratado de orientação aos pais sobre a educação dos filhos. Já em 1937, fala sobre educação e hábitos culturais, esse é certamente também o elemento contemporâneo. Relacionar educação, cultura e formação política é uma exigência para a construção social que se estabelece como projeto político pedagógico e modelo de formação humana que se quer.

Sobre a pedagogia e a política é necessário pensar que a formação implica na habilidade de educar para a vida, que o processo de formação humana, da construção da cidadania e da consciência política seja considerado como elemento constitutivo educacional inserido na escola no cotidiano.

Essa abordagem necessariamente se encontra com outras ciências. Considera-se a perspectiva de uma compreensão da totalidade do conhecimento e de um horizonte de interdisciplinaridade.

A essência da educação vai ao encontro da relação entre teoria e prática. Nessa, a vida e os conhecimentos, os saberes e as vivências estão presentes e interligados na concepção de educação. O modo de vida é o próprio conteúdo da educação, ou seja, educar para a vida. Assim a ação educativa se torna um paralelo com a vida.

Sabidamente, Makarenko se refere a esse conjunto como forma de educação cultural. Destaca a atuação do estado e da família. O primeiro como organizador e a família como integrante de forma simples desse processo, oferecendo o que há de mais precioso que são os bens culturais.

O enfrentamento da cultura e da produção cultural se amplia mais ainda na compreensão do referido pensador. O que Makarenko explicita se refere diretamente ao concreto da vivência do educando. Pode-se classificar como a leitura da vida. O jornal, o livro, o cinema, o teatro, o museu, a cultura em geral e esses conteúdos, de uma maneira simples entram no cotidiano e oferecem valores culturais para a formação na sua amplitude. Na sétima conferência sobre educação e hábitos culturais destacam-se a inter-relação que Makarenko apresenta entre a cultura e a educação. Ele afirma que é função do Estado organizar, mas que os pais têm seu protagonismo:

Nós nos referimos às principais formas de educação cultural, entre elas aquelas que o Estado organiza. Na realidade, os pais têm que inventar pouco nesse sentido: basta que utilizem, da melhor forma possível, todos os bens culturais de nosso país. Se aproveitarem de forma ampla o jornal, o livro, o cinema, teatro, o museu estarão proporcionando muito a seus filhos no campo do conhecimento e em matéria de educação do caráter.¹²⁴

De grande importância destaca-se o aceno que Makarenko faz sobre a necessidade de que o tema da cultura e das suas questões seja considerado pelos pais e pelos filhos lembrando-se sempre do seu povo soviético e da construção socialista. Aqui se evidencia o que se pretende por educação.

É um questionamento eficaz para que o que se pretende como educação étnicorracial na realidade brasileira. Fica muito claro que a atividade cultural e, conseqüentemente, a educação devem orientar-se para a atividade política:

Valendo-se de diferentes métodos, o trabalho cultural na família pode tornar-se muito interessante e valioso, do ponto de vista educativo. Mas é sempre necessário que em todo o tema cultural, em qualquer questão, pais e filhos lembrem-se do povo soviético e de nossa construção socialista.¹²⁵

Um horizonte ainda maior oferece Makarenko ao deixar claro que trata-se de cidadania. Essa é possível na relação com o país, necessariamente com a história e seus heróis. Enfatiza a possibilidade de compreensão das lutas pela libertação, entendendo quem foram os inimigos e orientando de maneira clara os caminhos de uma vida cultural consciente.

Essa afirmação e a concepção desse autor colocam-se como um parâmetro de fundamental importância para a construção de valores. Consideram-se os grandes heróis nacionais que oferecem relevância para as afirmações presentes na história e resistência afro-brasileira. O objetivo alcançado nas produções textuais dos alunos, ou seja, reconstruir valores educacionais e culturais a partir dos grandes personagens. O significado e representações que esses homens e essas mulheres da história e da cultura do povo negro oferecem para a educação brasileira. Como escreve Makarenko:

Atividade cultural deve orientar-se constantemente para atividade política. A criança deve sentir-se cada vez mais cidadão de nosso país, conhecer as façanhas de seus heróis, saber quem são seus inimigos, e saber, também, a quem deve consagrar sua vida cultural consciente.¹²⁶

¹²⁴ MAKARENKO, Anton Semionovich. **Conferências sobre educação infantil**. São Paulo: Moraes, 1981, p. 83-84.

¹²⁵ MAKARENKO. 1981, p.85.

¹²⁶ MAKARENKO. 1981, p.85-86.

Makarenko compreendeu a importância da história e da cultura para a formação educacional. Sua visão de sociedade era tão aberta e para além do seu tempo que considerava a atividade com evidente orientação para a dimensão política. Dessa concepção de Makarenko se pode pensar na realidade brasileira. Postula-se que uma educação que se predisponha a um projeto de sociedade democrática deve necessariamente considerar o tema da igualdade racial, do protagonismo docente e da relação com a história dos movimentos sociais. Assim como será desenvolvido o tema da vida, o modo de vida próprio e identitário do povo negro com sua cultura e suas manifestações religiosas. Os heróis da história e resistência ocupam lugar central de destaque e suas histórias são relevantes como indicado no processo de construção das redações.

É fundamental conciliar a abordagem étnicorracial diante de toda abordagem cultural, didática, pedagógica e conseqüentemente, interdisciplinar. Se faz necessário pensar as outras ciências; a lógica pedagógica; a essência da educação; a relação entre a teoria e a prática da educação que chega a interferir na compreensão que se tem da prática da vida e do cotidiano e suas implicações políticas que não são neutras. Essas se apresentam imbricadas e entrelaçadas com o espaço social e suas transformações. É isto que Makarenko considera na sua pedagogia, enfatizando a relação metodológica entre a pedagogia e a política, a pedagogia e as outras ciências como a essência da educação. A relação que se estabelece entre a teoria e a prática da educação desafia o modo como se entrelaçam a vida e a formação de valores educativos e sociais. O grande ~~de~~ educador social, Makarenko estabelece uma unidade paralela entre a educação e a vida.

Makarenko extraiu daí uma regra de ouro, chegar o mais próximo possível conservando uma atitude de reverência. Afirmava que era necessário “exigir o mais possível do homem, com a maior reverência a seu respeito”. Não se trata de duas categorias diferentes, mas de dois aspectos dialeticamente ligados de uma só e mesma atitude. Uma dupla posição se destaca para a construção de valores. A centralidade no ser humano e assim, conseqüentemente, naquilo que tem de heroico tanto no sentido máximo e valioso quanto no que se deve naturalmente reverenciar como construtor de identidades e de alternativas e relacionadas.

Essa forma de pensar mexe profundamente na lógica pedagógica. Ela tem de ser repensada, pois está estreitamente ligada à compreensão da razão de ser da educação e dos seus referenciais. Sendo a pedagogia “a ciência mais dialética”, ele parte do princípio

de que a educação é um processo social no sentido mais amplo do termo e no caso da educação étnicorracial oferece necessariamente outro e novo paradigma. Desafio real para a educação e para cada educador:

(...). No interior da realidade ambiente, prodigiosamente complexa, a criança entra numa infinidade de relações em que cada uma se desenvolve sem cessar, se relaciona com os outros e se complica devido ao seu próprio crescimento físico e moral. Todo este “caos” que parece não ser suscetível de nenhuma quantificação não cria menos, a cada momento, modificações na personalidade da criança. Orientar e dirigir este desenvolvimento, tal é a missão do educador.¹²⁷

As opiniões de Makarenko sobre a relação entre a teoria e a prática no sistema de educação socialista são também surpreendentemente atuais. Acreditava que o prático corrige sensivelmente os dados das teorias científicas. Foi esse grande pensador em educação que edificou um sistema fundado sobre uma organização racional da vida da criança. Para isso, ele não seguiu passivamente a “natureza”; escolheu favorecer, ao máximo, em cada criança, o desenvolvimento de uma personalidade criativa e preparada para a vida sob todos os seus aspectos. Racionalidade e vida concreta se juntam no processo da educação.

A noção da unidade da educação e da vida prática das crianças e a pedagogia da ação paralela apresentam um grande interesse para a teoria e para a prática da educação atual. Trata-se, de fato, do tema aqui desenvolvido das relações entre o modo de vida e a educação, o lugar que essa ocupa na vida concreta. Assim afirmado, o aceno se concentra no lugar da vida em que a educação acontece.

Na pedagogia mundial clássica, reconheceu-se, há muito tempo, que o melhor educador era a própria vida.¹²⁸ Esse tema é considerado na sua relevância ao tratar a educação na sua referência com os valores e a vida do povo negro. Considera-se nesse sentido o desenvolvimento de uma personalidade e de atitudes criativas e preparadas para a vida sob todos os seus aspectos. Integrar os estudos à existência concreta, eis o elemento de grande importância para a abordagem teórica que se apresenta:

Tendo notado as potencialidades educativas extraordinárias que oferece o conjunto do modo de vida das crianças e dos jovens na União Soviética, Makarenko pensava que, em vez de esperar que a vida trouxesse espontaneamente seus frutos, formando indivíduos úteis à sociedade, seria

¹²⁷ MAKARENKO, Anton Semionovich. **Oeuvres complètes**. 2.ed. Moscou: [s.n.], 1957a. 7 v. p.20.

¹²⁸ Esta ideia fundamentalmente materialista inspirou, em certos pedagogos, o princípio do respeito pela natureza na educação (Comenius, Pestalozzi, Rousseau, Diesterweg).

melhor organizar os estudos de trabalho, mas, também, a existência de jovens segundo um processo pedagógico integrado.¹²⁹

Essa teoria concretizou-se com o sucesso que se sabe nos estabelecimentos que dirigiu. Aponta indicadores significativos para o conjunto da pesquisa, em que se ressalta a atividade criativa dos alunos e professores, assim como o elemento determinante da diversidade cultural na organização dos conteúdos da formação dos alunos:

A passagem ao ensino secundário universal e obrigatório, a realização do princípio de integração dos estudos ao trabalho e a uma atividade criadora diversificada, a perspectiva de estudos comuns a todas as escolas e a possibilidade conexas de satisfazer às necessidades da população na organização da jornada completa são características objetivas da escola socialista, de hoje e de amanhã, permitindo afirmar que estão reunidas as condições reais de uma larga aplicação à práxis educativa das ideias sobre a organização racional da vida das crianças, que estão no centro do pensamento de Makarenko.¹³⁰

Para o caso brasileiro, destaca-se nesse sentido a prática e a valorização da vida e história do povo negro, conforme indicado na Lei 10.639/03. Disso decorre a necessidade de afirmar o quanto se pode concretizar com sucesso também essa prática no contexto da educação brasileira.

3.7.2 A coletividade educativa

Um elemento que se destaca efetivamente são as características da coletividade educativa e conseqüentemente, o método de organização do processo educativo. Ao nome de Makarenko, associa-se imediatamente a ideia de “coletividade educativa” e um projeto de sociedade democrática. Seu método de organização do ensino focado na coletividade e no processo é amplamente reconhecido hoje na pedagogia progressista. Para Makarenko alguns elementos se apresentam relevantes:

1. a indissociabilidade dos laços exteriores e interiores;
2. a correlação entre a coletividade geral e as coletividades primárias;
3. os tipos de relações intracomunitárias;

¹²⁹ FILONOV. 2010, p. 17.

¹³⁰ FILONOV. 2010, p. 17.

4. os fundamentos organizacionais da coletividade, assim como suas tradições, seu estilo e seu tom.

Ele incluiu na vida da coletividade educativa todas as relações e tipos de atividades representativas da sociedade democrática. Suas ideias extraordinariamente modernas sobre a evolução das funções educativas da coletividade. Essas funções se apresentam na ação dos pedagogos sobre o objeto passivo. Um novo sujeito ativo surge que toma nas mãos a organização de sua própria vida. Estas indicam para os conteúdos aqui elaborados indicativos de uma educação que prepare e forme cidadãos capazes de construir uma sociedade com valores plurais e inclusivos.

Makarenko estava convencido de que o ensino propriamente dito não poderia ser dissociado da educação no sentido amplo. Sabe-se que a pedagogia clássica estava fundada no postulado de que a criança deve primeiramente aprender, e que somente em seguida, é que se pode educar. Makarenko se pretende associar o ensino ao processo educativo, considerando que os valores da história e da vida do povo negro podem e devem ser ensinados assumindo uma dimensão educativa profunda no sentido de revelar valores de construção social.

Nisso se destaca um caráter inovador. Que a construção histórica de valores em educação considere as condições atuais reais e os referenciais da história, da vida do povo afro-brasileiro e das suas manifestações culturais e religiosas. Isso demanda uma revisão, assim como ocorreu com o referido e reconhecido teórico em educação.

As novas condições sociais e os novos objetivos da educação das crianças e dos jovens exigiram que este postulado fosse radicalmente revisto. O papel inovador de Makarenko manifestou-se na sua concepção de uma integração total dos dois processos, permitindo transformar profundamente as condições de existência da criança e agir sobre seus conhecimentos, seus sentimentos e seu comportamento.

É de fundamental importância entender que nessa concepção o estudo da criança, enquanto membro de um grupo e indivíduo se tornou, então, um verdadeiro método de educação. A mesma concepção se encontra e pode dialogar com o Ubuntu. Neste sistema africano, a individualidade e o grupo se entrelaçam na concepção da educação, ser sujeito e ser do grupo assumem a mesma importância, de tal modo que a educação revela-se construtora de valores para a vida.

Para Makarenko, a coletividade não era apenas um instrumento de educação de massa; a unidade da pedagogia da ação coletiva e individual é um traço característico de

seu sistema educativo e com resultados evidentes, assim como o modelo africano Ubuntu. Deste conteúdo se pode encontrar referências para novas relações intracomunitárias em que a experiência e a identidade do grupo se destacam e se valorizam o que se tem de característico e único.

É efetivamente necessário considerar os fundamentos organizacionais da coletividade, assim como suas tradições, seu estilo e seu tom. São estes fatores que indicam a ligação da atualidade com a tradição, elemento tipicamente revelador de uma educação transformadora, que parte não de princípios teóricos e abstratos, mas necessariamente da condição existencial e da historicidade.

Nessa coletividade educativa o papel do educador tem uma importância entendida na relação que estabelece com um relacionamento intercomunitário. As relações intercomunitárias eram, para ele, indissociáveis dos laços da coletividade com o exterior, cuja riqueza e diversidade são capitais. Nesse sentido, pensa-se em um modelo social baseado na igualdade e em relações de respeito à diversidade e à construção da sociedade democrática.

Com efeito, é nos laços exteriores com uma entidade social mais vasta que o indivíduo encontra as influências indispensáveis a seu desenvolvimento. A vida da sociedade em todas as suas manifestações deve ser a base da formação do indivíduo. Nisso entende-se que a educação tendo como referência Makarenko é expressivamente voltada para o contexto social, voltada para o mundo exterior:

As relações intracomunitárias constituem um “mecanismo” original de tratamento das informações vindas de fora, que ajuda cada personalidade a reagir seletivamente à influência do mundo exterior e a encontrar sua vida. Está aí a chave das concepções de Makarenko sobre a vida coletiva enquanto método que, “sendo ao mesmo tempo geral e particular, permite simultaneamente a cada um desenvolver suas particularidades e preservar sua individualidade”.¹³¹

A teoria de Makarenko sobre a educação da criança na coletividade ressaltava efetivamente a liberdade do aluno, porém relacionada incondicionalmente às exigências e a vontades gerais, ao entorno comunitário. A ação sobre o indivíduo é humana, inspirada no respeito e na alteridade. As relações coletividade-indivíduo são fundadas na comunidade de interesses e com a garantia, pela coletividade, dos direitos de cada um.

¹³¹ MAKARENKO. Moscou: [s.n.], 1957a. 7 v. p.37.

Diferentemente do modelo de sociedade marcada pela competitividade garante-se os direitos fundamentais das relações entre os diferentes; assim, os grandes e os fortes não podem ofender os pequenos e os fracos. A história informa que se tratava de uma regra para a educação comunitária. Tal regra era imutável na comunidade e aquele que a infringia incorria na reprovação coletiva. Isso faz pensar no paralelo que se estabelece com a educação na perspectiva africana em que as tradições da comunidade são guardadas como princípios da vida comunitária como apresentado na “Canção dos Homens”:

Quando uma mulher, de certa tribo da África, sabe que está grávida, segue para a selva com outras mulheres e juntas rezam e meditam até que aparece a "canção da criança".

Quando nasce a criança, a comunidade se junta e lhe cantam a sua canção.

Logo, quando a criança começa sua educação, o povo se junta e lhe cantam sua canção.

Quando se torna adulto, a gente se junta novamente e canta.

Quando chega o momento do seu casamento a pessoa escuta a sua canção.

Finalmente, quando sua alma está para ir-se deste mundo, a família e amigos aproximam-se e, igual como em seu nascimento, cantam a sua canção para acompanhá-lo na "viagem".

Nesta tribo da África há outra ocasião na qual os homens cantam a canção.

Se em algum momento da vida a pessoa comete um crime ou um ato social aberrante, o levam até o centro do povoado e a gente da comunidade forma um círculo ao seu redor. Então lhe cantam a sua canção.

A tribo reconhece que a correção para as condutas antissociais não é o castigo; é o amor e a lembrança de sua verdadeira identidade.

Quando reconhecemos nossa própria canção já não temos desejos nem necessidade de prejudicar ninguém.

Teus amigos conhecem a "tua canção" e a cantam quando a esqueces.

Aqueles que te amam não podem ser enganados pelos erros que cometes ou as escuras imagens que mostras aos demais.

Eles recordam tua beleza quando te sentes feio; tua totalidade quando estás quebrado; tua inocência quando te sentes culpado e teu propósito quando estás confuso.¹³²

Essa educação diferentemente de impedir a liberdade, coloca-a na dimensão da coletividade, como garantia da liberdade de cada um. A construção de valores pela escola

¹³² Tolba Phanem. Poeta Africana, lutadora pelos direitos civis das mulheres.

da vida e a didática da beleza da música na vivência do coletivo se destacam. A chamada para a centralidade é distintivo de um projeto social e coletivo.

Observa-se uma dimensão semelhante no texto de Makarenko, "*Poema pedagógico I*" ao tratar o aspecto da firme vontade de não abandonar a tarefa da educação e a perseverança de levar até o fim, pois a vida na colônia era o determinante da construção de valores:

De cada um dos nossos passos podia dizer-se tudo o que se quisesse, de tal modo andávamos ao acaso. Tudo era contestável no nosso trabalho. E quando nos púnhamos a discutir, ainda era pior: das nossas discussões não brotava a luz. Só havia dois pontos que não levantavam qualquer dúvida: a firme vontade de não abandonarmos a nossa tarefa, de a levarmos até ao fim, ainda tem um fim lamentável. Havia também a própria vida, a nossa na colônia e que aqui nos rodeava.¹³³

Como demonstrativo também da construção de valores pela escola na vida e a didática da beleza não somente da música, mas desta vez na poesia e vivência do coletivo se destaca fragmento do poema de Makarenko. Esta que será explicitada em outro capítulo. A presença de uma chamada concreta para a centralidade da vida e o ganho do pão com valor efetivo da educação para a vida e a coletividade.

Infância e Ganhando o Meu Pão impressionaram-nos a todos ao máximo. Escutar alguma leitura de respiração suspensa e pediram para continuar "mesmo até à meia-noite". De início não acreditaram em mim quando esconder a verdadeira história da vida de Máximo Gorki, de tal modo ela os espantou, e depois, de repente, aproximaram-se por esta questão:

- Quer isso dizer, no fim das contas, que Gorki é um como nós? Não me digam que giro!

Esta ideia perturbadora encheu-os de alegria.

A vida de Maximo Gorki tornou-se como que uma parte da nossa vida. Os seus episódios foram para nós uma mina de comparações e de alcunhas; serviram-nos de esboço de discussões e aferições para avaliarmos os valores humanos.¹³⁴

O Poema Pedagógico I baseia-se na vida real, no processo educativo e na construção de valores em que, como nas redações dos alunos que se destacam o heroísmo de João Cândido e de Luiza Mahin. Para Makarenko o herói é o grupo, a coletividade. Esse heroísmo é assim afirmado por ele mesmo, segundo o prefácio da sua obra Poema Pedagógico I.

¹³³ MAKARENKO, Anton Semionovich. *Poema Pedagógico I*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980, p. 91.

¹³⁴ MAKARENKO. 1980, p. 91.

O poema Pedagógico baseia-se em factos reais. Evoca toda a vida da colônia de Poltava. Como o próprio autor declara, no livro "nada é inventado, excepto alguns nomes de família de algumas raras situações". Todavia, o Poema nem por isso é uma crônica romanceada da colônia. Entre os variadíssimos acontecimentos que testemunhou e em que participou, Makarenko escolheu os mais expressivos e mais típicos. O escritor soube dar à pintura de personagens de acontecimentos reais todo brilho da autêntica arte.¹³⁵

A arte de educar com a qual Makarenko evoca a vida, sua escola, sua equipe e seus alunos baseia-se na vida social e coletiva soviética, penetrava profundamente na construção educativa e de valores.

3.7.3 Inserir-se na comunidade e atualizar a educação

Makarenko entendia muito bem a amplitude do processo educativo e suas relações com a multiplicidade abrangente da atividade formadora. Foi um dos primeiros pedagogos soviéticos a disseminar, deliberadamente, a ideia de integrar a atividade das diversas células educativas: escola, família, clube, organização social, comunidade de produção, bairro etc. Insistiu, particularmente, sobre o papel essencial da escola enquanto centro metodológico e pedagógico que mobilizava as forças educativas mais qualificadas e profissionalmente mais competentes.

Esse pensador afirmou que era necessário adaptar o método de educação às condições concretas de organização do processo educativo. Nesse sentido se pode pensar um paralelo com as condições atuais de funcionamento do ensino geral e das instituições educativas. Suas ideias sugerem uma abertura ao futuro considerando o específico e essencial que é a comunidade. Sendo essa em outra época e em outra cultura, demanda uma inserção diferenciada que exigem métodos muito diferentes dos utilizados por Makarenko na colônia e na comuna em sua época.

É necessário, e até mesmo indispensável, ter presente no espírito esse caráter relativo, quando se analisa uma ou outra obra pedagógica de Makarenko. Seus poemas pedagógicos referem-se ao seu período e ao seu contexto, assim como o Ubuntu e a Canção dos Homens, e objetivamente também as redações e os trabalhos dos professores e alunos no contexto em que se insere a história e a cultura do povo negro afro-brasileiro.

¹³⁵ Prefácio de Evguéni Balabanovitch. In: MAKARENKO. 1980, p. 8.



Imagem 07 - “Canção dos homens”¹³⁶

O estudo e a elaboração deste conteúdo desafia o processo de construção de valores em educação, a saber, distinguir o que permanece como uma regra geral da teoria e da metodologia pedagógicas de Makarenko e o que vale para uma época dada, o legado que fica para história.

O referencial referido apresenta a experiência educacional e pedagógica em que viveu o grande pedagogo e que corresponde unicamente às condições concretas nas quais sua experiência se desenvolveu. Ainda assim, inspira a contemporaneidade a reconhecer a comunidade em que se insere a ação educativa, seus protagonismos e sua contribuição efetiva para a construção da sociedade alternativa que se pretende.

A produção intelectual e conceitual revela nos textos a possibilidade de construção de valores religiosos, tanto no luteranismo como nos teóricos da educação na perspectiva europeia, mas pode-se refletir a partir de pensadores negros. Um exemplo disso é a contribuição de Stuart Hall que segue.

¹³⁶ <https://floresdeumdeserto.blogspot.com/2012/08/a-cancao-dos-homens-sobre-os-encantos.html>.

Ao pensar o multiculturalismo pode-se ter como modelo o da convivência africana, que se torna possível nas diversas canções da cultura afro-brasileira. Esses valores da convivência se evidenciam também na religiosidade, como será desenvolvido no capítulo seguinte, ao se tratar da realidade cultural e da dimensão da religiosidade de matriz africana, especificamente a do candomblé.

3.8 Hall, a educação e a multiculturalidade

O crescimento do fenômeno educacional aponta para a diversidade de expressões e revela o conflito que se instaura em torno da questão formativa de valores pessoais e sociais.

A compreensão da educação se depara com a formação de valores na realidade de multiculturalidade presente dentro das escolas, o que reflete como característica do cenário social com as lideranças e membros da sociedade civil. A escola e a sociedade são diversificadas e formadas multiculturalmente e religiosamente, isso apresenta o desafio para a educação e para a formação social, na perspectiva da democracia e da construção de valores na diversidade e na pluralidade.

O momento atual indica que é possível olhar a educação tendo como referência os pensadores e as expressões religiosas e educacionais, elaborando um novo conhecimento que considere o campo da democracia e da igualdade, da ética e dos valores (expressão da beleza e da herança cultural e histórica do povo negro com sua cultura e tradição). Estes elementos são os que se destacam contemporaneamente na compreensão da evolução do pensar e do construir a igualdade racial e no desenvolvimento das relações étnicorraciais.

Trata-se de evidenciar a possível contribuição da universidade na formação de docentes para atuarem nas escolas, assim como do movimento social na construção de uma nova cultura democrática que se elabora a partir da educação. Isso necessariamente exige pensar a raiz cultural do povo brasileiro, assim como suas expressões na dimensão da religiosidade.

Deve-se considerar o protagonismo de outros pensadores e sua bagagem cultural, que com sua experiência e sua práxis oferecem elementos formativos para o conjunto da educação e da formação social.

3.8.1 Hall e novos pensadores e educadores

Diante do avanço da história da educação que desde o início foi influenciada pela atuação das instituições religiosas, constata-se a luta dos afrodescendentes no Brasil com a necessidade da implementação da Lei 10639/03 no currículo escolar. Porém, com o Ensino Religioso, diferentemente do que aconteceu no início, a educação terá que ter outro referencial que são as tradições africana e afro-brasileira; outro paradigma educacional que necessariamente vai dialogar com uma outra raiz cultural que não a europeia, do colonizador e dominador. É preciso descolonizar a educação!

Essa ideia se fundamenta no pensamento de Stuart Hall sobre desconstruir a cultura, em que questiona a historicidade dos sistemas de representação que são as identidades culturais, como as identidades menores, sejam elas de classe, de gênero, de grupo, de instituição, de família e de etnia. As identidades estão ancoradas na posse em comum de uma memória cultural que as unifica, lhes dá sentido e as fundamenta. Para ele não importa quão diferentes os membros de uma nação possam ser em termos de classe, gênero ou raça.

Para dizer de uma forma simples: não importa quão diferentes seus membros possam ser em termo de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. Mas seria a identidade nacional uma identidade unificadora desse tipo, uma identidade que anula e subordina a diferença cultura?¹³⁷

É possível tratar as experiências feitas em escolas, com professores, coordenações e alunos sobre a real aplicação da temática e aulas de Ensino Religioso como processo de construção de valores religiosos, de elaboração de paradigmas a partir de elementos culturais, de resistência, de outros protagonismos e novas visões e encontros. Esses são referenciais para o modelo de sociedade que se quer e que passa pelo modelo formativo, cultural e educacional. Já se fazem presentes nos padrões da educação brasileira e nos elementos da cultura afro-brasileira, dentre outras formas de religiosidades existentes em nosso país, aquela considera o processo social de construção democrática, reconhecendo sua evolução, sua diferença e sua diversidade no contexto educacional de transformação da história brasileira.

¹³⁷ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 59.

Efetivamente, a educação pretende evidenciar a possibilidade de uma elaboração do conhecimento na diversidade e no respeito às diferenças. O foco está na elaboração do pensamento educacional em sua prática como possibilidade de abordagem teórica para a construção de conteúdos no campo da educação inclusiva que considera a diversidade racial e cultural. Um demonstrativo ou diagnóstico de como os materiais criativos e as formações chegam às escolas pode dar pistas importantes para o aperfeiçoamento das práticas. Isto será retomado no capítulo seguinte ao considerar a aplicação, a implementação da Lei 10639/2003, nas escolas e na sociedade.

Inegavelmente o momento atual é marcado pelo tema da liberdade religiosa. Na contemporaneidade este tema é apontado como desafio para o pensar a educação diante das diversas contradições. A diversidade cultural e religiosa deve ser tomada como tema de fundamental importância para construção da democracia e dos direitos de cidadania. Não se pode entender a questão educacional sem considerar a construção cultural e a diversidade religiosa. A abordagem da cultura em todos os tempos e lugares considera também elementos religiosos plurais. Como escreve Tomaz Tadeu da Silva em “Documentos de identidade”¹³⁸ sobre a realidade preconceituosa e excludente: “No mundo inteiro tem-se assistido ao recrudescimento da intolerância racial e étnica e a manifestações xenófobas”. Essa realidade será refletida ao considerar o acontecimento com Kayllane, referente às práticas das leis e desafios étnicorraciais, culturais e religiosos no capítulo três.

O modelo de educação institucionalizado na história do povo brasileiro desconsiderou vários elementos do conhecimento, da cultura e da beleza de expressões, da ética e dos valores, das expressões e da religiosidade como herança cultural. Os projetos de formação e as políticas educacionais provocaram a delimitação das liberdades e manifestações do avanço das culturas reconhecidas subalternas.

O pensamento de alguns setores da sociedade brasileira coloca em questão temas que se desenvolvem na atualidade e que tratados na educação provocaram o surgimento de novas posturas e concepções, novas epistemologias. Esses lançam para o contexto atual, a elaboração do conhecimento, a necessidade de revisitar a construção histórica e perceber o protagonismo dos negros e das negras, reconhecendo na resistência o cenário sócio-político de desenvolvimento dessas novas ideias, conceitos e ensinamentos, enfim, dessa cultura emergente. Assim é afirmado no Plano Nacional de Implementação das

¹³⁸ SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**. Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p.37.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações étnicorraciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana.

Há uma correlação entre pertencimento étnicorracial e a realidade de sucesso escolar. Isso desafia o processo educacional e compromete a formação social brasileira e deve ser encarado com seriedade. Trata-se da demanda de novos posicionamentos e comprometimentos.

É urgente e necessária uma tomada de posição diante da realidade da diversidade cultural brasileira e na sua integração no ideário educacional a riqueza de valores presentes nessa história. Assim como exemplo o que feito pelos alunos e alunas nas redações do Projeto Camélia da Liberdade.

Pensa-se nessa Tese as posturas e práticas que podem e devem conduzir ao acolhimento, ao reconhecimento e à valorização da diversidade de saberes presentes no ambiente escolar e espaço cultural e religioso.

O confronto com os movimentos em que há quebra do monopólio da educação, assim como as mudanças sociais e econômicas próprias da história do Brasil desafiam outros protagonismos na elaboração cultural e no pensamento educacional.

Pensar a temática dos valores religiosos, da beleza, da cultura e da democracia presentes na construção educacional docente oferece para a sociedade possibilidades de mudanças e avanço. Esses valores, a beleza e a democracia perpassam o ambiente escolar e voltam-se para a possibilidade de uma elaboração teórica desses conteúdos tanto na tradição religiosa quanto na contemporaneidade pela contribuição que ambos apresentam como conteúdo formativo e constitutivo de uma identidade nacional.

Considera-se a contribuição histórica que se realiza fora do espaço acadêmico a partir do movimento social. Pretende-se apontar o quanto que este contribui como conteúdo formador e acadêmico.

É um fato inegável a evidência dos grupos e organizações sociais representativas com suas lutas para o reconhecimento da diversidade cultural, valorizando o referencial étnicorracial como elemento determinante para a elaboração de um novo conhecer.

Esse saber que se constrói a partir da academia tem sua relação com o conjunto da sociedade e com a religião que é plural nas suas expressões identitárias, como se afirma na perspectiva histórica construída a partir de novos paradigmas.

3.8.2 Hall e o negro como fator axiológico na educação

O fenômeno social e antropológico tem um enfrentamento. O chamado racismo apresenta uma grande complexidade, além de ser muito dinâmico no tempo e no espaço. É único em sua essência, em sua história, em características e manifestações, é múltiplo e diversificado. Uma perspectiva filosófica de abordagem e até mesmo de combate deve partir do método questionador. O seu enfrentamento é pensado a partir de perguntas aparentemente simples e elementares, porém profundas, que abalam as estruturas do pensamento e concepções arraigadas na formação cultural, tais como:

O que é o racismo?

Por que o racismo?

Como se manifesta o racismo?

Por que há racismo?

O que o pensamento filosófico na perspectiva axiológica propõe é uma correção, uma revisão epistemológica. É incorreto pensar que o preconceito contra o negro no Brasil é um problema somente social e não racial, pois todos os problemas da sociedade, incluído o preconceito racial, são problemas sociais.

Assim o pensamento se torna mais abrangente e atinge mais adequadamente a concepção de sociedade que se quer. Observa-se criticamente que o que está posto, o que em muitos setores da sociedade se vivencia, ainda não repensa suficientemente a formação com os valores da cultura negra e nem refaz satisfatoriamente a educação. Afirma-se com isso que é necessário repensar a educação e identidade pessoal, social de forma multicultural. Ao pensar neste contexto se considera necessariamente a identidade que é pessoal e social e diversificada. Ao tratar a identidade e a diferença, Stuart Hall afirma a importância da história e da sua correspondência com o presente:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões "quem nós somos" ou "de onde nós viemos", mas muito mais com as questões "quem nós

podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”.¹³⁹

Isso leva ao questionamento do que foi tratado em educação a respeito da construção da raça e que necessariamente, faz pensar dois conceitos ou sentimentos, ou seja, o de superioridade e o de inferioridade. Faz repensar a identidade e sua construção histórica na educação, que é um processo de transformação pessoal e social. Assim, vale considerar que as identidades têm uma relação com a tradição:

Elas têm tanto a ver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição, a qual elas nos obrigam a ler não como uma incessante e reiteração, mas como “o mesmo que se transforma... Elas surgem da narrativa do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui de forma alguma sua eficácia discursiva, material ou política...”.¹⁴⁰

Isso leva a pensar a importância das tradições africanas em educação e, criticamente, reconhecer que existem os preconceitos na construção histórica, cultural, social, econômica e ideológica do povo brasileiro, que conseqüentemente, confronta-se diretamente com a formação religiosa e com princípios de educação.

Na educação depara-se com a formulação de preconceitos que devem ser enfrentados na elaboração de novos conceitos que surgem de uma nova concepção e de outra cultura e mentalidade, de uma nova sensibilidade diante de si mesmo, do outro, da identidade, da realidade e do mundo. Essa necessariamente terá de encarar o pensamento religioso, uma vez que a cultura afro-brasileira é marcada por valores presentes na forma de pensar, sentir, celebrar e vivenciar a relação com o sagrado e o outro, essencialmente relacional e comunitária.

Trata-se de um exercício educacional, uma práxis que considera outra dimensão filosófica e outra dimensão teológica. Requer na sua essência a necessidade da descolonização no assumir os valores da interculturalidade.

O exercício do diálogo intercultural exige esforço, abertura de espírito, olhar crítico e autocrítico, humildade intelectual aliada à necessária curiosidade pelo outro. Nesse sentido a interculturalidade pressupõe uma metodologia de desconstrução do pensamento colonial, isto é a descolonização tanto da filosofia quanto da teologia como praticadas historicamente na América Latina. Este pressuposto teórico significa, ao mesmo tempo, a crítica feminista ao

¹³⁹ HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e diferença** – A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes 1997, p. 108-109.

¹⁴⁰ HALL. 1997, p. 109.

patriarcado, ao androcentrismo, e a crítica política das estratégias de integração e inclusão.¹⁴¹

Essa perspectiva dialoga com a compreensão da interculturalidade proposta na Tese a partir de valores afro-brasileiros. Um aspecto identitário além e que perpassa a interculturalidade considerável na cultura negra é o encontro com a natureza. Essa se desenvolve de maneira natural e evidente. Identidade e natureza são integrados no fenômeno africano, na perspectiva filosófica, teológica, cultural e educacional, formadora de valores.

Assim, tendo como paralelo e referência a educação pensada por Comenius ao tratar a ideia de semente, que inclui a insistência de ensinar “tudo a todos”, indica para a educação atual necessariamente ensinar a não ser racista e a respeitar o outro, assim como também a considerar a identidade e a alteridade.

É possível pensar um sistema educacional diferente, tendo como referência o que se deu historicamente na pós-reforma e na continuidade da pós-modernidade que considera o outro, o Ubuntu africano que é intercultural. Este se coloca em comum com o desafio que se apresenta no pensamento teológico de Roberto E. Zwetsch sobre “Teologias da libertação e interculturalidade”:

Em síntese, pode-se afirmar que o paradigma da interculturalidade exige, por parte de quem o incorpora como uma perspectiva valiosa para pensar e agir na sociedade contemporânea, certas atitudes básicas como: sinceridade no diálogo intercultural e inter-religioso, disposição para a **escuta do outro** (cosmovisão, filosofia, crenças e práticas rituais), pensar de forma crítica e autocrítica.¹⁴²

Essa dimensão de interculturalidade dialoga efetivamente com a perspectiva epistemológica da Tese sobre a axiologia. A construção de valores em educação considera a interculturalidade, o outro e as atitudes básicas do Ubuntu e a concepção religiosa e cultural africana.

É certo que novos caminhos foram possíveis para uma nova pedagogia e nova didática. Em se tratando de uma cultura que é também marcada pelo aspecto religioso, deve-se pensar nessa atual perspectiva uma hermenêutica que considera a responsabilidade e o compromisso social.

¹⁴¹ ZWETSCH, Roberto E. **Conviver. Ensaios para uma teologia intercultural latino-americana.** São Leopoldo, Sinodal, EST, 2015, p. 124.

¹⁴² ZWETSCH., 2015, p. 124.

3.9 Os valores educacionais comuns aos pensadores

Assim como no passado foi com relação aos valores que existem na visão cristã, um novo paradigma se requer para confrontar com uma visão de mundo a partir da concepção do povo negro, da sua religiosidade, de seus saberes e de suas tradições.

Nesse sentido, o pensamento de José Rubens L. Jardelino, no seu livro *Lutero e a educação*, considera que o protestantismo produziu um ascetismo intramundano, em que o leigo ainda que vivendo no mundo, vivia uma religiosidade acética fora do mundo. No seu livro, cita a crítica de Weber ao protestantismo em que se destaca a relação entre a vida e o mundo, conseqüentemente desta forma de vivência da religião:

Esta racionalização da conduta dentro deste mundo, mas para o bem do mundo do além, foi a conseqüência do conceito de vocação do protestantismo ascético. [...]. Agora, ele adentrou-se no mercado da vida, fechou atrás de si a porta do mosteiro, tentou penetrar exatamente naquela rotina diária com a sua meticulosidade, e a moldá-la a uma vida racional, mas não deste mundo, nem para ele.¹⁴³

Isso acarreta uma grande responsabilidade social e religiosa em que o modelo negro diferentemente está inserido. Nesse modelo pensa-se o mundo da vida, considera-se sistemas mais universalizantes. Há possibilidade da circularidade e uma visão humanista, modelo de educação para a modernidade. A perspectiva filosófica e mesmo a consideração antropológica colocam a dimensão religiosa dentro do âmbito cultural e social em que um está entranhado no outro e isso perpassa a forma de rezar, a forma de usar o corpo, a forma de educar os filhos, assim como será apresentado no capítulo três sobre o modelo Ubuntu.

Considera-se essa crítica e mesmo o paralelo que se estabelece em relação à história, sem, contudo, deixar de reconhecer que a Reforma e os seus ideólogos tinham uma concepção da responsabilidade social, dedicaram muito tempo na instrução e na construção de um edifício educacional que considerava a realidade e a necessidade de mudanças na Europa. Porém, um modelo que se propõe, inspirado na mudança cultural e social tem um diferencial fundamental na cultura negra frente à cultura europeia. O que se pensa e se propõe necessariamente é sair do eurocentrismo.

Um entre tantos exemplos, pode-se ter como referência é o de desenvolver a ideia de sementes fundamentada e confirmada por Comenius. A analogia da terra ajuda a compreender a construção de valores que Deus quer do povo negro neste lugar em que

¹⁴³ WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira 1983, p. 72.

veio parar cativo e fazendo Êxodo, que se constitui como afrodescendente, com identidade legítima e representativa de um povo que sofre e luta pela libertação. É a imagem linda apresentada por Comenius de um só jardim. Neste podem ser semeados os diversos tipos de plantas. Isso ajuda a entender as grandes sementes e as árvores históricas que o povo negro tem construído nessa Terra Brasileira.

Outra imagem significativa vem da analogia no pensamento de Comenius do jardineiro. A ideia que se destaca na figura é o fato de ser assíduo na sua atividade e na dedicação a sua tarefa. Comparativamente, quanto sangue derramado do povo negro para trabalhar essa terra e trabalhar a diversidade, viver na resistência e construir valores de solidariedade, de participação, de sociedade alternativa, de quilombos, de terreiros, de escolas de samba.

Sobre esse paradigma da diversidade na formação pode-se entender a importância do pensamento de Comenius, em que a natureza humana tem em si naturalmente diversas possibilidades. E é certamente isso que possibilita pensar a diversidade.

No capítulo V da sua “Didática Magna”, ao tratar a dignidade humana, o assunto que se destaca é que o ser humano tem por natureza as sementes da instrução, das verdades e da religião. Comenius destaca de maneira clara esses temas relevantes e insiste na autonomia do ser humano. Os valores que o ser humano possui e beleza do que é capaz de construir se faz presente ao afirmar:

O mesmo nos ensina mais coisas a que nossa mente é comparada. A terra (a que frequentemente a escritura compara nosso coração) não recebe todo tipo de semente? E um só e mesmo Jardim não pode ser semeado como ervas, flores e aromas de todos os tipos? Certamente, desde que o jardineiro seja atento e assíduo. Quanto maior a variedade, mais agradável é um espetáculo para os olhos, mais suave o perfume para as narinas, maior o consolo para o coração.¹⁴⁴

É possível pensar em relação à construção de valores do povo negro que também tem as sementes da instrução pela cultura carregada historicamente. É notável acentuar que as virtudes estão presentes no processo de vivência e de transmissão de conhecimentos e valores historicamente construídos com os mais velhos e com a tradição. É considerável que as religiões de matrizes africanas de maneira especial o Candomblé e a Umbanda oferecem para a cultura e para os saberes do povo brasileiro elementos importantes de construção social e de uma nova educação, uma sociedade igualitária e sem racismo.

¹⁴⁴ COMENIUS. 2011, p. 61-62.

3.9.1 Um possível paralelo

Pensando na possibilidade de um paralelo histórico em que religião e educação são valorizados como elementos fundamentais da construção social, é necessário afirmar que Lutero transformou a concepção de educação na sua época. O mesmo pode-se pensar sobre o processo histórico brasileiro. Este oferece seus elementos próprios, construtores de uma educação nova, que no seu desenrolar assumiu publicamente o debate da importância das religiões de matriz africana na construção cultural brasileira, assim como a necessidade das cotas para a transformação da realidade social e da configuração das universidades brasileiras.

Segue a afirmação de Lutero em que implora em favor da juventude, solicitando aos governantes que façam investimentos numa considerável proporção em favor da educação e manutenção de professores.

Por isso imploro, meus caros senhores e amigos, por amor de Deus e da vida pobre Juventude, que não considereis essa causa de somenos importância [...] trata-se de uma causa séria importante [...]. Caros senhores, anualmente é preciso levantar grandes somas para armas, estradas, pontes, diques e inúmeras outras obras semelhantes, para que uma cidade possa viver em paz e segurança temporal. Por que não levantar igual soma para que a pobre Juventude, sustentando um ou dois homens competentes como professores?¹⁴⁵

Lutero já pensava na sua época sobre a necessidade da educação da juventude como razão principal da existência. Fica claro para esse grande pensador a importância da educação como algo dramático e nesse sentido ressalta-se a importância da contextualização da história do povo negro.

Na educação atual, com os valores da cultura negra, é necessário afirmar a importância de uma axiologia, em que se considere os valores do povo negro e das suas lideranças como sendo o conteúdo de estudo e de formação social.

Nesse sentido a afirmação de José Rubens L. Jardimino tem muita importância, pois aponta no pensamento de Lutero que a educação é algo dramático, considerado como algo que explicita a razão da existência, como é afirmado a seguir:

Lutero tem a questão da educação como algo dramático. É tal sua obstinação pela educação da juventude que faz referência ao pecado na omissão dos poderosos e dos responsáveis em relação ao assunto. Chama a educação da Juventude de razão principal da nossa existência.¹⁴⁶

¹⁴⁵ LUTERO. 1995, p. 305.

¹⁴⁶ JARDILINO. 2009, p. 47.

A radicalidade de Lutero no sentido religioso é apresentada na perspectiva do pecado. Não educar deve ser castigado.

Numa possibilidade de comparação, destaca-se quanto pecado se cometeu e se comete quando não se cumpre as exigências da educação considerando os valores da cultura e história dos afro-brasileiros e até mesmo negando e desrespeitando. No contexto brasileiro fica evidente quão dramático é uma cultura educacional que foi construída desconsiderando os construtos axiológicos, históricos, culturais e religiosos do povo negro. Isso se evidencia em relação à juventude ao considerar o acesso à universidade e sua permanência na mesma.

A abordagem do passado se refere às crianças e à juventude, como Lutero afirmou no seu tempo:

De que nos valeria se, no mais, tivéssemos e fizéssemos tudo e fôssemos todos santos, mas deixássemos de fazer aquilo que é a razão principal da nossa existência: a educação da Juventude. Em minha opinião, nenhum pecado exterior pesa tanto sobre o mundo perante Deus. Nenhum pecado merece castigo maior do que justamente aquele que cometemos contra as crianças quando não as educamos. Quando eu era moço era corrente na escola o seguinte ditado: "Non minus est negligere scolarem quam corrumpere virgenem" - "Negligenciar um estudante não é crime menor do que violentar uma virgem". Isso foi dito para alertar os professores pois, naqueles tempos não se conhecia pecado maior do que violentar uma moça.¹⁴⁷

Pensar a atualidade da educação brasileira na sua realidade atual projeta para além das crianças no Ensino Fundamental, considerando-se uma perspectiva de futuro aos jovens e aos adultos do Ensino Médio. Nisto se vislumbra caminhos diversificados até a formação no Ensino Superior. O Projeto Político Pedagógico na escola e a aplicação da Lei 10639/03 e O Projeto Político Pedagógico da/na escola: capilarizando a temática das africanidades brasileiras de Azoilda Loretto da Trindade, oferecem para o estudo uma referência de importância que não se coloca simplesmente na lei, mas no como se faz com o ensino e apresentação do conteúdo da história e cultura do povo. Nestes, se apresenta o diálogo que se estabelece com as práticas pedagógicas e aponta a necessidade de um suporte teórico que fundamente religiosamente a evidência de práticas educacionais e formativas que a aplicação da referida lei requer na sua diversidade. Trindade escreve:

¹⁴⁷ LUTERO. 1995, p. 307.

Nesta perspectiva, podemos dizer que o maior mérito não está em obedecer à lei, mas em atentarmos como estas histórias e culturas constitutivas do Brasil são "ensinadas" e apresentadas, pode ser de maneira liberal, neoliberal, conservadora, pode ser numa perspectiva educativa bancária/depositária de informações e conteúdos e de lições de "moral", conteudista, consumista, reprodutivista, preparadora para uma vida futura, como se o aqui e o agora não fosse vida. Pode ser numa perspectiva transformadora - crítica, numa dimensão democrática ou autoritária, progressista ou conservadora e burocrática... Pode ser uma miscelânea de todas, pode ser, pode ser... diante de tantas possibilidades que estão associadas a opções políticas e ideológicas, nos colocamos frente a uma encruzilhada.¹⁴⁸

Há diversos caminhos considerados que englobam a religiosidade e a formação cultural do Brasil que é plural. Dialogar com outros teóricos da área da religião e da educação, que historicamente oferecem conteúdos importantes para a compreensão do processo libertador que a escola e a prática educacional podem oferecer e sua relação com o conjunto da sociedade, proporciona um referencial de valiosa importância para o que se pretende no estudo dos valores educativos do povo negro afro-brasileiro na linha progressista da educação.

O novo referencial teórico se apresenta a partir da abordagem da Educação Progressista, pois oferece elementos para pensar a educação e construção de valores. Compreende-se a necessidade de explicitar os fundamentos axiológicos das posições educacionais atuais para oferecer um trabalho educativo consistente e coerente com as verdadeiras necessidades que o contexto educacional e social exigem. Pensa-se o valor-educação como possibilidade e garantia teórico-metodológica para a realidade e a reflexão educacional. Entende-se a axiologia como forma de ser dos valores, como manifestação e desenvolvimento de experiências existenciais e históricas, pessoais e coletivas significativas da experiência humana que é única e intransferível. Assim afirma-se a importância de subjetividades e identidades como garantia de uma ação coerente, atual e eficaz que revela valores para a coletividade. Recorre-se necessariamente à tradição religiosa e cultural.

Acreditando, portanto, na capacidade humana de operar transformações significativas em si próprio e no mundo circundante, perguntamo-nos se não poderá o processo educativo ser também "produtor" ou "encaminhador" de novas valorações e novos valores, além de mero "reprodutor" de valores vigentes, como muito frequentemente tem acontecido. E, nestes termos, não deverá o educador, através da práxis educativa, posicionar-se como "organizador" dessa nova situação? É preciso conhecer bem o que se quer transformar.¹⁴⁹

¹⁴⁸ TRINDADE. 2010, p.10.

¹⁴⁹ SILVA. 1986, p.14.

A novidade que procura-se evidenciar passa pelo Projeto Político Pedagógico na escola e pela aplicação da Lei 10639/03, em que o tema dos valores em educação considera a importância do negro, protagonizando o debate da cultura e história deste povo. A educação escolar para atender essa demanda requer como necessário e urgente, inegavelmente, outro protagonismo, o do aluno, do professor, do gestor e da direção. Como afirma Georges Snyders ao tratar a pedagogia progressista, refere-se à atitudes sedutoras e fecundas de participação, de iniciativa e de atividades, considerando a importância de modelos consistentes.

Trata-se de estabelecer uma relação com modelos, mas modelos que digam respeito ao nosso mundo, que estejam em contacto directo com o mundo da criança, E que as atitudes de participação activa introduzam vivacidade e dinamismo precisamente nessa relação com os modelos.¹⁵⁰

Ao tratar esse tema, a produção teórica que vem sendo elaborada nos últimos tempos nos indica o caminho do reconhecimento e da abertura para a abordagem científica de conhecimentos que emergem tanto da prática como da experiência no campo social e da resistência histórica. Ao lado da elaboração teórica reconhecida pelos que na docência encaram a necessidade de assumir esses conteúdos nos projetos e programas de ensino, que muitos valores formativos têm oferecido. Valores esses tanto religiosos quanto culturais na elaboração da individualidade e coletividade, sobre a democracia na vida social, sobre uma cultura nacional e uma educação escolar que responda às demandas da história do povo brasileiro.

É fundamental redimensionar o presente através da educação e a construção de valores que são perspectivas para um futuro promissor. A realidade pode e deve ser transformada dentro do ensino público e privado não somente pela força da lei, mas por práticas educativas novas e libertadoras.

Essa educação gera uma sociedade feliz que se abre à coletividade numa perspectiva social abrangente, plural e diversificada, em que a dimensão promissora se apresenta.

Não receemos repeti-lo: só existe um objectivo a atingir na medida em que é também uma alegria presente, em que ilumina e embeleza o presente - e dessa maneira é vivido no dia de hoje e simultaneamente projectado para os dias futuros.¹⁵¹

¹⁵⁰ SNYDERS. 1974, p. 162.

¹⁵¹ SNYDERES. 1974, p. 170.

Georges Snyders, considerando a perspectiva pedagógica de Makarenko, destaca a importância do compromisso com a concretização de um projeto educacional centrado na formação coletiva para a vida coletiva. A ideia de escola que ele concebe é baseada na vida em grupo. Essa ideia da coletividade em Makarenko se baseia em fatos reais e até mesmo cruéis da sociedade da sua época, nos quais o processo educativo acontece em uma Colônia. Conforme afirmado no prefácio de “Poema Pedagógico”, obra em três volumes de Makarenko, o herói principal é a coletividade.

O resgate dos heróis é um elemento importante na construção da história e dos valores em educação. O herói, a coletividade e o mundo em mudanças se relacionam e a dinâmica do indivíduo e da sociedade é apresentada como é evidenciado no texto a seguir:

O herói principal do livro, a coletividade, é apresentado em toda a sua complexidade, com todas as suas contradições. O escritor mostra a luta cruel de um mundo novo em vias de nascer na colônia contra um mundo antigo em vias de desaparecer, mas sempre tenaz, e a influência benéfica da coletividade sobre o indivíduo.¹⁵²

Trata-se da ideia de modelo que representa um referencial pedagógico para situações atuais, nas demandas que a história apresenta e com o momento vivido no espaço escolar aberto para a coletividade. Ele defende que valores são comuns e se reconhecem no processo educativo, em que este educa e é objeto de educação como conquista permanente e ininterrupta adequação ao real, espaço possível de existência de direitos e valores que se afirmam e se confirmam na elaboração cultural.

O pensar educação de Lutero colocava em seu contexto a importância da transmissão do conhecimento. Duas afirmações se destacam: uma é que pela educação pensava que os homens poderiam tornar-se um agente religioso e outra maneira, também o professor. Segue a afirmação de Lutero:

Ao exortar os pais que enviassem os filhos para escola, nutria também a expectativa de que alguns deles viessem a se tornar pastores, pois não havia nenhum trabalho mais importante do que esse. Se alguém não fosse apto para

¹⁵² MAKARENKO. 1980, p. 8.

ser pastor poderia tornar-se professor que seria o segundo trabalho mais importante.¹⁵³

Nessa afirmação de Lutero se percebe a importância da dimensão religiosa na formação humana, ele considera a relevância da tradição religiosa, mas também valoriza a docência.

Pensar a construção de valores a partir do povo negro, ter como referência as tradições africanas, os valores que se encontram nas religiões de matriz africana nos possibilita pensar a educação de uma forma diferente que agregue elementos constitutivos de uma nova ordem social a partir da educação étnicorracial e dos que construíram historicamente suas tradições e as transmitem.

No conteúdo do ensino atual evidencia-se a necessidade de considerar a importância de elementos afrodescendentes na formação escolar, de uma nova cultura. Esta vai possibilitar amanhã o jovem sem preconceito, sem as discriminações históricas em que se construiu até os nossos dias. É possível pensar em ser um Babalorixá ou uma Iyalorixá, um membro de comunidades de terreiro e de centro com valores educativos.

Comparativamente encontra-se na expressão de Lutero a importância do religioso e do educador no seu contexto, que se manifesta na sua dignidade e importância, que aponta para ideia de uma atitude inclusiva e dialogante nos dois campos do saber humano, o religioso e o docente que se encontram. Lutero afirma:

[...] Se eu pudesse e tivesse que abandonar o ministério de pregação e outras incumbências, nada mais eu desejaria tanto quanto ser professor ou educador de meninos. Pois sei que, ao lado do ministério da pregação, esse ministério é o mais útil, o mais importante, é o melhor. Inclusive dúvida sobre qual deles é o melhor.¹⁵⁴

Historicamente é possível afirmar que Lutero no século XVI foi a primeira voz a falar em favor de uma educação pública, gratuita e inclusiva. O seu trabalho de educação com uma dimensão religiosa projetada para a contemporaneidade uma perspectiva de universalidade, por sua abrangência e por sua visão holística. Conforme Franco Cambi em sua obra “História da Pedagogia”, em que apresenta uma reconstrução e interpretação da história da pedagogia ocidental, que o protestantismo lançou as bases da autonomia da formação e da relação direta com a verdade e com Deus. Assim afirma:

¹⁵³ ALTMANN. 1994, p.203.

¹⁵⁴ LUTERO. 1995, p. 359.

Pode se dizer que, com o protestantismo, afirma-se em pedagogia o princípio do direito-dever de todo cidadão em relação ao estudo, pelo menos no seu grau elementar, e o princípio da obrigação e da gratuidade da instrução, lançando-se as bases para a afirmação de um conceito autônomo irresponsável de formação, não estando mais o indivíduo condicionado por uma relação mediada de qualquer autoridade com a verdade e com Deus.¹⁵⁵

Pensar educação e religião a partir desse legado que Lutero deixou coloca no cenário nacional uma possibilidade de uma educação etnicorracial autônoma e libertadora. Avança ainda na possibilidade de atingir não somente o estudo elementar como afirmado, mas também o Ensino Médio, de acordo com a Lei 10639/03. Aponta a necessidade de considerar a importância de educadores oriundos da cultura e religião de tradição africana, assim como os que conhecem e valorizam a cultura e história do povo negro, tanto no âmbito público quanto no privado. Educadores que são capazes de valorizar tanto a formação intelectual possibilitando ao negro ocupar espaços na sociedade, quanto na sua expressão de vida e religiosidade afirmando a liberdade em relação ao sagrado.

Educação inclusiva tal que deverá considerar os saberes que brotam das tradições de matriz africana e o aspecto religioso que esta história de afrodescendentes traz e cultiva no Brasil.

O conteúdo pedagógico que pode ser ensinado nas escolas e valorizado na cultura pode deixar também um legado para a história e para os brasileiros. Esse é o desafio atual, formar docentes que possam resgatar a história e os saberes, as tradições e a cultura, e assim transmitir às próximas gerações no processo de formação e na estrutura atual da educação. Necessariamente uma educação que considera a diversidade e a pluralidade, o respeito e o diálogo.

A novidade apresentada em educação no pensamento de Lutero e Comenius com enfoque religioso se coloca em relação com a concepção educacional de Makarenko na perspectiva social da coletividade e de Hall na relação com a cultura. Esta abordagem evidencia a possibilidade de pensar a atualidade na perspectiva étnicorracial, que necessariamente considera a religião e cultura na formação educacional escolar na sua amplitude. Apontam para o encontro na diversidade e pluralidade desses aspectos. Eles se interrelacionam e fazem parte de um todo da existência humana e participação social e da coletividade.

A abordagem educacional e seu foco na construção de valores se evidencia em Makarenko nos aspectos coletivos e de maneira complementar em Hall considerando os

¹⁵⁵ CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999, p. 248.

elementos culturais. Pensa-se a evidência de um diálogo entre os referenciais considerando a diversidade de tempo e temáticas, reconhecendo o que há em comum na elaboração e a construção de valores sócio-culturais. Esses podem ser considerados ao pensar a dimensão religiosa da educação, o que será desenvolvido nos capítulos seguintes.

3.10 Síntese

As abordagens dos pensadores Lutero, Comenius, Makarenko e Hall apresentam elementos que oferecem referências teóricas para pensar a educação em contextos diferenciados como concepção de religião e educação, cultura e sociedade, porém complementares. A complementaridade está no fato que apresentam em comum a centralidade no ser humano que é reconhecido na sua dimensão social.

A axiologia é entendida no seu propósito de construção de valores pessoais que transformam a realidade social. A transformação social passa necessariamente pela educação e o propósito pretendido de relacionar os pensadores com os valores étnicorraciais oferece elementos expressivos e significativos para pensar a Religião e a Educação com elementos atuais de africanidades.

O que será desenvolvido no próximo capítulo a partir da prática educativa e a contribuição da cultura e das religiões de matriz africana. Essa abordagem introduz a compreensão da prática do Ubuntu.

4 AXIOLOGIA: CONCEPÇÃO DA PRÁXIS EDUCATIVA NA RELIGIÃO E CULTURA

4.1 Introdução

O terceiro capítulo apresenta-se na terceira dimensão do método crítico, ou seja, o agir. Inicialmente uma breve análise sobre as leis, uma vez que essa representa uma tomada de atitude, uma ação efetiva a ser cumprida. A lei é considerada na sua relação com o racismo no Brasil e, conseqüentemente, a necessidade de práticas educativas e religiosas no confronto com a realidade de racismo na história e na atualidade. Ao tratar da atualidade, o texto é ilustrado pelo acontecimento com uma adolescente chamada Kayllane, vítima do preconceito racial e da intolerância religiosa. Este fato desafia a reflexão atual em relação à superação das leis referidas, que não foram cumpridas. O modelo freireano reaparece em continuidade com o capítulo anterior na análise e elaboração de uma carta educativa e pedagógica a respeito da situação de Kayllane.

O capítulo aborda os valores educativos na cultura e na escola da vida, considerando a família, instituição com uma importância muito grande dentro da elaboração da cultura religiosa candomblecista. Destaca-se nessa cultura religiosa a importância da casa, a centralidade das relações educativas em torno da ancestralidade e do valor dos mais antigos, os que têm mais tempo de iniciação. Uma representatividade significativa é apontada na figura de Mãe de Santo, que sintetiza a dimensão da família e da formação na religião.

A educação é explicitada na religião do Candomblé a partir dos seus processos de formação e da própria iniciação dos seus praticantes, evidenciando a axiologia no interior da religião que pode ser compreendida para a educação e para a formação social.

O capítulo trata também da compreensão das africanidades como possibilidade de um olhar novo para a educação a partir dos valores oferecidos tanto pela cultura quanto pela religião do candomblé com alguns ritos e práticas. A integração da vida é apresentada a partir da cosmovisão e da unidade com o ser humano que necessariamente precisa ser educado para participar e contribuir com a criação.

Seguindo a abordagem do Capítulo dois, certos da grande contribuição que Lutero ofereceu para a educação durante os últimos 500 anos, o paralelo se estabelece com os 500 anos da presença da religião de matriz africana no Brasil e dos valores que pode oferecer à educação assim como foi na história do cristianismo.

A relação estabelecida entre educadores/as e educandos/as no processo de formação humana é elucidado ao fim deste capítulo, com o itã sobre a educação, que coloca a possibilidade de um acréscimo tanto ao pensamento de Paulo Freire quanto ao pensamento de Lutero, carregado de características e identidades afro-brasileiras.

4.2 A lei, a educação e os valores religiosos e étnicorraciais

Para compreender a educação na sociedade brasileira é necessário reconhecer a importância das leis e fazer uma leitura crítica da sua aplicabilidade na realidade social. É importante ter clareza sobre seus conteúdos e relacioná-los com as práticas de educação e reconhecer os protagonismos que resistiram diante da realidade que deixou de contemplar direitos fundamentais para a vida e história do povo negro no Brasil.

Neste sentido a Tese apresenta o confronto histórico do racismo na lei e na prática social, evidenciando novas e exitosas práticas educacionais possíveis, modelo para a escola e para a sociedade, considerando valores religiosos e étnicorraciais. A ação necessariamente se apresenta amparada pela formulação da lei, o que se questiona são os efetivos resultados alcançados e os favorecimentos obtidos.

A Segunda Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, de 1965, define o que é discriminação racial com foco na dimensão da exclusão ou restrição baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica. Nesse sentido, se coloca a educação, uma vez que está afirmado o quanto as práticas educativas estabelecidas na história brasileira procederam com um comportamento excludente e de forma restritiva para com o povo negro afrodescendente. Muito do que foi realizado mostrou ações que anularam e prejudicaram a construção da igualdade racial, assim como o reconhecimento dos direitos humanos. A evidência da escravidão sofrida pelas figuras históricas ressaltadas nas redações no capítulo um, a saber, João Cândido e Luiza Mahin e tantos outros vultos representativos da luta pela liberdade, são indicadores das lutas nos campos específicos da política, da economia, da sociedade, na cultura ou em qualquer outro domínio da vida pública.

Afirma a Segunda Convenção:

§1. Para fins da presente Convenção, a expressão "discriminação racial" significará toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto ou

resultado anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício em um mesmo plano (em igualdade de condição) de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública.¹⁵⁶

Nesse sentido, vale a pena ressaltar um limite não apresentado de forma incisiva, que é o da religião e da educação. Os campos da religião e da educação se inserem naturalmente no social e no cultural, porém, na prática não estão contemplados nessa afirmação que representam os anseios do movimento social e de tantos educadores e educadoras, como os relacionados nas redações do Projeto Camélia da Liberdade.

Disso decorre a necessidade de pensar na possibilidade do uso do direito, devidamente acentuado, em condições de igualdade das religiões de matriz africana e seus praticantes, uma vez que historicamente esse direito tem sido desrespeitado e mesmo cerceado.

Com isso pensa-se a necessidade e a urgência de se conceber no espaço escolar o diálogo inter-religioso e o reconhecimento de conteúdos formativos existentes nessa formação histórica do Brasil. Esses conteúdos emergem de uma tradição que resiste e que se torna conhecida no cenário social e se expressa de forma autônoma. Estes conteúdos oferecem um diferencial significativo para a formação humana e social, religiosa e cultural. Esboçam e carregam na sua prática a ideia de educar para não discriminar, uma vez que toda discriminação, e conseqüentemente o preconceito, é resultado do desconhecimento.

Efetivamente apontam um desafio para a escola na contemporaneidade que necessariamente precisa dar passos na perspectiva da racionalidade, caminhando ao encontro desses elementos formadores considerando a diversidade, respeitando as diferenças e singularidades. O respeito aos direitos humanos e às diferenças e diversidades religiosas deverá ser determinante. Como argumenta Marga Janete Ströher:

Não é possível falar de um ser humano universal a partir de uma racionalidade global - o que o processo de colonização tentou realizar. As implicações dessa condição do ser humano na perspectiva da diversidade, da complexidade precisa considerar o contexto, espaço e tempo, territorialidade, pertencas, cotidiano, locais de convivência e exercício de poder e experiências que perpassam corpo e compõem os sujeitos, inclusive em suas diferenças e

¹⁵⁶<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/comite-brasileiro-de-direitos-humanos-e-politica-externa/ConvIntElimTodForDiscRac.html/Acesso31/08/2017>

singularidades. É nesse contexto de pluralidade que fazemos nossa reflexão sobre a temática de direitos humanos, laicidade e diversidade religiosa.¹⁵⁷

Pensa-se conseqüentemente na necessidade de avançar na compreensão da liberdade religiosa no contexto da formação humana no espaço escolar, que implica e exige ações efetivas na construção de uma relação de respeito às escolhas e à liberdade de convicção, religião, das expressões de culto e das manifestações culturais. Faz-se necessário reconhecer a diversidade religiosa a partir da aceitação dos direitos humanos e da diversidade cultural. Isso desafia a compreender e acolher os valores das religiões de matriz africana.

A afirmação dessa perspectiva de liberdade religiosa na educação como construção de valores apoia-se nos dispositivos legais. A partir da perspectiva da realização da lei e do seu cumprimento na escola, em que os seus novos agentes são os professores/as e alunos/as, amparados tanto em nível nacional quanto internacionalmente. Ao tratar desses direitos humanos, destaca-se tanto a Declaração Universal dos Direitos Humanos quanto a Declaração sobre a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância e Discriminação fundadas na religião ou convicção. Estas que dialogam e se complementam, oferecendo elementos fundamentais para a realização legalizada de uma nova forma de conceber e praticar os valores remanescentes da cultura e das religiões de matriz africana.

Anterior à Segunda Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, na Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada em 10 de dezembro de 1948, no artigo XVIII, encontra-se a seguinte afirmação:

Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência, religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.¹⁵⁸

Destaca-se a afirmação clara na Declaração Universal dos Direitos Humanos referente à perspectiva do ensino: toda pessoa tem direito à liberdade religiosa na dimensão do ensino; e a afirmação é acompanhada de que pode ser isolada ou

¹⁵⁷ STRÖHER. Marga Janete. Direitos Humanos e diversidade religiosa em um estado laico. In: ROSSI. Luiz Alexandre e JUNQUEIRA. Sérgio (Orgs.). **Religião, Direitos Humanos & Laicidade**. São Paulo: Fonte Editorial – ANPTECRE, 2015, p. 214.

¹⁵⁸ <https://centroumbandistapazejustica.wordpress.com/2008/06/20/artigo-18-da-declaracao-universal-dos-direitos-humanos/Acesso31/08/2017>.

coletivamente, em público ou em particular. Essa perspectiva abarca a dimensão da construção de valores e do respeito nas circunstâncias relativas à educação. Enquadra-se perfeitamente na perspectiva legal aquilo que vem sendo construído pelo movimento social e que tem perpassado a prática educativa nas salas de aula.

Contribuindo com a compreensão da liberdade religiosa, em novembro de 1981, a ONU (Organização das Nações Unidas) proclamava a Declaração sobre a Eliminação de todas as Formas de Intolerância e Discriminação Fundadas na Religião ou Convicção. Afirmava em seu art. 1º, §1, § 2 e § 3:

Artigo 1º

§1. Toda pessoa tem o direito de liberdade de pensamento, de consciência e de religião. Este direito inclui a liberdade de ter uma religião ou qualquer convicção a sua escolha, assim como a liberdade de manifestar sua religião ou suas convicções individuais ou coletivamente, tanto em público como em privado, mediante o culto, a observância, a prática e o ensino.

§2. Ninguém será objeto de coação capaz de limitar a sua liberdade de ter uma religião ou convicções de sua escolha.

§3. A liberdade de manifestar a própria religião ou as próprias convicções estará sujeita unicamente às limitações prescritas na lei e que sejam necessárias para proteger a segurança, a ordem, a saúde ou a moral pública ou os direitos e liberdades fundamentais dos demais.¹⁵⁹

Assim, também a referida Declaração sobre a Eliminação de todas as Formas de Intolerância e Discriminação fundadas na religião ou convicção afirma a importância da escolha livre e a sua manifestação individual ou coletivamente. Declara a importância da subjetividade e considera o aspecto comunitário, que perpassa as práticas históricas que construíram a identidade de grupos étnicos na sua relação com o sagrado. A história do povo afro-brasileiro teve que ser preservada e defendida para garantir e assegurar sua universalidade e possibilidade de transmissão de valores culturais e religiosos em meio a tanta repressão.

O documento afirma sua dimensão tanto pública quanto privada apontando uma abertura a partir da prática e do ensino, o que possibilita pensar a necessidade de comprometimento das mesmas instituições. Ensino este que possibilitará o conhecimento e o reconhecimento de seus valores. Essa afirmação que retoma a prática e o ensino corrobora a intenção deste texto de destacar o papel da escola e da educação na sua

¹⁵⁹<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/comite-brasileiro-de-direitos-humanos-e-politica-externa/DecElimFormIntDisc.html/Acesso31/08/2017>.

dimensão de legalidade e legitimidade, assim como de uma práxis necessária em cumprimento de demandas nacionais e internacionais.

No entanto, os parágrafos segundo e terceiro introduzem, de forma crítica, o tema que segue ainda sobre o respeito e a liberdade religiosa. Este conteúdo oferece elementos para pensar situações graves que acontecem na sociedade brasileira. Em especial ao se tratar de uma menor em processo de educação, tema que seguirá e norteará de maneira prática evidências de racismo, preconceito e intolerância religiosa.

O documento afirma no segundo parágrafo que ninguém será objeto de coação que limite a sua liberdade religiosa ou a sua escolha de culto; e ainda no parágrafo terceiro afirma, de maneira complementar, a liberdade de manifestar a religião e as convicções sujeitas unicamente às limitações prescritas na lei e que sejam necessários para proteger a segurança, a ordem, a saúde ou a moral pública, os direitos e liberdades fundamentais dos demais. Esta moral pública e os direitos de liberdade fundamentais foram feridos gravemente em relação à menor Kayllane.

A realidade sobre o racismo e a intolerância religiosa torna evidente a necessidade de pensar sobre a educação étnicorracial, uma vez que se trata de uma menor em pleno processo de educação. Uma nova educação pode ser pensada, outras práticas devem acontecer para que esses atos sejam revistos e repensados em uma perspectiva de sociedade democrática e de uma educação libertadora que torna possível aos seres humanos viverem e conviverem com o diferente.

Lei sendo implementada em confronto com limite de outras leis. É preciso pensar a importância do agente da lei. Esses que são certamente os mesmos que iniciam um processo novo de construção social, de construção de valores que partem da educação e nela encontram-se os objetivos.

Nesse sentido, a análise que segue sobre o vazio de valores afro-brasileiros na educação e na formação social confronta-se com uma práxis social muito evidente e que provoca o pensar pedagógico em função do futuro da educação e do respeito, assim como diálogo necessário com as leis para construir a harmonia e a convivência social digna e respeitosa.

Esse vazio será evidenciado com o fato emblemático que aconteceu no Rio de Janeiro e, se soma a tantos outros, que são indicadores do preconceito, do racismo, da intolerância religiosa e da ignorância que ameaçam a formação social. É um desafio na atualidade da educação e requer a prática de uma formação com valores africanos, de maneira específica por se tratar de uma criança negra e da religião de matriz africana.

O acontecimento coloca em questão o que se pretende como possibilidade de formação para o respeito e a devida consideração para com a liberdade de expressão e a prática do culto presente historicamente na formação social brasileira e que deve penetrar o espaço escolar, reelaborando a cultura e as relações sociais.

4.2.1 O vazio de valores afro-brasileiros educativos

A trajetória histórica do povo negro comparada com outros povos que se estabeleceram no Brasil apresenta evidências claras de um vazio histórico sobre o reconhecimento dos valores afro-brasileiros no processo educativo. Efetivamente aconteceu um desrespeito e desconsideração das tradições do povo negro para a formação social brasileira. Isso é resultado de uma prática e de uma consciência que se naturalizou na formação histórica do racismo que pode ser revertida com a educação. Nesse sentido se apresenta a perspectiva do terceiro eixo da Tese que é o agir.

Uma práxis educativa na perspectiva afro-brasileira deve necessariamente superar o racismo e dar visibilidade aos valores culturais e tradicionais com construção de elementos propulsores de uma axiologia étnicorracial. Evidentemente que a teoria e a prática educativa devera considerar o aspecto cultural, com os referenciais relativos à religião, bem entendido que no pensamento africano religião é cultura. A partir disso se pode reconhecer que existem contribuições para a construção de novas e diferenciadas relações entre os seres humanos na sociedade considerando os valores religiosos apresentados no capítulo anterior.

Desta maneira se introduz na construção de valores étnicorraciais a compreensão da necessidade das práticas educativas em que se devem respeitar os direitos humanos, a liberdade de expressão e a diversidade cultural. A educação passa a considerar os variados encantos da cultura negra compreendidos como ação educativa libertadora, e se aproxima das canções da vida e do Ubuntu que serão apresentados seguidamente.

Essa prática formativa necessariamente se encontra com aquilo que foi produzido culturalmente na história a partir das tradições do povo negro e podem dialogar de forma disciplinar com outros saberes e outras expressões. Esses saberes e essas expressões passam pela oralidade e pela musicalidade, pelos costumes e pelas tradições e provocam o rompimento dos preconceitos.

A prática da didática vai encontrar outros referenciais e necessariamente terá nas suas expressões outra linguagem, diferentemente da “Didática Magna”. A produção de conteúdos surgirá de outra fonte que é participativa e respeitosa para com a vida e o lugar social em que os afrodescendentes estão inseridos. A possibilidade de alternativas se evidencia e se comprova com o que se apresentou no primeiro capítulo com as redações sobre João Cândido e Luiza Mahin marcadas por uma prática educativa com a reconhecida produção de conteúdos que encantam e contagiam. Estas alternativas se distinguem de outras formas pela sua originalidade, pela beleza e pela expressão de universalidade dialogando com a religião e a cultura africana.

A formulação desses referidos conteúdos ainda se encontra fora da oficialidade, demanda o reconhecimento de protagonismos e requer a ressignificação do espaço religioso, do sentido da religiosidade que vai além do lugar do culto numa cosmovisão de integralidade pela cultura. É encontrada em outras “escolas” e tem outra pedagogia. Trata-se da escola de samba que traz à memória a importância e a expressividade da corporeidade e a presença do sagrado e das divindades.

Ao tratar a lei e o vazio da prática necessariamente pensa-se especificamente na Lei 10639/03, no conjunto da relevância dos direitos humanos em relação à cultura afro-brasileira e a educação com seus desdobramentos na formação social.

4.2.2 A Lei 10639/03 na escola e na sociedade

O avanço da história da educação, do movimento social e das lutas do povo negro no Brasil, inseridas no contexto da implementação da Lei 10639/03 no currículo escolar, mostram que as experiências feitas em coordenadorias, em escolas (corpo docente e discente), da real aplicação da temática e cumprimento da referida lei é um processo de construção de valores. A análise das redações e a valorização das figuras históricas do passado revelam a possibilidade de pensar a axiologia inserida no contexto histórico. Constata-se, porém, que há muito o que fazer para o resgate da historicidade e do reconhecimento de presenças tão significativas na construção de um outro referencial social. Há um vazio histórico da presença do negro e dos seus valores no processo educativo e esse se reconstrói a partir de modelos. Os modelos de personagens do passado são repensados como nas redações do capítulo evidenciando o protagonismo dos discentes e docentes.

A elaboração dessa Tese indica também a necessidade de reconhecer a contribuição efetiva que as lideranças das religiões de matriz africana oferecem para pensar as relações interpessoais e sociais a partir de valores presentes nestas comunidades religiosas, tema indicador de modelos atuais e de vivências concretas. A experiência religiosa dos afro-brasileiros contribui efetivamente para uma revisão de modelos educacionais elaborados historicamente. Esses modelos ratificados na história são entendidos como ferramentas intencionais que ocultaram o valiosíssimo sentido e significado da presença e atuação de agentes de transformação na sociedade. Os modelos instituídos são confrontados com a evidência de uma resistência que atravessou a história nos 500 anos de presença e teimosia próprias e características do negro no cenário racista e discriminador da sociedade brasileira.

A construção de novos paradigmas e padrões da educação brasileira considera necessariamente o processo social democrático de novas vozes e outros interlocutores. Trata-se do processo evolutivo e sua diversidade no contexto educacional de transformação da história brasileira, uma vez que inegavelmente a cultura e os valores impulsionam o processo educativo. Ao referir-se à lei explicitando como os profissionais da educação estabelecem sua relação com a questão, Souza e Cross (2007) evidenciam que a maioria dos participantes da equipe pedagógica (96%) afirma a importância de estudar a história e a cultura afro-brasileira e africana¹⁶⁰. Destaca-se que a referida afirmação só acontece depois de quatro anos de existência da lei. O como é feito e por quem revelam os novos atores sociais e as vozes emergentes de afrodescendentes.

A influência histórica que se realiza fora do espaço acadêmico a partir do movimento social e religioso indica o quanto estes contribuíram como conteúdo formador e acadêmico. É um fato inegável a evidência dos grupos e organizações sociais representativas com suas lutas para o reconhecimento da diversidade cultural, valorizando o referencial étnicorracial como elemento determinante para a elaboração de um novo conhecer.

O novo e o diferente são conteúdos afirmados nesta Tese a partir de práticas educacionais que consideram a história e a religiosidade africanas. Necessariamente entendem-se por novas vozes na luta pelos direitos humanos, pelo respeito e pela igualdade de raça, de expressões religiosas e de condições sociais. Este saber que se

¹⁶⁰ SOUZA, Ana Lucia Silva e CROSS, Camila. **Igualdade das relações étnico-raciais na escola. Possibilidades e desafios para a implementação da Lei nº 10.639/2003.** São Paulo: Petrópolis. AÇÃO EDUCATIVA, CEA Afro e CEERT, 2007, p. 34.

constrói nas práticas tem uma expressividade a partir da academia. Um reconhecimento e construção de conhecimentos tem sua relação com o conjunto da sociedade que é plural nas suas expressões identitárias, como se afirma na perspectiva histórica construída a partir de novos paradigmas.

Percebe-se hoje a urgência da elaboração do pensamento educacional em sua prática como possibilidade de abordagem teórica para construção de conteúdos no campo da educação inclusiva que considera a diversidade racial e cultural como direitos na educação.

Um diagnóstico de como os materiais e as formações chegam às escolas pode dar pistas importantes para o aperfeiçoamento deles. Como discutiremos em “Conhecendo as recomendações dos atores educacionais”, com informações extraídas da consulta, o conteúdo e a qualidade das formações são condições *sinequa non* para a implementação da Lei 10639/2003, e uma das frentes abordada é a que se refere ao uso dos materiais de apoio de forma que estes sejam de fato apropriados pela equipe pedagógica e demais trabalhadores da educação.¹⁶¹

O momento atual é marcado pelo tema da liberdade, desafio para o pensar direitos humanos diante das diversas contradições sociais. A diversidade cultural é tema de fundamental importância para construção da democracia e direitos de cidadania. A abordagem cultural em todos os tempos e lugares considera também elementos plurais.

No mundo inteiro tem-se assistido ao recrudescimento da intolerância racial e étnica e a manifestações xenófobas. Talvez, no caso brasileiro, tivéssemos que refletir profundamente sobre o que somos, como fomos formados, e como têm sido historicamente as nossas relações étnicorraciais. Mais que tudo, refletir sobre o preço que tem sido pago pelo ideal de nos apresentarmos como uma democracia racial sem o sermos de fato.¹⁶²

O modelo de educação institucionalizado na história do Brasil desconsiderou vários elementos do conhecimento e da cultura, da ética e dos valores, das expressões, da beleza, do encanto, da história e das expressões afro-brasileiras como herança cultural. Os projetos de formação e as políticas educacionais delimitaram manifestações e avanços das culturas ditas subalternas. O pensamento de alguns setores da sociedade brasileira coloca em questão temas que se desenvolvem nas escolas e que ao serem tratados na educação provocaram o surgimento de novas posturas e concepções. Estes lançam para a elaboração do conhecimento a necessidade de revisitar a construção histórica e perceber o

¹⁶¹ SOUZA. 2007, p. 60.

¹⁶² SILVA. 2009, p. 37.

protagonismo das negras e dos negros, a resistência no cenário sociopolítico de desenvolvimento de novas ideias, de novos conceitos e novos ensinamentos da cultura emergente.

A compreensão do pertencimento compromete a educação a considerar a diversidade cultural como uma grande contribuição para a formação brasileira. Essa diversidade quando assumida nos seus valores deixa de ser um problema, uma questão a ser encarada. O pertencimento torna-se elemento que agrega valores e reconhece práticas diferenciadas. Nesse reconhecimento cultura e religião de matriz africana necessariamente dialogam e favorecem a transformação da escola, e consequentemente da sociedade. A afirmação do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações étnicorraciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana contribui efetivamente para esse entendimento:

Sabe-se hoje que há correlação entre pertencimento étnicorracial e sucesso escolar, indicando, portanto, que é necessária firme determinação para que a diversidade cultural brasileira passe a integrar o ideário educacional não como um problema, mas como um rico acervo de valores, posturas e práticas que devem conduzir ao melhor acolhimento e maior valorização dessa diversidade no ambiente escolar. (MEC. SEPIR. 2009, p.7).¹⁶³

A atuação dos movimentos sociais e culturais em que há quebra do monopólio da educação, assim como as mudanças sociais e culturais, políticas e econômicas próprias da história do Brasil desafiam outros protagonismos na elaboração da cultura e do pensamento na defesa dos direitos fundamentais das negras e dos negros. Há possibilidade de construção cultural plural na realidade educacional e do diálogo intercultural como elaboração científica. Efetivamente este é o desafio para a elaboração do saber na universidade na contemporaneidade.

É papel da universidade abordar essa temática e pesquisá-la na construção educacional e cultural atual, frente ao tema do ensino diverso e plural que se quer para desenvolver o respeito e a valorização da dignidade deste povo afro-brasileiro. Este povo que tem história e identidade. Esta identidade foi ferida e desrespeitada nos seus valores, com tantas outras da mesma trajetória e mesmas raízes e lugar de pertença com suas tradições.

¹⁶³ PLANO NACIONAL DE IMPLEMENTAÇÃO DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS REALAÇÕES ÉTNICORRACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA. Brasília: MEC.SEPIR, 2009, p. 7.
<http://www.seppir.gov.br/arquivos/leiafrica.pdf> Acesso 10/11/2017.

4.3 Práxis educativa e desafios étnicorraciais

Uma educação pensada a partir da perspectiva de raízes afro-brasileiras deve necessariamente considerar os sujeitos sociais, seu lugar de pertença, suas tradições e suas atuações. Deve também considerar os desafios e as possibilidades de uma formação de quadros possíveis para a continuidade de conhecimentos e práticas dos valores referentes à cultura e à história do povo negro, buscando o reconhecimento e aceitação das diversas e diferenciadas expressões religiosas e culturais. Algo tanto quanto desafiador e extremamente exigente que demanda uma mudança de paradigmas, uma revisão de conceitos, assim como de posturas e comportamentos preconceituosos.

A retomada do texto a seguir, estudo realizado no ano de 2015, na formação oferecida por este Doutorado em Teologia com enfoque em Religião e Educação, apresenta-se como uma possibilidade, entre tantas outras, de apresentação de dados significativos para a construção de valores em educação, especialmente pela publicidade que o fato assumiu, assim como sua importância para os praticantes das religiões de matriz africana. Religião e Educação que se colocam num mesmo patamar, oferecendo elementos significativos para a construção de valores sociais e de respeito ao ser humano na sua liberdade no aspecto pessoal e também nas suas escolhas e representações.

Durante o período de elaboração deste conteúdo, aconteceu o incidente com a menor Kayllane. Este incidente não está isolado do contexto de intolerância religiosa e de tantos outros fatos ocorridos com lideranças religiosas. Neste texto, o acontecimento assume uma importância destacada, pelo fato de mexer profundamente com a infância, referencial educativo e motivador desta Tese, que se refere à construção de valores na educação. Destaca-se que a menina e suas tradições foram profundamente agredidas e literalmente apedrejadas. Cabe, de maneira clara, a reprodução deste conteúdo produzido em sala de aula, no PPG da Faculdades EST, no componente curricular *Religião e Educação na América Latina*. Este foi ministrado pelo Professor Doutor Remiu Klein,¹⁶⁴ no ano de 2015, no qual se destaca um enfoque evidente da necessidade de reconhecimento de valores e o seu devido respeito para a construção de uma sociedade que visualiza efetivamente a condição do negro e de sua trajetória histórica em que a sua religião se apresenta evidente na construção de valores. Entre eles, o respeito e a democracia que possibilitam a convivência e a aceitação do outro e do diferente.

¹⁶⁴ Nesta disciplina se evidenciou práticas educativas e a participação dos doutorandos foi marcada pela elaboração de trabalhos que destacavam inovações no processo educativo e seus desafios. O que segue relatado foi refletido na sala sobre a possibilidade de uma carta pedagógica.

Esta abordagem se insere na intenção de construir e valorizar o modelo pedagógico de construção de redações que permeia todo este trabalho. Agora, porém, como redações da vida. Fato evidente que desafia a construção de conteúdos e a reflexão sobre o que já se tem construído na história. Eis o texto resultado do cotidiano de uma sociedade que precisa aprender muito na convivência respeitosa com o outro. “Kayllane redações da vida e do cotidiano” desafia a repensar as práticas e os consentimentos que o cotidiano possibilita com vidas e trajetórias, as expressões de religiosidades e a cultura, o passado e o futuro, a ancestralidade e a resistência.

4.3.1 Kayllane, redações da vida e do cotidiano

“Atirar pedras ou tirar valores”

Essa carta se inspira na necessidade de trazer para vocês, estudantes do ensino médio e para o sistema educacional, a partir do Ensino Religioso, o desejo, a necessidade de pensar e tomar conhecimento da importância da menina Kayllane da Vila da Penha, no Rio de Janeiro.

É importante uma menina, com esse nome e vindo desse lugar? Vocês podem até perguntar... Se fizerem um pouco de memória vão lembrar e outra pergunta pode vir: É aquela que foi apedrejada? Podem até perguntar mais: O que ela tem em relação à educação? E quem quiser seguir com perguntas... Tantas quantas procuraremos responder.

Sim, falando dela... Aquela menina negra, Kayllane, que caminhava livremente pela Avenida Meriti junto com sua Avó, sua Mãe de Santo e seus Irmãos de Santo, no dia 14 de junho. Vinham de uma festa de iniciação de mais um filho da nação Angola. Da festa... para o tormento. Interpelados por dois homens foram agredidos com insultos e palavras de baixo calão que afirmam que eram “filhas do Diabo e que tinham que queimar na fogueira e que deveriam se entregar a Jesus”.

Isso nos lembra, nos faz pensar muito nos tantos negros e negras que sofreram insultos, ultrajes e maus tratos durante a história do Brasil. Gente de resistência que nos deixou um legado, que não sucumbiu.

Nossa história nos ajuda a entender que agressão, violência, discriminação não devem fazer parte da nossa educação. Kayllane foi apedrejada quando saía de uma festa.

Claro, uma festa religiosa. Todos nós temos direito de ir a festas religiosas, vivenciar a nossa fé. O fato é que por intolerância, desrespeito à liberdade religiosa atiraram nela, não aquelas pedrinhas de estilingue, das nossas antigas atiradeiras com as quais brincávamos quando estávamos nos divertindo. Ao contrário, foi uma pedra com 2.700 kg (dois quilos e setecentos gramas), carregada com o peso do ódio. Foi na direção dela e certamente essa é uma intenção clara de matar.

Isso não queremos com a educação: ensinar a odiar e a matar!

Acertou sua cabeça, e nós sabemos a importância da nossa cabeça para pensar diferente, para raciocinar, para construir novas ideias. E para as religiões de tradição africana a cabeça tem um significado muito importante.

Vivemos numa sociedade em que para crianças negras de religiões de matriz africana isso é um indicador de que elas não podem pensar, raciocinar, sentir e sequer festejar.

Será que vão continuar a apedrejar? Eu que agora pergunto. Estou pensando em valores e muito mais. Cabeça é conhecimento. O corpo deve ser respeitado. Elas não podem expressar suas ideias e seus ideais religiosos e culturais na nossa sociedade? Quero perguntar mais, e cada um pode se perguntar tanto mais. A cabeça que foi ferida é a fonte do conhecimento e nela foram atingidas tantas cabeças e formas de pensar e sentir. Estando nós no tempo da construção de conhecimentos e valores em educação, precisamos pensar sobre isso.

Eu participei de dois momentos tão importantes, em que nossos alunos do ensino médio da Escola Recanto do Fazer e os alunos do Colégio Estadual Califórnia escutaram lideranças religiosas sobre esse assunto. Rede privada e rede pública dialogaram com os Babalorixá Ivanir dos Santos e Pai Yango que trazem para nós um grande ensinamento sobre o respeito às tradições da cultura e religião de matriz africana. No relato dos dois fica claro o ensinamento importantíssimo para nós: “Kayllane ao receber a pedrada sofre um mal estar e uma confusão na hora, Kayllane entra em desespero quando se vê ensanguentada e nesse momento seu Nkisi no qual fora iniciada Telê Kumpenso entra em transe toma seu corpo até que a mesma seja levada ao hospital, neste momento com a preocupação de salvar a menina Kayllane.” (Relatado pelos babalorixás - registrado no jornal Agen Afro, Ano 3, nº 4. Revista de tradição, religião e cultura afro-brasileira).

Entende-se que o testemunho deles e o debate que a sociedade estabeleceu trazem para escola um grande ensinamento do respeito aos valores da criança religiosa, de

respeito à cultura afrodescendente, especialmente de reconhecimento quanto ao que as religiões de matriz africana têm para oferecer à sociedade brasileira e, fundamentalmente de salvaguardar, não somente Kayllane, mas o que ela representa, uma lição de respeito à criança, à religiosidade do povo negro, ao povo afro-brasileiro, à cultura e à tradição do outro.

Kayllane é mais uma das tantas vítimas, e também protagonista como tantos na história do povo negro do Brasil que nos ensinam e nos recordam valores essenciais para uma educação libertadora dos preconceitos, do racismo e da discriminação.

E cabem mais perguntas, as quais você pode responder se são atuais ou vêm de muitos anos de história: Trata-se de atirar pedras ou de tirar valores educativos dessa raiz cultural ou dessa tradição religiosa? Podemos assumir esse tema na nossa formação escolar e humana ou fingir que isso não aconteceu e acontece?

Essa lição deve nos fazer refletir a intolerância que existe e pensar uma cultura da liberdade religiosa e da paz.”¹⁶⁵

4.3.2 Outra forma de educar com “Kayllanes”

Efetivamente, Kayllane como tantas outras crianças, que são de religiões de matrizes africanas não são respeitadas na sua escolha e na sua dignidade, assim como no seu processo de iniciação e de inserção dentro das tradições e conhecimentos da sua religião. A partir dessa constatação se apresentam algumas possibilidades, alguns indicadores que ajudam a considerar e até mesmo confrontar uma prática consolidada de desmerecimento e de desrespeito à riqueza de experiências e de conhecimentos que determinada construção histórica e cultural oferece para o conjunto da educação e da formação social.

Pode-se, a partir do que oferece esse texto, assim como o fato relatado, entre tantos outros que ocorrem no cotidiano de meninos e meninas de religião de matriz africana avaliar, efetivamente, quantas crianças nessa situação são desrespeitadas dentro do espaço escolar e mesmo fora da escola, no prolongamento de suas vidas e suas atividades.

¹⁶⁵ RIBEIRO. Obertal Xavier. Aula de 06 de novembro de 2015. Faculdades EST, na disciplina de Religião e Educação na América Latina, ministrada pelo Professor Doutor Remi Klein, dia 06 de novembro de 2015.

É urgente para a construção de outra cultura cultivar-se outra forma de educar, lançar um olhar crítico para a realidade e a evidência de uma educação que historicamente não considerou e ainda não considera suficientemente os seus valores, suas tradições, suas expressões, suas indumentárias com seus significados e representações, seu jeito de ser e se comportar, enfim, seu jeito de ser e de se apresentar na sociedade.

Certamente deve-se pensar que toda dificuldade se coloca na perspectiva da aceitação do diferente e do outro. O valor significativo da convivência é, sem dúvida, a alteridade, esta que deve ser tomada seriamente ao tratar de questões educativas e afro-brasileiras.

Quantas agressões foram construídas, ensinadas e feitas dentro desse período histórico que vivemos, que tem a duração de 500 anos, da história do povo negro no Brasil. O texto relatado foi refletido no mês de novembro do referido ano e provocou muitas reações nos grupos sociais e religiosos que lutam pela liberdade religiosa; porém, a questão se projeta para anos de prática educativa. Nesses anos todos passados da história do Brasil, quanto se construiu de discriminação, de desrespeito e de desvalorização da história e cultura do povo negro.

No capítulo dois desta Tese, que considera o aspecto religioso e educativo a partir dos 500 anos da tradição luterana, sugere-se pensar que surge um clamor de reconhecimento da necessidade de uma outra educação libertadora com elementos de valores religiosos cristãos. O paralelo histórico com a realidade do povo negro também sugere pensar nas abordagens com conteúdos que ofereçam elementos de historicidade e de africanidades e que valorizam as expressões culturais e religiosas desse povo para construção de uma educação diferenciada e inovadora. É necessário diante dessa evidência reconhecer a possibilidade de elaborar práticas que levem para dentro dos seus conteúdos a historicidade, o reconhecimento e o respeito por identidades da história passada e da atualidade.

A outra forma de educar deve reconhecer que a menina Kayllane chama a atenção da escola e da sociedade, porém, tantas outras “Kayllanes”, meninas e meninos, com seus nomes e identidades, e tão vítimas quanto a que o texto refere estão dentro e fora das salas de aula, e também devem ser para a atualidade da educação outros e diferenciados referenciais para a construção de uma educação contextualizada e libertadora. Oferecem elementos e conteúdos para uma axiologia, para uma tomada de posição na construção de valores a partir das formas educativas, da história de resistência do povo negro, de suas

tradições religiosas e de suas crenças. Estas formas educativas podem ser apresentadas em cartas.

4.3.3 O legado da Carta e de Kayllane

A carta é um instrumento pedagógico que exige pensar sobre o que alguém diz e pede resposta. A carta de Kayllane se apresenta como uma possibilidade de um instrumento pedagógico que pode se constituir como abertura para o exercício do diálogo. Por isso, referir-se às cartas pedagógicas implica referir-se ao diálogo em todos os tempos, seja em Paulo Freire, seja para outros educadores:

Não é por mero acaso que Paulo Freire tem cinco obras em cujos títulos aparecem a palavra "carta", a saber: Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo. 1.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra 1977; quatro cartas aos animadores e as animadoras culturais. República de São Tomé e Príncipe: Ministério da Educação e Desportos São Tomé 1980; Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'água, 1993; Cartas a Cristina. 1. ed. Paz e Terra 1994 e Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos, São Paulo Unesp 2000. Além disso, é possível verificar as belas cartas que Paulo Freire escreveu para distintas pessoas estão publicadas por Nita Freire em sua obra Paulo Freire: uma história de vida (São Paulo: Vila das Letras, 2006).¹⁶⁶

Um questionamento, entre outros possíveis, se torna pertinente para a educação e o conjunto da sociedade com a Carta de Kayllane: Quais serão as próximas perguntas a respeito de Kayllane e outras tantas Kayllanes da Educação? O debate que a sociedade estabeleceu e que se estabelece com essa Tese, assim como com tantos setores da educação e da sociedade, traz para a escola um grande ensinamento sobre o respeito aos valores da criança que carrega consigo uma tradição religiosa de seus antepassados e de seus ancestrais. Esse ensinamento que se faz presente no cenário nacional, porém que sofre resistências e até embates. Trata-se de pensar e considerar com o devido respeito a cultura afrodescendente, especialmente ter o reconhecimento do quanto as lideranças e os praticantes dessa religiosidade são significativos e expressivos. Trata-se também de considerar o número incontável de valores históricos herdados, muitos deles desconhecidos e desconsiderados, mas que se reconstruam na trajetória de lutas e resistências na contemporaneidade. Seja no passado pelos grandes vultos da história a

¹⁶⁶ STRECK, Danilo; REDIN, Euclides e ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p.65.

exemplo dos que são citados neste conteúdo como João Cândido e Luiza Mahin, como os de hoje, a saber, Kayllane e os redatores dos conteúdos das redações do capítulo um, com seus respectivos orientadores e orientadoras. Fica evidente que a história e a cultura do povo negro relacionadas com as tradições das religiões de matriz africana têm muito para oferecer à educação e à sociedade brasileira na atualidade e com os fatos evidentes.

Fundamentalmente, se faz necessário salvaguardar, não somente Kayllane, mas o que ela representa no presente e na perspectiva do futuro da sociedade e das relações de dignidade humana e direitos de cidadania. Fica neste acontecimento uma lição de respeito à criança, à religiosidade do povo negro, ao povo afro-brasileiro, à cultura e à tradição do outro, do diferente que tem raízes profundas e que seus frutos estão sendo colhidos numa formação humana diferenciada. Tudo isso promove a construção da igualdade racial, elemento fundamental para uma sociedade democrática e de respeito às instituições religiosas e aos seres humanos na sua liberdade de crença e profissão de sua fé e de suas práticas de religiosidade.

A menina negra e candomblecista Kayllane é mais uma, entre tantas outras vítimas do preconceito racial e da intolerância religiosa. Porém, se apresenta como outras crianças já mencionadas e reconhecidas como protagonista na história do povo negro do Brasil. Como estas das redações que ensinam e recordam valores essenciais para uma educação libertadora dos preconceitos, do racismo e da discriminação.

Considerando o estilo do texto com perguntas significativas, abre-se o horizonte de outras perguntas a respeito de sujeitos atuais vitimados e protagonistas. E cabem mais perguntas, as quais as pessoas interessadas em uma outra educação e outro modelo de sociedade podem e devem responder, pois são atuais ou vêm de muitos anos de história, da qual fazem parte e constroem juntos. Trata-se ainda hoje da sua pertinência para sujeitos do tempo atual. Afinal, é de se atirar pedras ou de tirar valores educativos dessa raiz cultural ou dessa tradição religiosa?

O Legado da Liberdade se ampliou, passou a acontecer de um novo referencial histórico, na Avenida Meriti. Passou a ter novo significado para novos sujeitos, para a família dela, sua avó e para sua mãe de santo com seus irmãos de santo. O que mudou de 14 de junho para a atualidade próxima, ou ainda, os resultados possíveis dentro da educação a partir da carta escrita em novembro, se inscrevem no processo histórico de valorização da dignidade do povo negro e da sua identidade, como a dos outros grandes personagens que foram estudados na elaboração das redações do Projeto Camélia da Liberdade. Nesse sentido, a carta não trata de um privilégio, mas do reconhecimento de

outras possibilidades de cartas pedagógicas, assumindo a linguagem freireana, onde tantas cartas e tantos escritos de alunos e alunas, professores e professoras contribuem como instrumentos formadores e questionadores para a construção de valores libertadores no contexto da Educação. Como escreveu estudiosos da obra de Paulo Freire:

A carta, como instrumento que exige pensar sobre o que alguém diz e pede resposta, constitui o exercício do Diálogo por meio escrito. Por isso, referir-se às cartas pedagógicas implica referir-se ao diálogo, um diálogo que assume o caráter do rigor, na medida em que registra de modo ordenado a reflexão e o pensamento, um diálogo que exercita a amorosidade, pois só escrevemos cartas para alguém, de alguma forma, nos afeta, nos toca emotivamente, cria vínculos de compromisso.¹⁶⁷

Aprofundando os valores, um deles que se destaca para o povo de tradições africanas e na história de resistência é a festa. Historicamente foi negada essa expressão e se construíram muitos valores familiares e de grupos ao redor dos momentos festivos. E justo numa situação de festa, como tantas outras situações passadas na história, o que Kayllane encontrou foi repressão e sofreu duramente na pele suas consequências, assim como também sofreram seus antepassados e ancestrais. A indagação que decorre é sobre a quantidade de festas que foram possíveis para o Povo de Santo. É preciso pensar como guardar a memória formativa de tradições religiosas, que na verdade garantia a identidade e a resistência. Contextualizar a força com a qual foi possível serem frequentadas e realizadas de forma pacífica, muitas das vezes escondidas. É inevitável ter de reconhecer e afirmar o quanto se preservou de respeito e consideração em relação à memória e à tradição dos antepassados e dos ancestrais como garantia de resistência e de identidade. A festa no caso se tornou um tormento. Somente pela educação se pode recuperar e continuar sendo alegria. A agressão escrita “filhos do diabo e a referência a queimar na fogueira” se refaz como um retorno à Idade média e a grande intolerância religiosa da Inquisição.

Considerando a relação que se estabelece entre os dois fatos históricos relevantes dos 500 Anos de Lutero e os 500 Anos da presença dos Negros Africanos no Brasil cabe ao tema central desta Tese questionar sobre a quantidade de “Reformas Religiosas” a serem feitas para rever a concepção de práticas religiosas, não em relação ao protestantismo, mas em relação às religiões de matriz africana. Reafirma-se que entre tantos resultados positivos para a sociedade está o fato de ter mexido estruturalmente na

¹⁶⁷ STRECK. 2010, p.65.

educação. Religião e Educação que se encontram num processo de reconstrução social e que são sinalizadores para o momento atual no modelo de sociedade e conseqüentemente de educação brasileira. Reformas serão ainda necessárias. Não só a protestante, mas também de outras tantas religiões e outras consciências religiosas e lideranças e até mesmo na formação educacional para que se possa atingir um grau de sociabilidade em que não seja necessário escutar esse tipo de afirmação, submeter-se a esse sistema agressivo, excludente e opressor. Em quantas direções mais serão atiradas pedras? Com que peso serão escolhidas para golpear e agredir as tradições das religiões de matrizes africanas naquilo que tem de mais sensível e precioso?

Diferentemente e de maneira afirmativa se coloca como imperativa a retomada da evidência dos vultos históricos e da sua visibilidade, assim como o seu reconhecimento na dinâmica da construção da igualdade racial e do respeito à dignidade. É preciso historicizar Kayllane, como João Cândido e como Luísa Mahin no contexto da educação frente a uma série de desafios no cotidiano social e educacional como este relatado.

Destaca-se na construção desse texto o desrespeito à cabeça, como sinal do conhecimento, mas também o corpo que é a essência da sua sensibilidade. Fica evidente neste contexto do ocorrido com Kayllane e em tantos outros fatos recorrentes, que os praticantes das religiões de matriz africana não podem expressar suas ideias e seus ideais religiosos e culturais em uma sociedade que não respeita os seus conhecimentos e sua sensibilidade. É evidente a relação estabelecida com a natureza humana ao pensar a corporeidade e o ser negro que historicamente foi escravizado e usado de maneira desrespeitosa. Desvalorizado e até mesmo manipulado e muitas vezes ridicularizado, além de ser tornado e apropriado como mercadoria de comércio e até mesmo de uso e abuso. Resistindo tanto na sua essência quanto no seu corpo, assim como as expressões das tradições perduraram e transmitem como valores, esses ameaçados não mais a chicotadas como no passado, mas agora com requinte de crueldade com pedradas.

Reconhecido na sua essência é necessário afirmar que existem cabeças pensantes dentro das escolas e que essas também estão sendo apedrejadas. Cabeças de educadores e educadoras sensíveis que podem pensar a questão do povo negro, da sua religiosidade, de suas tradições, de suas expressões e da sua sensibilidade.

O registro feito no jornal Agen Afro¹⁶⁸ traz um ensinamento importantíssimo sobre as religiões e a cultura africana que vai sendo desenvolvido em práticas educativas. De uma forma clara aparece nesse texto a fim de oferecer elementos que necessariamente devem perpassar o conhecimento escolar, pois estão na vida e no cotidiano do povo negro, que projeta valores importantes para a construção de uma sociedade que tem sua história marcada por suas tradições e crenças.

O protagonismo de Kayllane está evidente na sua escolha de vida e no cenário apresentado na publicação onde seus acompanhantes são descritos e assumem um papel determinante, sofrendo e reagindo. Esta Tese se coloca no plano comum das personagens estudadas nos textos dos alunos, assim como transparece em tantos outros protagonismos das salas de aula, que precisam ser descobertos e visibilizados para o combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação.

A Carta Educativa que se inspira no propósito de Paulo Freire com suas Cartas Pedagógicas, este que é um referencial teórico algumas vezes mencionado no capítulo um, provoca e propõe a pensar sobre a intolerância que existe na sociedade e quanto isso se reflete na formação escolar e na construção social educativa. Coloca-se na perspectiva de considerar o tema tão urgente e contemporâneo da liberdade religiosa e da cultura da paz, que conseqüentemente se apresenta como conteúdo possível para efetivamente se realizar a construção de valores na educação, uma Axiologia com um novo paradigma e uma nova epistemologia. Esta que deverá considerar alguns saberes importantíssimos para uma visão esclarecida, que segue apontada em alguns de seus valores e fundamentos.

4.4 Valores educativos na cultura e na escola da vida

A Tese considera que os valores educativos estão na cultura e na escola da vida e toma como ponto de partida a família e a casa. Estes são os espaços e os lugares de fundamental importância para o cultivo da educação diferenciada e de uma cultura muito particularizada com tradições e costumes próprios. A família e a casa agregam conteúdos formativos para a educação como o primeiro espaço de iniciação na construção de valores para a sociedade. As religiões de matriz africana conservam essa expressividade e valorizam nas suas relações o espaço da casa e da família religiosa que definem uma

¹⁶⁸ AGENAFRO: Pagina de divulgação de eventos afro brasileiros (cultural, político, social e ritualísticos). www.agenafro.yoruba.com.br.

abordagem da estratificação social original e diferenciada. Na religião os papéis são bem definidos pela Mãe de Santo, que tipifica a prática do ensino e o papel formativo que as tradições assumem culturalmente na formação humana. A ação e a postura de zeladoras e zeladores se destacam como modelos e exemplos formadores. Isso certamente indica valores para o conteúdo escolar.

4.4.1 A família e a formação cultural

Sabe-se que existem várias nações que vieram da África, cada uma com dialetos, costumes, cargos e culturas próprias herdadas de tradições ancestrais que ao chegar ao Brasil foram preservadas, tendo uma linguagem própria. As nações foram formadas pela preservação da cultura tradicional de onde vieram. Os negros e as negras, ainda que dispersos apesar da imposição religiosa do cristianismo, carregavam consigo tradições e fundamentos ancestrais que resistiram à força do tempo e foram conservados na cultura e na religião:

As principais nações que aqui chegaram foram a bantu, a ioruba e a fon, que compreendem países, cidades e etnias. Outras vieram também, mas foram incorporadas, esquecidas ou extintas, devendo os estudiosos ou os antropólogos tentar recuperar estes conhecimentos, tradições e fundamentos para subsídios futuros.¹⁶⁹

As nações africanas, apesar de fragmentadas e diante de condições históricas de desencontros, foram capazes de se irmanar. Elas conservaram o que tinham de mais precioso, a identidade familiar. O elemento do encontro humano foi garantido pelas tradições religiosas. Deixaram para a humanidade uma lição de vivência de valores aproximativos diante da diversidade de culturas que se adaptaram e criaram alternativas de vida e de sociabilização novas. Conseguiram vivenciar e produzir um conjunto de valores religiosos próprios garantindo a identidade cultural e a referência com a tão distante, porém, efetivamente próxima e possível “Mãe África”.

Com a vinda dos escravos para o Brasil, das várias partes da África Oriental, Ocidental ou Equatorial, estas Nações e os grupos étnicos fragmentaram-se. Porém, se em suas terras os iorubás e fons eram inimigos, no Brasil tiveram que se irmanar para se oporem aos seus opressores. E também para poderem dar continuidade às suas religiões. Na necessidade de encontrar a sua

¹⁶⁹ KILEUY, Odé & OXAGUIÃ, Vera de. **O candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon.** Organizador Marcelo Barros. Rio de Janeiro: Pallas, 2014, p. 36.

identidade, procuraram se unir e foram se adaptando e criando novas características.¹⁷⁰

O novo conjunto de valores religiosos próprios foi aos poucos garantindo, resgatando e reconstruindo os fundamentos da religião tradicional. As características dessa resistência foram alicerçadas na identidade cultural que possibilitou perpetuar sua historicidade afro-brasileira, marcada por uma religião única, tradicional e tão antiga tornando-se assim um só povo que se expressa nas religiões de matriz africana no Brasil.

Produziram assim um conjunto religioso próprio, mas sem perder os fundamentos da sua religião na África. Adaptações foram feitas para evitar que se perdessem séculos de uma religião única, pura como a natureza, tradicional e tão antiga como, talvez, os primeiros habitantes da Terra. Uniões sedimentaram-se e, hoje em dia, não existe mais uma só nação no Brasil que seja pura e primitiva como quando aqui chegou.¹⁷¹

A importância da tradição se faz evidente na compreensão do sentido da constituição da família. A história das nações e sua ancestralidade foi um valor formativo de grande importância que se conservou para a cultura religiosa do candomblé.

A família reunida na casa é o modelo de organização social que oferece a possibilidade para compreender a forma como as nações se uniram para resistir. As nações ligadas pelo sentimento de familiaridade e centradas na prática da religião dos antepassados e ancestrais foram capazes de desenvolver os princípios fundamentais da formação humana nas casas de candomblé. A organização da vida social em torno da família se tornou elemento importante identitário desta formação cultural, que oferece elementos de fundamental significado para entender a resistência, e consequentemente garantir a identidade, com todos os valores expressivos para processos educativos e para a formação da sociedade brasileira.

Na abordagem da religião e das religiosidades que segue, a escolha das informações e da linguagem se concentram na tradição Ketu. Considera-se neste sentido aspectos relevantes indicadores da importância da identidade e da prática religiosa de matriz africana, especificamente do Candomblé, que oferecem elementos formativos e de tradição que se conservam e são transmitidos de uma maneira própria, única e característica, reveladora de uma dimensão de educação.

Encontram-se nestas abordagens a evidência de uma prática religiosa e social que oferece conteúdos expressivos e significativos para a formação humana e a construção de

¹⁷⁰ KILEUY. 2014, p. 37.

¹⁷¹ KILEUY. 2014, p. 36-37.

valores na educação. Estes valores serão enumerados e descritos evidenciando sua originalidade e coerência na formação do processo cultural e religioso, assim como social e educativo.

4.4.2 A centralidade das relações educativas na casa

Uma dentre tantas outras, de relevante expressão e significado para o candomblé é a casa e a família, nelas a expressão da centralidade está no modelo que se destaca na figura da mãe e do pai de santo. Figuras que representam uma identidade hierárquica de tradição e ancestralidade. Como numa casa com suas relações bem definidas, a família na qual os filhos de santo, a mãe e pai são lideranças daquela casa, os seus filhos são reconhecidos como irmãos de santo. Pelo fato de que essas lideranças são iniciadas por outra liderança comum em algum momento de sua história religiosa, conseqüentemente terá também irmãos de santo. Esta posição de liderança é reconhecida como Zeladora ou Zelador e tem laços que se estendem e criam relações significativas de ancestralidade e parentalidade, de respeito e de reconhecimento. Assim dentro do candomblé além da mãe e do pai de santo, tem também tia e tio de santo, avó e avô de santo e os irmãos e as irmãs, ainda têm um sobrinho ou sobrinha de santo, estes são os filhos de um irmão ou irmã iniciado que já tenha casa de santo aberta.

As casas de candomblé podem ser consideradas matriarcal, patriarcal ou mista: muitas são dirigidas continuamente somente por Iyalorixás; outras, somente por babalorixás. Existem também aquelas que são dirigidas pelos dois tipos de sacerdotes, dependendo da determinação do Jogo de Búzios, ou, até mesmo, em determinadas situações, por certos cargos de ogã.¹⁷²

As relações de afinidade familiar apresentam também um modelo de organização social marcado pela hierarquia baseada no tempo de iniciação em que o irmão mais novo deve obedecer ao irmão mais velho e o mais velho tem obrigação de orientar e ensinar o irmão mais novo:

Ao ar livre temos os orixás que vivem no "tempo", ao pé de grandes árvores sagradas, como Ossâim, Bessém, Tempo, Iroco e outras divindades. Em um passado já longínquo, as roças de candomblé possuíam ainda um outro espaço também sagrado, as matas, onde se colhiam as folhas e se plantavam as árvores sagradas, próprias para os atos litúrgicos. Possuíam, muitas vezes, também

¹⁷² KILEUY. 2014, p. 42.

pequenos regatos de águas limpas. Com o crescimento das cidades, poucas casas, atualmente, contam com este espaço tão necessário para a realização das cerimônias religiosas. Mas o ser humano é multifacetado e conseguiu, aos poucos, sobrepôr-se aos novos obstáculos à realização dos seus cultos.¹⁷³

Na roça de candomblé o princípio da igualdade norteia as relações, todos são iguais diante da riqueza da natureza e da criação. Em situações de cidade, a igualdade se revela nas relações em que a formação social não interfere em nada dentro da roça, pois todos são irmãos. O que realmente se destaca é a idade de iniciação, quanto mais velho for o iniciado ou a iniciada maior será sua responsabilidade e, quanto mais novo for o praticante da religião, maior tem que ser a sua obediência para com os mais velhos.

4.4.3 A estratificação social

Um fato relevante na dimensão social se percebe na valorização do ser humano frente ao modelo de estratificação que a sociedade apresenta. É significativo o diferencial nas relações de terreiro, pois quando existe uma pessoa que não é alfabetizada e mesmo que sua condição econômica seja desfavorecida, ela continua sendo reconhecida e valorizada na sua função religiosa e no lugar que ocupa no grupo. Diante desta condição o seu valor é muito bem reconhecido. O seu reconhecimento dentro das casas de candomblé é muito importante, porque ela tem conhecimento e sabedoria. A fonte dessa sabedoria é adquirida através da tradição religiosa deixada pelos seus ancestrais transmitida pela oralidade.

A valorização do ser humano e da sua representatividade religiosa é possível por causa da essência da sua identidade e da sua representação sócio-religiosa, e também do destaque que este assume na sua condição representativa dentro da hierarquia. Se esta pessoa por acaso for uma empregada doméstica, um gari, ou exerça outra atividade e profissão, que socialmente e economicamente seja pouco valorizada na sociedade, ou seja, subalterna, isso não importa, pois dentro do Candomblé o que se destaca e tem valor profundo é o tempo de iniciação. O iniciado mais velho é valorizado enquanto representante e portador de conhecimentos e saberes herdados através da tradição:

O Candomblé nunca foi uma religião de ignorantes. Nossos antepassados eram analfabetos, mas não eram ignorantes, e tudo que puderam fazer para que o

¹⁷³ KILEUY. 2014, p. 43.

culto sobrevivesse foi feito. Devemos a eles, que com sabedoria disfarçaram o culto para que este fosse transmitido aos seus descendentes, o fato de hoje podemos louvar livremente nossas Divindades.¹⁷⁴

As lideranças religiosas preservam saberes que transmitem por ensinamentos, alicerçados numa disciplina com a qual educam seus filhos e filhas na casa religiosa e que deverão ser reconhecidos como valores formativos, portanto devem ser respeitados pela sociedade.

Enquanto na sociedade esta pessoa é desvalorizada, menosprezada e colocada à margem, nas religiões de matriz africana independente do lugar que ocupam na sociedade sempre será valorizada por seus saberes e costumes adquiridos cultivados através da religiosidade. Diante disso, pelo que representa no significado de sua identidade, esta é reconhecida, respeitada e distingue-se por sua experiência.

4.4.4 Os saberes de uma Iyalorixá da Baixada

O papel social relevante que Mãe Beata¹⁷⁵ exerceu na Baixada Fluminense e o que ela representa para o Brasil é uma prova clara do lugar que a religião de matriz africana ocupa na construção social brasileira e nos próprios modelos de sociedade democrática.

¹⁷⁴ ARAÚJO, Heraldo Sanches de. (Doté Heraldo de Xagô) **O candomblé e seus ritos. Mistério ou desconhecimento?: Divindades quem conhece ama.** Rio de Janeiro: H. S de ARAÚJO, 2005, p. 91.

¹⁷⁵ 27/05/17 11:24 Atualizado em 27/05/17 11:35

Mãe Beata de Iemanjá, ialorixá, escritora e militante social, morre aos 86 anos

Morreu neste sábado a ialorixá, escritora e militante de Direitos Humanos Beatriz Moreira da Costa, a Mãe Beata de Iemanjá, aos 86 anos. A família não divulgou a causa da morte. No próximo dia 7, Mãe Beata iria receber a Medalha Tiradentes da Alerj, através de um projeto do deputado Marcelo Freixo (PSOL). O parlamentar disse que a cerimônia de entrega da medalha vai ser mantida.

— Ela é um símbolo muito forte para a história da cidade, enquanto mulher e liderança religiosa. A gente quer aquilo que ela representou: o encontro da diferença, da superação. Que suas lições fiquem para um Rio melhor — assinalou Freixo.

Nascida em Cachoeira, no Recôncavo Baiano, a sacerdotisa chegou ao Rio de Janeiro em 1969 e escolheu a cidade para viver e criar os quatro filhos. Além do terreiro de candomblé Ilê OmiOjuArô, fundado há 32 anos no bairro Miguel Couto, em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, a ialorixá era militante social. Desenvolveu e participou de atividades de combate à intolerância religiosa, à discriminação racial e de gênero, à violência contra a mulher, de prevenção das DSTs/HIV/Aids e câncer de mama, e de defesa do meio ambiente.

Seu terreiro foi Ponto de Cultura com oficinas de dança, música, artes e geração de renda. Lá, a sacerdotisa tinha planos de construir uma biblioteca. Mãe Beata também era presidente da Ong Criola (organização de mulheres negras que atua contra o racismo e o sexismo) e integrante do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher – CEDIM e conselheira do Projeto Até Ire – Saúde dos Terreiros e também da Ong Viva Rio.

Escreveu os livros "Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros", "Histórias que minha avó contava", "Tradição e Religiosidade", "O Livro da Saúde das Mulheres Negras". O sepultamento será às 16h45 deste sábado no Cemitério de Nova Iguaçu.

<https://extra.globo.com/noticias/rio/mae-beata-de-iemanja-ialorixa-escritora-militante-social-morre-aos-86-anos-21402898.html/Acesso30/05/2017>.

Isso reconhecido publicamente por setores representativos da sociedade, como está descrito na reportagem do jornal de grande circulação no Estado do Rio de Janeiro.

A sua função religiosa e o lugar de centralidade que ela ocupou na religião possibilita afirmar a importância dos valores religiosos desta figura. O seu protagonismo na relação de mãe, que estabelece com as filhas e os filhos é o indicador de elementos formativos de valores para educação e para a continuidade com aquilo que outros fizeram como Luísa Mahin no passado, apresentado nas redações do capítulo um. A relação com filhos e a afirmação da identidade e compromisso social são comuns nas duas mulheres e outras figuras históricas, e podem ser lidos como conteúdos formadores e educacionais.



Imagem 08 - Mãe Beata de Iemanjá ¹⁷⁶

O Candomblé, as religiões de matriz africana oferecem elementos formativos com uma propriedade original, com uma dinâmica pedagógica criativa de oralidade e uma didática nas relações interpessoais que é considerável como de fundamental importância para a conservação dos valores da tradição presentes na ancestralidade e no cotidiano das casas de santo e dos terreiros. A originalidade, a dinâmica pedagógica e a didática descrita do candomblé podem penetrar o espaço educativo.

¹⁷⁶ <https://br.images.search.yahoo.com/yhs/search> Acesso 20/05/2018.

O texto apresenta uma evidência da condição social de negras religiosas e negros religiosos e o sentido do respeito e consideração ao outro no lugar de educadora assumido a partir da sua prática religiosa. A grandeza de Mãe Beata, uma mulher que viveu sua religiosidade em Miguel Couto na periferia de Nova Iguaçu é descrita no livro de Stela Guedes Caputo ao tratar a educação nos terreiros. A autora oferece informações relevantes sobre a Iyalorixá em que a sua origem social se descreve com clareza e também se destaca a sua sabedoria. O lugar que ocupa dentro da religião e da sociedade fica evidente, assim como o legado que fica para a educação, mesmo após sua morte.

No Rio de Janeiro há mais de 30 anos, Mãe Beata já foi cabeleireira, costureira, fez curso de teatro amador, trabalhou em teatro, na Rede Globo como costureira e também atuou como figurante em várias novelas (Cabana do Pai Tomás, Verão Vermelho, Bandeira Dois, Meu Primeiro Amor). "Era figurante, mas era avançada", lembra-se. Aposentada como costureira pela Globo, atualmente é escritora, com vários livros lançados, entre eles Carço de Dendê - a sabedoria dos terreiros, publicado pela Pallas Editora, em 1997. Além disso, a Iyalórisà escreve cordel poesia e música.

Mãe Beata tem muito orgulho em dizer: "Sou filha carnal de Maria do Carmo, uma mulher negra, e minha família de santo tem Olga de Alaketu como figura central. Sou a única Iyalórisà descendente direta de africanos, da família Aro, em Ketu." E foi essa descendente direta de africanos que fundou, no dia 20 de Abril de 1985, o Ilê Omiojuaro¹⁷⁷. É a própria mãe de santo quem me conta o significado do nome de sua casa. "Ile é casa, Omi é água, Oju significa olhos ou cara e Aro, a família da qual sou descendente", explica.¹⁷⁸

A informação oferecida é importante na medida em que a própria mãe de santo apresentou sua identidade e revela valores da tradição e de ensinamentos próprios da prática cultural e religiosa a qual pertence. Estes conhecimentos que assumem na contemporaneidade valores formativos de grande importância penetram o espaço universitário como afirmado pelo Doté¹⁷⁹ Heraldo de Xangó:

Os Templos de Candomblé atualmente são frequentados por pessoas de todas as classes sociais. O nosso culto já é discutido no espaço acadêmico. Não precisamos mais passar ensinamentos de forma verbal. Podemos e devemos deixar registradas as riquezas do nosso culto. Não precisamos mais nos

¹⁷⁷ Rua Francisco Antônio do Nascimento, 42, Bairro Miguel Couto, Nova Iguaçu.

¹⁷⁸ CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012, p. 132.

¹⁷⁹ A hierarquia do candomblé Jeje: No Jeje-Mahi

1. Doté é o pai-de-santo, cargo ilustre do filho de Sogbô

2. Doné é a mãe-de-santo, cargo feminino na casa Jeje, similar à Iyalorixá

Os vodunses da família de Dan são chamados de Megitó, quando exerce o cargo de pai de santo.

<http://www.ogumexubaraxoroque.no.comunidades.net/umbanda-candombles-nago-congo-muxicongo/> Acesso em 31/08/2017

esconder, e não precisamos esconder de ninguém os nossos preceitos e fundamentos.¹⁸⁰

Os significados e as representatividades têm um sentido profundo de construção de valores que podem e devem penetrar o espaço escolar, possibilitando o conhecimento e a aproximação, conseqüentemente, evitando o preconceito e a discriminação. Estes partem de uma concepção do aprendizado, da preparação cuidadosa, do respeito, do hábito e da assimilação de princípios que efetivamente podem ser concebidos como um modelo possível para a educação, para a formação cultural e para as relações sociais.

Disso decorre a continuidade do tema que passa pelo entendimento dos papéis e os valores na religião do candomblé, assim como o caminho, o compromisso e a evolução do praticante.

4.5 O ensino e os papéis definidos no Candomblé

A Iyalorixá e o Babalorixá são educadores, seus papéis são bem definidos na transmissão dos fundamentos e no garantir a continuidade da ancestralidade. A função e a responsabilidade da mãe e do pai de santo no candomblé se equivalem ou se comparam ao papel do professor em sala de aula. Eles orientam seus filhos, ensinam fundamentalmente seus filhos a respeitar os mais velhos por sua experiência e pela transmissão de conhecimentos adquiridos pela tradição. A estória do Carçoço de Dendê, entre tantas outras, revela a sabedoria e o papel ensinatório que o religioso de matriz africana tem, evidenciando o conteúdo formador presente na tradição e na ancestralidade. Segue o texto transmitido pela sabedoria da Iyalorixá, Mãe Beata de Yemonjá sobre o Dendezeiro¹⁸¹:

¹⁸⁰ ARAÚJO. 2005, p. 91.

¹⁸¹ Dendezeiro: Trazido da África, o dendezeiro (ìgiòpè, em iorubá) veio junto com os escravos, carregando consigo todos os simbolismos e propriedades que possuía em sua terra. Planta primordial dentro de uma casa de candomblé, é árvore que serve a vários orixás e de quem tudo se aproveita. O seu tronco tem profunda relação com Orixalá, o princípio criador, pois é dele que surgem as folhas, os filhos-descendentes. De suas folhas mais novas e tenras é feito o mariô, que veste Ogum e Ossáim. Da parte central de suas folhas saem taliscas, para enfeitar o inhame-de-Ogum. Das suas palhas sai o ikó, a palha-da-costa, que protege e resguarda Omolu. O ibirí, de Nanã, e o xaxará, de Obaluaiê, utilizam também elementos do dendezeiro para sua confecção. Mas o elemento que lhe dá denominação é o óleo que se extrai de seus caroços, o azeite-de-dendê (epòpupá). Colorido, perfumado, inebriante para as divindades que o utilizam, e também para o homem, que o consome na culinária doméstica. Das partes internas de suas amêndoas é retirado um outro óleo, branco (adí ou aláàdí), exclusivo para Oxalá, porém interdito para Exu. Do dendezeiro se retira também um tipo de vinho chamado emu, conhecido no Brasil como vinho-de-palma, proibido para Orixalá e seus iniciados. Os seus coquinhos (iquins) são usados para previsões, no Oráculo de

Quando o mundo foi criado, o caroço de dendezeiro teve uma grande responsabilidade dada por Olorum, a de guardar dentro dele todos os segredos do mundo. No mundo Iorubá, guardar segredos é o maior dom que Olorum pode dar a um ser humano. É por isso que todo caroço de dendê que tem quatro furinhos é o que tem todo poder. Através de cada furo, ele vê os quatro cantos do mundo para ver como vão as coisas e comunicar a Olorum. E mais ninguém pode saber desses segredos, para não haver discórdia e desarmonia. É por meio dessa fórmula que o mundo tem seus momentos de paz. Existe também o caroço de dendê que tem três furos, mas a esse não foi dada a responsabilidade de guardar os segredos.

Existe uma lenda que diz que Exu, com raiva desta condição que Olorum deu ao coco de dendezeiro de 4 furos, quis criar o mesmo poder de ver tudo à sua moda, com brigas e discórdias. Ele chamou o coco de dendê de 3 furos e disse:

- Olhe, de hoje em diante, eu quero que você me conte tudo o que vê.

Aí o dendê respondeu:

- Como? Se eu só tenho 3 olhos e não 4, como meu irmão, a quem Olorum deu este poder?

- Ousas me desobedecer, dendê? - disse Exu aborrecido.

- Sim! Tu não és mais do que aquele que é responsável pela minha existência e a tua - respondeu o coco de dendê.

Dizendo isto sumiu. E Exu, desta vez, não foi feliz na sua trama.¹⁸²



Imagem 09 - Dendezeiro Árvore Sagrada Africana¹⁸³

Ifá. Com tantas propriedades, dentro do reino vegetal o dendezeiro é tido como uma árvore plural, pois contém variadas utilidades e facetas!

KILEUY, Odé & OXAGUIÃ, Vera de. **O candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon.** Organizador Marcelo Barros. Rio de Janeiro, Pallas, 2014, p. 218-219.

¹⁸² MÃE, Beata de Yemonjá. **O caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros: como Ialorixás e Babalorixás passam conhecimentos a seus filhos.** Rio de Janeiro: Pallas 2006, p.97-98.

O dendezeiro é uma árvore sagrada representativa para cultura religiosa africana. Muitas das comidas de santo são preparadas com azeite de dendê. O simbolismo carrega toda magia das divindades. Algumas outras árvores são sagradas e são consideradas como o primeiro bastião das religiões, se transformando em morada para muitas divindades.

Como bastião representam a base inabalável e a fortaleza do sentido místico e religioso do sagrado e o lugar de encontro do humano com o divino. As árvores sagradas são referências para a prática religiosa e movimento de resistência. O respeito a elas é essencial, pois, a continuidade da religião e da vida depende de sua existência.

O dendezeiro é uma palmeira alta e forte, nativa na África e trazida para o Brasil a bordo dos primeiros navios negreiros. Cada palmeira dá um cacho de 400 a 800 frutos densamente aglomerados, produzindo pelo menos quatro cachos por ano. Com esses frutos é feito o azeite-de-dendê ou simplesmente dendê, também chamado azeite-de-cheiro ou azeite-de-palma. É ingrediente que doura a famosa cozinha baiana e é obrigatório no candomblé, não só nos repastos comunais como na comida dos orixás.

4.5.1 A prática do ensino no Candomblé

Os Zeladores com a prática ensinatória norteiam e orientam, ordenam e coordenam o caminho, a trajetória e inserção dos seus filhos na religião e até mesmo na vida social. O mesmo se vislumbra para a escola, em que os professores norteiem e orientem, ordenem e conduzam os alunos na construção de valores, ou seja, no que é certo e no que é errado. É necessário que o sistema educacional se volte para o conhecimento que não está dentro da escola e nos currículos e faça o esforço de respeitar as normas culturais de tradições históricas presentes no cotidiano e na história do povo afro-brasileiro, considerando a diversidade e a pluralidade de manifestações e possibilidades de expressões religiosas.

A religião de matriz africana, ou seja, o Candomblé, suas lideranças e praticantes apresentam para educação um modelo de sociedade em que a participação dos diversos sujeitos interagem com as diferenças e se integram numa perspectiva de hierarquia e de

¹⁸³ <https://www.istockphoto.com/br/foto/dendezeiro-na-%C3%A1rvore-gm484347004-71213083> Acesso em 28/05/2018.

harmonia, de constante participação e colaboração. Há efetivamente uma interação em tudo que acontece na casa.

A família de um terreiro é organizada de forma rigorosamente hierárquica. A posição de cada qual na hierarquia é determinada pelos diferentes graus de iniciação, bem como pelo tempo de pertença ao culto e a cada nível de iniciação. Cada terreiro é conduzido por uma Iyalorixá ou por um Babalorixá. Ela ou ele é a autoridade máxima de um terreiro e sua autoridade, principalmente no Candomblé da Bahia, não se limita ao campo da espiritualidade ou dos rituais. A palavra de uma Iyalorixá ou de um Babalorixá é lei na comunidade. Estes por sua vez, obedecem apenas aos Orixás, que são autoridades espirituais. A Iyalorixá ou o Babalorixá pode estender sua autoridade sobre todos os aspectos da vida dos membros do terreiro. Isso traz prestígio ao dirigente de uma casa de Candomblé, mas também uma grande responsabilidade. A Iyalorixá ou o Babalorixá tem a responsabilidade maior pelo processo de troca de Axé e com isso a responsabilidade última pela harmonia e equilíbrio da vida.¹⁸⁴

Com isso pode-se comprovar o quanto a vida religiosa se relaciona e interfere na vida social apontando elementos de continuidade e integração entre o ser religioso e sua contribuição efetiva com valores na conduta cidadã e social. Isso efetivamente pode penetrar o espaço escolar reconhecendo essa característica histórica das religiões e da cultura africana para a formação humana.

Esta formação humana na religião passa pela iniciação e seus valores transmitidos transcultural e hierarquicamente.

O que é a hierarquia em uma casa de candomblé? O conhecimento no candomblé é primeiro **aprendido** para depois ser **apreendido** e, muito depois, **entendido**. Todos estes vocábulos juntos se resumem em **hierarquia**! E ela tem uma escala evolutiva dentro da religião que se inicia pelo abiã, passa pelo iaô, pelos/as ebômis, ogãs, equedes e babalorixás/Iyalorixás. Numa escala vertical, o posicionamento seria o inverso. A hierarquia, contudo, não isenta ninguém de trabalho! Ela só delimita espaços, organiza a comunidade, promove a ordem, delega funções e responsabilidades! A hierarquia também prepara novas pessoas para novas funções, pois o iaô de hoje será um babalorixá amanhã. Ele precisa conhecer bem os meandros das diversas graduações para poder retransmiti-las. A hierarquia é baseada na senioridade, pois o fator antiguidade tem um grande peso dentro dos terreiros de candomblé: é natural que alguns tenham posição de maior ou de menor responsabilidade. Mas todos os cargos e postos ocupados pelas pessoas do candomblé são importantes para o bom andamento das casas e isto não impossibilita que todos da comunidade se ajudem e desempenhem variadas tarefas! Mesmo aos amigos mais íntimos e mais antigos de um Axé é costume ser concedido um cargo, geralmente conferido pelo/a babalorixá/Iyalorixá ou pelo orixá dono da casa. Este posto será somente direcionado para as funções de cunho social ou administrativo,

¹⁸⁴ BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 209.

mas esta pessoa fará parte da hierarquia e deverá respeitar e ser respeitada por todos da comunidade.¹⁸⁵

Com isso se afirma a importância da horizontalidade das relações, pois na verticalidade, segundo modelos evidentes na sociedade, o posicionamento seria o inverso e diferente. A religião assim entendida nas suas relações delimita os espaços, organiza a comunidade e seus membros como possibilidade de uma responsabilidade participativa. Nesta é possível promover a ordem e delegar funções compartilhando responsabilidades.

A hierarquia na religião garantiu sempre a continuidade, por dois fatores de importante relevância. O primeiro pelo fato de preparar novas pessoas para novas funções em que se renovam e continuam os quadros e as atividades são aprimoradas. Aquele que se inicia poderá ser liderança no futuro, o iaô de hoje poderá ser um babalorixá amanhã, a iaô de hoje poderá ser uma Iyalorixá no futuro. O segundo fator é a transmissão dos conhecimentos e dos valores realizados pelos mais velhos, os que têm mais tempo de iniciado, determinando assim uma postura de respeito por todos da comunidade. O tempo em idade de iniciação se constitui como um fator de respeito para todos da comunidade.

Este valor religioso e a posição bem definida dos membros oferecem conteúdos formativos para a educação e para as relações sociais. Esses valores e conteúdos são desenvolvidos, transmitidos e assimilados pelos praticantes da religião, assim como na educação tradicional. Trata-se de um processo presente, também marcante na religião, que será desenvolvida em alguns aspectos a seguir.

4.5.2 Valores no interior da religião

A verificação dos valores presentes no interior das religiões oferece para esta Tese a possibilidade de confrontar as práticas religiosas e o oferecimento de conhecimentos e conteúdos para o espaço escolar. O reconhecimento e a valorização de certas práticas que acontecem dentro da religião de matriz africana possibilitam aplicação de saberes e valores tradicionais no conteúdo escolar, especialmente no ensino religioso.

Um elemento importantíssimo que se destaca no primeiro momento é a iniciação e os valores que são transmitidos ao iniciado, incluindo um tempo de recolhimento que implica necessariamente em disciplina, pré-requisito fundamental para o aprendizado em

¹⁸⁵ KILEUY. 2014, p. 51.

qualquer área. A partir do recolhimento segue a feitura e a partir desta o praticante assume responsabilidades dentro da casa e compromissos diante da tradição e da ancestralidade, como a continuidade dos preceitos religiosos transmitidos de antigas gerações e vivenciados nos desafios do cotidiano social, cultural e religioso.

4.5.3 A iniciação e os valores transmitidos

O iniciado aprende com seu Zelador quatro valores fundamentais, que são a humildade e o amor, a responsabilidade e a união. Esses são considerados como “tudo” na formação inicial. São valores que não se compra, mas que se transmite como ensinamento e convivência.

Quando um indivíduo se recolhe ele é ensinado, assim como toda criança quando nasce precisa aprender. A importância da transmissão do conhecimento é para toda a vida, tanto religiosa quanto social. Ensina-se tudo a partir do nascimento, que se denomina feitura, ou seja, a entrada no Roncô. Este se compreende como momento de recolhimento.

No recolhimento do indivíduo ensina-se todas as primeiras lições, aquilo que é fundamental para a educação, ou seja, amor entre irmãos, a igualdade, no sentido do entendimento de que não existe branco ou negro, que não existe rico ou pobre. Ensina-se que existe uma união e que esta faz a força sempre.

De uma maneira simples, sem complexidade se afirma entre os praticantes da religião que “é melhor ser dois ou três do que um”. Este praticante participa do mundo mais fortalecido pela religião, assimila e assume para a sua vida valores que são comuns aos praticantes da religião e que são relevantes para o convívio social:

Iniciar-se no candomblé é renascer para um novo mundo como uma pessoa mais segura e mais forte, religiosa e psicologicamente. Ressurgindo com plenas condições de buscar melhores momentos e amplas realizações. É ligar a sua vida física, no aiê, com a vida sagrada, no orum, surgindo assim uma nova aliança, uma nova união! Após a iniciação, as pessoas têm a capacidade e a possibilidade de ajudar a conduzir melhor o seu destino.¹⁸⁶

A participação da realidade da vida com seus desafios é entendida na sua dimensão religiosa como algo que transcende, e assim conseqüentemente melhora a

¹⁸⁶ KILEUY. 2014, p. 71.

condição do ser humano. A perspectiva do sagrado que preenche a vida do iniciado e lhe direciona:

Sentirá que uma transformação acontece em seu redor e deve permitir que seu orixá aja permanentemente no seu dia-a-dia, ajudando na construção de uma vida mais harmoniosa e próspera. Também descobrirá que seus limites se alargarão e que os obstáculos serão mais facilmente transponíveis. E que também não estará mais sozinha, pois terá o eterno acompanhamento de seu guardião! Depois de iniciada, a pessoa terá novas normas a cumprir na sua vida cotidiana e na sua casa de candomblé, e conhecerá como é uma hierarquia religiosa.¹⁸⁷

O sentido da prosperidade e a superação dos limites na dimensão da subjetividade é acompanhada da importância do sagrado que cuida da sua vida. O cuidado se torna um referencial educativo nas relações comunitárias, assim como um indicador da pertença a um grupo que tem uma hierarquia fundamentada em tradições ancestrais:

O candomblé é uma das poucas religiões em que a obediência à temporalidade ainda é bem arraigada. A dedicação, o amor e o discernimento serão responsáveis pela boa permanência do iniciado dentro do terreiro que a sua divindade escolheu para "morar". Então, o período de abia deve ser bem aproveitado para servir e aparar pequenas arestas e trazer melhores conhecimentos sobre o que realmente a pessoa deseja para si e para o seu futuro. Axé!¹⁸⁸

O Zelador cumpre a função de quem cuida e ensina o seu filho na casa de santo e se ocupa com a sua permanência na religião e no lugar da vida em que está situado, assim como a projeção do futuro. A expressão que precisa ser bem entendida e valorizada na sua essência, pois na linguagem popular costuma-se dizer: "filho de santo!". Fazer o santo garante a identidade religiosa e certifica o lugar social que o religioso ocupa, determina a sua identidade e a representação que assume dentro da tradição religiosa a que pertence e que dedicará sua vida:

O termo "fazer o santo" só ocorreu por interferência da religião cristã, na época da escravidão. Na senzala, o escravo, obedecendo ao senhor branco, tinha que idolatrar os santos da Igreja Católica. Com isto ocorreu o sincretismo, fazendo a ligação das peculiaridades e da personalidade dos orixás com as dos santos católicos. Ao precisar se referir aos seus orixás, os escravos tinham que chamá-los procurando sempre agradar à maioria branca e escravagista, e para isso trocavam o nome iorubá do seu orixá pelo nome do santo cristão, em português. Ao guardar seus assentamentos, colocava-os, camufladamente, junto aos santos católicos, porém invocando sua divindade africana. E o negro habituou-se a sincretizar, amalgamar seus orixás com os "santos" do catolicismo, criando termos que nos dias de hoje já estão perdendo a sua

¹⁸⁷ KILEUY. 2014, p. 71.

¹⁸⁸ KILEUY. 2014, p. 71.

utilidade! Portanto, cremos que já está no momento de mudarmos este termo, "fazer o santo", por "iniciar no candomblé" ou "iniciar para o orixá"!¹⁸⁹

A identidade religiosa candomblecista defronta-se com o desafio de preservar suas características diante das imposições históricas a que foi submetida. Um processo de superação e de afirmação de valores que requer necessariamente uma mudança até mesmo no vocabulário. Este apresenta para a educação um desafio que é conhecer profundamente essa religião e reconhecer o legado que deixa para construção social que se estabelece e se perpetua na construção da linguagem e dos seus sentidos.

4.5.4 O recolhimento e o caminho

O recolhimento é o momento importantíssimo na formação do iniciado. Todo iniciado no candomblé, a pessoa feita no santo – do neófito ao sacerdote – é adoxu. Este passa pela feitura que representa o renascimento, a entrega da cabeça, do ori. A palavra ori é de origem iorubá, e nesta cultura a entrega do ori é realizada como um ritual.

Este ritual se chama bó em iorubá. Na interpretação ritual a junção das duas palavras bori, expressa a grande iniciação à religião. Neste ritual se revela cada ser humano que é único e que desenvolve suas potencialidades.

O iniciado deverá seguir o seu odu, que é o caminho pelo qual se chega à realização plena do ori. Caminhos estes que serão traçados ao longo da sua vida, na religião e na sociedade. O bori prepara a cabeça para que o orixá possa manifestar-se e permanecer na trajetória religiosa do praticante:

O ritual de iniciação ao sacerdócio no candomblé recebe vários nomes: fazer o santo, fazer a cabeça, deitar para o santo, *aba baxéori* ou simplesmente orô, que é sinônimo de sacrifício e consagração. A pessoa que se inicia no candomblé torna-se adoxu, ou seja, passa a possuir oxu, que é o canal de comunicação entre o iniciado e seu Orixá. Todo iniciado no Candomblé, toda pessoa 'feita no santo' - do neófito ao sacerdote - é adoxu.

A feitura representa um renascimento; é o reconhecimento e a admissão do ori escolhido no orun. É o mesmo que entregar a cabeça (princípio da individualidade) ao orixá (o deus maior de cada ser), permitindo que os deuses conduzam sua vida e seu destino. A feitura é um divisor de águas na vida do iaô; a partir desse momento tudo em sua vida será novo, inclusive o seu nome, pois todo iniciado recebe um Orukó, ou seja, o nome dado por seu orixá e com o qual passa a ser chamado na comunidade de Candomblé.¹⁹⁰

¹⁸⁹ KILEUY. 2014, p. 71-72.

¹⁹⁰ EYIN, Pai Cido de òsun. (REIS, Alcides Manoel dos.) Organizador: EUGÊNIO, Rudnei William. **CANDOMBLÉ: A panela do segredo**. São Paulo: Arx, 2000, p. 282.

O Abian quando se recolhe para a feitura pode ser sozinho ou em grupos. Para isso é necessário ter de 8 a 10 pessoas trabalhando do lado de fora do Roncó. Daí que se entende que realmente ele não poderia se recolher sozinho ou só com Zelador, trata-se de uma vivência comunitária. Entende-se com isso a importância dos princípios religiosos cultivados no processo de iniciação, que tem como fundamento a educação e a preparação do iniciado levando em consideração os valores primordiais da convivência e do cuidado, ou seja, o amor, a dedicação do zelador e também do iniciado, a união do grupo que está a serviço, o respeito e o carinho. Há uma expressão de unidade nesse momento que se estende pela vida religiosa e social do praticante do candomblé:

A feitura de santo implica um período de reclusão geralmente de 21 dias. Nesse prazo serão realizados os ebós, as oferendas a Exu e aos ancestrais, o bori, todo aprendizado em relação à religião: as rezas, os cânticos, as danças etc., e por fim o orô, ritual no qual, na maioria das vezes, o filho-de-santo tem seus cabelos raspados e recebe o oxu, o kelé, o Ikan, Milan, os Delegados, o xorô, o Ikedidé e passa pelo ritual de efun (no qual seu corpo é marcado com pintas de giz), que se repetirá pelos sete dias subsequentes. O orixá do noviço é assentado e recebe o sacrifício de animais. O noviço, chamado de iaô (que é uma redução do nome iawórìsà), é apresentado à comunidade sete dias após o orô e esse período é conhecido como sete dias de efun ou sete dias de adoxu.¹⁹¹

Uma vez recolhido no Roncó, destaca-se a parte do sagrado, determinante do princípio religioso. A transmissão dos conhecimentos é feita pelos Babalorixás e pelas Iyalorixás. Eles não podem falar para os outros, o segredo é um princípio que conserva sua originalidade e identidade de geração para geração. Só quem passa pelo recolhimento, pela iniciação, escuta, aprende e silencia até o momento em que recebe o seu Deká. Somente a partir de então, ele vai poder passar o que lhe foi ensinado. A entrega do deká é o ápice da iniciação no Candomblé.

Após os sete anos de iniciação, o até então Iaô deverá fazer sua obrigação correspondente e, se tiver em seu destino a função de abrir uma Nova Casa, receberá então seu Deká (na Nação Ketu, constituindo-se de uma bandeja com os atinentes elementos) ou sua Cuia (na Nação Jeje, sendo a própria cabaça - Àkèrègbè, cortada acima do meio em forma de vasilha com tampa, transformando-se em igbaxé, para se colocar os símbolos):

A Cuia recebe, em cada nação, um nome diferenciado: decá ou ibaxé, na nação nagô-vodum; oiê-de-ebomi, ibaxé ou balaio-de-axé, nas nações iorubá e efan; e kijingu, na nação bantu. Considerada uma transmissão de conhecimento, de

¹⁹¹ EYIN. 2000, p. 282.

saberes e também dos fundamentos e dos segredos mais recônditos do candomblé, ela é passada de um babalorixá para um futuro babalorixá, representando a maioria. Sem recebê-la, o iniciado não tem o direito nem as condições adequadas e preparatórias para suportar e manter uma casa de candomblé. A Cua possibilita assim o surgimento e a continuidade de um Axé. O recebimento da Cua indica que aquele filho já está apto a seguir as determinações de seu orixá e de seu destino, pois ali dentro estão suas "ferramentas de trabalho"! Este recebimento não desvincula, contudo, o iniciado do seu/sua babalorixá/Iyalorixá, pois nenhum vínculo religioso foi cortado. A partir daí precisarão existir a ascendência e a descendência, uma união mais consistente e de confiança, com uma troca e uma busca de informações. Esta ligação contínua é que enriquece ainda mais o vínculo sagrado, que é permanente e eterno!¹⁹²

É fundamental entender que para cada indivíduo que se recolhe realiza-se uma interação e uma perspectiva de continuidade da tradição e dos ensinamentos. Estes ensinamentos são transmitidos pela hierarquia, ou seja, pelos mais velhos que trazem na sua trajetória as experiências e vivências significativas da religião e da cultura. A ascendência e a descendência se evidenciam a partir de uma união mais consistente e efetiva em que a atitude de confiança se fortalece pelo compromisso, pela troca e pela continuidade de formação, de aproximação e de ligação contínua com o sagrado que se enriquece na vivência da religião e na sua prática que é permanente e eterna.

Toda formação de um Zelador, Iyalorixá ou Babalorixá começa na iniciação. Essa expressão “iniciação” assume um significado importantíssimo, pois é determinante de toda caminhada que segue, tendo como referência a decisão inicial que acompanha a trajetória de sua vida. Nesse sentido de continuidade, segue a outra de igual significado e importância, depois de iniciado ele tem as suas obrigações.

O iniciado paga um ano, três anos, cinco anos, sete anos. Então recebe o seu Deká e se torna Iyalorixá ou Babalorixá. A partir desse momento é reconhecido como Zeladora ou Zelador. Após, pagará quatorze anos e depois vinte e um anos. Diante disso, entende-se a importância da cosmovisão em que fica evidente a ideia de um ciclo que se completa e se perpetua em relação à natureza, tendo um tempo em que é encerrado o seu ciclo de aprendizado. Este continuará na vida e nas experiências que vivenciará.

Estabelece-se para a educação uma forma de analogia. É como se fosse uma formação para uma faculdade, em que todas as etapas são necessárias. Faz a alfabetização, depois passa para o ensino fundamental e médio, somente com esses pré-requisitos se pode cursar a universidade e seguir com sua qualificação e posteriormente

¹⁹² KILEUY. 2014, p. 52-53.

como a Pós-graduação, a Especialização, o Mestrado e o Doutorado. Um processo de formação contínuo.

4.5.5 A feitura e o compromisso

É importante entender o sentido novo para a palavra “feitura” na vida do religioso. É uma expressão significativa para sua experiência do sagrado e sua atuação na comunidade de Candomblé, assim como na sua vida social. Diferenciado do mundo comum, com sua riqueza de expressões próprias desse universo cultural - a feitura determinará sua posição no espaço religioso e seu lugar na hierarquia. Concluído esse tempo de formação, chega o momento da feitura. Existe um preceito de 3 meses a ser cumprido, este que implica na necessidade de saber o que pode fazer e o que não pode. Isso que se torna fundamental na construção de valores, uma vez que a feitura não é simplesmente algo para si, pessoal e subjetivo, representa a inserção e participação, além de representatividade identitária de um grupo, em uma comunidade histórica, que conserva na sua trajetória preceitos de fundamental importância para a construção social e sua perpetuação.

A concepção do que “pode ou não pode” vai além de sua conduta e comportamento. Esta se estende para os hábitos que o religioso vai assimilar e assumir. A obrigação que assume perpassa todas as coisas da sua vida e do cotidiano, por exemplo, o que pode usar e a cor que não deve usar, por sua representatividade. Primordialmente a cor preta não deve ser usada, por ser uma cor que não agrada às divindades, no sentido da proximidade com a escuridão, com as trevas e com a ausência de luz.

No candomblé entende-se que o ser humano representa também a luz para o seu orixá, porque é através do seu corpo que ele vê, come, dança e se comunica com os seres humanos, portanto também pelas cores que são expressão de vida e energia.

Assim é afirmado sobre o simbolismo da vela, ao ser tratado dentre outros tantos símbolos importantes da religião, como expressão da vida e da existência que tem sua permanência e continuidade, que é transmitida pelo próprio humano pela sua corporeidade em comunicação e transmissão da vida:

A vela, chamada pelos fons de mlã-mlã, e de muila ou murila pela nação bantu, traz a simbologia da chama que clareia, que ilumina. Mas o ser humano representa também a luz para o seu orixá, porque é através do seu corpo que ele

vê, come, dança e se comunica com os homens. Nesse momento, a força das divindades transforma o nosso corpo em energia, em claridade! Dizem os antigos que iniciados da “religião dos orixás” não devem apagar velas, pois ela é considerada a “chama da vida” e deve ser consumida até o fim.¹⁹³

Após o período da iniciação segue-se o preceito, conhecido como resguardo, que de acordo com os costumes da casa este tempo pode levar 3 meses ou mais. O Yao, aquele que está no processo de formação, fica estritamente proibido de frequentar alguns lugares e espaços por um período de aproximadamente 1 ano, estes lugares compreendem: cemitério, crematório, praia, cachoeira e determinados ambientes em que haja bebidas, fumo e práticas sexuais. Entende-se que o mesmo está de resguardo, elemento importantíssimo na tradição para a construção de valores de preservação da identidade sacerdotal e da pertença ao grupo e às etnias ancestrais e religiosas. Pode frequentar alguns rituais dentro do próprio Ylê Axé. Esta participação vai aumentando, aprimorando seus conhecimentos e seu compromisso com a religião. A partir de suas obrigações feitas é que o indivíduo vai se qualificando e se graduando dentro da sua religião.

A participação na hierarquia vai se desenvolvendo dentro desse processo de entendimento e comprometimento. Destacam-se as etapas diante daquilo que se vai aprendendo e praticando, vai também subindo de degrau em degrau, consolidando o entendimento do que pode e não pode, como pode ser feito, como pode e como não pode, quem pode e quem não pode. Assume um significado expressivo o uso do Adjá (adjárí ou adjárim). Os instrumentos sonoros utilizados na religião são sacralizados e consagrados, e tem seu significado nas liturgias e só podem ser utilizados por pessoas preparadas e autorizadas hierarquicamente.

Os instrumentos sagrados não podem ser utilizados para outros fins que não os religiosos:

Instrumento participante de variadas liturgias sinaliza que quem o utiliza é pessoa com poder de autoridade e graduação dentro da religião. É muito utilizado para convocar os orixás, que imediatamente respondem ao seu som encantador, quase mágico. Possuidor de grande força e poder, ajuda a movimentar o axé dos terreiros. O adjá é tocado também nos momentos das oferendas, nas cerimônias privadas ou públicas, na condução e no manejo das divindades, nos momentos das danças no terreiro. Faz parte também do paó, conjunto de palmas cadenciadas, muito executado nos momentos cerimoniais. O adjá faz parte do dia-a-dia de qualquer casa de candomblé, seja qual for a nação, pois ele promove a ligação das pessoas com as divindades.¹⁹⁴

¹⁹³ KILEUY. 2014, p. 158.

¹⁹⁴ KILEUY. 2014, p. 196.

Uma unidade integrada é reconhecida na perspectiva religiosa como participação na transmissão da tradição, alicerçada em princípios religiosos que oferecem ensinamentos de fundamental importância para a educação e podem ser reconhecidos como valores para a organização social, pois garantem desde suas origens o respeito comum e a perpetuação da ligação dos seus praticantes com o sagrado.

4.5.6 A autoridade e a evolução religiosa

O adjá é um instrumento de metal formado por 1, 2 ou 3 sinetas com badalos.¹⁹⁵ Ele significa hierarquia e é carregado geralmente pelos Zeladores e por Ekedes. O adjá serve para as cerimônias litúrgicas, sinaliza que quem o utiliza é pessoa com poder, autoridade e graduação dentro da religião.

O adjá é um instrumento litúrgico utilizado no ritual para convocar os Orixás que imediatamente respondem ao seu som encantador, quase que mágico. A sua importância também se evidencia na permanência, no sentido de garantir e manter a vibração no espaço litúrgico e guiar a cerimônia:

É comum vermos nas rodas de Candomblé, pessoas mais velhas de santo, tocar esse instrumento que tanto pode ser de uma, duas, três ou quatro Câmpulas, enquanto dançam para os Orixás. Em algumas casas o número de Câmpulas do Adjá depende para qual finalidade, Ex: o de uma Câmpula e para invocar Esù, o de duas para invocar os Orisas masculinos, três para todos os Orisas porém usados por Babalorisas e os de quatro Câmpulas e usado pelas Yialorisas e Ekedis.

Seu manuseio, no entanto é vedado aos não iniciados nos preceitos da religião. Durante a dança o instrumento serve para invocar e manter a vibração do Orixá na sala, para que a energia não saia daquele local onde está sendo realizada a festa. Quando se dança com algum santo, ou seja, quando uma Ekédi ou um sacerdote ou sacerdotisa dançam acompanhando algum Orixá, o som desse instrumento serve para guiar o mesmo durante o ritual.¹⁹⁶

Ao pensar sobre a importância do adjá como um instrumento-chave da religião de matriz africana, é preciso relacionar com a crença do iniciado em que a realização espiritual acontece a partir da iniciação de uma pessoa no culto ao seu orixá. Após sua

¹⁹⁵ Pode ser confeccionado em alumínio, ferro, folha de flandres, cobre ou latão dourado. Instrumento do povo iorubá, foi também aceito e incorporado às demais nações-irmãs. Dependendo do material com o qual é confeccionado, identifica-se logo para qual orixá está sendo destinado. Para Exu e Ogum são consagrados os de ferro; em material dourado são dedicados para Oxum, Logunedé; os prateados, para orixás funfun e Iemanjá; os de cobre são usados para Xangô, Iansã etc.

¹⁹⁶ <https://candombles.blogspot.com.br/2014/07/adjá.html> acesso em 31/08/2017.

iniciação, poderá usar o adjá se permitido no tempo certo, e acontecerá uma mudança, uma evolução no posicionamento da sua relação religiosa. A partir desse momento acontece a descoberta do santo que rege a sua vida. Acontece na sua vida a identificação com o orixá que preside a vida do indivíduo e o líder religioso procura aproximar a pessoa de sua essência espiritual, despertando valores profundos a serem cultivados. Este passará a alimentar o orixá, e conseqüentemente fortalecerá seu conjunto de características pessoais e religiosas, pondo em prática esta nova identidade descoberta através da religião.

Sobre a iniciação e sua relação com a tradição é necessário afirmar que o indivíduo é recolhido cru, sem saber nada e aí ele é ensinado. Aprende os primeiros passos, as primeiras falas, as cantigas ou rezas e vai progressivamente apreendendo e assimilando para sua vida os princípios. Nisso se evidencia a importância do que se aprende para a vida, da mesma maneira o que é ensinado só pode ser ensinado por quem já passou por esse aprendizado e que já vivenciou.

Toda pessoa que é recolhida no Roncó, adquire o aprendizado através da escuta atenta e a guarda na memória, todavia a cultura é oral. Esse é o começo da sua vida espiritual e esses ensinamentos se perpetuam e se aprimoram ao longo dos anos, tanto para sua vida religiosa quanto para sua vida social e seu cotidiano. Além disso, os seus símbolos e representações fazem parte do dia a dia da comunidade e devem ser assimilados.

Há um acordo de silêncio em que não pode ser falado além do que se deve falar. Só quem passa pela iniciação pode saber. E a pessoa quando fica pronta recebe tudo aquilo que o zelador dela também recebera quando foi iniciado, quando pagou todas as suas obrigações. A tradição é passada, o mesmo que o Zelador aprendeu, ele transmite, passa. Ninguém é zelador de um dia para o outro, não se compra uma apostila de zelador, não se compram os conhecimentos e saberes da tradição. Tem que ser iniciado e ensinado. É necessário se colocar na postura de aprender, porque futuramente vai ter que ensinar para outras pessoas:

A partir do momento em que a pessoa entra no Roncó (local sagrado para funções onde só podem participar pessoas já iniciadas ou que estão sendo iniciadas no culto. Pelo fato de ser um local preparado com energias do Axé, isso torna este local sagrado, capaz de fazer aflorar a energia das Divindades em seus filhos) de minha casa para ser iniciado, é a minha Divindade e a Divindade a dona do ori do iniciado que tomam as rédeas da situação.¹⁹⁷

¹⁹⁷ ARAÚJO. 2005, p. 90.

Trata-se do aprendizado da convivência, da relação com o outro e o compromisso com a temporalidade que se aprende no interior do espaço religioso e oferece princípios para a formação social, princípios de continuidade da transmissão de valores, assim como a fidelidade à tradição.

Destes valores se faz necessário a compreensão da palavra obrigação, compromisso que é devidamente orientado e acompanhado, elemento explicitamente educativo e pedagógico. O líder religioso acompanha a necessidade do consulente¹⁹⁸:

Os que conseguem compreender a dimensão do culto permanecem no templo mesmo depois de obter os benefícios que buscavam. Muitos se afastam após obter traz benefícios, outros voltam quando acham necessário, mas a realidade é que, como na maioria das religiões, poucos são aqueles que buscam por quererem simplesmente participar. Em geral, o homem vai em busca do Divino quando não consegue encontrar respostas para suas inquietações materiais.¹⁹⁹

O acompanhamento é expressão de uma força inegável para a religião de matriz africana. Na obrigação o indivíduo se recolhe, sabe o período que ele vai ficar ali, e sabe que ali ele tem vários compromissos. Há coisas a cumprir dentro do espaço religioso e se trata de um caminho a seguir. Não tem outra possibilidade ou situação, não tem barganha. Tem que ser feito ali, tem que ser cumprido o que é previsto e segue o que for orientado. Nisso se destaca uma semelhança na relação professor e aluno naquilo que é a orientação. O aluno escolhe a escola e sabe que deve seguir orientações.

Na religião não tem como negociar com o pai e com mãe de santo, não se barganha a feitura. O compromisso tem uma relação de temporalidade, não tem como diminuir ou aumentar o tempo de recolhimento. A dimensão do compromisso se acentua, pois acontece o aprendizado valiosíssimo sobre a iniciação. É muito mais que obrigação, é trato feito antes de passar por aquela porta, que não tem volta, só após sair que está tudo feito. O iniciado só é qualificado ao cumprir todas as suas obrigações:

São as Divindades que mandam, e nós do Axé apenas obedecemos. Se depois da iniciação, a Divindade dona do ori do iniciado, determinar a abertura de uma casa para seu filho e se a Divindade dona do meu Ori confirmar, é isso que vou fazer. Da mesma forma, não prometo a um iniciado que depois de sete anos ele poderá abrir uma casa, porque não sou eu quem decide, e também não vou abrir

¹⁹⁸ Consulente é a pessoa que chega numa Casa de Candomblé ou procura um jogo de búzios para fazer as suas descobertas. Chega com suas perguntas, não conhece nada e só quer saber o que está acontecendo na sua vida. Leva consigo os “por quês?”, ou seja, porque que a vida está boa ou está mal. Busca uma resposta em relação a tudo aquilo que está acontecendo em sua vida. Após ele se consultar no jogo de búzios, é explicado quais os caminhos.

¹⁹⁹ ARAÚJO. 2005, p. 92.

uma casa para um filho do meu Axé pelo fato dele desejar isso. Só abre se receber ordem das Divindades.²⁰⁰

Destaca-se nesse sentido a liberdade e o compromisso em que a continuidade permanece garantida. A Divindade e as Entidades são superiores e continuam acompanhando o ori e este continua obedecendo e servindo. Ao tratar do Candomblé e seus fundamentos o Doté Heraldo de Xangô afirma claramente a liberdade do iniciado:

Ser iniciado não significa submissão - quantos exemplos temos de pessoas que abandonaram os templos onde foram iniciadas? Isso não vai fazer com que a Divindade que responde no ori da pessoa fique submissa - Divindades não recebem ordem de ser humano. Quando nos dirigimos a Elas, é para pedir com humildade, não para mandar. Divindades e Entidades não são empregadas de ninguém. Nós estamos aqui para servi-las. Não são Elas que têm que nos servir. Além do mais, Elas sabem o que é bom para seus filhos. O Sacerdote pode até intervir, pedindo misericórdia, mas nunca com a pretensão de estar dando uma ordem.²⁰¹

Uma perspectiva de valores éticos se evidencia ao compreender que não existe nenhum momento dentro de uma Casa de Candomblé, Odu Ilê Axé, em que se compra o zelador ou a zeladora. Está descartada qualquer possibilidade para se dar o “famoso jeitinho brasileiro”. O jeitinho não existe porque o roncó não é formado pelo erro, e nem pelo próprio zelador. O roncó é feito por divindades.

As divindades tomam conta da casa e são Elas que fazem tudo acontecer. É do sagrado, e nenhuma obrigação que ali entrou por necessidade ou por amor tem como mudar. Uma vez que será preparado, “alfabetizado”, do início ao fim, é um processo que não pode ser mudado:

À medida que se alcança a elevação do espírito, se ganha como recompensa a liberdade. Estamos acostumados à inércia. Fomos criados para reproduzir e não para criar. Quem não é criativo é cristalizado obedecendo sempre a mesma diretriz sem questionar nada. Vivemos isso com nossos progenitores, com nossos professores, mas no mundo espiritual, não existe espaço para o aprisionamento, e sim para a liberdade através da responsabilidade.²⁰²

Ao iniciado que adentra pela porta do roncó é ensinado oralmente o conteúdo para sua vida espiritual, assim como ritualisticamente. Aprende com os ensinamentos educacionais e espirituais a lidar com o sagrado, pois a dimensão da sua ação e de suas palavras é muito mais espiritual do que simplesmente humana. O ensino lhe projeta na

²⁰⁰ ARAÚJO. 2005, p. 90.

²⁰¹ ARAÚJO. 2005, p. 156-156.

²⁰² ARAÚJO. 2005, p. 170.

liberdade que não aprisiona, mas que lhe dá responsabilidade com a sua vida, a vida do outro e com o universo.

Esse conteúdo oferece um diferencial em relação à educação. A escola pode oferecer um potencial espiritual que conduz à liberdade e à criatividade como se pode constatar nas redações, conteúdo do capítulo dois. Estas dialogam e se equiparam ao propósito de uma leitura da história e a cultura do povo negro a partir do referencial religioso.

Tais produções revelam uma responsabilidade na construção da liberdade e da igualdade racial, de valores sociais e consequentemente religiosos.

Uma postura educacional que assume a importância da religião como elemento formador deve considerar os valores e expressões significativas presentes na cultura afro-brasileira. A religião candomblecista deixou elementos que, na sua originalidade, contribuem para a compreensão da cultura e das expressões do povo brasileiro, assim como formas de convivência com o outro e com a natureza, que agregam conteúdos formativos. É o tema que segue com um novo olhar para as africanidades presentes nas religiões afro-brasileiras.

4.6 Africanidade e um novo olhar para a educação

O tema novo olhar para a educação considera primeiramente a convivência entre os adeptos do candomblé em que a relação com o sagrado é determinante. Os fundamentos históricos e tradicionais da religião candomblecista aproximam as duas realidades, o humano e o divino. A perspectiva religiosa abarca a totalidade da vida para dentro e para fora do Ylê Axé. A religião prepara para o mundo no sentido do posicionamento que o religioso tem diante dos valores sociais.

A educação para a convivência é baseada em fontes que resistiram ao tempo através da oralidade e da sabedoria que vem dos itãs por transmissão de conhecimentos. A convivência implica na mesa comum, a comida destaca a relação com a natureza criadora e o lugar da partilha.

As oferendas aos Orixás, a música e a dança são sinais do encontro na celebração da alegria e da festa, destacando a centralidade do atabaque, o seu significado e utilização, que sintetizam a herança africana e o encontro do humano com o divino, um possível olhar para a educação.

4.6.1 A base da convivência

O Candomblé é uma religião que inegavelmente ofereceu valores fundamentais para a construção social brasileira na sua dimensão de resistência e afirmação da fé e da cultura, ou mesmo de uma fé inculturada e fundamentada em conhecimentos, em tradições antiquíssimas e na valorização da convivência comunitária.

Decorre disso a necessidade de afirmar elementos fundamentais sobre o valor da cultura africana e seus fundamentos que são relevantes para a convivência social e consequentemente para a educação.

Estes fundamentos ancorados numa tradição religiosa são saberes deixados pelos antepassados que unem o ser humano ao divino.

Ao falar do Candomblé na sua relação entre o Sagrado e o profano, o Doté Herald de Xangô, desconstrói a visão negativa e preconceituosa, imagem construída pelo desconhecimento de toda a cultura africana, das suas tradições e dos preceitos passados historicamente pelos mais velhos e pelos ancestrais. Essa prática educativa, própria dos espaços da religião, pode perpassar o espaço educativo na intencionalidade de reconstruir a formação de valores.

O conhecimento e a aproximação sem preconceitos possibilitam uma nova postura e consequentemente a continuidade da tradição, a união entre as pessoas e também a unidade com o sagrado:

Como já citei antes, o Candomblé traz consigo uma imagem negativa, de que os seus preceitos estariam ligados somente a bruxarias e feitiços. Isso não é verdade. O Candomblé é uma soma de saberes deixados para nós por nossos ancestrais e que nos ensinam a cultuar as forças da natureza através de suas Divindades. Possibilitando dessa maneira a consagração e união do homem com o divino.²⁰³

A cultura africana, entendida no seu substrato religioso, ensina preceitos de fundamental importância para o ser humano, para sua vida social e comunitária. Ela enfatiza na perspectiva das relações sociais uma rejeição de atitudes soberbas. O respeito ao outro é princípio e regra de convivência. A humildade é reconhecida como elemento de encontro com o outro e de base para as relações.

Na tradição religiosa africana cultiva-se o princípio essencial da humanização. Para a realização desse objetivo, alguns “deveres” se destacam como princípios que o

²⁰³ ARAÚJO. 2005, p. 165.

praticante da religião deve saber, como a necessidade de aprender a respeitar, a amar, a doar-se em prol do outro. Educa a fala, no sentido do respeito e da relação com o outro: “falar baixinho”. Isso possibilita o encontro e a aceitação, apesar da diferença. Um ensinamento relevante insiste que quem tem razão não grita, não precisa gritar para dizer que tem razão. Aprende-se o respeito um pelo outro, mas também o respeito pela religião das outras pessoas e o diálogo, entendendo que a religião não separa, muito pelo contrário, ela une as nações.

Os ensinamentos fundamentais passam pelo espaço do roncó. Os novos ensinamentos, que até então o indivíduo desconhecia, vão ser ministrados nesse espaço sagrado, onde o iniciante precisa refletir e assimilar para se tornar praticante da religião do candomblé.

O espaço do roncó é lugar de aprendizado, muito mais que para “fazer a cabeça” como dizem popularmente, ou simplesmente e somente “raspar o Orixá”. É muito mais que isso, pois o indivíduo iniciado é uma nova criatura, aprende a caminhar e a lutar pela sua vida e a vida dos seus.

Ao tratar sobre o Sagrado e o Divino na sua relação com o humano, a partir do momento que o indivíduo é recolhido isso não se separa mais na sua compreensão. A cosmovisão se evidencia em que o sagrado que ocupa todos os espaços penetra inteiramente a vida do ser humano. A partir do momento que ele sai do roncó, onde ele foi iniciado, não precisa estar no barracão todo o tempo de sua vida. Não precisa estar sempre nas confraternizações ou em outros lugares de culto para evidenciar quem é e o que representa religiosamente. A sua identidade se evidencia, o ser iniciado continua nos espaços que ocupa. É iniciado no trem, no BRT, no ônibus, na rua, na cidade e na sociedade num todo. Onde for, ele é um iniciado e responde por isso na convivência social, a sua escolha se destaca entre os do seu convívio:

A vida é como um todo de um fiel do Candomblé influenciada pelo seu relacionamento com Orixá, é a partir desse relacionamento que a própria vida é vista e interpretada. Esta ligação é, por assim dizer, a chave de leitura com a qual se lê a sua vida, a vida da comunidade o mundo e todos os acontecimentos.²⁰⁴

Nesse sentido se compreende a questão dos valores, porque ele é ensinado a se conduzir de maneira que não seja vergonhoso, que não dê um contratestemunho. É o nome da Divindade a qual pertence que carrega dentro de si. Essa dimensão religiosa e

²⁰⁴ BERKENBROCK. 1997, p. 254.

representativa determina suas ações e sua convivência, seu comportamento e seu comprometimento.

É um diferencial para a existência com uma continuidade de tudo que foi feito por ele dentro do roncó. A referência está em tudo que vai ser feito por ele até os sete anos quando paga sua obrigação e recebe o seu Deká, a cuia da autoridade. Nessa concepção de unidade, não se separa divino e humano em nenhum momento da sua vida social.

O sagrado não se separa do humano. Há um entendimento diferenciado do que é de dentro e de fora, há uma unidade. Tudo aquilo que se aprende é ensinado de maneira espiritual e convivencial, influenciando diretamente sua postura educacional, comprometendo as escolhas para a sua própria vida e com os seus semelhantes de maneira integrada e unificada:

Com isso todos os acontecimentos e desenvolvimentos são sempre vistos à base e à luz da tradição comum e, destarte, a própria vida é sempre medida com a tradição. A busca de respostas a problemas através da consulta Ifá (ou Exu) mostra que os fiéis procuram sempre novamente interpretar suas vidas a partir da tradição dos Orixás e nesta tradição buscam uma solução para os seus problemas.²⁰⁵

A solução, a realização e o sucesso se relacionam com a bênção, a dádiva divina. A bênção define de maneira clara e como uma síntese o que tem sido afirmado das relações humanas. O ser humano ocupa um lugar de evidência no Candomblé que historicamente ofereceu valores como dádivas de Oxalá, senhor da paz, da misericórdia e da calma. A sabedoria agrega esses valores e está presente na vivência e na experiência adquiridas e transmitidas pelos mais velhos para os mais novos como bênçãos:

Pedir a bênção, no candomblé, faz parte da hierarquia e da rotina das casas, onde todos se cumprimentam, saudando – se e trocando bênçãos, num gesto bonito e humilde de relacionamento. A bênção é uma forma de demonstrar nossa humildade perante as divindades. Quando uma pessoa responde a um pedido de bênção, essa é uma resposta do orixá, utilizando-se de sua boca para se comunicar e de suas mãos para tocar naquele que a pediu. O homem não tem o poder divino de bendizer ou de abençoar seus semelhantes. Ele é somente a ferramenta utilizada pelas divindades.²⁰⁶

Não se toma a bênção só ao Yawô, mas desde o Yawô até o mais velho. A bênção se pede também às mães Ekedjed (aquela que conduz as divindades ao salão), aos Oigans (aqueles que tocam o atabaque), as Yabasses (as cozinheiras do Axé), as Yaskekeres (as

²⁰⁵ BERKENBROCK. 1997, p. 254.

²⁰⁶ KILEUY. 2014, p. 123.

mães criadeiras), aos Pais Pequenos e Mães Pequenas, aos Babaefuns. Ao tomar bênção ao mais novo, não está tomando bênção ao Yawô, mas está tomando bênção à divindade que foi feita no seu ori, ou seja, na cabeça do Yawô.

Quando pedimos bênção e nos curvamos perante as pessoas mais antigas da religião, demonstramos um profundo respeito e carinho para com suas divindades, e também pela sua representação dentro da religião. Seja qual for a forma de pedir a bênção, o importante é que este ato produza uma ligação divina de quem pede a bênção com aquele que lhe responde!²⁰⁷

A bênção se revela como uma forma de educação. Essa educação que se perdeu na história dos seres humanos desde a família até outras instituições, ao desrespeitar e desconsiderar o valor principalmente dos mais velhos. No candomblé, a bênção é uma forma de respeito e carinho, de se colocar como servo e ao mesmo tempo como discípulo do sagrado e das divindades. Um valor cultural e religioso que pode ser resgatado na educação, nas relações sociais e no encontro com o sagrado mediado pelo humano. Esse valor foi muito desenvolvido na oralidade, ao contar as histórias como forma própria da cultura religiosa africana com os itãs.

4.6.2 Os Itãs e a memória

Os Itãs foram histórias contadas por pessoas ancestrais sobre a cultura e a história das divindades, dos orixás e do sagrado transmitidas através da oralidade. Isso garante uma perspectiva de educação, pois toda a lenda do Orixá relata momentos em que se apresentavam as suas questões da vida, e também fala sobre a educação, como lidar com as diversas situações.

As histórias que conservam a memória sobre quem muito trabalhou, quem virou rei, sobre as pessoas que amaram e se dedicaram ao outro, sobre a educação e os diversos caminhos são relatos de situações em que os Orixás passaram e que deixaram ensinamentos sobre criação, ensinar, aprender, enfim progredir espiritualmente:

Itãs (*itòn*, em yorubá) são histórias, lendas e versos que contam e reproduzem, e no decorrer dos tempos os fatos e os feitos das divindades. Ensinamentos que passam de geração para geração, conhecimentos orais que os antigos nos legaram. Servem para que possamos entender e conhecer melhor a tradição

²⁰⁷ KILEUY. 2014, p. 124.

religiosa, seus simbolismos e os mitos que explicam as particularidades de cada divindade. Por meio dos itãs tiramos conclusões para termos uma vida pautada e doutrinalizada nos mitos.²⁰⁸

Os Itãs também apresentam histórias, vivências e práticas dentro da religião de uma Casa e da Tradição de uma determinada Nação. Esses itãs não são encontrados somente em livros, os sacerdotes e as sacerdotisas nascem com o dom de jogar búzios, ler a história e os acontecimentos atuais. Os itãs quando são transmitidos, retiram-se, acrescentam-se ou modificam-se itens de acordo com o entendimento e a cultura da época, assim como muitas lendas sofreram transformações e adaptações referentes à cultura.

Coloca-se neste sentido a dimensão do dom que se faz reconhecido no ato de fazer a caridade, e também de ensinar aquilo que pratica. Dentre tantos outros itãs, Monica Buonfiglio relata lendas e mitos que revelam a identidade das divindades. O de Oxum revela de maneira diversificada a identidade e a atividade de Orumilá, de Oxum, Xangô e Exu:

Quando Orumilá estava criando o mundo, escolheu Oxum para ser a protetora das crianças. Ela deveria zelar pelos pequeninos desde o momento da concepção, ainda no ventre materno, até que pudesse usar o raciocínio e se expressar em algum idioma. Por isso, Oxum é considerada a orixá da fertilidade da maternidade

Por sua beleza, Oxum também é tida como a deusa da vaidade, sendo vista como uma orixá jovem e bonita, mirando-se em seu espelho (abebê) e abanando-se com seu leque (abelê).

Segunda esposa de Xangô, considerada a mais bela de todas, teria sido presa pelo marido ciumento na torre do castelo que habitavam. Passando por ali, Exu ouviu o choro de Oxum e quis saber qual a razão da sua tristeza. Após ouvir a história pediu a Orumilá que intercedesse por ela. Este assim o fez, espalhando sobre a bela Oxum um pó mágico que a transformou em pomba, possibilitando a fuga. Por isso, nos cultos de Oxum, a pomba é considerada um animal sagrado.²⁰⁹

Entende-se que um zelador que não conhece e que não domina as línguas, depois de feito, com tempo de feitura ele falará em yorùbá perfeitamente, porque as regras e os preceitos são em yorùbá e vem dessa cultura. Ele tem que ter um dom recebido por Deus para poder desenvolver. Não existe um professor de yorùbá dentro do Barracão para estar ensinando a língua. Quando começa a frequentar o Barracão há algumas coisas que se percebe e aprende na convivência. Muitos outros, preceitos e fundamentos que se aprende

²⁰⁸ KILEUY. 2014, p. 164.

²⁰⁹ BUONFIGLIO, Monica. **Orixás! Búzios, o oráculo dos orixás**. São Paulo: Oficina Cultural Esotérica Ltda, 1995, p. 65-66.

dentro do Barracão não estão na literatura, mas estão naquilo que é dado pelo sagrado e transmitido pelos mais velhos.

A riqueza dos ensinamentos dos itãs é acrescida pela música, expressão da dimensão tão profunda da oração e das rezas. As músicas foram inseridas no culto ao sagrado para chamá-lo para a sala, uma invocação. Entende-se como fazer a corte.

É fundamental na dimensão da temporalidade e do curso da vida. Para cada dia da semana existe um Orixá e para cada Orixá existe uma música. A cada dia da semana existe uma música para chamar cada Orixá. A música é fundamental na reza, pois é com ela que se traz o sagrado para fazer o que tem que ser feito. Invoca a divindade para estar presente, para ensinar na dinâmica da vida e do cotidiano humano em que o divino se insere e participa. Isso indica a importância do conhecimento, pois é necessário fazer a reza e o canto no dia certo, para o Orixá que se quer louvar. Ou seja, o que se quer chamar, o que se quer presente na corte.

Os itãs, as músicas e as rezas se inserem no conjunto, entre tantos outros elementos, de valores culturais fundamentais para a formação humana, assim como para alicerçar as relações sociais. Inegavelmente também é valor para a educação. As tradições culturais e religiosas africanas oferecem nesse modelo de construção literária e expressividade cultural, a possibilidade de realização de um processo constante de humanização e harmonização em que o ser humano aprende que não deve ser soberbo, que deve respeitar e amar, se doar em prol do outro.

Ensina-se a ser pacífico, com uma atitude sábia de convencimento sobre a verdade, em que quem tem razão convence com sabedoria e delicadeza, como sinal do respeito e consideração pelo outro, como prática de aceitação e acolhida do semelhante. Do reconhecimento do outro e da contribuição participativa na vida do semelhante, numa possibilidade de respeito e crescimento comum.

Dentre tantos outros aprendizados, se destaca o respeito pelas outras religiões e o respeito pelos outros das outras religiões. Enfatiza-se que o aprendizado de coisas novas, que até então o iniciado no roncó não sabia, é muito mais que “fazer a cabeça”, no seu sentido conotativo, como dizem no senso comum, ou ainda de outra forma reducionista, “raspar o orixá” e muitas vezes de forma até preconceituosa “fazer o santo”.

A cultura de matriz africana ensina que a religião africana não separa, ela une as nações e a educação precisa beber dessa fonte que pode ser comum para a humanidade ser melhor, para a formação de novas criaturas, uma vez que o indivíduo iniciado é uma nova pessoa, é instruída para caminhar e lutar pela sua vida e dos seus.

4.6.3 As comidas e o encontro

A comida é compreendida a partir do reconhecimento da importância do alimento para a vida humana e considerando a sua proximidade com o sagrado. O candomblé conservou o entendimento da comida como parte essencial da cultura religiosa africana.

Rodolfo Gaede Neto trata o tema da mesa e da comunhão na perspectiva cultural africana, no texto “Diaconia no contexto afro-brasileiro: um estudo baseado nas comunhões de mesa de Jesus”. Apresenta a importância da mesa no seu texto sobre a diaconia e faz a mediação prática considerando a terminologia “servir à mesa” como chave de leitura para a compreensão no contexto de diversidade cultural, com o foco na comunhão.

Sua contribuição para o tema da mesa na prática e na cultura negra e nas expressões religiosas de matriz africana se torna evidente pela sua afirmação de que as refeições “refletem valores dos grupos” e conseqüentemente o pertencimento, tema fundamental das africanidades. Assim é afirmado por Gaede:

A gravidade do problema está em que refeições ‘refletem os valores fundamentais de grupos e o estabelecimento de suas fronteiras’. Pois ‘em nenhuma sociedade é permitido comer todos os tipos de alimentos em qualquer lugar, com qualquer pessoa, em qualquer ocasião’. O código de alimentação ‘revela algo sobre os graus de hierarquia social, sobre o pertencimento (inclusão) e não pertencimento (exclusão) a grupos, sobre fronteiras sociais e sobre transações para além dessas fronteiras’.²¹⁰

Isso indica o caminho para romper fronteiras e esses rompimentos abrem caminhos para a educação libertadora e inclusiva. As religiões de matriz africana guardam valores de outra tradição. O que se tem em comum é o espaço da pertença e o valor da igualdade entre as pessoas.

Nesse sentido faz-se necessário, evidentemente, determinadas diferenciações e destacar as especificidades. Não é qualquer pessoa que está autorizada a preparar a comida do santo. Existem pessoas que são determinadas para tal função, uma vez que não é qualquer comida, mas trata-se de comida para o sagrado:

Para a confecção das comidas dos orixás uma pessoa é preparada pelo sacerdote durante um bom tempo, e esta se dedicará somente a isso dentro da sua casa de candomblé. Geralmente é designada uma mulher que seja iniciada para uma divindade feminina (iyabá), e que passará a ser chamada de yabassé.

²¹⁰ GAEDE NETO, Rodolfo. **Diaconia no contexto afro-brasileiro: um estudo baseado nas comunhões de mesa de Jesus**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2014, p.24.

Através do exercício constante desta função, adquirirá um bom conhecimento prático e técnico, tornando assim a responsável pela confecção das comidas litúrgicas.²¹¹

Para a cultura religiosa africana cozinhar se torna uma coisa de grande valor, pois trata-se de cozinhar para as divindades e para a comunidade. O alimento é usado comunitariamente depois de servido ao santo. Diante disso, se torna um privilégio cumprir essa função dentro da religião do candomblé. A comida de santo se refere às oferendas. Cada Orixá tem a sua particularidade. As oferendas são para agradecer ou agradar o Orixá. Ao Orixá se oferece a primeira e melhor parte do alimento. O que é oferecido a um Orixá, este come e o que o caracteriza é sua comida principal. Nada impede que seja oferecido ao outro, pode até comer, mas não é a sua comida principal. A comida principal de Xangô é amala, de Iansã acarajé, de Oxum é Omolokum, a comida preferida de Oxumaré é a batata-doce pilada, de Nanã são as comidas próprias cobertas com folhas de mostarda, a comida preferencial de Oxalá é a canjica branca. Cada orixá tem a sua comida e o seu prazer na hora da sua alimentação, no momento das oferendas. Ele come primeiro, os alimentos são servidos para a comunidade e se cultiva a cultura do não desperdício.

Para educação isso se torna tão importante, pois se reconhece o valor do alimento como construção cultural e também o sentido social das relações de respeito e de igualdade de mesa como experiência religiosa.

A natureza humana e a natureza divina se encontram diante das comidas. Os Orixás comem e os seres humanos também comem. A beleza na dimensão do conhecimento e de uma educação religiosa está em que nos terreiros as comidas têm um jeito especial de serem preparadas. É acompanhada pelos saberes transmitidos, pelos conhecimentos adquiridos no terreiro, no Ylê Axé, pelas palavras de encantamento (ofó), pelas rezas (àdurà), pelas evocações (óriki) e pelas cantigas (orin) ligadas às histórias sagradas, presentes na cultura religiosa.

Há uma transmissão de axé e de força que vem do alimento em que as mulheres responsáveis são preparadas e educadas para tal atividade:

A ijoyé encarregada de preparar as comidas dos Orixás é a ÌyaBasé, o cargo outorgado apenas a mulheres de grande sabedoria e respeito junto à comunidade. Ela é a mãe que conhece todos os segredos da cozinha e que sabe

²¹¹ KILEUY. 2014, p. 139.

que o principal ingrediente para uma boa comida de santo, capaz de alcançar as mais altas dádivas, é o amor.²¹²

Quem cozinha a comida de santo normalmente só faz essa comida, exclusivamente, a pessoa tem todo um preparo, trata-se de um cargo. A comida é oferecida ao pé do Orixá.

Entender culturalmente a importância do alimento para os deuses, para o ser humano e dividir esse alimento é colocar-se no estágio de honra. Dessa forma busca-se a presença dos orixás na vida e na alimentação que são fundamentais para a existência e o crescimento do ser humano. A tradição religiosa entende o significado da refeição e da mesa comum como pedido de bênçãos aos Orixás e força para a vida.

Ressalta-se que o atributo maior dado às mulheres que preparam o alimento é o amor. A comida de santo pode perfeitamente ser servida para as pessoas, porque é bem temperada, refogada, de sabor agradável, feita com muita limpeza, com carinho e com dedicação.

Este amor das mulheres pode ser ensinado na educação escolar e transmitido como valor na construção da sociedade, o que se vivencia na relação com o sagrado no espaço da mesa comum e da comida partilhada.

Tem a função de trazer à memória o sagrado em forma de alimentação, o seu valor religioso e cultural de proximidade com a criação, pois vem da natureza. São os feijões, os legumes, as farinhas e os grãos de milho, especialmente as raízes, as batatas, ou seja, tudo isso vem de debaixo da terra. Também vale ressaltar os animais e também os frutos do mar (camarões e peixes). Usa-se muito tempero, que é extraído de um coco, também o melado que é extraído da cana, o mel. Há a concepção cultural religiosa de que toda comida do orixá é o encontro com a natureza.

No ciclo da criação, o que se planta e aquilo que se colhe, o que se leva à boca também é servido na mesa dos orixás. A comida de santo é uma comida que vem da natureza e com a natureza constrói sentido.

Destaca-se para a educação uma atitude de muito respeito com a mãe natureza. Costuma-se dizer que as pessoas para receberem esses alimentos têm que estar educadas. Para a atualidade isso é muito significativo, pois não adianta fazer uma comida de um orixá e arriar para fazer pedidos se o indivíduo não tem a educação para humildade, para o respeito devido para com o outro, para com a natureza e a criação. É preciso ter uma

²¹² EYIN. 2000, p. 300.

educação para estar inteiro e integrado, ter o respeito e a sintonia com Deus e o universo. Percebe-se o valor da religião em algo tão simples, comum e necessário para a vida humana. Uma organização religiosa, uma transmissão de hábitos e conhecimentos que garantem a continuidade da tradição, a ordem cósmica e a transmissão dos valores pessoais e sociais herdados de uma cultura.

4.6.4 O ebó e a qualidade da vida

O ebó é a oferta ou sacrifício feito aos Orixás. Acompanha a trajetória da existência humana. O ebó não é apenas uma limpeza, pode ser também uma oferenda para melhorar a qualidade da vida. O que o torna diferente é a intenção. No caso da limpeza é feita no corpo tirando as negatividades e as mazelas. É algo de bom, do bem. É muito usado para trazer um caminho bom, de saúde, de prosperidade, para tirar as enfermidades.

É a busca da harmonia pessoal e com o universo. Cada ebó serve para uma situação determinada da vida concreta e acompanha as necessidades existenciais e sociais. A dimensão da integração do ser humano com o universo se torna presente, assim como a integração com o presente e o futuro:

Esta harmonia deve ser entendida tanto como harmonia individual como também comunitária. O ser humano e a comunidade não são vistos de forma isolada. A tão procurada harmonia diz respeito a todos os elementos com os quais o ser humano está em contato: as águas, as florestas, a natureza, as cidades, o mundo todo, os antepassados e as futuras gerações.²¹³

A totalidade da vida se expressa na harmonia com o universo. A cosmovisão se torna elemento determinante das relações comunitárias na religião, em que o praticante se torna parte integrante do mundo em que vive e pelo qual se responsabiliza. Pelo simbolismo e significado religioso o ser humano descobre e valoriza sua identidade e sua responsabilidade participativa no conjunto da criação e na sua preservação:

O ser humano é visto, assim, tanto como o ser que vive e depende do seu meio ambiente, como também aquele que, através de suas atividades e modo de agir, carrega uma responsabilidade pelo seu meio, pela natureza, pelo mundo. Tudo isto está em jogo na troca que ocorre através do Ebó: a harmonia do indivíduo, da comunidade, do universo. Por um lado, a ação do ser humano carrega consigo todo o drama da existência, por outro, ela oferece ao ser humano a

²¹³ BERKENBROCK. 1997, p. 204.

chance de contribuir para a manutenção e harmonia do sistema, tomando com isso um lugar de destaque no todo.²¹⁴

O ebó é colocado em lugares determinados, específicos e adequados. Daí o aprendizado de fundamental importância no processo de formação social que vem da herança cultural das religiões de matriz africana. A relação com o universo que deve ser conhecido e cuidado.

O cuidado com a natureza, não só sua utilização para se alimentar, mas na preservação e na manutenção. Os lugares assumem um significado importantíssimo e sagrado.

Um ensinamento que deve ser introduzido na educação, a fim de romper com os preconceitos, é que os praticantes da religião sabem que não se pode usar um elemento natural, especificamente uma cachoeira, a mata ou o mar para fazer um ebó e deixar tudo espalhado pelo caminho, sujo e abandonado. Essas práticas não vêm da religião, mas de uma educação pessoal.

Destaca-se nisso outra dimensão própria e necessária para a convivência social, o respeito ao outro. O cuidado com o outro e diferente, pois nesses espaços circulam também pessoas que não fazem parte da religião.

A religião tem o intuito de fazer o bem, de vivenciar o amor, a paz, e conseqüentemente, o respeito aos outros e ao diferente que ocupa o mesmo espaço. Essa educação na perspectiva da religião traz a paz, prepara o ser humano não para a guerra, mas para a harmonia que é própria da natureza. A cultura da paz parte da atitude religiosa e pode penetrar o espaço educativo para construir relações humanas respeitadas e uma sociedade diferente. Ainda uma exigência fundamental do preceito religioso que pode perpassar a educação é o conhecimento de que se o ser humano for mal educado com a natureza hoje, amanhã essa natureza vai responder com o que ela recebeu. Se a prática religiosa jogar restos de bicho, restos de comida, as sobras do Ebó ou mesmo as louças utilizadas na natureza, amanhã ela vai devolver isso para a humanidade.

As religiões de matriz africana são de uma cultura de limpeza, de pureza. Destaca-se a harmonia com a natureza. Efetivamente não existe harmonia se não existe educação e o reconhecimento como valor existencial. Se este valor não for transmitido não se preserva. A harmonia e a transmissão são práticas identitárias da cultura e das religiões de matriz africana e devem ser consideradas no processo educativo.

²¹⁴ BERKENBROCK. 1997, p. 204.

4.6.5 As danças e a centralidade no atabaque

A unidade celebrativa da comunidade de candomblé com o Orixá é reconhecida através da dança. O destaque está na sua referência e complementaridade com os atabaques que introduzem com a música todo o momento litúrgico. Nisto se dá o elemento de unidade em relação ao sagrado. Canta-se e, conseqüentemente dança-se para o Orixá. O instrumento sagrado chamado atabaque é o que introduz a música e logo após a presença dos Orixás. Todos os instrumentos sonoros utilizados na religião são sacralizados e consagrados, e recebem oferendas e outras liturgias. Os instrumentos sagrados não podem ser utilizados para outros fins que não os religiosos. É ao toque do atabaque e com seu rufar que produzem os sons que são acompanhados das músicas, cantigas da tradição religiosa e com as palmas da assembléia que as divindades chegam e fazem suas danças. O atabaque se torna um intermediador entre o material e o espiritual.

Para poderem ser destinados ao uso litúrgico e ritmar as festas dos orixás, os atabaques devem primeiramente passar por rituais de sacralização. São lavados com ervas, recebem comidas específicas e são dedicados a um orixá. Só participam desta liturgia as pessoas de maior importância hierárquica dentro da casa de candomblé e os seus utilizadores, os ogãs.

Nisso se destaca o cuidado todo especial com o instrumento sagrado. É necessário saber lidar com a energia presente no instrumento que faz parte de toda a dimensão ritualística e mística da religião.

Logo após, os atabaques descansam por alguns dias, cobertos com panos brancos, em local resguardado. A seguir, já poderão ser levados para o barracão e começar a cumprir suas funções públicas e privadas. Anualmente, quando os sacerdotes se recolhem para fazer obrigações, o atabaque também recebe oferendas conjuntamente, inclusive participando do seu Borí.²¹⁵

O Borí juntamente com as oferendas, é o tipo de comida ofertado para restabelecer e fortalecer o sagrado que traz a paz. Os atabaques participam neste ritual devido a sua importância no conjunto harmônico e místico no sentido de estabelecer o equilíbrio da natureza e da comunidade.

Os atabaques têm os seus tocadores específicos, que são conhecidos como ogãs, que são reverenciados pela comunidade candomblecista. Eles são autoridades masculinas de posto hierárquico abaixo da Iyalorixá e do babalorixá, seus auxiliares diretos e passam

²¹⁵ KILEUY. 2014, p. 199.

por algumas exigências. Eles devem ser escolhidos pela autoridade religiosa da casa entre os que frequentam, devem ser confirmados geralmente através do Jogo de Búzios, serem suspensos pelo Orixá dono-da-casa ou por um Orixá que os escolheu e o chamou para si a realizar as obrigações sacramentais, que recebem sua faixa identificatória com o nome do seu cargo.

O ogã é um cargo de total confiança dos zeladores do Axé, de grande importância na religião e que concede certo status a quem o possui. Justamente por isso, essa pessoa deverá ter boa postura moral, conduta exemplar, ser leal e fiel ao seu superior hierárquico, à sua casa e, principalmente, ao orixá que o escolheu, pois tornou-se uma propriedade deste. Os ogãs atuam em vários locais na casa de candomblé: no salão, no quarto dos orixás, no quarto de Exu, nas matanças, nos toques etc. Mas não participam diretamente dos rituais de iniciação de iaô e em outros de senioridade. Estas autoridades não são "feitas", são somente preparadas, então não podem participar dos rituais de feitura. Isto não os desmerece, mas também não os qualifica para participar de liturgias sagradas. Ogã não pode ser babalorixá; contudo, em algumas casas ele pode assumir o Axé em momentos de emergência, mas com o auxílio de uma pessoa. Mas não poderá jamais ser intitulado de "babalorixá"! No caso daquele que fugir às suas responsabilidades perante o orixá que o acolheu, não seguindo as regras do Axé a que pertence nem honrando seu título, a divindade poderá "tomar" de voltar seu cargo!²¹⁶

Os cantos e as palmas que acompanham o toque dos atabaques vão buscar as divindades, criando e mantendo o ritual e a comunicação do humano com o divino. Esse momento é próprio para a memória, a adoração, a louvação, assim como também para os momentos de confraternização da comunidade reunida.

A dança é uma forma de relembrar os momentos marcantes que tiveram nas suas vidas e guardar a memória festiva. Com as festas se celebra um momento muito especial em que o sagrado se reúne com a comunidade para dançar, e com isso contagia muitas pessoas. A dança dos Orixás é o momento mais expressivo e mais bonito dessa religião de matriz africana. O céu e a terra estão ligados, como afirma Juana Elbein, ao tratar do sistema religioso e a concepção de mundo, a união do Àiyé com o Orun. Esta unidade educa o ser humano na perspectiva da espiritualidade e da relação com o sagrado que mantem a vida na sua integridade.

As duas entidades sobrenaturais, que coletivamente representam os mortos e os ancestrais, Onílê e Imolé, são representados por montículos de terra e é batendo ritualmente a terra – como veremos mais adiante – que devem ser invocados os ancestrais a fim de que ela surjam e se manifestem.

Toda a ação ritual no "terreiro" está indissolúvelmente ligada à terra; desde Olórun, passando por todos os òrisà até os ancestrais, todos são saudados e

²¹⁶ KILEUY. 2014, p. 61.

invocados no início de cada cerimônia derramando um pouco de água três vezes sobre a terra.²¹⁷

O canto, a dança e a festa se destacam como elementos educativos oriundos da cultura africana inseridos com muita propriedade no ritual. Estes se tornam efetivamente uma forma simbólica de lembrar a história pessoal e do grupo que encontrou na religião um elemento forte de resistência e afirmação da sua identidade.

Guardar a memória dos Orixás, de cada um deles é fazer com que isso seja valorizado e assumido como patrimônio cultural de um povo que resistiu, fez e celebra sua história. Em que o elemento religioso se insere como parte fundamental de uma formação identitária e preservadora de valores de ancestralidade e respeito ao patrimônio herdado da tradição e da sabedoria dos mais velhos.

Cada Orixá tem a sua dança e tem a sua música, e na liturgia tem o seu momento. Dado significativo que indica que é preciso se preparar para memorizar as cantigas. Isso expressa que existem regras, porque cada reza tem o seu momento, assim como cada cantiga. Não é diante de qualquer canto que o Orixá vai aparecer e vai dançar.

Cada divindade tem a sua particularidade, tem a sua cantiga, tem a sua reza e cada música tem o seu local certo.

Ao tratar sobre os toques de atabaque no candomblé Odé Kileuy e Vera de Oxaguiã afirmam que as variadas nações-irmãs possuem uma riqueza musical muito grande e cada divindade tem seu toque característico, porém existem cantigas que são “cantigas de fundamento.” Estas garantem a historicidade e a identidade religiosa passada e transmitida ancestralmente.

São cantigas muito arcaicas e sagradas, usadas em momentos solenes ou na invocação de orixás muito antigos e portentosos. São também aquelas escolhidas pelos orixás na iniciação de seus filhos, que se tornam emblemáticas para ambos. As pessoas não devem cantar as “cantigas de fundamento” de seu orixá, porque são cânticos que servem para convocá-lo, e ninguém canta para chamar seu próprio orixá!²¹⁸

Esse fundamento traduz a grandeza da união afirmada inicialmente como valor da convivência na diversidade que atinge a dimensão do sagrado. Algo místico se evidencia, daí a exigência de aprimoramento, a busca do melhor e do precioso para oferecer às divindades. A convivência se apresenta como valor a ser aprendido e a ser cultivado.

²¹⁷ SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a morte. Pàde, Asèsè e o culto Égun na Bahia**. Petrópolis, Vozes, 2007, p. 56-57.

²¹⁸ KILEUY. 2014, p. 209-210.

Igualmente apresenta-se também a evidência da necessidade da harmonia na comunidade e entre os iniciados.

As cantigas provocam a união com o divino e conclamam as divindades. Mesmo desconhecendo o significado do que estão cantando ou se a pronúncia ou a palavra estão corretas, a melodia da música e a sua colocação no tempo certo irão produzir uma sintonia. Por isso, é preciso que haja um aprimoramento das pessoas, para que saibam distingui-las e conhecer o momento adequado para cantá-las. Isto evita discórdias e dissabores entre os iniciados e os orixás.²¹⁹

O atabaque é tocado pelo Ogan, figura muito importante. Ele toca e canta do início ao fim do Xirê. Uma roda de quirela tem começo, meio e fim. Tem que ter preparo, tem que ter o conhecimento. O praticante da religião tem que saber o que está fazendo, se não, nada acontece. A própria entidade sagrada ordena que a cerimônia pare.

É algo que traz à memória, tem uma centralidade marcada pelo respeito à ancestralidade e à tradição. A religiosidade é mantida por uma sabedoria, pela qual o Orixá é chamado para a terra e essa é a função da Iyalorixá e do Babalorixá, as únicas pessoas que fazem a cantiga do sagrado, das divindades na terra. Compreende-se com isso o valor da hierarquia e da tradição. Essa liderança se evidencia pelo fato que ganhou essa atribuição. É uma pessoa preparada, ou seja, foi iniciado. É ensinado para que todo momento em que está em uma roda, para que se comece um Xirê, sua atuação aconteça.

Deve estar de corpo inteiro, como afirmam na tradição, de corpo e alma, para fazer aquilo que lhe foi ensinado e fazer bem. Algo de importante se destaca, se não tiver inteiro nada acontece. Tem que estar bem, com vontade de fazer por amor e dedicação. É um ato de entrega e de encontro.

Canta-se para todos os orixás e cada pessoa que tem o seu orixá em particular o recebe nesse momento e começa a dançar. Na comunidade, com todos juntos se realiza a grande roda dos Orixás, a grande roda da lembrança, a grande roda da cultura que traz à memória.

Mais uma vez uma referência à educação, uma vez que o ogan é preparado e cumpre suas funções com responsabilidade e está efetivamente integrado à comunidade guardando o respeito e a reverência àqueles que ocupam um lugar diferenciado na hierarquia religiosa.

O ogan aprende e identifica seu papel na religião, compreende seu lugar dentro da tradição e assume sua responsabilidade na perspectiva da preservação dos valores da

²¹⁹ KILEUY. 2014, p. 210.

ancestralidade que ocupam seu lugar no universo religioso. Este universo permeia o universo criado e habitado pelo ser humano que deve conhecer e se integrar.

Segue com isso o tema da cosmovisão e a integração com os elementos da natureza, parte expressiva e significativa da herança dos antepassados para as religiões de matriz africana. Este tema que oferece elementos significativos para a educação e a formação humana, exigência de integração na atualidade.

4.7 A cosmovisão e integração da vida

A abordagem da cosmovisão coloca para a educação o desafio da integração e da integridade do ser humano com a natureza. A educação tanto na religião quanto nas escolas devem compreender o universo em que os seres humanos e toda a criação vivem, porém para os homens e mulheres fica o desafio tanto religioso quanto educacional de cuidar e atuar na preservação.

A cosmovisão apresenta a grande diversidade cultural do povo africano, assim como elementos determinantes da religiosidade. Ela influencia fortemente a forma de educação e a vivência de valores. Assim como afirma Maria de Fátima Castelan ao tratar a “Cosmovisão Africana e o povo de Israel” na perspectiva bíblica cristã, também na abordagem do candomblé considera-se a grande herança cultural africana deixada pelos ensinamentos dos antepassados e os desafios atuais diante da cosmovisão e construção de valores educativos e comunitários.

Ao abordar a cosmovisão africana, é importante apresentar, mesmo que brevemente, de que concepção de África e do povo africano partimos. A África é um grande continente, com mais de 30 milhões de quilômetros quadrados [...] É reconhecida por muitos estudiosos como berço da humanidade. Assim mesmo apresentando grande diversidade cultural, apresenta aspectos em comum, com a religiosidade, a forma comunitária de educar suas crianças, a oralidade e etc., O que nos permite supor que é um conjunto de valores comuns que são marcas desses povos. Estamos, portanto, diante de um grande desafio: elencar alguns valores da cosmovisão africana tendo conhecimento da diversidade que caracteriza este povo.²²⁰

A Tese constata que o universo religioso oferece elementos significativos para a educação no sentido da integração do aluno e do professor, da instituição escolar no

²²⁰ CASTELAN, Maria de Fátima. **Cosmovisão Africana e o povo de Israel**. Série: A palavra na vida – Nº 342. São Leopoldo, 2016: CEBi - Centro de Estudos Bíblicos, 2016, p. 13-14.

universo criado assumindo uma linguagem, uma compreensão de si mesmo, da natureza e da relação do sagrado na história da humanidade.

Na cultura africana, segundo a herança deixada pela tradição e pelos ancestrais o divino se manifesta na natureza, por isso a cosmovisão assume uma importância tão grande dentro deste tema. Deus e os orixás são senhores de todo universo e cuidam da sua harmonia, da sua unidade e do seu funcionamento.

A análise dos quatro elementos da natureza sintetiza o que foi apresentado no texto de Mãe Beata e também o que representa a unidade do ser humano com a natureza. A terra-mãe que germina, faz crescer, dá a vida e alimenta; a água que sacia a sede, fecunda, faz crescer e perpetua a vida; o ar que é o sopro de vida e o fogo, luz e energia para manter a vida. Estes são elementos com os quais o ser humano lida e são manifestações da energia divina na qual acontece o encontro.

O encontro é necessário a partir de uma educação religiosa que possibilita a vivência do poder planetário das forças cósmicas em que as realidades se encontrem e vivenciem o Grande Axé, força e energia criadora e portadora da esperança de uma nova terra, outra roça, diferente terreiro e casa comum de santos e humanos, na qual todos os seres são incluídos.

4.7.1 A Terra-mãe e o espaço da criação

Nas casas de santo ensina-se a respeitar a terra como espaço da criação. Esta que deve ser cuidada e preservada oferece elementos significativos para a educação e a formação humana.

Na cosmovisão yorùbá a terra é a mãe, vinculada à ideia do útero que gera a vida. É o princípio da criação, do nascimento e do ciclo da vida após a morte. É onde tudo começa e onde tudo termina. De onde tudo vem e para onde tudo volta. A concepção do ciclo da vida está presente na cosmovisão em relação à terra. A religião cultua a terra com o sentido de respeito, de preservação e continuidade da vida.

Os praticantes da religião são educados com este princípio e é possível considerar o legado que deixa para a educação. A importância e o significado para sua relação com a terra abre perspectivas para educação diferenciada e com uma dimensão de cuidado com a natureza. Como exemplo, a decisão de não jogar o lixo na rua e preservar o que é de todos.

4.7.2 A Água e a sustentação da vida

Os rios são associados aos orixás femininos. A água simboliza a vida, o alimento, a criação, a fecundação, o crescimento dos elementos da natureza. Nesse sentido respeita-se como expressão da vida, como um elemento de sustentação da existência da humanidade e de grande importância para manutenção da vida. Os praticantes da religião são ensinados a preservar os rios porque eles são de Oxum. O sagrado que se manifesta na natureza se integra às necessidades e exigências da vida humana.

Esta Tese considera o legado que a religião oferece no sentido do cuidado e da preservação das fontes de água e propõe um repensar da educação para o não desperdício e a não exploração predatória dos mananciais de água. Trata-se de uma educação para a preservação da vida a partir de valores e expressões religiosas, simbólicas e naturais presentes no cotidiano e com um sentido fundamental de integração da existência.

4.7.3 O Fogo e a exaltação da vida

O elemento fogo representa Xangô. O africano viu o fogo e deu nome de Xangô, Exu e Omolú, estes orixás também são associados a este elemento da natureza. As tribos africanas pela cosmologia entendem que o fogo representa a exaltação da vida, o aquecimento e aproximação das pessoas. A luz que se irradia e se difunde no universo.

Nas culturas antigas as tribos faziam fogueiras e preparavam a comida ao redor do fogo. Toda a tribo ficava próxima para exaltar a vida. A família se reunia para dançar e festejar ao redor da fogueira e para se alimentar a fim de preservar a vida. O fogo é sinal de aconchego e aproximação da família, representa a base, a sustentação e preservação dos laços familiares e identitários.

Os praticantes das religiões de matriz africana aprendem desta cultura a preservar o fogo como um elemento de aproximação e de sustentação da vida a ser respeitado como sagrado.

A Tese verifica o legado efetivo deixado para a educação, pois na prática o indivíduo que é iniciado no candomblé tem como valor não usar o fogo como destruidor da vida, como o fato de queimar as matas, especialmente porque os deuses estão presentes e a vida se perpetua na natureza. Seria destruir a casa dos deuses e a casa comum dos seres humanos.

4.7.4 O Ar e o ciclo da vida

O ar tem o significado do sopro da vida, a criação. Ele mantém os seres vivos e representa a purificação do ambiente, a limpeza na natureza. Ele é aquele que leva embora as mazelas e espalha a beleza da vida e da criação, como faz também no meio ambiente ao perpetuar o ciclo da vida, assim como os grãos e os pólenes são espalhados na terra e germinam. O ar representa o elemento que faz o movimento de mudanças climáticas, a purificação do ambiente e da alma. Ele limpa, varre e leva embora tudo que é ruim, renovando e purificando os espaços. Está associado à transformação e à renovação.

É representado, simbolizando o sagrado em Obatalá, Yewá, Oya, que varrem com seus ventos e propicia que as sementes e os frutos caiam na terra e aconteça a fecundação e a continuidade da vida. Por essa ação, a vida se perpetua, pois as sementes caem, morrem, germinam e renascem formando novas árvores e outras sementes.

Para a educação deixa um legado de fundamental importância, pois o indivíduo que é iniciado no candomblé tem como valor a importância do ar para a vida, pois propicia a limpeza da alma e do corpo. Educar é assumir o ciclo da aprendizagem que se perpetua por toda a vida.

O que se pretende é uma aproximação da vida e da realidade cósmica que oferece elementos educativos e formadores para o ser humano na totalidade da sua existência e integração. É o que inicialmente se quer dos diversos protagonistas tanto das religiões quanto da educação, ou seja, a percepção da ação de Deus nas suas vidas, na natureza e na diversidade cultural que contempla a totalidade do universo e das relações entre os seres humanos:

Toda a ação ritual no "terreiro" está indissolivelmente ligada à terra; desde Olórun, passando por todos os òrisà até os ancestrais, todos são saudados e invocados no início de cada cerimônia derramando um pouco de água três vezes sobre a terra.²²¹

A diversidade cultural se relaciona com a unidade celebrativa e essa pode ser conhecida e ensinada e se coloca no paralelo com o pensamento de Lutero e tantos outros educadores e educadoras, religiosos e religiosas. Educar desafia a atualidade formativa na

²²¹ SANTOS. 2007, p. 54-57.

busca de elementos significativos e expressivos para as demandas da formação escolar e também de valores pessoais, comunitários e sociais.

4.7.5 A unidade celebrativa e a educação

É evidente a beleza de elementos da natureza na concepção religiosa, assim como a riqueza de símbolos e significados do universo que estão presentes nas celebrações do candomblé. Estes elementos, símbolos e significados além de ritualísticos que ligam o ser humano ao sagrado, também educam os praticantes da religião para a vivência e relação com os outros e com a obra criada e cuidada pelas divindades. Na natureza estão presentes os orixás que representam a emanção de Deus, que criou tudo. Diante disso, a criação de Deus está em todas as coisas, ou seja, Oludumaré é a força superior, está em todos os lugares, em todas as pessoas e em cada elemento da natureza. Essa emanção foi denominada pela cultura africana como a centralidade e unidade nos quatro elementos: a terra, a água, o fogo e o ar.

A dimensão feminina é representada por Oxumaré. É o movimento da sustentação do mundo. É a rotação e a translação. Na cosmovisão Yorùbá é simbolizada pela cobra como a energia que sustenta o mundo. A sustentabilidade, o movimento, a mudança, o dia e a noite, a formação do clima, as estações do ano, tudo isso envolve o culto desse Orixá.

O praticante da religião celebra e é ensinado a respeitar e a conviver com a natureza. A cosmovisão na relação com a unidade dos quatro elementos expressa na sua dimensão religiosa o equilíbrio e a complementaridade do ser humano com o universo. A dimensão da unidade se expressa cosmicamente e projeta no ser religioso uma busca do sagrado no sentido de se integrar, fazer parte dessa totalidade. Isso necessariamente passa por um aprendizado e uma práxis educativa.

A religião candomblecista na sua expressão de integração com o mundo criado cultiva vários valores e conhecimentos que podem oferecer conteúdos e abrir novas perspectivas para educação a partir da história e cultura afro-brasileira, do respeito e da valorização da natureza e o encontro com o olhar da ciência. A transmissão de saberes que se dá na experiência religiosa pode transformar a forma de lidar com a maravilha da criação presente no universo e no interior do ser humano a ser formado. O praticante do candomblé é ensinado, treinado, capacitado para não fazer qualquer coisa negativa, porque é exigido pelo seu Axé atitudes éticas no seu comportamento com o outro e com o

universo. Essa perspectiva é formadora e pode ser assimilada na educação a partir da concepção religiosa e de seus fundamentos e valores.

As religiões de matriz africana estão profundamente envolvidas no mundo, com uma visão de totalidade do universo e de sua unidade com os seres humanos, vivenciando uma cultura que traz na sua estrutura uma sabedoria de ancestralidade. As suas lideranças são possuidoras de conhecimentos inseridos em uma cultura milenar. Estes conhecimentos capacitam para lidar com o mundo, ensinando a existência humana a se relacionar com os outros seres vivos, animais e vegetais e conviver com suas riquezas e significados. A religião prepara e qualifica seus praticantes para serem melhores na sua relação com os alimentos e os dons da terra, usando-os com sabedoria e habilidade. A expressão da religiosidade alicerçada nas práticas culturais convoca para cantar e celebrar com seus deuses e deusas dançando no terreiro da vida a presença do sagrado na sua vida e no cotidiano, na comunidade e no universo, na terra, na água, na luz e no ar.

4.8 A Religião e a Educação, o novo fazer

A Tese se propõe à possibilidade de considerar a necessidade que a história demanda tratar religião e educação para a atualidade como exigência e avanço na superação do racismo e da discriminação, como fez no passado Lutero em relação à educação e ao enfrentamento do espaço político. Na situação atual, com a exigência da verdadeira e efetiva implementação da referida lei 10639/03, necessariamente deve haver um enfrentamento político.

A abordagem que segue compreende a realidade da religião e da educação, confrontada com os 500 anos da presença do negro no cenário religioso e educacional brasileiro, destacando alguns elementos na perspectiva da axiologia, considerando valores religiosos e educativos possíveis nas duas realidades. A protestante com seus teóricos apresentados no capítulo dois, as construções culturais dos teóricos da educação brasileira e a práxis histórica cultural e religiosa apontada inicialmente nas redações e complementada com os elementos da religiosidade africana neste capítulo.

É evidente, incontestável e inegável a contribuição que Lutero ofereceu para a educação pública e nesse horizonte aponta elementos significativos para o momento em que se situa a educação brasileira, considerando as questões referentes à cultura, à história

e à religiosidade do povo negro. O fator importantíssimo se situa no fato de que ambos os momentos emergem fora da institucionalidade e demanda repensar a formação e seus paradigmas. Urge repensar as tantas contribuições que se apresentam e que foram relatadas anteriormente como fundamentos alicerçados numa tradição solidificada com o tempo e transmitida pelos mais velhos e ancestrais, em que se pode considerar valores educativos para a atualidade.

4.8.1 Uma abordagem axiológica a partir de Lutero e Africanidades

A elaboração do texto no capítulo dois, com a Axiologia e sua concepção de valores na religião e na educação, abordada a partir de Lutero, no diálogo teórico com Comenius, Makarenko e Hall, apresenta a educação diretamente relacionada com a vida concreta. Os 500 anos do Luteranismo, os valores religiosos de uma doutrina cristã contribuíram enormemente para a concepção de educação da sociedade na Alemanha do século XVI em diante. Os valores elaborados se espalharam para outros países de religião protestante, inclusive o Brasil como evidência de reformas e mudanças profundas nas concepções de vida religiosa e de educação. Na mesma perspectiva cronológica, se pensa a presença do negro no cenário brasileiro. Passados também 500 anos de história e presença com uma religião de resistência que demanda uma nova concepção de educação que considere a marcante contribuição religiosa afro no cenário cultural e educacional emergem com outros protagonismos como os de “Kayllanes” e “Mães Beatas”, “João Cândido e Luíza Mahin”, de mães com filhos como Aluísio Gama e tantos outros filhos e filhas de santo espalhados pelos terreiros deste Brasil.

É tempo de reparação entendida como possibilidade de reconhecimento de igualdade de condições educativas da cultura afro-brasileira, e de agentes educadores que assumem uma nova postura na história e no espaço social.

Partindo da perspectiva do preconceito racial criada em relação aos negros trazidos da África e de toda a construção da história baseada na discriminação, negação de direitos, da cultura, da religião, bem como outros fatores contrários a sua inserção igualitária na cultura brasileira, é que se faz necessário refletir sobre ações que permitam "reparar" séculos de injustiças instaurada pela escravidão e que ainda hoje refletem nos afrodescendentes e outros grupos que fazem parte da nossa sociedade.²²²

²²² MANUEL, Bianca Correia Lessa; SILVA, Cristina da Conceição; ROCHA, José Geraldo da; SOBRINHO, Patrícia Jerônimo; COELHO, Simony Ricci e PAULINO, Simone Campos. **Interculturalidade e interdisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Editora Autobiografia, 2017, p.29.

Essa ação de reparação é entendida como ações afirmativas como afirmado por José Geraldo Rocha:

"A história desempenha relevante papel na construção da realidade vivida pela comunidade negra no Brasil. A compreensão dos processos históricos de dominação e exploração exclusão e discriminação é imperativo no entendimento das ações afirmativas".²²³

A contribuição que as lideranças religiosas e o movimento social oferecem para o contexto educacional representa nesta elaboração de uma teoria nova de educação algo novo. Ao verificar valores presentes na cultura negra e na religiosidade africana, abre perspectivas para outra concepção de cultura religiosa que se encontra com outros saberes e outros e diferenciados fazeres. As concepções plurais que fazem parte do ideário e de outra abordagem epistemológica e consequentemente da quebra de paradigmas.

De um lado, Lutero apresenta a necessidade de que o poder público e as famílias assumam seu papel na educação, e de outro, aponta na atualidade um novo protagonismo, o do movimento social e de educadores e educadoras, religiosos e religiosas que indicam a necessidade de cumprimento e execução da Lei 10639/03 que torna obrigatório o ensino da história da África e dos afrodescendentes no currículo escolar. Neste momento da educação brasileira também fica clara a importância da família, dado que aparece tão evidente na prática e também nas expressões de linguagem de casa, terreiro, roça, pai e mãe de santo, nas religiões de matriz africana e nas relações entre os seus praticantes. Como exemplo dessa perspectiva está a análise das redações em que se pode verificar claramente a utilização pelos alunos de conceitos herdados da linguagem e da tradição africana. Os alunos e alunas consideraram a ancestralidade, como também foi insistentemente mencionado nas redações, nas expressões escritas. Esses valores antigos são os que chegaram hoje de longos tempos aos estudantes, graças a oralidade e aos itãs. Outro elemento a se considerar é que no vocabulário usado nas redações guarda-se as expressões pai, mãe e filhos que indicam a herança clara de uma tradição que guardou os espaços religiosos da casa, que para o povo Djedje se chama Kwe, na qual moram os orixás, ou seja, as divindades. Entre tantos outros, os valores decorrentes dessa herança, como a pertença aos antepassados e ancestrais, o respeito pela autoridade, a bênção, o

²²³ ROCHA, José Geraldo da. Conhecer a história: pressupostos para a ação afirmativa. In: SANTOS, Ivanir; ROCHA, José Geraldo da (Orgs.). **Diversidade e ações afirmativas**. Rio de Janeiro: CEAP, 2017, p.75.

lugar dos mais velhos, a união entre os irmãos e o significado das riquezas da natureza, são destacados como segue:

Se os pais e antepassados são os genitores humanos, os òrisá são os genitores divinos; um indivíduo será “descendente” de um òrisá que considerará seu “pai” – Baba mi – ou sua “mãe” – Iya mi – de cuja matéria simbólica - água, terra, árvore, fogo, etc. – ele será um pedaço. Assim como nossos pais são nossos criadores e ancestris concretos e reais, os òrisá são nossos criadores simbólicos e espirituais, nossos ancestris divinos.²²⁴

São valores de um significado material para a existência concreta e a integração no espaço familiar, comunitário e social e também de significativa relevância para a formação e vivência de espiritualidade contextualizada e de uma mística profunda.

Em 500 anos de luteranismo percebe-se e aceita-se a ação do cristianismo na educação numa dimensão social relevante com os valores e significados que ofereceu e transmitiu. Na atualidade também aponta-se uma questão, entre tantas outras, relevantes para a axiologia e para a construção de valores sociais e educacionais: Por que tanta resistência e preconceito em aceitar os valores antigos de ancestralidade do povo negro para a educação brasileira?

O tema desenvolvido ao estabelecer um paralelo entre a contribuição do luteranismo para a educação e a atuação do candomblé no Brasil situa a necessidade de releitura histórica. A releitura feita a partir das redações dos alunos e das figuras destacadas verifica a necessidade de examinar também os 500 anos da atuação de um povo que tem tradições e considerar os valores constitutivos de uma identidade cultural e religiosa. Relevante aqui é a ação do movimento social e da formação cultural, que necessariamente dialoga com a construção de outra religiosidade e com elementos afro-brasileiros. Assim, se reconhece a presença e evidência da grandiosidade do conhecimento de lideranças religiosas que formam nos seus espaços pessoas capacitadas para ação no mundo, que podem contribuir com conteúdos escolares educativos na atualidade.

Esta educação, que no passado não foi reconhecida e valorizada pela cultura eurocêntrica, apresenta-se na atualidade com elementos construtivos para a formação cultural e religiosa do povo brasileiro. Ela se mostra capaz de reinterpretar, desconstruir e construir, mudança de paradigmas que se apresentam no encontro com o pensamento educacional religioso e cultural contemporâneo. A realidade ao longo de

²²⁴ SANTOS. 2007, p.103.

500 anos da presença ativa do negro e os desafios para uma educação étnicorracial no cenário nacional promoveram elementos construtores de valores religiosos e educacionais, além do cristianismo.

Aprofundando esse paralelo histórico é necessário afirmar que o contexto religioso e cultural do século XVI em continuidade com a modernidade e pós-modernidade se entrelaçam no confronto entre Reforma e Contra reforma indicando elementos de intolerância e desrespeito. Estes confrontos são sinalizadores para a abordagem da expressão de religião e educação que cresceram na resistência, na independência, alternando iniciativas e caminhos que historicamente determinaram a identidade das igrejas cristãs protestantes. A resistência e a autonomia se apresentam nesse contexto atual na construção social, educacional e cultural do povo negro. Esses elementos tanto na atualidade quanto no passado são significativos e apontam expressivamente para outro referencial religioso com seus valores e suas alternativas. Entrecruzam-se e dialogam religião, raça e ética educacional, valorizando a universalidade da presença afro-brasileira na contemporaneidade e que avançam para outro modelo, reconhecendo uma outra fonte, a África e a filosofia do Ubuntu, cultura negra e atualidade construindo valores educacionais.

A educação se encontra assim com uma outra literatura de canções da vida, itãs e mitos. A educação brasileira se coloca diante de referenciais teóricos diversos, nacionais e internacionais como possibilidade de encontro de elementos diversificados e plurais. A cultura do passado e do presente se encontra e se complementa na dinâmica do mundo e da vida, do local e da pertença.

Uma outra axiologia é possível, reconhecendo o passado, situada no presente e projetando o futuro, com educadores e educandos que assumem sua identidade e o seu pertencimento, assim como o seu lugar histórico, social, político, econômico, ideológico, religioso e fundamentalmente cultural. A raça e a cultura negra tomadas como referência na atualidade brasileira, fator axiológico em educação.

Apresenta-se assim a necessidade de interpretar a contribuição do ensino nas três dimensões apontadas, passado, presente e futuro tendo como exigência reconhecer a diversidade de valores, assim como encarar a possibilidade de desconstrução, e conseqüentemente a construção de novos pilares assentando valores educativos sobre bases sólidas e consistentes de convivência igualitária e respeitosa.

Essas bases se desenvolvem em solo comum pessoal e social em que a diversidade e a multiplicidade das dimensões formativas se encontram e se complementam como será

desenvolvido a seguir. As dimensões formativas na perspectiva de uma axiologia humana e social da educação que integre valores religiosos e culturais que contribuem na formação escolar e na formação social.

4.8.2 Uma axiologia humana e social da educação

A história do pensamento religioso e educacional guarda a grande contribuição de Lutero com a Reforma protestante e de Comenius com a “Didática Magna”. A “Didática Magna” mostra a "arte de ensinar tudo a todos", nesse sentido em que se compreende a importância de relacionar com a cultura negra e sua universalidade. A questão que se abre e se coloca para a atualidade em relação a grandeza que se conseguiu no passado é: por que não incluir no tudo os valores que esta cultura afro-brasileira propõe para o ensino, para a religiosidade e para a construção de valores?

Em geral, tomando a natureza como exemplo do método de Comenius e baseando-se em três princípios para que tudo seja ensinado com solidez, com segurança e com prazer, pode-se pensar uma outra perspectiva de educação na atualidade, posto que em ambos a compreensão do elemento religioso é determinante.

A Reforma protestante e a “Didática Magna” provocaram uma nova concepção na compreensão da educação no seu encontro ou no confronto da religião com a sociedade. Este fato possibilita um paralelo e abrem o horizonte para outra perspectiva proposta na Tese da axiologia e da construção de valores religiosos na atualidade considerando a história e a cultura afro-brasileira, e conseqüentemente, as suas expressões de religiosidades.

A referência direta ao cotidiano e à participação arraigada na vida concreta de um outro e novo grupo humano com todas as suas potencialidades possibilitaram uma nova forma de pensar a sociedade, a religião e a educação na época de Lutero e de Comenius, uma vez que estiveram muito próximos historicamente, sendo Comenius um sucessor de algumas das propostas educacionais de Lutero.

Esse elemento de Reforma é entendido como referência possível e necessária na concepção brasileira de educação.

4.8.3 Lutero e novos valores na educação e na sociedade

Na realidade o pensamento de Lutero passou necessariamente pelo referencial religioso e transformou sua época, contribuindo com valores sociais importantíssimos para a concepção da educação, da relação familiar e social. Nesse sentido se reconhece a perspectiva da construção de valores, tanto na parte da educação institucional quanto familiar, porém ao pensar o social é necessário considerar a amplitude da educação que abre o horizonte para questionamentos. O questionamento de Lutero já apresentado sobre a educação “De que nos valeria se, no mais, tivéssemos tudo e fôssemos todos santos, mas deixássemos de fazer aquilo que é a razão principal da nossa existência: a educação da Juventude?”²²⁵ se torna pertinente. Há muito que fazer em educação e religião.

Reconhecer historicamente esses fatores possibilita a elaboração de uma perspectiva afro-brasileira. Ele é um indicador nesse estudo e aponta para a contemporaneidade, a possibilidade de reconhecer também a relevância das religiões de Matriz Africana, seus protagonistas e seus conteúdos para o ensino de valores em educação na realidade brasileira. Quanto pecado em relação à educação e aos valores dos povos afro-brasileiros? Quantos limites em relação a essa cultura?

Um exemplo possível e de fácil compreensão parte da interpretação dos mitos, considerando o mito da democracia racial e seus desdobramentos na concepção social e religiosa. O preconceito e o racismo enraizados na cultura e na educação brasileira precisam e devem ser desconstruídos.

Uma outra matriz de conhecimento, de concepção de valores religiosos e sociais pode e deve ser visitada, reconhecida, considerada e praticada na educação. Trata-se de raízes africanas, afro-brasileiras, que possibilitam resultados diferenciados para os estudantes, para suas famílias e para a sociedade brasileira. Pode-se partir do princípio popular que se encontra na afirmação cotidiana: “não somos racistas, os racistas são os outros”. Essa afirmação forte e poderosa é o que costumamos chamar “mito de democracia racial brasileira”, que funciona como uma crença, uma verdadeira realidade, uma ordem a serviço da discriminação e do preconceito velado.

Uma análise crítica séria deve considerar o que se propaga nas mídias escritas e eletrônicas. Fazer hermenêutica, interpretar essa expressão histórica requer um confronto, uma desconstrução, e necessariamente, uma nova construção. E por que não dizer uma

²²⁵ JARDILINO. 2009, p.85.

“reforma africana, ou reforma afro-brasileira”? Para isso é imperativo uma visão axiológica, uma reforma de valores, uma outra e nova visão crítica e construtora de uma formação cultural, social, e conseqüentemente educacional e religiosa diferente. Inspirado no fato histórico da Reforma protestante pode-se reconhecer a desconstrução, e conseqüentemente, a construção de novos paradigmas sociais e religiosos. Propõe-se nesta Tese a possibilidade de uma abordagem educacional e religiosa reinterpretando necessariamente o fenômeno religioso, e em decorrência o processo histórico educacional com outros protagonismos. Assim como em paralelo se pode pensar a realidade do Brasil e seus limites.

4.8.4 O diálogo inter-religioso educativo e a cultura

As tradições culturais afro-brasileiras podem ser introduzidas no universo cultural e religioso considerando o desafio de vencer a intolerância e construir a liberdade religiosa. A história registrou nos 500 anos de Luteranismo a contribuição que o cristianismo ofereceu para a educação e o significativo diferencial para o avanço da educação pública. A presente Tese aponta a possibilidade de um paralelo significativo entre religião e educação, considerando a cultura africana com suas tradições e seus ancestrais. É possível também educar e transmitir valores com outras contribuições que não só as do cristianismo e assumir o espaço público pelo cumprimento da lei 10639/03.

A construção da educação em um país democrático vai ter que lidar necessariamente com a diversidade religiosa e cultural presente na sociedade e na qual vai se formando a futura geração, que necessariamente deve conhecer e conviver um novo conhecer que encanta com sua beleza e na perspectiva de superação de todo preconceito. Um outro interlocutor se apresenta e se faz necessário e este deve ser preparado nas escolas, porém, atento às modificações históricas e manifestações de outros protagonismos. Há efetivamente a outra escola de referência, a escola da vida e do encontro com outros interlocutores que oferecem conteúdos formadores e se inscrevem na linhagem dos que agregam saberes significativos da história e resistência do povo afro-brasileiro. A concepção da alteridade é de fundamental importância, pois nessa escola da vida, escola da história e escola da cultura o reconhecimento do outro se torna exigência ética de convivência agregada ao conhecimento, à consciência e à experiência do Ubuntu africano. As escolas referidas são os espaços de aprendizagens constantes e inacabadas,

que se mostram como modelo para o interior da vivência escolar onde se pode apreender e conviver de forma dialógica, na busca do fortalecimento de valores que contribuam na formação de processos identitários e pedagógicos. Elas demandam compreender como essas crenças e saberes podem ser aplicados como conhecimentos de forma interdisciplinar e transdisciplinar. São os desafios condutores de posturas renovadas e atualizadas da formação escolar, mas ao mesmo tempo são os fios condutores de redes de convivência humana saldável e sustentável.

A afirmação do “nós” se apresenta mais efetiva num país plural e diversificado, mas que tem uma história de fé de matriz e raízes africanas em confronto com o uma mentalidade individualista e utilitarista cultivada pelo eurocentrismo e europeização dos saberes. O fato de insistir no ser juntos oferece um modelo de convivência que se expressa na coletividade da construção de conhecimentos, na produção coletiva de saberes que se apresentam como alternativa na luta pela sobrevivência do planeta e na busca de qualidade nas relações entre sujeitos, grupos e sociedade, no limiar do século XXI. A vivência desses valores contrasta com os séculos de escravidão e ocultamento da identidade de vultos na história afro-brasileira e provoca o surgimento de novas expressões de liberdade apontando para um projeto de sociedade alternativa em continuidade com que fizeram os antepassados na história recente e que permanecem cultivados nas expressões mítica e religiosa da ancestralidade conservada nas religiões de matriz africana.

4.8.5 As crenças e saberes um desafio disciplinar

A experiência de escuta de lideranças das religiões de matriz africana tem produzido o enfrentamento sadio do preconceito e está construindo caminhos para novas perspectivas de ensino. Um exemplo claro disso é a experiência realizada nas escolas ao se convidar o pai-de-santo e a mãe-de-santo para colóquios inter-religiosos evidenciando a cultura religiosa dialogando com os diferentes. Outro exemplo tão comum é o fato de tocar samba enredo e conhecer os seus compositores e cantores evidencia da cultura popular e tradição de povo afro-brasileiro. Nessas iniciativas já é percebida a presença dos educadores das variadas disciplinas, assim como a constatação da diversidade de religiões dos interlocutores alunos e professores. As diversas crenças ocupam o mesmo espaço no diálogo comum.

4.9 Os valores culturais na educação e na sociedade

Compreendendo a atualidade como marcada por esta pluralidade de tradições é preciso afirmar a relevância religiosa e a abordagem da questão étnicorracial que tem como fio condutor uma perspectiva antropológica e social. A partir dessa perspectiva é que se torna necessário pensar como abordar os conteúdos, a linguagem e a prática interdisciplinar referente à Educação Religiosa.

O questionamento atual entre outros possíveis colocado em paralelo com o anterior de Lutero é o seguinte: Quem são os interlocutores que de forma autêntica oferecem conteúdos para a elaboração de uma relação entre vida e educação?

Assim como no passado foi afirmado no contexto histórico de Lutero, na atualidade é necessário contextualizar o fenômeno religioso na realidade do Brasil e da América Latina. Neste sentido, Pedro Ruedell ao tratar Ensino Religioso nas escolas oficiais do Rio Grande do Sul, apresenta uma análise da Lei 9.475/97. Destaca-se nessa elaboração, de maneira especial, a importância da abertura do Ensino Religioso para o desenvolvimento pleno da pessoa humana e a construção de uma sociedade justa e solidária. Apontando o elemento central do tema que aqui é desenvolvido, a saber, o respeito à diversidade religiosa e a rejeição do proselitismo, este que de forma evidente confronta e agride as tradições de matriz africana.

3. Ou ER é ministrado com "respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil". São-lhe "vedadas quaisquer formas de proselitismo". Por isto, não é catequese ou doutrinação de determinada denominação religiosa. Não se reveste mais de caráter confessional, como vinha sendo desde a sua implementação no Brasil.²²⁶

Fica assim clara a necessidade de considerar os valores culturais. Evidentemente que, também valores religiosos na pluralidade e diversidade de suas expressões, e não somente aqueles expressos nas religiões de matriz cristã, como se tem observado em muitos anos na prática educativa.

Pensa-se a partir daí a possibilidade de um novo ensino religioso que passa do domínio tão somente das confissões religiosas para a área de produção de conhecimentos de natureza social, antropológica e cultural que considere a vida e experiência do povo afro-brasileiro e suas expressões de religiosidade.

²²⁶ RUEDELL, Pedro. Ensino Religioso nas escolas oficiais do Rio Grande do Sul. In: DREHER, Martin N. **500 anos de Brasil e a Igreja na América Latina**. Porto Alegre: Edições EST, 2002, p. 494.

A relevância não está somente no saber teológico, mas também no aspecto antropológico e social, nas expressões culturais que são portadoras de valores religiosos, na perspectiva das Ciências da Religião. Ainda pode-se afirmar que não se trata só de valores religiosos, mas de uma cultura alicerçada numa religiosidade profunda e histórica. Esta necessariamente não considera somente a oficialidade, mas aquilo que foi produzido historicamente a partir das periferias, a partir da marginalidade e a partir do processo de construção dos grupos que resistiram na história. Inegavelmente apresenta algo revolucionário e que pode ser pensado paralelamente nos parâmetros do que representou a Reforma protestante, na sua expressão religiosa, social e histórica.

Roberto Zwetsch trata o elemento cultural com propriedade. Afirma a existência de contradições e sofrimentos na história de 500 anos de Brasil, mas também de uma forma muito própria e característica resalta o enraizamento de uma grande vitalidade nas manifestações culturais e religiosas da cultura afro-brasileira:

Apesar das contradições e sofrimentos vividos pela população negra ao longo desses quinhentos anos, a sua cultura se enraizou e se mantém com grande vitalidade, expressando-se através das manifestações de caráter associativo, tanto do campo cultural quanto do social e religioso.²²⁷

O mesmo autor, ao tratar das culturas africanas destaca, de forma original, duas vezes a expressão significativa: “cultura é como chão de um povo”. Esse “chão” é profundamente ligado à vida e ao cotidiano, que considera as mudanças e as inovações, as resistências e as superações. Estas são determinantemente marcadas por fatores culturais e religiosos. Fatores esses expressos nessa Tese, corroborando com a afirmação da importância da cultura negra, expressa em suas manifestações, entre elas a religiosa e a cultural, que se identificam e se complementam de maneira muito espontânea e natural:

A cultura é o chão de um povo. E onde ele pisa, transforma e vai construindo o melhor ambiente para o seu relacionamento e sobrevivência. As culturas desafiam as imposições, e resistem aos regimes de governo, até aos mais totalitários. A cultura negra das Américas foi como algo que tendo sido espremido nas mãos dos dominadores, escapou-lhes pelos vãos dos dedos. O chão do povo, particularmente do Brasil, é culturalmente negro. A cultura negra está nas religiões, na estética, na música, na literatura e na vida familiar brasileira.²²⁸

²²⁷ SILVA, Antônio Aparecido da. Comunidade Negra: 500 anos de resistência. In: ZWETSCH, Roberto E. (Org.). **500 anos de invasão, 500 anos de resistência**. São Paulo, Edições Paulinas: CEDI, 1992, p. 182.

²²⁸ ZWETSCH. 1992, p. 190.

Essas afirmações deixam evidente um questionamento a respeito da inculturação, tema tão importante para a educação e para a religião, alicerçado no chão de uma cultura tão expressiva como já afirmado significativamente:

A maneira como o negro, ao longo desses séculos, vem vivendo a sua fé e a prática religiosa não tem sido uma profunda experiência de inculturação? Os negros e estratos populares, mais que produzir práticas religiosas organizadas, expressam a fé com elementos e categorias de sua própria cultura.²²⁹

A compreensão da relação entre educação e religião apresentada, considerando valores religiosos do luteranismo abre o horizonte para pensar a cultura brasileira, a possibilidade de relacionar valores religiosos na educação tendo como referência a sociedade e também a cultura. O que foi afirmado a respeito da inculturação, da relação educação, religião e cultura, necessariamente na realidade brasileira, requer pensar de maneira peculiar o enfrentamento do racismo.

Um indicativo importante para tal é apresentado a seguir. Neste se procura compreender os valores religiosos e culturais da raça negra como construtor de valores em educação. O que segue como abordagem axiológica em educação se dá a partir da cultura, religião e resistência do povo negro no Brasil com referenciais na África, na tradição cultural e na ancestralidade, necessariamente com uma compreensão de pertencimento.

4.9.1 Educação e valores cantados na história e na tradição

Neste tema há um resgate e reconhecimento da tradição com uma abordagem que considera o grande valor presente nos encantos da cultura negra, assim como na ação educativa libertadora partindo dos elementos culturais produzidos pelos praticantes da cultura e religiosidade de matriz africana.

O ponto de partida e referência é o carnaval. A festa cultural com uma das manifestações populares de maior riqueza e expressão da história que retrata também o lugar de resistência e preservação dos mitos, da mística e até mesmo da religiosidade do povo brasileiro. O Carnaval, neste enfoque, refere-se ao samba enredo que relata o Mito da Criação. Na letra e na musicalidade desta produção se destacam elementos

²²⁹ ZWETSCH. 1992, p. 197-198.

significativos que são considerados com um valor expressivo para a atividade educadora. A tradição africana assumida culturalmente pela expressividade brasileira desponta.

A sabedoria da composição revela elementos de uma religiosidade milenar que é tratada de forma valorosa para a educação por ser inserida na expressão cultural popular, que tanto interessa para a educação libertadora.

Uma observação significativa se faz necessário, pois tal composição retrata a resistência no meio popular e é um indicador da atuação dos grupos sociais muitos anos antes da elaboração da Lei 10639/03, ou seja, 25 anos antes. Como nada acontece por acaso na concepção afro-brasileira, acrescenta-se o fato importante e celebrativo de uma boda de prata. É possível recordar a afirmação do samba citado no capítulo três sobre a Luiza Mahin: “Valia ouro, valia prata a inteligência dessa raça!”.

Na composição que segue destacam-se crenças e liturgias, saberes que se tornam populares e culturais recordando princesas africanas, personalidades reconhecidas no seu valor e representatividade, o local de pertença, a sagrada Bahia que se integra na criação - mito da cultura e tradição nagô.

4.9.2 A música e elementos educativos

A beleza da música se apresenta como a efetividade da ação. Os saberes populares se evidenciam no espaço social e oferecem elementos culturais e educativos significativos e que podem compor o programa de conhecimentos necessários para formação humana e construção de valores educativos.

Um exemplo claro desse fazer está na expressividade da criação apresentada pela Beija Flor de Nilópolis, Escola de Samba da Baixada Fluminense, que resgata a sabedoria da tradição e da ancestralidade e conjuga religiosidade e cultura encantando na passarela do samba e da cultura brasileira no carnaval. O conteúdo expresso no samba pode ser utilizado em outros momentos determinantes da cultura e dos encontros populares que podem ser assimilados na formação escolar.

Música da Beija Flor

Samba Enredo do terceiro título da Beija-Flor de Nilópolis. 1978

A criação do mundo na tradição Nagô.

Compositores: Neguinho da Beija-flor, Mazinho e Gilson.

*Bailou no ar
 O ecoar de um canto de alegria
 Três princesas africanas
 Na sagrada Bahia
 IyáKalá, IyáDetá, IyáNassô
 Cantaram assim a tradição Nagô
 (Olurun)*

*Olurun! Senhor do infinito!
 Ordena que Obatalá
 Faça a criação do mundo
 Ele partiu, desprezando Bará
 E no caminho, adormecido, se perdeu
 Odudua
 A divina senhora chegou
 E ornada de grande oferenda
 Ela transfigurou*

*Cinco galinhas d'Angola e fez a terra
 Pombos brancos criou o ar
 Um camaleão dourado
 Transformou em fogo
 E caracóis do mar
 Ela desceu, em cadeia de prata
 Em viagem iluminada
 Esperando Obatalá chegar
 Ela é rainha
 Ele é rei e vem lutar*

*(Ierê)
 Iererê, ierê, ierê, ô ôôô
 Travam um duelo de amor
 E surge a vida com seu esplendor*

Esse conteúdo marcado de expressividades religiosas para a cultura africana pode ser colocada diante da grandeza do ensinamento da teologia, da cosmovisão e da preservação e cuidado com a natureza.

O fazer se apresenta como contribuição das crenças na elaboração cultural serve perfeitamente para a elaboração da educação e da cultura. Esta elaboração pode naturalmente ser introduzida nas possibilidades de conhecimentos escolares, para a formação humana e social.

4.9.3 Contribuições das crenças e saberes na educação

As crenças sempre motivam a história de libertação dos povos, assim como os saberes se articulam numa perspectiva científica e cultural oferecendo elementos

significativos e construtivos para a educação e a religião. Considera-se na atualidade a importância do resgate desses saberes e crenças para a construção histórica do povo negro. Os elementos da cultura do povo africano e dos afro-descendentes são considerados de fundamental importância para a educação e a construção identitária do povo brasileiro.

As crenças e os saberes se articulam rompendo preconceitos, valorizando religiosidade e conhecimentos da história e cultura do povo negro, com suas expressões e tradições. Ressalta-se que com essa expressão literária e musical pode-se recolher conteúdos relevantes e contribuições efetivas sobre as crenças e a religiosidade, os saberes e os conhecimentos, a história e a cultura afro-brasileira para o pensamento e reflexão científica numa perspectiva exegética e hermenêutica. Uma compreensão sobre a criação é apresentada com a mesma importância da até então conhecida judaico-cristã. Uma outra fonte pode ser oferecida para uma hermenêutica da raça e da cultura afro-brasileira, fundamentada em tradição oral e no estilo da cultura e transmissão de itãs que sustentaram a resistência deste povo que tem raízes históricas e culturais tão profundas arraigadas na África. Aspectos de uma releitura bíblico-teológica se encontram na história dos negros no Brasil, e se abrem para o contato com tradições africanas presentes na história e expressões de educação escolar na elaboração de conteúdos formativos.

Um destaque especial se deve ao fato de que o lugar da vida assume importância, pois refere-se a uma outra escola, a Escola de Samba, o Barracão. Este lugar se torna o espaço apropriado para a conservação da memória e a transmissão das experiências vivenciadas. Nele o lugar do mais velho está garantido e marca uma identidade diferenciada de relações, de respeito e reverência. Assim como relatado a respeito das Casas de Candomblé, o Barracão se torna espaço diferenciado da atuação do povo negro, com relações interpessoais e sociais repleta de ensinamentos relevantes para a educação escolar e formação respeitosa que dignifica a sociedade.

Do Carnaval que relata o Mito da Criação, segue-se para um paralelo possível com a experiência da educação e construção de redações com a história da africana que viveu no Brasil, lutou e conquistou a liberdade. Considera-se a universalidade da luta pela sobrevivência na compreensão da cosmovisão da criação apresentada com a beleza da cultura e a originalidade do samba resgatando crenças antigas do povo africano. A importância das relações entre os sujeitos destaca-se na perspectiva da educação com a apresentação do conteúdo da redação. Os escritos que resgatam as figuras históricas de João Cândido e de Luiza Mahin no processo de construção da história do Brasil se valorizam ainda mais e se confirmam com o referido samba enredo. Os escritos e o samba

se estabelecem como parâmetro possível para construção de valores na educação na atualidade e com o cumprimento e implementação da Lei 10639/03, que torna obrigatório o ensino da história da África e dos Afro-descendentes. Este ensino que agrega não somente figuras históricas, mas também as construções culturais que passam por outras “Escolas” e podem entrar no conteúdo formador de valores nas escolas e na formação humana e social. Destaca-se neste sentido a necessidade de considerar e valorizar as experiências vivenciadas em espaços diferenciados da atuação do povo negro, no samba e na sala de aula.

4.9.4 Rompendo os preconceitos

A afirmação mais necessária e urgente para uma educação libertadora destaca a necessidade de romper com os preconceitos, valorizando o conhecimento da história do povo negro, presente na cultura popular e na criatividade do processo educativo, que considera e reconhece a religiosidade africana.

Os aspectos que se destacam na perspectiva de uma releitura bíblico-teológica se encontram na história e identidade dos negros no Brasil, e se abrem para o contato com as tradições africanas presentes nas expressões culturais. A elaboração de novos saberes emana também da arte e da beleza da construção do povo nos barracões das escolas de samba.

As práticas educativas exitosas devem se destacar na atuação docente e discente, a possibilidade de pensar os novos protagonismos e resgatar da história e das práticas dos movimentos sociais os valores advindos da resistência, das lutas e das conquistas das negras e dos negros que construíram a história abolicionista e a libertação da chibata nessa terra e nesse chão, no cais e nas embarcações. Essas práticas estão necessariamente associadas às construções realizadas na atuação dos movimentos sociais e às formas culturais diversificadas e plurais da criatividade de outros protagonismos vistos de baixo, do lugar dos pequenos e pobres.

Estas práticas se realizam no lugar social determinado, cantando e encantando com a beleza do samba de enredo. A Escola de Samba Beija Flor, localizada na Baixada Fluminense, município de Nilópolis, no Estado do Rio de Janeiro, apresentou no ano de 1978 “A criação do mundo na tradição Nagô”. O papel reservado aos *Òrisà-funfun* na criação do universo e a importância de conservar a existência do mundo são

magnificamente ilustrados pela história-mítica sobre a criação do mundo na tradição africana. Assim é afirmado em “Os nagô e a morte”, duas histórias, dois itãs, mantidas vivas pela tradição oral, contam a criação de *Sánmò*, o céu atmosfera, consequência da separação do *òrun*²³⁰.

Mitos e histórias, crenças e liturgias, saberes e oralidades que se tornam populares e culturais resgataram as figuras e as representações das princesas africanas da sagrada Bahia. A Criação – mito nagô se apresenta numa demonstração de sabedoria e de beleza, que fundamentalmente expressam a crença e a fé, traduzidas em cultura, arte e beleza. A letra e o conteúdo do que encantou e encanta a tantas pessoas que valorizam e reconhecem os valores culturais e religiosos que estão contados também na Bíblia Sagrada Cristã, seguem como ilustração da possibilidade de outra matriz cultural educar e sustentar a expressividade da fé.

Eis a criação, um canto de alegria, em uma tradição que chegou ao Brasil, passando por uma trajetória de resistência e que possibilita pensar uma hermenêutica a partir da cultura e tradição africana, das lutas e vitórias, a construção histórica do povo negro na oralidade e com gêneros literários próprios.

Afirma-se a importância e a necessidade de resgatar a linguagem e o vocabulário da tradição africana no cantar e contar a história da criação, em que o Deus Criador de todos os povos é reconhecido também na história e cultura africana e na tradição nagô.

A possibilidade de pensar o feminino como participante da obra divina, a harmonia dos seres criados, o feminino e o masculino participando juntos, ou seja, em condição de igualdade “ela é rainha, ele é rei e vem lutar”, contribuição original desta tradição. Trava-se de um duelo de amor, extremamente humano para que a vida surja no seu esplendor, entendido como beleza.

Considera-se com isso uma hermenêutica bíblica que dialoga com outras vozes. Essas são as vozes da cultura e as vozes da arte do povo negro que ecoam e superam a releitura da eleição de uma etnia como povo de Deus. Efetivamente para assumir a Bíblia, Palavra Sagrada, como surgida da experiência concreta de fé dos marginalizados e marginalizadas com expressões diversificadas.

O que se pensa na ótica do povo negro se compreende num contexto amplo que possibilita reinterpretar a palavra bíblica a partir de sujeitos determinados. Assim já afirmado na perspectiva da leitura e releitura da Bíblia a partir da negritude, de novas

²³⁰ SANTOS. 2007, p. 54.

perguntas, novos lugares e novos sujeitos e protagonismos e conseqüentemente outros desafios como escreve a teóloga Silvia Regina:

A leitura da Bíblia na perspectiva negra é uma das leituras que surgem na América Latina buscando ressignificar a Bíblia a partir de novas perguntas, de novos lugares interpretativos e de novos sujeitos”[...]. Queremos continuar perguntando, indagando, evidenciando alguns desafios que permanecem presentes nesta leitura a partir dos afro-descendentes.²³¹

A partir desta nova leitura se descobre na Bíblia que o critério para participar deste povo não é a pertença a uma etnia, mas a uma categoria social de excluídos e excluídas que reconstrói o significado de sua pertença na história do povo de Deus, assim como da criação e recriação do mundo e seus significados.

Desta forma constata-se a exclusão de outras experiências, de outros saberes, de outras vozes não oficializadas, mas que possibilitam vivências religiosas diferenciadas e até mesmo referências de releitura da Palavra na formação bíblica e humana, no fazer teológico. Esta releitura possibilita na atualidade buscar novos paradigmas em que a Bíblia, de acordo com a experiência das comunidades negras, pode ser cantada e encantadora no cotidiano da cultura e formação do povo brasileiro. A oralidade se destaca entre outras vozes possíveis que legitimam a experiência africana e afro-brasileira, quando é possível afirmar nesta releitura que primeiro é a vida. Antes da Bíblia já existia a vida, então, primeiro é a vida contada na oralidade e cantada na arte e na beleza. Falando de outras vozes, se afirma a necessidade de dialogar com o povo negro que está nos terreiros, nos barracões, nas ruas e nas passarelas do samba. A Palavra se torna então, mais um momento, evidenciando a importância de dialogar com a realidade do povo negro, relendo a cultura, os símbolos e as práticas de vida.

Disso decorrem novas formas de experiência de Deus, pois se considera que não há uma só experiência do sagrado. Nas práticas de fé, nas várias manifestações religiosas, na vida cotidiana, no enfrentamento com uma sociedade de exclusão, há também lugares de experiência de Deus na arte e na beleza e que resgata valores. Um Deus que não se revela e cria só no masculino, mas também com o feminino, como terra, com os animais, que é irmã e irmão, amiga e amigo. Um Deus que come e se faz comida, dança, festeja, celebra a vida e luta se manifestando na natureza e na vida simbólica. Esta maneira muito

²³¹ SILVA, Silvia Regina de Lima. Despertando as forças transformadoras do corpo e do texto: Bíblia e Negritude. In: **Negra sim, negro sim, como Deus criou – leitura da Bíblia na perspectiva da negritude**. EST – Grupo Identidade e CEBi. São Leopoldo: Con-texto, 2006, p.29-30.

rica e simples de viver e expressar as experiências de Deus ensina a não tornar absoluta a experiência cristã como única experiência religiosa de valor e sim a dialogar com outras vozes. Levando em conta a experiência dos povos negros, percebe-se que a mensagem da Bíblia tem sentido e se legitima na luta pela vida e pelos valores culturais das comunidades negras que com sabedoria, fé e encanto fazem ecoar novas vozes do saber e do fazer história.

4.9.5 O encontro da religiosidade e da cultura

O tema que perdurou pela tradição e ancestralidade e que foi transmitido pela prática da oralidade chegou até a Escola de Samba e pode naturalmente ser assumido no processo da educação escolar. A vida concreta e suas expressões na relação com o sagrado são descritas nas narrações da criação na cultura africana, assim como na tradição cristã. Oferecem para o ser humano elementos formativos e construtores sociais. Há efetivamente um diferencial na expressão cultural e no espaço vivencial em que os afro-brasileiros se inserem. O profano do mundo e da cultura se identificam na expressão da religiosidade, dando-lhe sentido, conteúdo, valor, identidade e expressividade.

A síntese que se estabelece naturalmente entre religião e cultura para a formação social do povo negro pode chegar de maneira sistematizada e curricular no espaço escolar. A maneira como o movimento social transita no espaço cultural e assimila seus valores é um indicador de possibilidades pedagógicas de construção de elementos formativos.

4.9.6 A sobrevivência no sagrado

A luta pela sobrevivência e a ecologia na compreensão da cosmovisão da criação é apresentada com a beleza da cultura e a originalidade do samba que resgata crenças antigas do povo africano. Segue o relato da criação conservado e transmitido pela sabedoria das religiões de matriz africana com o mesmo tema cantado pela Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis no carnaval de 1978.

A importância dos itãs é retomada nesse capítulo, nos quais as histórias são mantidas vivas pela tradição oral, contam a criação de Sánmò, o céu atmosfera,

consequência da separação do òrun e a atuação do ser masculino e feminino, assim das criaturas. O livro “Os nagô e a morte” apresenta a criação do mundo diretamente ligada à compreensão da vida.

São apresentadas as três histórias da criação. Com este texto se propõe entender a individualização, como se afirma na cultura africana as representações materiais dos “dobles espirituais” que povoam o òrun e tem suas funções na conservação do universo. O papel reservado aos Òrisà-funfun na criação do universo, a luta pela supremacia e o acordo que fizeram a fim de manter-se unidos, única maneira de conservar a existência do mundo é magnificamente ilustrado pela história-mítica sobre a criação do mundo - o itã igbà-ndá àiyé - tal qual é revelada pelo odu-Ifá Òtúrúpòn-Ôwónrín.

Essa narração pode ser analisada em três partes: A primeira mostra omissão de Obàtálà em realizar o sacrifício e Odua que toma a frente; a segunda apresenta a criação da terra, e a reabilitação de Obàtálà, e finalmente, a luta pela supremacia e o acordo final tal qual é revelado pelo Odu Ifá Íwòri-òbèrè.

A narração é apresentada resumidamente sem documentar a longa versão bilíngue. Para esse conteúdo, o que se propõe é perceber a importância da história, que é rica em pormenores e que esclarece numerosos significados rituais e o valor da experiência humana. Apresenta de uma forma bela a relação àiyé-òrun e os elementos do igbá-odú, representação material do universo:

“Quando Olórun decidiu criar a terra, chamou Obàtálà, entregou-lhe o "saco da existência", àpò-ìwà, e deu-lhe as instruções necessárias para a realização da magna tarefa. Obàtálà reuniu todos os òrisà e preparou-se, sem perda de tempo. De saída, encontrou-se com Odùà que lhe disse que só o acompanharia após realizar suas obrigações rituais. Já no òna-òrun, caminho, Obàtálà passou diante de Èsú. Este, o grande controlador e transportador de sacrifícios que domina os caminhos, perguntou-lhe se já tinha feito as oferendas propiciatórias. Sem se deter, Obàtálà respondeu-lhe que não tinha feito nada e seguiu seu caminho sem dar mais importância à questão. E foi assim que Èsú sentenciou que nada do que ele se propunha empreender seria realizado.”²³²

O grande aprendizado é sobre a importância da palavra, do acordo e consequentemente seu cumprimento. A relação que se estabelece de confiança é um

²³² SANTOS, Juliana Elbein dos. **Os Nagô e a morte. Pàde, Asèsè e o culto Égun na Bahia**. Petrópolis, Vozes, 2007, p. 61-64. Esta referência seguirá para as citações seguintes da relação àiyé-òrun e os elementos do igbá-odú, representação material do universo.

valor de grande importância para a educação e é apresentada na relação com o sagrado:

Com efeito, enquanto Obàtálà seguia seu caminho começou a ter sede. Passou perto de um rio, mas não parou. Passou por uma aldeia onde lhe ofereceram leite, mas ele não aceitou. Continuou andando. Sua sede aumentava e era insuportável. De repente, viu diante de si uma palmeira Igí-òpe e, sem se poder conter, plantou no tronco da árvore seu cajado ritual, o òpá-sóró, e bebeu a seiva (vinho de palmeira). Bebeu insaciavelmente até que suas forças o abandonaram, até perder os sentidos e ficou estendido no meio do caminho. Nesse meio tempo, Odùà, que foi consultar Ifá, fazia suas oferendas a Èsú. Seguindo os conselhos dos babaláwo, ela trouxera cinco galinhas, das que têm cinco dedos em cada pata, cinco pombos, um camaleão, dois mil elos de cadeia e todos os outros elementos que acompanham o sacrifício. Èsú apanhou estes últimos e uma pena da cabeça de cada ave e devolveu a Odùà a cadeia, as aves e o camaleão vivos. Odùà consultou outra vez os babaláwo que lhe indicaram ser necessário, agora, efetuar um ebo, isto é, um sacrifício, aos pés de Olórun, de duzentos ìgbin, os caracóis que contêm "sangue branco", "a água que apazigua", omi-èrò.

Destaca-se a importância do sacrifício nas religiões de matriz africana. A união com as divindades através dos elementos criados e da natureza. A unidade cósmica se apresenta de forma natural e integradora da existência.

Quando Odua levou o cesto com ìgbin, Olórun aborreceu-se vendo que Odùà ainda não tinha partido com os outros. Odùà não perdeu sua calma e explicou que estava obedecendo a ordens de Ifá. Foi assim que Olórun decidiu aceitar a oferenda e ao abrir seu Àpére-odu - espécie de grande almofada onde geralmente Ele está sentado - para colocar a água dos ìgbin, viu, com surpresa, que não havia colocado no àpò-Ìwà - bolsa da existência - entregue a Obàtálà, um pequeno saco contendo a terra. Ele entregou a terra nas mãos de Odùà para que ela, por sua vez, a remetesse a Obàtálà. Odùà partiu para alcançar Obàtálà. Ela o encontrou inanimado ao pé da palmeira, contornado por todos os òrìsà que não sabiam que fazer. Depois de tentar em vão acordá-lo, ela apanhou o àpò-ìwà que estava no chão e voltou para entregá-lo a Olórun. Este decidiu, então, encarregar Odùà da criação da terra. Na volta de Odùà, Obàtálà ainda dormia; ela reuniu todos os òrìsà e explicou-lhes que fora delegada por Olórun e eles dirigiram-se todos juntos para o Òrun Àkàsò por onde deviam passar para assim alcançar o lugar determinado por Olórun para a criação da terra. Èsú, Ògún, Òsòsì e Ìja conheciam o caminho que leva às águas onde iam caçar e pescar. Ògún ofereceu-se para mostrar o caminho e converteu-se no Asiwajú e no Olúlànà - aquele que está na vanguarda e aquele que desbrava os caminhos. Chegando diante do Òpó-òrun-òún-Àiyé, o pilar que une o òrun ao mundo, eles colocaram a cadeia ao longo da qual Odùà deslizou até o lugar indicado por cima das águas. Ela lançou a terra e enviou Eyelé, a pomba, para esparramá-la. Eyelé trabalhou muito tempo. Para apressar a tarefa, Odùà enviou as cinco galinhas de cinco dedos em cada pata. Estas removeram e espalharam a terra imediatamente em todas as direções, à direita, à esquerda e ao centro, a perder de vista. Elas continuaram durante algum tempo. Odùà quis saber se a terra estava firme. Enviou o camaleão que, com muita precaução, colocou primeiro uma pata, Tateando, apoiando-se sobre esta

pata, colocou a outra e assim sucessivamente até que sentiu a terra firme sob suas patas.

O lê? Ela está firme?

Kole? Ela não está firme?

Quando o camaleão pisou por todos os lados, Odù tentou por sua vez. Odù foi a primeira entidade a pisar na terra, marcando-a com sua primeira pegada. Essa marca é chamada esè ntaiyé Odùduwà.

A presença das entidades que ocupam o espaço. As divindades participam da unidade do universo e sua presença reconhecida torna a vida humana integrada e participativa da obra criadora. As religiões de matriz africana oferecem esse ensinamento de uma forma celebrativa que organiza a visão de pertencimento ao sagrado.

Atrás de Odù vieram todos os outros òrisà colocando-se sob sua autoridade. Começaram a instalar-se. Todos os dias Orúnmilà - patrão do oráculo Ifá - consultava Ifá para Odù. Nesse meio tempo Obàtálà acordou e vendo-se só sem o àpó-ìwà retornou a Olórun, lamentando-se de ter sido despojado do àpò. Olórun tentou apaziguá-lo e em compensação transmitiu-lhe o saber profundo e o poder que lhe permitia criar todos os tipos de seres que iriam povoar a terra. A narração diz textualmente:

"Isé àjúlo yé nni ìsèdà, tí ó fi móo sedà àwon èniyàn àti orísirísi ohun gbogbo tí ó ó móó odè àiyé òun àti igi gbogbo, Ìtàkun, koríko, eranko, eiyé, eja àti àwon èniyàn".

"Os trabalhos transcendentais de criação permitir-lhe-iam criar todos os seres humanos e as múltiplas variedades de espécies que povoariam os espaços do mundo: todas as árvores, plantas, ervas, animais, aves, pássaros, peixes, e todos os tipos humanos".

Foi assim que Obàtálà aprendeu e foi delegado para executar esses importantes trabalhos. Então, ele se preparou para chegar à terra. Reuniu os òrisà que esperavam por ele, Olúfón, Eteko, Olúorogbo, Olúwofin, Ògìyán e o resto dos òrisà-funfun.

No dia em que estavam para chegar, Òrúnmilà, que estava consultando Ifá para Odua, anunciou-lhe o acontecimento. Obàtálà, ele mesmo, e seu séquito vinham dos espaços do òrun. Orúnmilà fez com que Odù soubesse que se ela quisesse que a terra fosse firmemente estabelecida e que a existência se desenvolvesse e crescesse como ela havia projetado, ela devia receber Obàtálà com reverência e todos deveriam considerá-lo como seu pai.

No dia de sua chegada, Òrlsànlá foi recebido e saudado com grande respeito:

1. Oba-áláá o kú àbòò!
2. Oba nlá mò wá déé oo!
3. O kú ìrìn!
4. Erú wáá dájì.
5. Erú wáá dájì.
6. Olówó àiyé wònyé ò ò.

1. Oba áláá, seja bem-vindo!
2. Oba nlá (o grande rei) acaba de chegar!
3. Saudações por ocasião da viagem que você acaba de fazer!
4. Os escravos vieram servir seu mestre.
5. Os escravos vieram servir seu mestre.

6. Oh! Senhor dos habitantes do mundo!

Odùà e Obàtàlà ficaram sentados face a face, até o momento em que Obàtàlà decidiu que iria instalar-se com sua gente e ocupariam um lugar chamado Ìdítàa. Construíram uma cidade e rodearam-na de vigias.

Segue-se um longo texto, segundo o qual os dois grupos se interrogavam a fim de saber quem realmente devia reinar. Se Obàtàlà é poderoso, Odùduwà chegou primeiro e criou a terra sobre as águas, onde todos moram. Mas também foi Obàtàlà quem criou as espécies e todos os seres. Os grupos não chegavam a um acordo e as divergências e atritos se fizeram cada vez mais sérios até gerar em escaramuças.

As opiniões não eram constantes e os partidários de um ou de outro tanto aumentavam ou diminuía de acordo com o que parecia ser mais poderoso, até que explodiu uma verdadeira guerra, colocando em perigo toda a criação. Òrúnmilà interveio e um novo Odù, Ìwòri-Òbèrè, trouxe a solução. Esse signo apareceu no dia em que Òrúnmilà consultou Ifá a fim de que solucionasse a luta entre Òrisànlá e Odùà.

Òrúnmilà usou de toda sua sabedoria para fazer Odùà e Obàtàlà virem a Oropo, onde conseguiu sentá-los face a face, assinalando a importância da tarefa de cada um deles; reconfortou Obàtàlà, dizendo que ele era o mais velho, que Odùà havia criado a terra em seu lugar e que ele tinha vindo para ajudar e para consolidar a criação e não era justo que ele botasse tudo a perder. Depois, convenceu Odùà a ser amável com Obàtàlà: não tinha sido ela quem havia criado a terra? Por acaso Obàtàlà não tinha vindo do òrun para que convivessem juntos? Por acaso todas as criaturas, árvores, animais e seres humanos não sabiam que a terra lhe pertencia?

Inú Òduaà ó rò,
Inú Òrisàlá naa a si rò.
Odùà apazigou-se,
Obàtàlà também se apazigou.

Foi assim que ele fez Odùà sentar-se à sua esquerda e Obàtàlà à sua direita e colocando-se no centro, realizou os sacrifícios prescritos para selar o acordo.

É a partir desse acontecimento que se celebram, anualmente, os sacrifícios e o festival com repasto (ododún síse) que reúne os dois grupos que cultuam Odùduwà e Obàtàlà, revivendo e reatualizando a relação harmoniosa entre o poder feminino e o poder masculino, entre o àiyé e ó òrun, que permitirá a sobrevivência do universo e a continuação da existência nos dois níveis.

As duas metades do igbá-odù devem manter-se unidas, òrun e àiyé, Odùà e Obàtàlà, o feminino e o masculino complementam-se para poder conter os elementos-signos que permitem a procriação e a continuidade da existência.”

O acordo final é significativo para a compreensão da condição humana. O relato das divindades desafia a condição humana nas suas relações, no que se estabelece no processo de formação social.

Este conteúdo pode ser naturalmente integrado ao conhecimento escolar e fazer parte dos elementos formativos da educação. A tradição africana pode contribuir imensamente com elementos educacionais pela sua forma de apresentar, assim como pelo fato de ser conteúdo de uma musicalidade da Escola de Samba.

A integração com o sagrado passa efetivamente por essa mediação da religiosidade e da cultura que são próprios da formação cultural e religiosa africana. Esta oferece elementos para a formação de valores educacionais e sociais, para uma nova epistemologia, assim como para uma nova axiologia.

4.9.7 A condição humana e integração com o sagrado

O Canto da criação traduz para a educação o grande valor da unidade do ser humano com o Criador. A afirmação unidade é sintetizada na compreensão daquilo que aproxima o ser humano da sua própria condição, apoiado em uma tradição religiosa antiquíssima que o coloca numa relação direta com o sagrado.

A preservação da condição humana e do universo está dada e esta necessariamente é cultivada na intimidade com o criador e na responsabilidade de cada criatura. A realização da integração é ensinada e vivenciada nas religiões de matriz africana e oferece conteúdos para a educação escolar pelo simples fato, entre tantos outros, de ser uma tradição que resistiu ao tempo e ao processo de discriminação e desvalorização cultural.

Efetivamente a relação com o sagrado demanda a compreensão da relação educativa que o ser humano estabelece com os seus. Segue o relato de um texto educativo, que vem da tradição africana que pontua de maneira simples e com um conteúdo didático e pedagógico de uma sabedoria profunda. Este já utilizado em atividades educativas ilustra a possibilidade de ações pedagógicas que levam a refletir valores humanos profundos da convivência social. Entre os tantos que perpassam essa elaboração, o Ubuntu. O ser com o outro, o ser porque os outros são é agora apresentado como possibilidade didática, como conteúdo formador nas práticas educativas, como material a ser refletido na ação didática. O Ubuntu deixa de ser algo distante e é apresentado como possível a partir da ilustração que segue e que pode ser aplicada na prática docente e na construção de valores sociais nos diversos espaços de vivência.

Ao lado do canto da criação no itã e no samba-enredo coloca-se o texto “*A Canção dos Homens*”. Já apresentado na sua relação com a coletividade no pensamento de Makarenko, nessa abordagem é retomada assume um sentido especial na sua relação com a cultura africana. É um jeito de ser e de ensinar.

É uma vivência comunitária do aprendizado que pode penetrar o espaço escolar e direcionar a formação social. Vale a pena ser retomada e cantada diversas situações e quantas vezes necessárias na trajetória da vida humana e das relações sociais e comunitárias.

4.9.8 A Canção dos Homens

Quando uma mulher, de certa tribo da África, sabe que está grávida, segue para a selva com outras mulheres e juntas rezam e meditam até que aparece a "canção da criança".

Quando nasce a criança, a comunidade se junta e lhe cantam a sua canção.

Logo, quando a criança começa sua educação, o povo se junta e lhe cantam sua canção.

Quando se torna adulto, a gente se junta novamente e canta.

Quando chega o momento do seu casamento a pessoa escuta a sua canção.

Finalmente, quando sua alma está para ir-se deste mundo, a família e amigos aproximam-se e, igual como em seu nascimento, cantam a sua canção para acompanhá-lo na "viagem".

Nesta tribo da África há outra ocasião na qual os homens cantam a canção.

Se em algum momento da vida a pessoa comete um crime ou um ato social aberrante, o levam até o centro do povoado e a gente da comunidade forma um círculo ao seu redor. Então lhe cantam a sua canção.

A tribo reconhece que a correção para as condutas antissociais não é o castigo; é o amor e a lembrança de sua verdadeira identidade.

Quando reconhecemos nossa própria canção já não temos desejos nem necessidade de prejudicar ninguém.

Teus amigos conhecem a "tua canção" e a cantam quando a esqueces.

Aqueles que te amam não podem ser enganados pelos erros que cometes ou as escuras imagens que mostras aos demais.

Eles recordam tua beleza quando te sentes feio; tua totalidade quando estás quebrado; tua inocência quando te sentes culpado e teu propósito quando estás confuso.

A sabedoria de Tolba Phanem, poeta Africana, lutadora pelos direitos civis das mulheres é retomada como um indicador da construção de valores essenciais para a vida e a formação educacional e social. Trata-se de se reconhecer a importância de se resgatar e de se construir as canções formativas de valores e integrá-las na educação e formação de valores pessoais e coletivos.

4.9.9 Educação, africanidades e Ubuntu

A reflexão e a memória da trajetória da vida é inegavelmente um conteúdo formador. O que se pretende com esse modelo de africanidade é reconhecer o valor que está presente nessa concepção de educação que se faz possível na integração da família e do grupo social. Assim apresentado confirma a Tese da axiologia que parte de um modelo africano de formação humana.

É possível uma fonte de raízes tão profundas e mantidas na tradição pela oralidade oferecer elementos para a educação na realidade social brasileira. Assim entende-se a ilustração que se pretende com o Ubuntu.

É o amor e a lembrança de sua verdadeira identidade, da mãe África e da ancestralidade dos afrodescendentes que se pensa como valor formativo que indica o fio condutor da construção social e da elaboração teórica deste conteúdo. Este conteúdo que se constrói coletivamente com uma práxis do que é Ubuntu. A Filosofia africana que nutre o conceito de humanidade em sua essência. Não é a filosofia da construção individualista eurocêntrica. O Ubuntu é uma filosofia africana cujo significado se refere à humanidade com os outros.

Essa filosofia trata de um conceito e de uma práxis e vivência na amplitude da essência do ser humano e a forma como se comporta em sociedade. Para os africanos, Ubuntu é a capacidade humana de compreender, aceitar e tratar bem o outro. Essa capacidade humana dialoga perfeitamente com os princípios do cristianismo, no ideal profundo, na ideia semelhante a de amor ao próximo. O diferencial e que pode perfeitamente ser acrescentado é que surge de outra matriz de conhecimentos e de experiências de vida, a africana e que está presente em canções da vida e em itãs dos antepassados conservados na dinâmica da tradição e da ancestralidade.

Ubuntu transforma as práticas sociais, pois significa generosidade, solidariedade, compaixão com os necessitados e o desejo sincero de felicidade e harmonia entre os

homens e mulheres. Esse conteúdo formador apresenta seu significado na construção de valores sociais e educativos.

A possibilidade de compreensão da relação cultural e religiosa africana com a cultura negra no Brasil necessariamente passa pela relação que se estabelece entre os deuses da África e do Brasil, na memória e no resgate das canções e dos ritos das divindades e dos seres humanos.

4.10 Síntese

Novos paradigmas podem ser pensados a partir de paralelos na história. O olhar o passado, tendo como fio condutor “ensinar tudo para todos” e o sentido universal, é um indicativo importante. Não se deixe de ensinar o que se aprende, o que os pais, os ancestrais, mestres ensinaram e que se abram para o encontro e a universalidade.

A contribuição de Lutero para a história da educação e da religião não foi com o princípio da desigualdade, ou do preconceito ou do ser melhor, mas de uma tomada de posição histórica e a consciência da necessidade da construção de novos valores religiosos e educacionais para sua época.

Atualmente, um outro desafio se abre na realidade brasileira, olhando a cultura africana com seus valores e o processo que se elabora com a implementação da lei 10639/03, com o ensino da história da África e dos afrodescendentes. O que permanece em comum é o fato de educar e construir valores. É preciso assumir uma nova postura, e reconhecer o que já se tem feito por iniciativas do movimento social e de educadores comprometidos com a transformação da educação brasileira.

Embora continue a manifestar sua pertença à religião, a nova ênfase pedagógica chega à maturidade com aquilo que Lutero já reclamara: pensar no prático. O que importava mesmo era conhecer as coisas e o mundo. Portanto, o conhecimento e a ciência assumem lugar preponderante na vida concreta.

A educação deve ser o lugar propício para colocar o e a discente em condições intelectuais e morais de exercer suas funções na sociedade, no mundo da vida, ou seja, na construção de um novo mundo e reconhecer sua pertença. O sistema educacional assume um papel fundamental para forjar essa nova mentalidade, e nesse sentido seu pensamento dialoga com a perspectiva contemporânea.

As ideias de Comenius se traduzem no mundo dos melhores modelos de sua época. Essa corrente foi chamada de pedagogia realista marcando notadamente a distinção entre uma educação que preparava o ser humano para o abstrato e aquela que buscava prepará-lo para a vida concreta, que possibilitava dialogar com sua época. Pensar o pertencimento relacionado ao que Comenius afirmava do ensino de tudo a todos é um referencial de encontro com a contemporaneidade da educação.

Lutero foi o grande protagonista da Reforma protestante e, conseqüentemente do que é a educação pública e gratuita. O reformador apresentou para sua época o novo, o revolucionário e o alternativo considerando valores fundamentais para a transição social da sua época. Comenius fez com que esse propósito se tornasse evidência na dimensão didática e pedagógica. Um caminho longo se abre na perspectiva afro-brasileira em que o desafio está em relacionar cultura e educação nos alicerces e raízes do povo afro-brasileiro.

Reconhecer um protagonismo negro na história brasileira se faz necessário, não mais somente de um cristão. Nesse sentido, tanto no que se refere ao aspecto religioso quanto na perspectiva da educação, é relevante considerar e abordar a experiência de Deus que o povo negro fez e faz. Deve-se pensar na sua relação de africanidades e dos elementos afro-brasileiros que se associam à cultura e à religiosidade dos negros no Brasil, na sua ancestralidade e nas tradições.

Considerar a ação libertadora de Deus na história de homens e mulheres com um referencial tão antigo que é a história, a resistência e a luta do povo do Brasil e da África é referir-se certamente a uma axiologia, a uma construção de valores educativos religiosos, o que leva necessariamente a uma postura frente à continuidade de tradições e expressões presentes na história e na cultura brasileira do povo afro-brasileiro, assim como foi para o luteranismo.

É necessário entender e reinterpretar a revelação do rosto de Deus na vida deste povo. Deve ser consideradas e respeitadas as suas especificidades dentro do conjunto das expressões e representações teológicas.

A presença e o lugar de destaque da mulher na religião de matriz africana é evidente. Trata-se do reconhecimento das subjetividades. Um outro e diferente sujeito deve ser considerado.

Isso abre um novo viés na concepção de educação. Essa nova concepção provoca e requer uma nova postura frente a continuidade de tradições e expressões presentes na história, na educação, na religiosidade e na cultura brasileira do povo afro-brasileiro.

Novo horizonte com outras e diferenciadas expressões culturais, religiosas e educativas se revela e se torna possível. Essas expressões podem e devem ser consideradas e reconhecidas na sua legitimidade para a construção da resistência e da igualdade racial. Estas são efetivamente expressões da construção dos valores humanos e sociais, uma expressiva axiologia.

5 CONCLUSÃO

A elaboração da Tese sobre a Axiologia e a possibilidade de reconhecimento de valores étnicorraciais, culturais e religiosos como elementos para uma abordagem em práticas educativas se fundamentaram nos capítulos com o método ver, julgar e agir.

A perspectiva teológica se apresenta como indicativo de referência de análise da realidade de discriminação e racismo na trajetória histórica do povo negro, também como indicador de esperança e libertação considerando as figuras históricas do passado e as que se apresentam na atualidade que carregam em suas vidas as marcas da resistência.

Essa resistência passa pelas escolas, aqui apresentadas como duas escolas, a de samba e da instituição acadêmica, e uma só tradição, a da cultura negra. As duas formações, a literária das redações e a artística da música, com a beleza da criatividade e a diversidade de expressões oferecem conteúdos para a elaboração acadêmica e norteou a formulação da construção de valores, da axiologia nesta Tese. Este conteúdo foi visto de baixo evidenciando o legado deixado por João Cândido “O Mestre-sala dos Mares” e por Luiza Mahin a “A luz de Daomé”, enobrecida como uma rainha de verdade que possibilitam um novo olhar na nossa história protagonizado por alunos e alunas negras nas redações do Projeto Camélia da Liberdade.

A releitura hermenêutica com um referencial interpretativo provindo de uma outra perspectiva religiosa africana propõe a dimensão da ação e da mediação prática, em que o pensar teológico passa necessariamente pela consideração da prática educativa que já acontece e que como realidade de resistência deve permanecer com a implementação da referida Lei 10639/03 e com as redações, canções e sambas. Essas expressões culturais e a diversidade de “escolas”, as instituições de educação e as de samba são um desafio para o pensar a prática teológica que encontra outros protagonistas no diálogo construtor de sabedorias preservadas na oralidade e pela tradição que se constituem em novos conhecimentos formadores de valores educativos, escolares e sociais.

Esse pensar teológico requer uma nova epistemologia que necessariamente considera a construção da axiologia dialogante com a diversidade e pluralidade que a realidade cultural e religiosa apresenta no reconhecimento e na construção de conhecimentos oriundos de outra fonte. Uma epistemologia marcada pela quebra de paradigmas que contribui efetivamente com o objetivo de romper com o racismo e vivenciar uma axiologia com valores educativos e religiosos, com sujeitos históricos

protagonistas de uma mudança na mentalidade e na prática, na construção da democracia no Brasil a partir da educação libertadora e de práticas formativas da sociedade com docentes e discentes comprometidos e inseridos no processo de transformação e construção de conhecimentos e de fundamentos afro-brasileiros. Estes fundamentos são os que reconhecem o protagonismo negro na história brasileira e nas suas expressões religiosas próprias e não mais somente do cristão, eurocêntrico e colonizador.

Disso decorre a necessidade de reconhecer e considerar tanto no aspecto religioso quanto na perspectiva da educação, a relevante experiência de Deus que o povo negro fez e faz. Deve-se pensar a relação de africanidades e dos elementos afro-brasileiros que se associam à cultura e à religiosidade dos negros no Brasil, na sua ancestralidade e nas suas tradições transmitidas de diversas formas, entre elas a oralidade. Essas tradições e referências tão antigas de resistência e a luta do povo negro no Brasil certamente formulam uma axiologia, uma construção de valores educativos e religiosos, o que leva necessariamente a uma postura frente à continuidade dessas expressões presentes na história e na cultura brasileira do povo afro-brasileiro.

Essa educação libertadora e de práticas formativas se encontra e dialoga com os pensadores e as abordagens de Lutero, Comenius, Makarenko e Hall, que oferecem referências teóricas em contextos diferenciados relacionadas com a concepção de religião e educação, cultura e sociedade na sua época. O valor está no fato que apresentam em comum a centralidade do ser humano, que é reconhecido na sua dimensão social. Estes pensadores referidos são relacionados com o grande educador Paulo Freire e outros tantos teóricos que oferecem a possibilidade de uma axiologia em educação e formação social. Estes pensadores e estas pensadoras são os que relacionam os valores étnicorraciais e oferecem elementos expressivos e significativos para pensar a Religião e a Educação. Esse caminho teórico leva ao encontro com elementos atuais de africanidades da cultura e das religiões de matriz africana, que conseqüentemente conduz à compreensão da prática do Ubuntu.

De “lá” para “cá” e de “cá” para “lá” não por acaso. De “lá” da África para “cá” no Brasil considerando as histórias que se entrecruzam e o encontro com a revelação de Deus acontece no lugar da vida e o lugar no mundo se definem. O sentido religioso está inserido em uma visão de mundo e de seres humanos que se integram nas religiões de matriz africana. Tudo isso oferece elementos fundamentais da resistência e da construção dos valores sociais e humanos que se entrecruzam na elaboração de conhecimentos nas diversas áreas entre elas a filosófica, a antropológica, a sociológica, teológica e das

ciências da religião considerando os saberes ecológicos promissores de uma educação integrada e libertadora.

O desafio para a realidade brasileira, ao lado da cultura africana, é evidenciar os valores do encontro cultural e religioso no processo de implementação da lei 10639/03, com o ensino da história da África e dos afrodescendentes. Isso requer assumir uma nova postura de reconhecimento do que já se tem feito por iniciativas do movimento social e de educadores comprometidos com a transformação da educação brasileira.

Neste sentido do reconhecimento se insere o processo de construção e publicação das redações presentes nessa Tese e a atuação comprometida nos espaços de formação de professores e professoras, de alunos e alunas. Isso tece relações e abre novo viés em educação e diálogos, provoca uma nova postura frente a continuidade de tradições e expressões presentes na história, na educação, na religiosidade e na cultura brasileira do povo afro-brasileiro presente na sala de aula, no barracão da Escola de Samba e nos terreiros expressões do espaço e do lugar na história.

A axiologia que vê com naturalidade na religião de matriz africana os valores afrodescendentes como possíveis para uma educação libertadora, em que na concepção de valores religiosos e educacionais, alunos e alunas, educadores e educadoras numa relação dialógica freireana dialogam e contribuem com as considerações de teóricos do passado com abordagens significativas para a atualidade como as de Lutero, Comenius, Makarenko e Hall. Trata-se efetivamente de uma práxis em que a concepção de valores à luz da religião e da cultura deve propor modelos teóricos, que consideram também a oralidade, que conduzam a uma prática renovada, que reencontre suas raízes nas tradições africanas diante do desafio de ser brasileiro e beber de uma fonte de originalidade e de resistência adaptada e correspondente com o processo social e a atualidade na busca da liberdade, do respeito e da igualdade racial.

As redações da vida, os alunos e as alunas, os professores e as professoras, as Kayllanes, as Mães de Santo e os Pais de Santo, os itãs, o atabaque, a música e o samba, os símbolos, as manifestações religiosas e expressões corporais, a mística e as tradições míticas, a mesa e as comidas, os banhos e os ebós e as representações ganham espaço e abrem a perspectiva de construção de conhecimentos ainda não acabados, mas feitos e refeitos na dinâmica da vida e da construção de conhecimentos. Estes que desafiam a ação e a reflexão acadêmica e que impulsionam o caminhar da história contribuindo para a formação humana, oferecendo uma compreensão da vida e do universo, assim como a relação que o ser humano estabelece com os seus resgatando o “nós” de forma

diferenciada agregando conhecimentos e saberes fundamentais para cosmovisão e humanização como no modelo africano do Ubuntu. Nesta ação e reflexão o lugar garantido será dos mais velhos que carregam consigo os conhecimentos e os transmitem como desenvolvimento de uma cultura religiosa de profundo e de fundamental significado que perpassa o tempo e efetivamente alicerça a construção de valores na atualidade. Pela ancestralidade inegavelmente constroem e deixam um legado para o futuro.

Este futuro refere-se na Tese a um olhar possível para a educação, considerando os fundamentos da relação do humano com o Divino e da relação do ser humano com o outro como formativos. Na prática com os seus semelhantes, por ser muito específica e própria para dentro do espaço religioso, conseqüentemente oferece um serviço para o mundo, ou seja, para a construção de valores sociais. A Tese é de uma abertura em que o reconhecimento e a conservação de preceitos e princípios afrodescendentes preservam a identidade e os valores guardados pela tradição e pelas lideranças que agregam elementos para a concepção da cosmovisão, formadores de axiologias, de valores étnicorraciais, culturais e religiosos em práticas educativas. Coloca em questão o eurocentrismo e a exclusão epistemológica que considera somente a validade das verdades do colonialismo e o dogmatismo histórico cristão. Outra teologia e outras práticas são possíveis e podem ser consideradas e reconhecidas, devem entrar no espaço inter-religioso e oferecer elementos educacionais escolares e formativos para a prática do diálogo.

A Teologia, o Ensino Religioso e a Educação com os desafios étnicorraciais, passados 15 anos de considerações sobre a Lei 10639/03, considerando a Teologia da Libertação e a atuação das CEBs e dos Agentes de Pastoral nos 30 anos da Campanha da Fraternidade com tema Negro um clamor de justiça, dentro do fato histórico dos 500 anos de Lutero em paralelo histórico também com os 500 anos da presença do povo negro no Brasil inspirou e direcionou a necessidade da afirmação de uma Tese da construção de valores religiosos afrodescendentes.

A axiologia abre para a perspectiva de uma afirmação entre outras possíveis considerações finais. Ela se relaciona ao que se desenvolveu no conteúdo a partir da compreensão cultural do Ubuntu que perpassou toda a elaboração da Tese sobre valores educacionais e sociais, composta em redação ou cantada, o que possibilita enfatizar e declarar “*Sou de lá! De África! Se eu não sou de lá, os meus pais são de lá, de África*”.

REFERÊNCIAS

AGENAFRO: Pagina de divulgação de eventos afro brasileiros (cultural, político, social e ritualísticos). www.agenafro.yoruba.com.br.

AMJAD-ALI, Charles. Preconceito e aplicação histórica: hermenêutica radical do tratamento dado por Lutero aos turcos (muçulmanos) e judeus. In: HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel C. e MOOENY Ruth. **Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo**. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2017.

ALMEIDA, Viviane da Silva e FERREIRA, Helder Sarmiento. Diálogos possíveis na formação docente: o indígena e o negro no Brasil. In CUNHA. Lilian do Carmo de Oliveira; OLIVEIRA. Luiz Fernandes e LEMOS. Roma Gonçalves (Orgs.). **Diferenças étnicorraciais e formação docente: um diálogo necessário**. Rio de Janeiro, Editora Selo Novo, 2016.

ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação**. São Paulo, Editora Ática: Editora Sinodal, 1994.

ARAÚJO, Heraldo Sanches de. (Doté Heraldo de Xagô). **O candomblé e seus ritos. Mistério ou desconhecimento?: Divindades quem conhece ama**. Rio de Janeiro: H. S de ARAÚJO, 2005.

BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BUONFIGLIO, Monica. **Orixás! Búzios, o oráculo dos orixás**. São Paulo: Oficina Cultural Esotérica Ltda, 1995.

BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CACCIATORE. Olga Gudolle. **Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

CAREL, H.; GAMES, D. **Filosofia contemporânea em ação**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CASTELAN, Maria de Fátima. **Cosmovisão Africana e o povo de Israel. Série: A palavra na vida – Nº 342**. São Leopoldo, 2016: CEBi - Centro de Estudos Bíblicos, 2016, p. 13-14.

COMENIUS, Jean Amós. **Didática Magna**. 4ª edição - São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DEFREYN, Vanderlei. **A tradição escolar Luterana: sobre Lutero, educação e a história das escolas luteranas até a Guerra dos Trinta Anos.** São Leopoldo: Sinodal; Canoas: ULBRA, 2005.

Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

http://portal.mec.gov.br/clmdocuments/cnecp_003.pdf

EYIN, Pai Cido de òsun. (REIS, Alcides Manoel dos.) Organizador: EUGÊNIO, Rudnei William. **CANDOMBLÉ: A panela do segredo.** São Paulo: Arx, 2000.

FILONOV, G.N. **Anton Makarenko.** Coleção Educadores - MEC. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler – em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 2008, p. 15.

_____. **Educação como prática da liberdade.** 30ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 48ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

_____. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAEDE NETO, Rodolfo. **Diaconia no contexto afro-brasileiro: um estudo baseado nas comunhões de mesa de Jesus.** São Leopoldo: Sinodal/EST, 2014.

GILES, Thomas Ransom. **História da Educação.** São Paulo: E.P.U, 1987. 153.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2011.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Identidade e diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis, Vozes 1997.

JANS, Bruce. A filosofia como se o lugar importasse: a situação da filosofia africana. In: CAREL, H.; GAMES, D. **Filosofia contemporânea em ação.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

JARDILINO, José Rubens L. **Lutero e a educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

KILEUY, Odé & OXAGUIÃ, Vera de. **O candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon.** Organizador Marcelo Barros. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

LUEDEMANN, Cecília da Silveira. **Anton Makarenko Vida e Obra a Pedagogia na Revolução.** São Paulo: Expressão Popular, 2002.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas – Ética: fundamentos, oração, sexualidade, educação e economia.** v.5. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

_____. **Obras selecionadas – Ética: fundamentação da Ética Política Governo – Guerra dos Camponeses, Guerra contra os Turcos – Paz Social.** v.6. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

MÃE, Beata de Yemonjá. **O caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros: como Iyalorixás e Babalorixás passam conhecimentos a seus filhos.** Rio de Janeiro: Pallas 2006.

MAKARENKO, A. Sémionovitch. **Conferências sobre educação infantil.** São Paulo: Moraes, 1981.

_____. **Flores de la vida – El libro para los padres.** Buenos Aires: Editorial Cartago S.R.L. 1957.

_____. **Oeuvres complètes.** 2.ed. Moscou: [s.n.], 1957.

_____. **Poema Pedagógico I.** Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

_____. **Problemas da educação escolar.** Moscovo: Edições Progresso, 1986.

_____. **Problèmes de l'éducation scolaire soviétique.**

MANUEL, Bianca Correia Lessa; SILVA, Cristina da Conceição; ROCHA, José Geraldo da; SOBRINHO, Patrícia Jerônimo; COELHO, Simony Ricci e PAULINO, Simone Campos. **Interculturalidade e interdisciplinaridade.** Rio de Janeiro: Editora Autobiografia, 2017.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

NASH, Peter. **Relendo Raça, Bíblia e Religião.** São Leopoldo: CEBI, 2005.

NESSAN, Craig L. Ir além da Reforma ética de Lutero: camponeses, anabatistas e judeus. In: HOFFMANN, Martin; BEROS, Daniel C. e MOOENY Ruth. **Radicalizando a Reforma: outra teologia para outro mundo.** São Leopoldo: Sinodal; EST, 2017.

PILETTI, Claudino e PILETTI, Nelson. **História da educação: de Confúcio a Paulo Freire.** São Paulo: Contexto, 2012.

PLANO NACIONAL DE IMPLEMENTAÇÃO DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS REALAÇÕES ÉTNICORRACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA. Brasília: MEC.SEPPIR, 2009.

<http://www.seppir.gov.br/arquivos/leiafrica.pdf> Acesso 10/11/2017.

RAMOS REGIDOR, José. Vinte e Cinco Anos de Teologia da Libertação. In: BOFF, Leonardo (Org.). **A Teologia da Libertação: Balanço e Perspectivas**. São Paulo: Ática, 1996.

RIBEIRO, Obertal Xavier, COSTA, Jorge Damião Venâncio da (Orgs.). **Luiza Mahin: lições de liberdade**. Rio de Janeiro: CEAP, 2012.

ROCHA, José Geraldo da. Conhecer a história: pressupostos para a ação afirmativa. In: SANTOS, Ivanir; ROCHA, José Geraldo da (Orgs.). **Diversidade e ações afirmativas**. CEAP, Rio de Janeiro 2017.

RUEDELL, Pedro. Ensino Religioso nas escolas oficiais do Rio Grande do Sul. In: DREHER, Martin N. **500 anos de Brasil e a Igreja na América Latina**. Porto Alegre: Edições EST, 2002.

SALAMI, Sikiru. **Poemas de Ifá e valores de conduta social entre os yorubá da Nigéria (África do Oeste)**. 1999. Tese (Doutorado) - Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a morte. Pàde, Asèsè e o culto Égun na Bahia**. Petrópolis: Vozes, 2007.

SCHEIBLE, Heinz. **Melanchthon – uma biografia**. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2013.

SCHUMANN, Breno Arno. Erasmo e Lutero: a vontade livre. In: WITT, Osmar L. e ZWETSCH, Roberto E. (Orgs.). **Irreverência, compromisso e liberdade. O testemunho ecumênico do pastor Breno Schumann**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2004.

SEMOG, Éle (organizador). **O silêncio da Chibata: redações de uma revolta na história**. Rio de Janeiro: CEAP, 2010.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

SILVA, Silvia Regina de Lima. Despertando as forças transformadoras do corpo e do texto: Bíblia e Negritude. In: **Negra sim, negro sim, como Deus criou – leitura da Bíblia na perspectiva da negritude**. EST – Grupo Identidade e CEBi. São Leopoldo: Con-texto, 2006.

SILVA, Sonia Aparecida Ignácio. **Valores em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade. Uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SNYDERS, Georges. **Pedagogia Progressista**. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.

SOUZA, Ana Lúcia Silva e CROSS, Camila. **Igualdade das relações étnicorraciais na escola. Possibilidades e desafios para a implementação da Lei nº 10.639/2003.** São Paulo: Petrópolis. AÇÃO EDUCATIVA, CEAFFRO e CEERT, 2007.

STRÖHER, Marga Janete. Direitos Humanos e diversidade religiosa em um estado laico. In: ROSSI, Luiz Alexandre e JUNQUEIRA, Sérgio (Orgs.). **Religião, Direitos Humanos & Laicidade.** São Paulo: Fonte Editorial – ANPTECRE, 2015.

STRECK, Danilo; REDIN, Euclides e ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário de Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **O projeto político da/na escola: capilarizando a temática das africanidades brasileiras.** Rio de Janeiro: Cadernos do CEAP, 2007.

_____. **O projeto político pedagógico na escola e a aplicação da lei 10639/03.** Rio de Janeiro: Cadernos do CEAP, 2010.

TUTU, Desmond. **No future forgiveness.** United States of America, First Image Books Edition, october 2000. <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/Ubuntu> Acesso 31/08/2017.

WEBER, M. **A ética do protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Pioneira 1983.

ZWETSCH, Roberto E. (Org.). **500 anos de invasão, 500 anos de resistência.** São Paulo: Paulinas, CEDI, 1992.

_____. **Conviver. Ensaio para uma teologia intercultural latino-americana.** São Leopoldo: Sinodal, EST, 2015.

<http://ceap.rj.org.br/concurso/wp-content/uploads/2013/06/resultado-concurso-redacao-2012.pdf>.

<http://eventosmitologiagrega.blogspot.com.br/2011/09/antigona-e-creonte-aprendendo-com.html>. Acesso 10/10/2017.

<http://saladeleituraencantada.blogspot.com/2012/11/a-cancao-dos-homens-tolba-phanem.html> Acesso em 31/08/2017.

<http://www.acadcultural.org/reino-de-daome/>. Acesso 10/10/2017.

<http://www.canoabrasil.com/dragao-do-mar.html> Acesso 17/10/2017.

<http://www.ogumexubaraxoroque.no.comunidades.net/umbanda-candombles-nago-congo-muxicongo/> Acesso em 31/08/2017.

<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/Ubuntu-filosofia-africana-que-nutre-o-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia> Acesso 31/08/2017.

<http://www.primaveragarden.com.br/a-flor-subversiva/aceso10/10/2017>.

<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/comite-brasileiro-de-direitos-humanos-e-politica-externa/ConvIntElimTodForDiscRac.html/Acesso31/08/2017>

<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/comite-brasileiro-de-direitos-humanos-e-politica-externa/DecElimFormIntDisc.html/Acesso31/08/2017>.

<http://www.seppir.gov.br/arquivos/leiafrica.pdf> Acesso 20/08/2016.

<https://br.images.search.yahoo.com> Acesso 28/05/2018.

<https://br.images.search.yahoo.com/yhs/search> Acesso 20/05/2018.

<https://candombles.blogspot.com.br/2014/07/adj%C3%A1.html>/aceso em 31/08/2017.

<https://centroumbandistapazejustica.wordpress.com/2008/06/20/artigo-18-da-declaracao-universal-dos-direitos-humanos/>Acesso31/08/2017.

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/revolta-dos-males-rebeliao-de-escravos-muculmanos-em-salvador.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola./aceso10/10/2017>

<https://floresdeumdeserto.blogspot.com/2012/08/a-cancao-dos-homens-sobre-os-encantos.html>. Acesso em 28/05/2017.

<https://www.istockphoto.com/br/foto/dendezeiro-na-%C3%A1rvore-gm484347004-71213083> Acesso em 28/05/2018.

ANEXO I

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.

Mensagem de veto Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm/Acesso31/08/2017

ANEXO II

LEI Nº 9.475/97 QUE DÁ NOVA REDAÇÃO AO ART. 33 (ENSINO RELIGIOSO)

Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

LEI Nº 9.475, DE 22 DE JULHO DE 1997 Dá nova redação ao art. 33 da lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - O art. 33 da Lei No 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 33 - O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§1º - Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§2º - Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso."

Art. 2º. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º. Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 22 de julho de 1997, 176º da Independência e 109º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9475.htm/Acesso31/08/2017

ANEXO III

LEI Nº 9.475/97 QUE DÁ NOVA REDAÇÃO AO ART. 33 (ENSINO RELIGIOSO)

Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

LEI Nº 9.475, DE 22 DE JULHO DE 1997 Dá nova redação ao art. 33 da lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - O art. 33 da Lei No 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 33 - O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§1º - Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§2º - Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso."

Art. 2º. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º. Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 22 de julho de 1997, 176º da Independência e 109º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9475.htm

Acesso em 20/08/2016.